

este cabeçalho pode valer-lhe mais de mil contos

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO
SEXTA-FEIRA, 2 DE ABRIL DE 1971

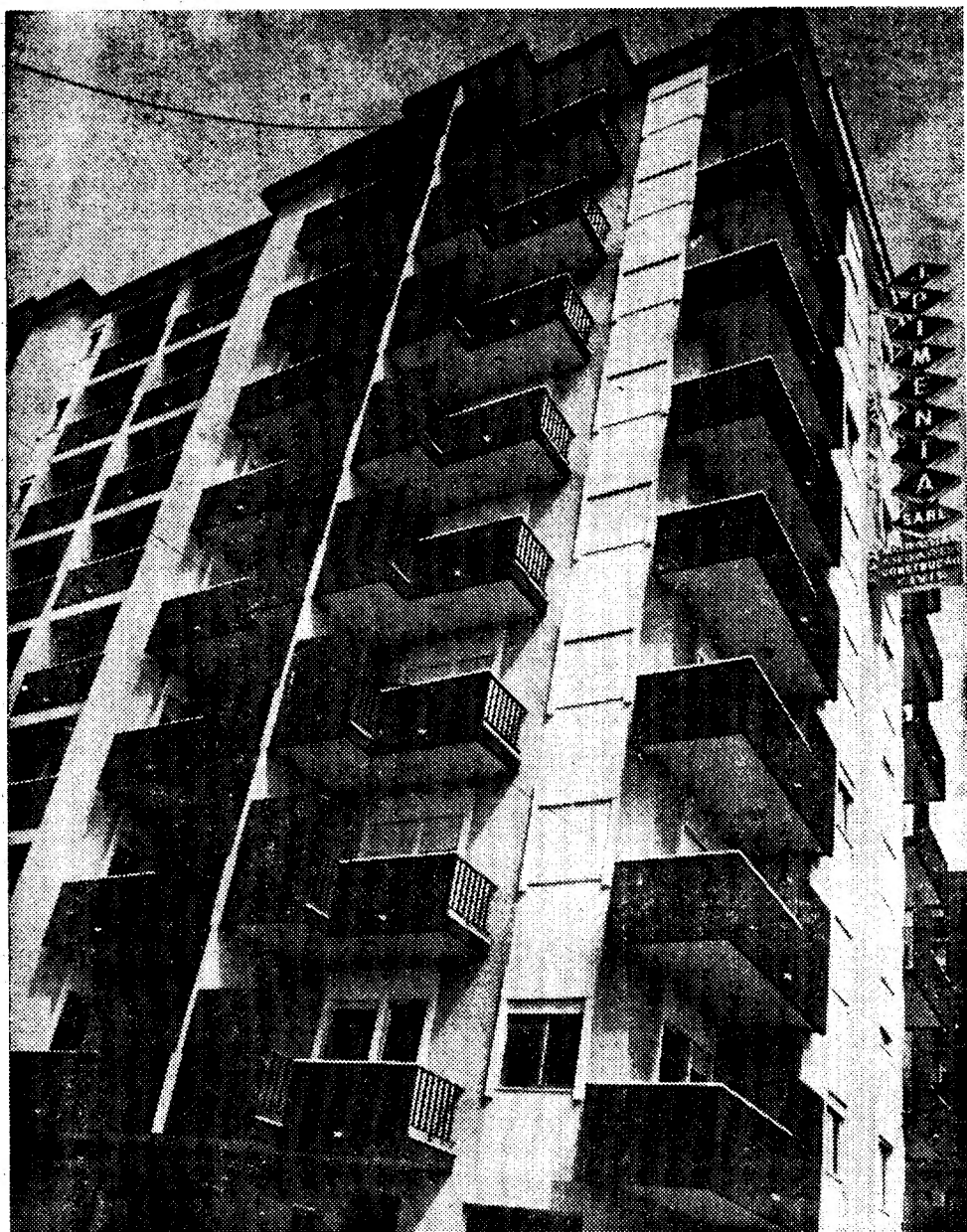
DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
N.º 17 341 ANO 50.º PREÇO 1\$50

Tecidos de Malha

CARLENE

Um produto da:

CARPELO Malhas, s.a.r.l. - Trofa



Este é o tipo de edifício onde se situarão os três apartamentos incluídos na lista de prémios da nossa iniciativa

Autorizados na Argentina os partidos políticos

BUENOS AIRES, 2—(A.N.I. e F. P.)—Os partidos políticos dissolvidos em Junho de 1966 foram legalizados — anunciou ontem à noite o ministro do Interior Arturo Mor Roig.

Todos os partidos, incluindo o peronista, poderão agora retomar as suas actividades — afirmou o ministro, o qual ainda que, a partir de segunda-feira, os chefes dos movimentos políticos serão recebidos pelo presidente da República e por ele próprio, a fim de se organizar o regresso da Argentina a um re-

gime democrático, republicano e representativo.

Mor Roig, anunciou que um grupo especial designado pelo Governo estruturará a actividade política partidária, o sistema eleitoral e a instituição da democracia dentro de 90 dias. O ministro prometeu «eleições sem violência ou fraude».

Entretanto, foi solicitada pelo advogado Isidro Ventura Mayoral a anulação de um processo judicial levantado ao antigo presidente Juan Domingo Peron.

O advogado requereu ao juiz de menores que mande prescrever a acção judicial

(Continua na última página)

A TV TRANSMITE O DISCURSO DO PRESIDENTE DO CONSELHO

O anunciado discurso que o Presidente do Conselho pronunciará hoje no Porto, pelas 22 e 30, durante o jantar com as comissões distritais da A. N. P. além Mondego será transmitido, em directo, pela Rádio Televisão Portuguesa.

Conforme noticiámos o prof. Marcello Caetano deslocar-se àquela cidade norte-nha, onde chega às 17 horas, para se reunir com a Comissão Central da A. N. P.



A CRIANÇA E O LIVRO

Despertar nas crianças o gosto pela leitura — eis o final idade do Dia Internacional do Livro Infantil, que hoje se comemora em todo o Mundo civilizado e passa praticamente despercebido no nosso País. (Ler na pág. 2)

Foi descoberto e preso o assassino do costureiro de Cascais

(Ler na 8.ª página)

vale a pena continuar

O número dos participantes na primeira das iniciativas que levámos a cabo sob o título genérico de «Leitor do Diário de Lisboa», ultrapassou todas as nossas expectativas, podendo dizer-se que chegou a espantar os seus organizadores.

Deve-se este facto, em grande parte, à categoria verdadeiramente excepcional dos prémios instituídos. Um dos prémios que mais contribuiu para o êxito da

primeira iniciativa «Leitor do Diário de Lisboa» foi, certamente, o magnífico apartamento que aguardava o vencedor, apartamento que vinha acompanhado, como é do conhecimento geral, de um automóvel de grande categoria.

O número dos participantes que visitaram este apartamento e que se nos dirigiram, de todos os pontos do País, pedindo esclarecimentos acerca dele, revela até

que ponto este prémio agradou e justifica o facto de termos procurado três novos apor-

tamentos para encabeçarmos a lista dos pré-

(Continua na pág. seguinte)



HOJE 40 PÁGS.—VISADO PELA CENSURA

DESPERCEBIDO ENTRÉ NÓS O DIA INTERNACIONAL DO LIVRO INFANTIL

Quase despercebido entre nós, passa hoje o Dia Internacional do Livro Infantil. Celebrado no mundo civilizado com inúmeras manifestações que visam incutir nas crianças o gosto pela leitura, em Portugal nem se dá por ele. E bastaria um breve inquérito junto de professores para se concluir que eles próprios desconhecem a ocorrência.

No seu livro «O Conflito de Gerações», a socióloga americana Margaret Mead diz que, hoje em dia não há em nenhum ponto do mundo pessoas crescidas que saibam aquilo que as crianças sabem, ou mais remotas e simples que sejam as sociedades em que as crianças vivem.

Efectivamente, a sabedoria infantil obriga a uma literatura a que bem poucos escritores estão em condições de se abaterem. Entre nós, então, o problema assume proporções alarmantes: os livros portugueses rotulados de infantis (e raramente o são) que se publicam num ano não somam os dedos de uma das mãos.

Por outro lado, a nível nacional não temos nada, nunca tivemos — parece — qualquer coisa que se aproximasse de uma campanha de formação, nas mentes infantis, do gosto por ler. Claro que a inexistência do ensino pré-primário oficial muito contribui para a repulsa que os jovens mais tarde, sentem pelos livros mais precisamente por aqueles livros que lhes convêm — porque pelos outros (aqueles que seria bom que ignorassem) sentem até uma atracção muito especial.

Vai-se a ver, e o que se passa entre nós no Dia do Livro Infantil? Apenas a Cooperativa Ludus (Rua Gonçalves Viana, 16, r/c., ao Jardim Zoológico) tem uma iniciativa: inaugura uma pequena biblioteca de literatura para crianças, a qual ficará ao dispor de todos os meninos e meninas que a desejem utilizar, aos sábados, das 16 às 19 horas. Parabéns à Ludus!

cos escritores estão em condições de se abaterem. Entre nós, então, o problema assume proporções alarmantes: os livros portugueses rotulados de infantis (e raramente o são) que se publicam num ano não somam os dedos de uma das mãos.

Por outro lado, a nível nacional não temos nada, nunca tivemos — parece — qualquer coisa que se aproximasse de uma campanha de formação, nas mentes infantis, do gosto por ler. Claro que a inexistência do ensino pré-primário oficial muito contribui para a repulsa que os jovens mais tarde, sentem pelos livros mais precisamente por aqueles livros que lhes convêm — porque pelos outros (aqueles que seria bom que ignorassem) sentem até uma atracção muito especial.

Vai-se a ver, e o que se passa entre nós no Dia do Livro Infantil? Apenas a Cooperativa Ludus (Rua Gonçalves Viana, 16, r/c., ao Jardim Zoológico) tem uma iniciativa: inaugura uma pequena biblioteca de literatura para crianças, a qual ficará ao dispor de todos os meninos e meninas que a desejem utilizar, aos sábados, das 16 às 19 horas. Parabéns à Ludus!

As comemorações no Porto

Também no Porto, a Cooperativa Ludus promoveu hoje «uma hora de conto» nos bairros do centro do Porto e da Fonte da Moura, nos quais grupos de leitores contaram histórias de Andersen, Mário Castrim e Sidónio Muralha.

Haverá, à noite, uma mesa-redonda na sede do Cinecubo, com a participação dos professores Aldónio Gomes e Ilídio Sardoia, que apresentarão comunicações sobre a literatura e o ensino, seguindo-se um debate, sob a orientação da prof.ª Fernanda Flores.

Está patente uma exposição de obras para crianças de dez autores portugueses.

ÁGUA MAIS CARA NA PÓVOA DE VARZIM

POVOA DE VARZIM, 2 — Entram em vigor já no mês de Abril, nesta vila, as novas tarifas do fornecimento de água ao domicílio.

A nova tarifa é de 3\$50 por metro cúbico, em vez de 2\$00, que é o preço em vigor.

A categoria dos prémios instituídos para esta nova iniciativa justifica plenamente este reparo já que os participantes na primeira iniciativa têm o maior interesse em participar na que tem o seu início no dia 7.

Vale, efectivamente, a pena continuar...

DE ONTEM PARA HOJE

«LIBERDADES FUNDAMENTAIS»

Na Ordem dos Advogados prosseguiu ontem, e com o interesse da primeira reunião, a discussão sobre «As Liberdades Fundamentais e a revisão da Constituição», iniciada com uma conferência sobre o tema pelo prof. Pedro Soares Martinez. O dr. Macaísta Malheiros realizou a exposição de ontem. Disse: «Quando se fala em inconstitucionalidade, pensa-se logo em problemas políticos. A inconstitucionalidade, abstractamente, reconduz apenas a uma violação da lei como uma outra violação qualquer, como estacionar o carro em local proibido, não tem outra característica. Simplesmente, é praticada pelo Governo ou praticada por alguém que detém o poder, mas é uma violação da lei e é contra isso que temos de reagir. Importa, portanto, interpretar a Constituição, ver se os actos do Governo (diplomas legais) estão de acordo com aquele estatuto.» Sublinhou, depois, que «o Direito Constitucional é a base de todos os outros direitos» mas que, infelizmente, acontece que muito raramente nos tribunais, e mesmo em qualquer lado, as pessoas se reportam a ele, para ver se as leis que foram promulgadas, e as quais têm de obedecer, estão ou não de acordo com a Constituição. A propósito, observou que a Constituição, por razões que se podem fiar numa despolitização no mau sentido, passou a ser considerado como instrumento que não se utiliza. Opinou que o artigo 110 do Estatuto Judiciário e o artigo 8.º do Código Civil, não podem, de modo nenhum, constituir obstáculo a que os tribunais conheçam da inconstitucionalidade material dos diplomas legais que violam o artigo 4.º da Constituição; e acrescentou que o desinteresse dos tribunais pelo problema da inconstitucionalidade material é a adesão a um positivismo materialista contraditório com a posição jusnaturalista normalmente seguida pelos sectores. Expressou a necessidade urgente de reformar a organização judiciária para reforçar a imparcialidade e independência dos juizes e apresentou as medidas que considera indispensáveis para resolver o problema.

NOVOS INSPECTORES ORIENTADORES

O director-geral do Ensino Primário, dr. José Gomes Branco, falou ontem na cerimónia de posse de cinco novos inspectores-orientadores para o Ensino Primário, afirmou que «a média de alunos por professor, naquele grau de ensino, é de 33», segundo estatísticas seguras, podendo esse numero considerar-se de acordo com o que estabelece a legislação em vigor e as possibilidades de acção pedagógica do professor junto do aluno. Esta afirmação fez a função de funcionário quando felicitava os professores Gabriel António Manuel Gonçalves, Adolfo Filipe

Sousa, António Augusto, António Figueiredo Tavares e Joaquim Martins Grácio.

PENA MAIOR

No 2.º Juízo Criminal foi julgado o canalizador Armando Guilherme Pedro, de 20 anos, que no dia 23 de Janeiro último, perto de uma serventia em Almirante Reis, matou a facada, quando se encontrava embriagado, o dentista João Paulo de Sousa Baptista, de 27 anos, com quem discutira. Foi condenado a 8 anos de prisão maior, multa, imposto de justiça e indemnização.

UM MORTO E DOIS FERIDOS

A 5 quilómetros de Évora Monte, na estrada de Évora a Estremoz, sobre a linha da Defesa, caiu um automóvel guiado pelo alferes José António Malheiro Barreiros, de 22 anos, de São Miguel de Maçães. Morreu aquele oficial e ficaram feridos os aspirantes milicianos srs. Eduard do António Trabuco Perdido, de 28 anos, e António Luís Pedro Baptista, de 24, ambos golfeiros, que deram entrada no hospital de Estremoz.

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS

Na Academia das Ciências de Lisboa, falou ontem o prof. João Cid dos Santos sobre «O primeiro meio século da cirurgia vascular, ou a história de um mito». Disse que toda esta cirurgia foi dominada por uma obsessão: a necessidade absoluta da integridade da túnica interna das artérias, ou íntima, para que depois de restabelecida a circulação se não formassem imediatamente um trombo secundário, que vinha comprometer o resultado final. Era o que sucedia a todo o passo. Referiu-se depois à mudança de rumo que sofreu a cirurgia arterial com o aparecimento da arteriografia dos membros e da aorta de Reynaldo dos Santos e da utilização prática de um anticoagulante — a heparina.

MOTORIZADA CONTRA CAMIONETA

O sr. Joaquim Leitão, de 58 anos, industrial de pesca, de Peniche, ia para Casal do Molinho, na motorizada. A sua frente um camião que, em dada altura, parou. O motociclista não se apercebeu dessa paragem e foi chocar contra o veículo pesado. Fracturou o crânio e teve morte quase imediata.

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

AVISO AOS CONSUMIDORES

Trabalhos inadiáveis para a boa conservação das redes, obrigam-nos a interromper, durante algumas horas, o fornecimento de energia eléctrica, no próximo Domingo, nos seguintes sectores e Zonas:

2.º Sector — Concelho de Lisboa: Est.º do Calhariz de Benfca, Trav.º Francisco Resende, Trav.º Sargento Abílio, L.º Curvo Semedo e imediações. (Das 8 às 12 horas).

5.º Sector — Cd.º Marquês de Abrantes de 35 a 119. (Das 8 às 12 horas).

5.º Sector — Rua dos Arameiros de 1 a 21. (Das 8 às 12 horas).

5.º Sector — Rua Nova do Carvalho de 77. (Das 8 às 12 horas).

1.º Zona — Concelho de Oeiras: Leão, B.º de Auto Construção de Porto Salvo, Leccia, Barcarena. (Das 8 às 14 horas).

2.º Zona — Concelho de Cascais: Abóboda (parte norte), Casal do Clérigo, Quenena, Ribeira das Parreiras, Talaíde. (Das 8 às 14 horas).

3.º Zona — ALAPRAIA: Est.º de Alapraia, Sítio do Campo da Bola, Rua das Grutas. (Das 8 às 14 horas).

4.º Zona — Torre e imediações. (Das 8 às 14 horas).

5.º Zona — Outeiro da Vela: Av.º do Outeiro da Vela, Rua D. Maria do Carmo Fragoes Carmona e imediações. (Das 8 às 14 h.).

6.º Zona — Concelho de Sintra: Cacém: Est.º de Paço de Arcos, Est.º do Vale Mourão, B.º do Vale Mourão e imediações. (Das 8 às 14 horas).

7.º Zona — Mem Martins: Av.º Almirante Gago Coutinho, Av.º Chaby i Pheiro, Est.º de Mem Martins (parte), Rua Madre Silva, Rua dos Lirios, Rua do Forno de Oureira e imediações. (Das 8 às 14 horas).

8.º Zona — Abrunheira. (Das 8 às 14 horas).

9.º Zona — Armés. (Das 8 às 14 horas).

10.º Zona — Concelho de Mafra: Brejo. (Das 8 às 10).

11.º Zona — Concelho de V.º F.º de Xira: Póvoa (parte), Caniços (parte), Vialonga, Verdilha do Ruivo, Granja de Alpitade, Morgados, Santa Eulália, Santa Cruz, Mogos, Boca da Lapa e Quintanilha. (Das 8 às 14 horas).

12.º Zona — Concelho de

Alenquer: Est.º do Camarnal, Santa Catarina, Pedrógão e Casais Novos. (Das 8 às 14 horas).

FEIRA DE PARIS

(24 DE ABRIL — 9 DE MAIO)

A apresentação mais completa dos bens de consumo

Pavilhões estrangeiros

Informações:
AGÊNCIA
DE VIAGENS TAGUS
R. Eça de Queirós, 20-A
LISBOA - 1
Telef. 42988 e 48685

PISCINA DO TAMARIZ

REABRIU AO PÚBLICO

Tratamento de água sob a direcção técnica do eng.º químico B. de Mesquita

Informações no T A M A R I Z — Telef. 261665

Atingiu quase 13 milhões de contos o «déficit» da balança comercial

—acentua o parecer da Assembleia Nacional sobre as Contas Gerais do Estado de 1969

Está publicado o parecer da Assembleia Nacional sobre as contas gerais do Estado de 1969 (Metropole), cujas receitas totais atingiram 28 724 379 contos e as despesas 27 713 493 contos, havendo, portanto, um saldo positivo de 1 010 886 contos. O parecer, dado através da comissão parlamentar para as contas públicas, é um longo e exaustivo trabalho assinado pelos deputados Araújo Correia, Alberto Meireles, Santos Almeida, Correia da Cunha e Martins da Cruz. É relator, como habitualmente, o presidente da comissão, eng. Araújo Correia.

Conclusões do parecer

Nas suas conclusões, depois de analisar a situação económica e financeira e ponderar

todos os elementos contidos na Conta Geral do Estado e no relatório sobre essas contas, a Comissão «considera legítimo o saldo e dá-lhe a sua aprovação».

«Não se podem considerar brilhantes as condições económicas que caracterizaram o exercício financeiro de 1969», afirma-se logo de entrada, acrescentando-se:

«Dois acontecimentos perturbaram o ano. A balança comercial, que acusara um «déficit» muito alto em 1968, piorou em 1969, devido ao grande aumento das importações, sem contrapartida nas exportações. Esse «déficit» atingiu 12 735 700 contos. Por seu turno o saldo de 4 115 000 contos na balança de pagamentos da zona do escudo em 1968 ficou reduzido a 1 643 000 contos e o da balança de pagamentos da metrópole desceu de 1 820 000

contos em 1968 para 65 000 em 1969. Estes factos devem ter influido na conta do produto interno».

Mais adiante diz-se que, em 1969, «o produto interno bruto ao custo dos factores e preços constantes (1963) elevou-se a 117 984 00 contos, mais 4 863 mil contos do que em 1968».

A taxa de crescimento fixou-se em 4,3 por cento, muito inferior à de 1968, devido, em parte, ao declínio na agricultura, com produto que diminuiu cerca de 423 000 contos, e à expansão modesta da indústria, comparada com a do ano antecedente». E acentua-se:

«Estes três indicadores — o «déficit» da balança comercial, a redução dos saldos da balança de pagamentos da zona do escudo e da metrópole e a taxa modesta de crescimento do produto em termos

reais — sugerem a necessidade urgente de tomar medidas drásticas no sentido de promover um aumento na produção para consumo interno e exportação».

Quanto à situação financeira diz-se poder considerar-se normal a conta de 1969. Mas considera-se anormal o excesso de receitas ordinárias sobre idênticas despesas. «Este saldo, já alto em 1968, ainda subiu para 9 523 538 contos, ou 38,6% das receitas ordinárias, que se elevaram a 24 631 283 contos».

«O elevado excesso de receitas ordinárias — acrescenta-se — poderia à primeira vista sugerir a ideia da possibilidade de alívios na carga tributária. Mas um exame pormenorizado das despesas ordinárias mostra as fracas dotações de muitos serviços de grande alcance so-

(Continua na 24.ª página)

NOTA

RECEITA PARA TODOS

NA ASSEMBLEIA GERAL de acionistas de uma empresa industrial, o respectivo presidente do conselho de administração, conforme relato divulgado publicamente, referiu-se à proposta de lei presentemente em estudo na Câmara Corporativa sobre política e fomento industrial, tendente, como na mesma se aponta, a melhorar o nível da nossa indústria e a promover o seu desenvolvimento. «Mas para isso (observou) terá de ser realizada com cautela e realismo, executada por serviços públicos que actuem com eficiência, sem sobrecarregar as empresas com novas e pesadas obrigações burocráticas que desanimem o esforço de modernização que deve estar sempre na mente dos industriais portugueses com vista a defendê-los de uma aberta concorrência estrangeira ou a permitir-lhes a conquista dos mercados externos».

Não se identifica deliberadamente o sector donde vem o recorte das declarações aqui reproduzidas, nem se deixa aqui perceber se a empresa se apresenta em expansão ou em dificuldade. Regista-se como exercício, para que vejamos quantos aspectos vão envolvidos neste breve apanhado: proposta de lei sobre política e fomento industrial, nível de qualidade e eficiência dos serviços públicos, posição da nossa indústria em concorrência com as indústrias estrangeiras, este último ponto no duplo aspecto da concorrência que o produto externo pode fazer sentir no nosso mercado interno e da capacidade que o nosso produto, por sua vez, possa revelar para ser ele a competir com o produto estrangeiro no mercado externo. Não poderá dizer-se que seja simples a tarefa nem que sejam limitadas as ambições.

O ponto de partida para o necessário incremento da nossa produção industrial há-de estar necessariamente nos próprios industriais. Não-de ser eles que não-de ser capazes de descobrir o que lhes vale a pena tentar, qual é o sector onde mais cabem a sua ou nossa vocação, acesso às matérias-primas, facilidade de aprendizagem de técnicas para uma mão-de-obra que não pode ser de curiosos ou biscaiteiros, capacidade financeira para equipar, lucidez e coragem para decidir. Não é possível permanecer no improvisado nem nas apalpadelas a ver o que é que dá. Nem é possível permanecer na ilusão de vida de um proteccionismo que, quando se instala, acaba por gerar a esperança doentia e falsa de um favoritismo a que todos então se julgam com igual direito. É o artifício que está denunciado e que não dá senão para ilusões e para desilusões.

É o problema da qualidade que está em causa. Quando se diz qualidade pensa-se naturalmente no produto. Mas o produto é isso mesmo, o produto de um sistema instalado e em funcionamento. E aí, sem ser preciso pensar muito, salta à conclusão de toda a gente que entram em linha de conta a qualidade da instalação (máquinas) e a qualidade dos homens (os que decidem e os que executam). Todos os dias, com efeito, temos diante de nós a realidade de uma mão-de-obra subqualificada, a necessidade de a aperfeiçoar e valorizar. Certo, certíssimo. Mas nem sempre está provado que se disponha de quadros dirigentes capazes a todos os níveis. A condição de empresário não pode alcançar-se apenas por sorteio ou herança. No mundo do nosso tempo, que é para ele que estamos a raciocinar, a empresa tem um lugar e um papel que lhe impõem obrigações que não são apenas de sua conta e risco. Repercutem mais longe.

E aqui repõe-se, como relação inevitável, um dos pontos referidos no mote de que nos socorremos, como acima vai anotado, para estas considerações: «Serviços públicos que actuem com eficiência». Claro que o conceito de eficiência também é susceptível de ambiguidades, mas excluímos isso para nos limitarmos àquele que coincide com o interesse público. Essa eficiência será preciso encontrá-la em toda a parte. Quando falamos de quadros dirigentes, pensamos na sua carência ao âmbito das empresas e também ao âmbito dos serviços públicos. A grande em-

EUROVISÃO 71 FESTIVAL

Veja o FESTIVAL

COMPOSIÇÕES SELECIONADAS
ORDEM DE APRESENTAÇÃO

PAIS	CANÇÃO	INTERPRETE
AUSTRIA	MUSIK	Marianne Mendt
MALTA	MARIJA I-MALTIJA	Joe Grech
MONACO	UN BANG, UN ARBRE, UNE RUE	Géralde
MONACO	LES ILLUSIONS DE NOS 28 ANS	Peter, Sue and Marc
MONACO	DIESE WELT	Katja Ebstein
MONACO	EN UN MONDO NOUVEAU	Karinu
ESPAÑA	ON JARDIN SUR LA TERRE	Serge Lama
FRANÇA	POMME, POMME, POMME	Monique Melsen
LUXEMBURGO	JACK IN THE BOX	Clodagh Rodgers
INGLATERRA	QUEIE MORGEN, MORGEN	Nicole Josy & Hugo Sigel
BÉLGICA	L'AMORE È UN ATTIMO	Massimo Ranieri
ITALIA	VITA VIOLEN	Berndt Oest, Agneta Munther, Maria Bergman & Pierre Ingarsson
SUECIA	ONE DAY LOVE	Angela Farrell
IRLANDA	DE TIJD	Saskia & Serge
HOLANDA	MEINHA	Teniche
PORTUGAL	TYÖJ DJEKAK JE TUZAN	Krunoslav Elabinec
JUGOSLÁVIA	TIE UUTEN PÄIVÄÄN	Markku Aro & Kati Kivisto-Bietoro
FINLÂNDIA	LYKKEN EN...	Hanne Krogh

SIEMENS ESTORIL
electronic

*** novo casino estoril * casino estoril * casino estoril * novo casino estoril * casino estoril * novo casino estoril * novo casino estoril ***

SALA DE JOGOS

TOCOS OS DIAS DAS 15 AS 3 HORAS

"SLOT MACHINES"

ACESSO LIVRE MAIORES DE 21 ANOS

PRODUÇÃO DE

GEORGES REICH

NINO SANCHEZ

VEDETA DA RÁDIO E DA TV ESPANHOLA

RODI HORN / LENITA GENTIL

FAMOSA ATRACÇÃO MUNDIAL

JIRINAS COMBO - "OS MODS" FERRER TRINDADE E SUA ORQUESTRA

BIJOU DE VIENNE

86 NO WONDER BAR

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE ÀS 23.30 H.

Maiores de 17 anos

NO WONDER BAR ÀS 1 H. Maiores de 21 anos

TELEFONE 26 45 21

Teatro TELEF. 717017 HOJE

Maria Matos ÀS 21,45 H.

APENAS ATÉ 11 DE ABRIL

O INVULGAR ESPECTÁCULO

as irmãzinhas

NOTAVEL REALIZAÇÃO DO grupo 4

ATENÇÃO

Horário especial de SÁBADO, 3

2 «Matinées» às 16 e às 18.30

Excepcionalmente não há espectáculo às 21.45 h.

BREVEMENTE Maiores 17 anos

JOGOS DE SOCIEDADE

APAIXONANTE COMÉDIA DRAMÁTICA

PARA 150 MINUTOS DE INTENSA VIBRAÇÃO

Vera Lagoa fala de toiros

Amanhã, na Tertúlia «Festa Braba» (Praça da Alegria, 38), decorre um «almoo à portuguesa» em que será convidada de honra a cronista Vera Lagoa.

A nossa prezada camarada de Imprensa fará uma palestra sobre «Toiros de morte em Portugal», que será seguida de debate.

LELOUCH FILMA PARA O XÁ

PARIS, 1 (A. N. J.) — O realizador Claude Lelouch recebeu do Xá do Irão, Mohammed Reza Pahlavi, e da imperatriz Farah Diba, um convite para filmar as cerimónias comemorativas dos 2500 anos de existência do Império persa. Assim, no próximo mês de Outubro Lelouch viajará com os seus colaboradores até Persépolis, onde se efectuarão as cerimónias junto ao túmulo de Ciro, fundador do Império.

VIDA MUSICAL

Antonio Gades: autêntico e prospectivo

António Gades veio a Lisboa. E veio em boa hora. Pois já nos fazia falta um novo contacto estimulante e rico de sugestões com a dança espanhola. Longe, portanto, da comercialização de tantas «embaxadas» artísticas que nos visitam e só ajudam a baralhar os valores e os conceitos...

Gades é cartaz. Foi cartaz mais uma vez, com o espectáculo no Grande Auditório Gulbenkian. E ainda bem que assim aconteceu. A verdade é que, mesmo na adaptação mais ou menos estilizada que qualquer transposição para um palco implica, a sua fidelidade à autêntica dança espanhola, à essência desta, permanece. Só que o estilo de António Gades não se ficou pela assimilação dos dados tradicionais ou pela

exploração do efeito fácil e de superficialidades folclóricas apenas decorativas. No aproveitamento quer das danças populares, quer dos elementos baléticos, já bem experimentados, da tradição culta da Península, insere-se primordialmente no caminho (difícil) da depuração, visa a captação dos aspectos profundos do complexo espanhol, ou, antes, hispânico. E define-se pela sobriedade e por uma fundamental elegância, que não prejudicam, aliás, a intensa expressividade da linguagem corporal. Esta, com frequência, não recusa certa altivez nas atitudes ou na máscara.

Estamos a falar, claro está, igualmente da actuação do próprio Gades como bailarino (ou bailador) excepcional — requintado e garboso ao mesmo

tempo, de um virtuosismo a toda a prova — e das realizações da sua Companhia, das coordenadas artísticas que elas traduzem. A apontada sobriedade estende-se aos trajes, os quais evitam o esbanhismo convencional ou de gosto duvidoso e os excessos de garbado à bilhete postal ilustrado.

Por outro lado, muito do que vimos reflecte, no plano formal e estético, uma dimensão prospectiva, tendente a superar os actuais (ou os mais habitualmente trilhados) estadios da dança espanhola. A acção de Gades é, pois, particularmente significativa em dois sentidos: no mais estritamente morfológico, pelo alargamento e aprofundamento do vocabulário, e numa perspectiva estética e espectacular (nesta capitulação, porém, de maneira menos ousada ou mais prudente). Mas em tudo isto, nada de frieza, antes a presença do factor temperamental em grande plano. Diferente dessa outra extraordinária encarnação da dança espanhola que é António? Sem dúvida. A pesquisa, em António, será menos determinante. António deixa-se, porventura, arrastar para um apelo dramático mais exuberante. Gades revela maior contenção, não abdica nunca, ou quase nunca, de uma lucidez... bem consciente. Isto não o impede de se entregar ao frenesim, à expressão verdadeiramente paroxística, em que técnica e temperamento se combinam da maneira mais arrebatadora e sugestiva. Foi vê-lo e a sua Companhia, na segunda parte do espectáculo integrado na «Semana Espanhola», nessa avocação magnífica do «Flamenco» — homenagem contagiante ao grande estilo tradicional ou às grandes tradições do género: na exaltação erótica como nas tiradas de uma vis irónica ou picaresca, nas cenas de desafio ou incitamento, como nos monólogos carregados de veemência expressional.

TEATRO ABC

TEL. 366745 ADULTOS

VÁ VER HOJE A REVISTA DO ANO!

AS 20.45 H. AS 23 HORAS

Frangas na Grelha

Uma produção de HUMBERTO CUNHA interpretada por um cartaz de ouro

IVONE SILVA • NICOLAU BREYNER ANITA GUERREIRO ÓSCAR ACÚRCIO

ANABELA • LUIS HORTA • MARIA TAVARES

e a colaboração especial de **TONY DE MATOS**

Domingo: «matinée» às 16 horas

HOJE, ÀS 21.45 HORAS (Maiores de 17 anos)

AMANHÃ 2 «MATINÉES»

ÀS 16 HORAS e ÀS 18.30 HORAS

COM 50% DE DESCONTO PARA ESTUDANTES (À NOITE NÃO HÁ ESPECTÁCULO)

DEPOIS DA QUEDA

PEÇA DE Arthur Miller

NORBERTO ROGERIO PAULO

ULTIMOS ESPECTÁCULOS NAS FÉRIAS DA PÁSCOA

Domingo, às 11 horas

EMILIO E OS DETECTIVES

PEÇA INFANTIL

Espectáculo para jovens de todas as idades

5.ª-feira às 18.30 h./10 de Abril às 18.30 h./11 de Abril às 11 h.

MARQUE JÁ OS SEUS BILHETES — TELEF. 53 85 86

crianças, 20\$00 — adultos, 40\$00

TRINDADE

Hoje às 21.45 horas (Adultos)

Só até 11 de Abril — Final da temporada

O DUELO

de Bernardo Santareno

Pela Companhia do Teatro Nacional D. Maria II

Amanhã, ÚNICO ESPECTÁCULO, às 16 horas

Preços reduzidos

TEATRO GIL VICENTE

CASCAIS — 280919

Últimos dias

Todas as noites, às 21.45

Domingo, às 16 e 21.45

A MALUQUINHA DE ARROIOS

de André Bruun

pelo

TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS

Adultos

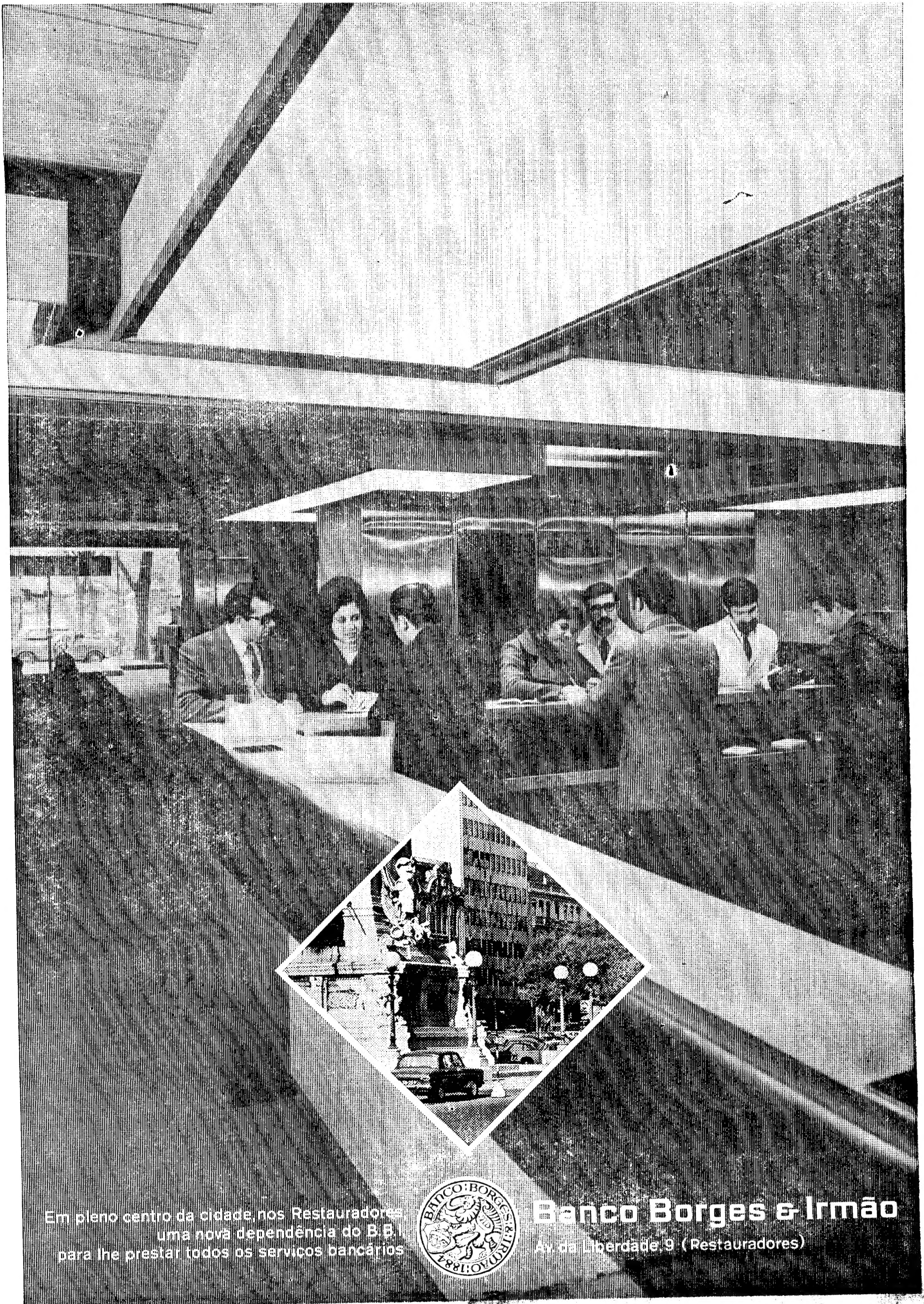
Brevemente: **IVONNE**, princesa de Borgonha, de GOMBROWICZ

Com o espectáculo agora apresentado no Auditório Gulbenkian, pode falar-se já de uma verdadeira teatralização da dança espanhola? Talvez não. Pretender tal será prematuro. Mas um meritório e bem positivo esforço nesse sentido se divisa nalgumas aches de Gades, na inteligente trajectória deste grande bailarino, no seu processo estético. A propósito, recorde-se que, num plano mais afim do «balé» clássico tradicional, a aliança da dança popular e de elementos colhidos no vocabulário académico (Gades dispõe de uma boa preparação neste terreno) valeu-nos um belo «pas-de-deux»: *Ensueño* (sobre música de Turina), interpretado admiravelmente por Lydia Sanelemente e o próprio Gades.

Pela sua classe individual e pelo interesse ou alcance da sua mensagem, António Gades avantajou-se enormemente em relação ao contexto genérico da Companhia que dirige, aliás equilibrada e disciplinada. Seria, no entanto, incorrer em injustiça não referir em especial alguns dos componentes que a integram: os bailarinos Lydia Sanelemente, Juan Antonio e, sobretudo, Cristina Hoyos, o «cantador» Turronero e o grupo de excelentes guitarristas.

NUNO BARBEIROS

VA CEAR A FURNA VA CEAR A FURNA VA CEAR A FURNA VA CEAR A FURNA VA CEAR A FURNA VA CE



Em pleno centro da cidade, nos Restauradores,
uma nova dependência do B.B.
para lhe prestar todos os serviços bancários



Banco Borges & Irmão
Av. da Liberdade, 9 (Restauradores)

SELECIONADO PARA OS "OSCARs" DA ACADEMIA COM 4 NOMEAÇÕES

POR IMPOSIÇÃO DO PRODUTOR ESTE
FILME SO PODE SER ESTREADO NUM
ÚNICO CINEMA

DEVIDO À SUA ALTA QUALIDADE CINEMATO-
GRÁFICA E PARA QUE TODO O SEU IMPACTO
NÃO SEJA QUEBRADO ESTE FILME SERÁ
EXIBIDO SEM INTERVALO

SE NÃO VIR MAIS NADA ESTE ANO DEVE
VER "FIVE EASY PIECES" - LIFE magazine.



A COLUMBIA FILMES e BBS apresentam uma produção

JACK NICHOLSON

ADULTOS

DESTINOS OPOSTOS (FIVE EASY PIECES)

KAREN BLACK e SUSAN ANSPACH
Arg. de ADRIEN JOYCE Hist. BOB RAFELSON and ADRIEN JOYCE
Prod. de BOB RAFELSON and RICHARD WECHSLER
Prod. exec. BERT SCHNEIDER. Real. de BOB RAFELSON color



HOJE ÀS 21,30

SENSACIONAL
ESTREIA

SÃO LUIZ

LUSTRES

de requinte antigo e
moderno para o seu lar
Fábrica: Av. 5 de Outubro,
203, r/c, esq. (ao Campo Pe-
queno) - Telefone 77 16 39
VENDA AO PÚBLICO

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO



A Suécia terá a representação mais numerosa: um quarteto (o regulamento permite o máximo de seis intérpretes). Chama-se «Family Four» e goza de grande popularidade na Escandinávia — em parte devido à sua trágica história

ESCUTADA DE FORA...

QUE VALERÁ A «MENINA» DE TONICHA PARA O PÚBLICO INTERNACIONAL?

Por CÉSAR FAUSTINO

ESTOCOLMO, 2 — Via na televisão sueca o filme apresentador da canção portuguesa concorrente à final do «Grande Prémio» da Eurovisão — e, confesso, fiquei duplamente desapontado.

Primeiro, pelo espantoso desperdício de uma oportunidade fabulosa de promoção de Portugal junto de milhões de europeus, pela distribuição de um filme sem graça nem imaginação, monótono, quando existem milhentos motivos, cheios de vida e de cor, que podiam despertar interesse e favorecer simultaneamente a divulgação da melodia e do País, Turisticamente — porque não?

Uma ocasião destas (3 minutos de propaganda gratuita ao nosso dispor, em milhões de lares) vale uma fortuna — e nalguns casos, como a TV sueca, por exemplo (onde a publicidade comercial é proibida) nem uma fortuna chega.

Pretendeu-se fazer um filme adaptado ao tema da canção. Honestamente louvável, por certo. Menos esculpulosos, talvez, mas mais eficazes promocional e comercialmente foram, porém, a Espanha, Mônaco, Noruega, Malta, Suíça, Finlândia, e outros. Uma lição mais a aprender. Mas voltaremos a ter uma oportunidade destas?

A segunda decepção, para mim, foi a própria canção portuguesa. «Portuguesa»? (a meu lado, o amigo Svensson garantia-me que aquele «flamengo» lhe era familiar, das suas últimas férias em Torremolinos...)

Uma nova «Desfolhada» — ou canção para o mundo cantar?

Bem contente ficaria se os meus prognósticos falhassem. Mas estou pessimista quanto

às probabilidades da nossa canção.

Não me refiro, evidentemente, a uma classificação no naipe de cima, pois ambiciosas ilusões dessas não resistem às realidades dos

factores extra-musicais (expansão linguística, jogos de vizinhos, mór bidas antipatias políticas, atracção pessoal dos intérpretes, seus dotes físicos, vestimenta e requiebros «sexy», efeitos de cores, ordem de actuação, etc), que influenciam as votações (embora o sistema de pontuação a estrear em Dublin justifique certa expectativa) e nos são, em geral, desfavoráveis.

Considero, sobretudo, a receptividade internacional, o aspecto da aceitação da melodia no mundo a que se destina e que, talvez penosamente, não é o de poemas mais ou menos dramáticos, épicos ou rebuscados (capa-

(Continua na 24.ª página)

DUAS FINAIS DE TV PÕEM OS SUECOS NERVOSOS...

O dia de amanhã é de grandes excitação para os suecos: duas grandes finais televisonadas na mesma noite, uma a seguir à outra!

Primeiro o jogo Rússia-Suécia, a concluir e a decidir o Campeonato do Mundo de Hóquei sobre o Gelo, transmitido da Suíça. Dez minutos depois, a final do Grande Prémio da Eurovisão.

Enfim, uma noite de desespero para os proprietários de cinemas e teatros...

TEATRO CAPITÓLIO
HOJE ÀS 21.45 h.
Vasco Morgado apresenta
Laura Alves
com Milú, todo o todo com Irene Isidro, Armando Cortez, Maria Adelina, Guida Maria, Luis Pinhão, Oscar António Semedo e a Companhia especial de Maria Paula
Uma encenação de Armando Cortez
Cenas de António Casimiro (Adultos)
12.ª SEMANA

TEATRO MONUMENTAL
Vasco Morgado apresenta em ESTREIA no DOMINGO uma comédia de Beniliet & Grédy numa tradução de Jerónimo Bragança
Quarenta Quilates
com Milú, todo o todo com Irene Isidro, Armando Cortez, Maria Adelina, Guida Maria, Luis Pinhão, Oscar António Semedo e a Companhia especial de Maria Paula
Uma encenação de Armando Cortez
Cenas de António Casimiro (Adultos)

TEATRO LAURA ALVES
HOJE ÀS 21.45 h.
M/12 ANOS
santo porca
de ARIANO SUASSUNA
Amor, 16 e 21.45 h.
Domingo: 16 h. e 21.45 h.

Neste teatro, brevemente:
VASCO MORGADO apresenta
SÓ AS BORBOLETAS SÃO LIVRES
de LEONARD GERSHE
Em todos os palcos do mundo...
A COMÉDIA DO ANO
encenação de António de Cabo

TEATRO VARIEDADES
HOJE e AMANHÃ, às 21.45 h.
4.ª SEMANA
UMA COMÉDIA DE GARGALHADA PERMANENTE de Franco Veber
o contrato
Adultos
com RIBEIRINHO • HENRIQUE SANTANA • e estreia no teatro declamado SIMONE DE OLIVEIRA
Domingo, «Matinée», 16 h.

GALERIA REAL
SINTRA (S. PEDRO)
Tel. 98 16 61
RESTAURANTE - BAR - SALÃO DE CHÁ
Informamos os nossos Ex.ªs Clientes que amanhã, sábado, 3 as nossas «salas» se encontram totalmente reservadas a partir das 18 horas para um LANCHE DE CASAMENTO.
NOS RESTANTES DIAS aceitamos reservas para os lanches até às 22 horas.



CANAL DA CRÍTICA

por MARIO CASTRIM

ESPECTÁCULO PARA OS OLHOS QUE OS OLHOS MAL VIRAM

Depois do Telejornal veio o «Silêncio, vamos rir...» dedicado aos filmes do tempo do mudo. Ora aqui está uma medida sensata. Depois do muito falar, o silêncio ou a música vêm mesmo a calhar.

Tudo serviu a dar tempo de chegarmos ao Casino Estoril, para um directo de variedades. Antigamente, isto acontecia com alguma frequência. Depois perdeu-se o hábito. Da última vez que estivemos no casino foi na histórica noite do buraco. Bom, mas não falemos agora em coisas tristes.

Não importam aqui referências individuais a não ser para recordar a boa qualidade daquele malabarista-equilibrista que, sentado na monocicleta, encaixava taças de champagne sobre a cabeça, e a pena de termos ouvido uma única vez o cançonetista Nino Sanchez que nos trazia canções de palavras valiosas, capazes de encontrarem bom eco (apesar do seu castelhano) nos telespectadores atentos.

Quanto ao mais, as variedades no Casino valerem como espectáculo visual. Ora o mais estranho é que, assim sendo, tão mal haja sido cuidado o problema da iluminação. Passamos todo o serão à média luz. Mal feito, porque a televisão não é tango.

De qualquer modo, uma realidade: a Televisão deu o espectáculo em directo. É urgente repetir a iniciativa, no casino e noutros locais.

As máquinas e os técnicos precisam de ser postos à prova. Precisam de um saber de experiência feito — porque não há como a experiência para evitar os buracos.

Não queria voltar a falar nisto. Desculpem.

PALAVRAS BOAS DO BOM PAPA

Estamos no reinado de D. Luís. Por lei, seis palavras em português de eternidade: «Fica abolida a pena de morte». Uma potência da consciência europeia, Vitor Hugo, pôs-se incondicionalmente do nosso lado. Escreveu: «Realizar este progresso é dar um grande passo na civilização. Desde hoje, Portugal está à cabeça da Europa. Vós, portugueses, não cessastes de ser navegadores intrépidos. Ide à frente, outrora no oceano, hoje na verdade. Proclamar princípios é ainda mais belo do que descobrir mundos. Eu grito: Glória a Portugal!»

Não recorro estas palavras por iniciativa minha. Apenas não sou senão interposta pessoa. O mérito inteiro pertence à rubrica «Várias», da hora do almoço, ao bater exacto da uma hora. Apontamento sobre a abolição

da pena de morte excelentemente organizado, iluminado pelas palavras grandiosas de Vitor Hugo. Ai papá Hugo, papá Hugo, tu és que as sabias dizer, tu!

Imaginem: apetecia-me não escrever mais nada, nem recordar mais nada. Apetecia-me ficar para aqui a conversar com vocês a respeito de muitas e variadas coisas.

Papá Hugo, papá Hugo...

PREVENÇÃO E TELEVISÃO

Vamos ter novo concurso a televisão. Promove-o a Prevenção Rodoviária e destina-se a chamar a atenção dos portugueses para os múltiplos problemas do trânsito. O facto de se tratar de uma iniciativa não original, não lhe retira nenhum mérito. As coisas boas devem ser seguidas, reinventadas, até mesmo — porque não? — imitadas. Eu cá, se mandasse, mandava até que se copiassem... todas as boas iniciativas.

As intenções são, portanto, boas. A realização pode não considerar-se boa totalmente, no que respeita ao carácter televisivo. Sem dúvida: o sinal de utilidade está marcado na indicação dos artigos do código a estudar em casa e no cuidado posto nas filmagens. Mas...

Como rubrica de televisão, digamos: como espectáculo. «Vermelho, amarelo e verde» (que falta de imaginação...) deixa muito a desejar. Os concorrentes presentes no estúdio em nada contribuem para um impacto junto do público. Quêdos e silenciosos, limitam-se a carregar num botão luminoso. Não há convívio, não há gente viva. Jorge Alves e o representante do concurso é que falam, mais ninguém.

O mais natural seria transformar este concurso em motivo de agrado e proveito de todos os telespectadores e não apenas de meia dúzia. Porque se os concorrentes não fazem lá nada, o que é que estão lá a fazer?

A Prevenção é muito importante; a televisão também.

Rádio

RÁDIO

EMISSIONA — 1.º Programa Metropolitano — As 6: Noticiário; 6 e 05: Programa da Juventude; 7 e 30: Vida e trabalho; 8 e 05: Programa pela banda de música da Guarda Nacional Republicana; 8 e 50: Melodias de cinema; 9 e 0: Passatempo musical; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Um instrumentista: Jaime Santos; 20 e 30: 8.º episódio do folhetim «Ben-Hur»; 20 e 50: Música de órgão; 21: Momento 7; 21 e 20: Ao sabor da fantasia; 21 e 45: Vidas notáveis: «Cândido Figueiredo», o Poeta do Amor e da Morte, por Herculano Pereira; 23 e 05: Miscelânea; 24: Fecho.

2.º Programa Metropolitano — As 16: Ciclo da Barroca taliano; 16 e 45: Música de vanguarda; 17 e 30: O compositor do mês: Schumann; 9: Música portuguesa — Obras de João Domingos Bomtempo; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Os violinistas David e Igor Oistrakh — Sonata (Honegger); 20 e 30: Uma obra coral de Georg Friedrich Haendel; 21: Trechos de óperas; 21 e 20: Tempo literário; 21 e 45: Música sinfónica de Rimsky-Korsakoff; 22: Teatro de todos os tempos para dr. Enríque Lisboa (Filho) «O Drama do

Programa Estereofónico — 1.º 21: E. Couplet à Barcelon... por Numa Fêmu; 21 e 20: Música só musical; 21 e 30: O conjunto «Magna Charta»; 21 e 50: Melodias pelo orquestra Manuel; 22 e 10: Música portuguesa; 22 e 25: So mundo da canção, com Leonard Cohen; 23: Música de bailado; 23 e 53: Música sinfónica da rádio Nederland um programa cedido por esta estação de radiodifusão; 24: Concerto pela Orquestra Filarmónica de Haia, sob a direcção de Willem Van Otterloo; 24: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — As 6 e 04: Programa C D C; 18: Depois do chá; 8 e 30: Lisboa à tarde; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio Jornal; 20 e 07: 45 Rotações; 20 e 30: Semana 7; 20 e 45: Canções de Portugal; 21 e 03: Suplemento; 21 e 15: Música para meditar; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Grande roda 0 e 02 «P. B. X.»; 2: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 02: Talismã.

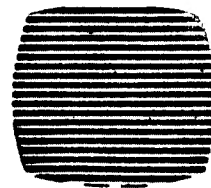
Modulação de frequência — 97,4 mc/s — As 16 e 04: Programa C D C; 7 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa à Gó-

te em órbita-dois; e 02: Banda sonora; 2: Perspectiva 3 e 02: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 mc/s — 782 kc/s — As 16 e 04: Programa C D C; 8: Depois do chá; 8 e 30: Ela e o seu mundo; 8 e 45: Matinée teatro; 9 e 03: Miscelânea; 19 e 7: Conjunto; 19 e 30: Estudo 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 05: Só rádio; 2 e 40: Orquestras; 21 e 45: Mensageiro do Evangelho; 22 e 02: Em destaque; 22 e 15: Novas de alegria; 22 e 30: Tirocinio; 23 e 04: Clube da Juventude e fecho.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — As 16: Radiograma; 18 e 05: Morana Tha; 18 e 30: Terça e bênção da Basilica dos Mártires; 19 e 05: A vida é uma coisa maravilhosa; 9 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Programa dos sócios; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª hora.

EMISSIONES ASSOCIADAS DE LISBOA — Onda média — 88 m — 594 kc/s — 94,4 mc/s — Rádio Peninsular — Das 7 às 8 das 10 às 12 e das 19 e 30 às 22. Rádio Voz de Lisboa — Das 17 às 19 e 30 e das 22 às 2. Clube Radiofónico de Portugal — Das 12 às 14 e 30: Rádio Graça — Das 8 às 10 e das 14 e 30 às 17.



TV dia a dia

HOJE PODE VER...

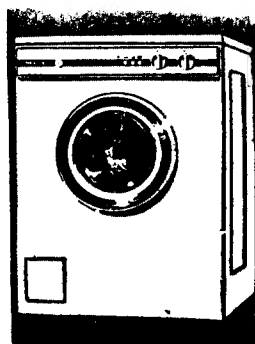


SIEMENS ESTORIL electronic

AMANHÃ PODE VER...

I PROGRAMA — As 12 e 45: Abertura e desenhos animados; 13: O caso da semana; 13 e 15: Filme de série «Descaños no Parque»; 13 e 45: Telejornal, 1.ª edição; 14: Dó Lá Si; 14 e 30: Homens e aviões; 15: Eurovisão — Grand National ? Transmissão directa de Antree, da conhecida prova de Steeple-Chase; 15 e 35: TV Educativa — Educação musical (crianças); 16: Série juvenil «Daktari»; 16 e 50: TV infantil; 17 e 15: Desenhos animados, «Kimba»; 17 e 45: Programa feminino; 18 e 5: Estúdio sem marcação; 18 e 30: Série juvenil «Barreiras Submersas»; 18 e 55: Teledesperto; 19 e 30: Telejornal, 2.ª edição; 19 e 45: ...E a vida continua...; 20 e 5: Ensaio; 21 e 10: Telejornal, 3.ª edição; 21 e 45: Eurovisão. Concurso Eurovisão da Canção-1971; 23 e 15: Folhetim «Sebastião e Maria Morgane»; 23 e 45: Marcha do mundo, e 23 e 55: Meditação e fecho.

II PROGRAMA — As 20 e 30: Abertura; 20 e 31: O caso da semana; 20 e 40: Filme de série, «Descaños no Parque»; 21 e 10: Telejornal, 3.ª edição; 21 e 45: Documentário sobre a expedição que Orlando e Cláudio Villas Boas realizaram à Floresta do Amazona e suas tentativas em cativar uma ribo extremamente insociável; 23: Hollywood Playhouse, e 23 e 30: Fecho.



Máquina de lavar roupa Miele a perfeição do pormenor

Miele
A própria segurança

Agente oficial:

JOSÉ LUÍS PINHEIRO

Rua Luís Augusto Palmeirim, 18-A

Tel. 717597 — LISBOA



TUDOR
pilhas para transistores

Foi morto involuntariamente o costureiro de Cascais?

A certeza de que «mais dia menos dia tinha de ser encontrado» foi a conclusão do confesso autor (involuntário) da morte do costureiro de Cascais, ao ser detido pelos agentes da Polícia Judiciária, ontem, na Parede.

O preso, Manuel Sereno Rodrigues, que ainda está longe de ter completado 20 anos, confessou o roubo e a agressão, mas disse não haver agido com intenção de matar o costureiro Francisco Costa Simão, que apareceu morto na sua «boutique» de Cascais, há três semanas. A morte resultaria, acidentalmente, do facto de a mordada ter ficado muito apertada.

O jovem estava persuadido, quando abandonou a «boutique» do costureiro, de que ele não viria a morrer. Só pelos jornais da tarde do dia seguinte é que soube que Costa Simão tinha perecido.

Partiu, então, para Tomar, de onde é natural (freguesia da Serra) e hospedou-se ali

numa pensão «a aguardar os acontecimentos».

★ Tudo por cem escudos

Segundo Manuel Sereno Rodrigues, na véspera do crime ele e Costa Simão tinham tido um encontro nas sombras de Sintra.

Costa Simão, satisfeito, convidou-o a ir à «boutique» no dia seguinte, onde o gratificaria devidamente.

Manuel Sereno Rodrigues lá foi. O costureiro preparava-se para seguir para Londres — e estendeu-lhe uma nota de 100 escudos.

— É pouco — disse o jovem. Como o costureiro teimasse nos 100 escudos, Manuel Sereno (sempre segundo a sua confissão), para o intimidar, agrediu-o com um canivete, pro-

duzindo-lhe feridas superficiais no pescoço.

Depois derrubou-o sobre um divã, atou-lhe as mãos atrás das costas e amordacou-o com um grande retalho de seda. Desceu-lhe as calças para criar uma «mise-en-scène» que despiasse as autoridades, agarrou na mala onde o costureiro tinha o passaporte, 80 libras, 200 francos e 970 escudos — e abandonou a «boutique».

— Quando o deixei ele estava vivo — disse Manuel Sereno Rodrigues aos investigadores.

A autópsia demonstra que Costa Simão não morreu devido aos golpes no pescoço, e sim por asfixia provocada pela mordada. As autoridades estão convencidas que Manuel Sereno Rodrigues não desejava, efectivamente, matar o costureiro.

★ Como foi encontrado o criminoso

Como deram os agentes da Polícia Judiciária com o criminoso?

Além de várias pistas, uma (dias depois) impôs-se a todas as outras: o ter-se encontrado em Tomar o bilhete de avião (para Londres) do costureiro Costa Simão.

Após aturadas diligências junto de indivíduos de comportamento estranho, os agentes vieram a saber que determinado indivíduo, natural daquela zona (freguesia da Serra), e conhecido na cidade, residia na Parede numa casa de hóspedes.

Acrescia ainda que o referido indivíduo, ultimamente, fazia em Tomar gastos desusados (taxis, cafés, cinemas, etc.), em companhia de um irmão. Ora estava ali uns dias,

ora desaparecia. Os investigadores, não o apanhando em Tomar, dirigiram-se à Parede com um endereço fornecido em Tomar: Avenida da República, 18, 1.º, esquerdo.

— Mora aqui o sr. Manuel Sereno Rodrigues? — perguntaram.

Morava — e logo veio para os agentes com aquelas palavras: «Mais dia, menos dia eu tinha de ser encontrado».

De acordo com o dr. Allen Gomes, subdirector da Polícia Judiciária, Manuel Sereno Rodrigues, devido à sua pouca idade, «será condenado a uma pena que oscila entre 2 a 8 anos de prisão maior».

O jovem (que, por furto, no ano passado, cumpriu já pena de prisão) foi descoberto por uma equipa constituída pelo inspector dr. Eduardo Baptista, e pelos agentes Abel Lobão, Abílio Simões e Pinhão.

Artes plásticas

Jorge Timóteo no Palácio Foz

Numa das salas do Palácio Foz foi inaugurada uma exposição do artista Jorge Timóteo.

Alvaro Lapa na Buchholz

Ao fim da tarde, na Galeria Buchholz, na Rua Duque de Palmela, 4, será inaugurada uma exposição do artista Alvaro Lapa.

Paula Figueiroa Rego expõe na Galeria de S. Mamede

Na terça-feira é inaugurada na Galeria de S. Mamede uma exposição da pintora Paula Figueiroa Rego.

Na exposição figurarão alguns desenhos que, de certo modo, explicam a pintura de Figueiroa Rego — um «mundo» de expressão acentuadamente lírica.

Grupo de artistas expõe no Palácio Foz

Nos salões do segundo andar do Palácio Foz foi inaugurada uma exposição colectiva de alguns artistas conhecidos e que o público se habituou a apreciar.

Maria Fernanda Amado, Artur Bual e Artur José apresentam óleos, desenhos e ce-

ramicas, estando a exposição a suscitar interesse dado que há meses não comparecem em exposições nas salas de Lisboa.

Três artistas na S. N. B. A.

A exposição de trabalhos dos artistas Elmano Raposo, Pires Vieira e Mário Varela, da S. N. B. A., foi inaugurada na Galeria de Arte Moderna.

BERÇOS A FILHOS DE MILITARES MUTILADOS

O Grupo «Boa Esperança» promoveu, esta tarde, no anexo do Hospital Militar Principal, na Rua Artilharia 1, uma festa durante a qual foram distribuídos berços a filhos de militares mutilados.

Ladrões de malas

Foram ontem presos pela P. S. P., por furtos de malas, José Filipe Lopes da Costa e Joaquim Capelo Gil, os quais vão ser enviados à Polícia Judiciária.

FEVEREIRO TROUXE ATÉ NÓS 149 MIL TURISTAS

A Secretaria de Estado da Informação e Turismo, através da Direcção-Geral do Turismo, tornou públicos os elementos estatísticos referentes à entrada de estrangeiros na Metrópole, durante o mês de Fevereiro.

Assim entraram no território metropolitano 149.7 mil estrangeiros, número que traduz um aumento de 21% relativamente a idêntico mês de 1970.

No período de Janeiro e Fevereiro, o total de estrangeiros entrados foi de 300.9 mil ou seja mais 23% do que no mesmo período do ano

transacto. Os países com maior peso naqueles valores foram: Alemanha (+ 7%) até Feve-

reiro, Espanha (+ 14%), França (+ 11%), Norrdin com (+ 8%) e Benelux (+ 44%).

Técnicos alemães de urbanismo e de habitação visitaram a organização J. Pimenta S. A. R. L.

Em viagem de estudo, esteve entre nós, durante alguns dias, o «Comité» Oficial de Construção Urbanística da Região de Munique (Baugesellschaft München Land) do qual fazem parte burgomes, tres, arquitectos e técnicos especializados em urbanismo e em problemas de habitação.

Os visitantes tomaram conhecimento directo do Plano Director de Lisboa, sendo recebidos no Gabinete Técnico da Habitação do Município.

Pretendendo observar uma empresa particular de grande dimensão, as referidas personalidades visitaram também, demoradamente, os empreendimentos urbanísticos de J. Pimenta, S. A. R. L., em Paço de Arcos e Cascais, e a sede oficial, em fase adiantada de construção, em Queluz. Forneceram-lhes detalhadas informações o industrial João Pimenta, o membro dos corpos gerentes sr. Lázaro Vie-

gas e os técnicos da organização srs. engs. Mário Martins e Pedro Cabrita e arquitecto Artur Parrinha.

A empresa obsequiou os técnicos alemães com um jantar no Restaurante Minabela, na Reboleira.

O dr. Joachim Gillesen, presidente do «Comité», no discurso que proferiu, salientou o meritório esforço da popular empresa na resolução do problema habitacional e manifestou o maior agrado pelo que lhe fora dado apreciar, dirigindo efusivas felicitações ao industrial João Pimenta, que foi convidado a deslocar-se a Munique. O sr. João Pimenta, agradecendo, disse que, com contactos desta natureza, a amizade luso-alemã recebe contributos de expressivo valor.

A deslocação do grupo germânico ao nosso País foi organizada pela Agência de viagens Catur, de que é director o sr. Simões Carneiro.

logurte Grande Ponto ESCLARECIMENTO

A Firma António de Oliveira & Alves, Lda., produtora do «LOGURTE GRANDE PONTO», vem por este meio informar os seus estimados clientes e público em geral, do seguinte:

1.º — Segundo noticiado nos vespertinos da cidade de Lisboa e que vem ao encontro da verdade, esta firma encontra-se na data deste esclarecimento impossibilitada de fornecer a maioria dos seus clientes devido a um arresto perpetuado pelo 4.º Juízo Cível de Lisboa, no qual é queixoso a Fábrica logurte Veneza, que levou ao apresamento de todos os boiões, por inequívoca má fé desta Fábrica concorrente, e sem as quais não podemos fornecer o nosso produto, que sempre tem merecido de todo o amável público a maior preferência.

2.º — Mais informamos os nossos clientes e o público em geral, que o referido caso está a seguir as vias oficiais competentes para devido esclarecimento da injustiça agora efectuada para com a nossa marca «GRANDE PONTO».

3.º — Serve este ainda para comunicar que os nossos produtos dentro de poucos dias estarão de novo à venda, nos locais habituais, pelo que agradecemos a vossa preferência.

Com as nossas desculpas pelos inconvenientes involuntários que viemos causar à nossa clientela, subscrevemo-nos com elevada estima e consideração.

António de Oliveira & Alves, Lda.
LOGURTE GRANDE PONTO

A Assembleia Nacional recomeça os trabalhos no dia 13 para discutir as Contas Públicas

Após um intervalo de cerca de mês e meio, a Assembleia Nacional recomeça os seus trabalhos no próximo dia 13, à hora regimental. Na ordem do dia figura a discussão das Contas Gerais do Estado de 1969, cujo parecer

foi já publicado e de que é relator, mais uma vez, o deputado eng.º Araújo Correia.

A Assembleia, de acordo com a Constituição, encerrará os seus trabalhos em fins de Abril. Mas, como é constituinte, e tem para apreciação uma proposta de lei e dois projectos de lei de revisão da Constituição Política, a Assembleia Nacional só poderá discutir as alterações a introduzir no estatuto fundamental da Nação em sessão extraordinária, a convocar pelo Chefe do Estado.

Espera-se que a reabertura da Câmara se verifique no mês de Maio.

Entretanto, uma comissão eventual de 33 deputados continua a reunir-se sob a presidência do conselheiro Albino dos Reis, para se ocupar do estudo dos pareceres a emitir sobre as alterações à Constituição, prosseguindo assim a apreciação da proposta de lei, dos projectos de lei e dos pareceres da Câmara Constituinte sob o problema em causa.

BOM APETITE

TONI DOS BIFES
Av. Prata da Vitória, 50-E
Telef. 536080
AMANHÃ
FEIJOADA À PORTUGUESA
DOMINGO
ARROZ DE PATO NO FORNO
Diariamente SARRABULHO

PROGRESSO
Restaurante * Snack-Bar
& Pastelaria
R. Barata Salgueiro, 2-C
Telef. 40115
Aos domingos especialidades da casa
ENSOPADO DE ENGUIAS
E COELHO A CAÇADOR
SERVE-SE LANCHES
DE CASAMENTO

RESTAURANTE MONDEGO
COZINHA À PORTUGUESA
TRAV. DO FORNO, 15 A 19
(ao Rossio)

RESTAURANTE QUINTA DE S. VICENTE

TELHEIRAS DE CIMA, 144 • TELEFONE 79 02 11

JANTARES DANÇANTES aos Sábados e Domingos c/ conjunto privativo

AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR

(M/15 anos)

Parque automóvel privativo

Premiado pelo SNI

Electro Êxito Galerias Êxito

de BAU & SANTOS, LDA.

Ao comemorar o seu aniversário vem agradecer publicamente a todos os seus fornecedores, clientes e amigos que a isso tornaram possível.

Um abraço,

Fernando

ALICE MARIA NÃO DEIXARÁ LISBOA

Embora registando repetidos convites para se deslocar ao Brasil Alice Maria decidiu ficar em Lisboa (e no elenco da «Severa»). Interpretando os seus próprios versos, aliás já em disco, Alice Maria viu editado há pouco um «LP», gravado para a etiqueta «Estudio» e onde registou algumas das suas últimas criações.

Recorde-se que Alice Maria esteve já no Brasil há alguns anos, quando o falecido Domingos Mascota decidiu inaugurar no Rio de Janeiro uma filial da sua Adega. O projecto não foi, infelizmente, coroado de êxito, mas a presença de Alice Maria ficou assinalada em grande número de atuações em espectáculos e programas de televisão.

O facto de já estar no Brasil não a anima a voltar ao país irmão? — Prefiro ficar em Lisboa — sublinha. Estou a preparar novo repertório que



ALICE MARIA

gravarei brevemente em discos a editar pela etiqueta «Estudio». Essa actividade compreende os meus planos imediatos.

Casada recentemente com José Amaro, também no elenco da «Severa», Alice Maria tem sido solicitada com frequência para deslocações. Põe esse projecto de parte? Ela responde: — Não completamente mas tão cedo não sairei de Lisboa.

NOVE CONDENAÇÕES E UMA ABSOLVIÇÃO NO TRIBUNAL PLENÁRIO DA BOA HORA

Com a leitura do acórdão, terminou no Plenário Criminal da Boa Hora, o julgamento de 10 acusados de actividades subversivas, relacionadas com o M. P. L. A. Presidiu o desembargador Morgado Florindo, ladeado pelos juizes adjuntos drs. Bernardino de Sousa e Alves Cortez, ocupando a bancada da acusação publica o dr. Costa Saraiva, juiz adjunto do procurador da Republica.

Reaberta a audiência, o presidente do tribunal procedeu á leitura da decisão e seus fundamentos, nela se considerando provados todos os actos delituosos atribuídos aos réus com excepção do seguinte: que o réu António Manuel Garcia Neto tenha contactado com o réu Fernando Sabrosa para efeito de recolha de medicamentos; que o António José Ferreira Neto fosse elemento do M. P. L. A. desde 1964, pois só tem essa quali-

dade desde o ano de 1968; que o referido Fernando Sabrosa tenha contactado em Coimbra com o António Garcia Neto para efeito de recolha de medicamentos com destino ao M. P. L. A.; e finalmente de que tenha sido devida por serviços até então prestados áquela organização, a eleição do réu Joaquim da Rocha Pinto de Andrade para presidente honorário do M. P. L. A. em 1962. O tribunal considerou ainda provada a perigosidade dos réus Alvaro Santos, Garcia Neto, Rui Martins Ramos, António José Ferreira Neto e Joaquim Pinto de Andrade.

Graduada a responsabilidade de cada um dos inculpações, com as respectivas agravantes e atenuantes, foram condenados: Alvaro José de Melo Sequeira Santos, casado, de 33 anos, empregado bancário, natural de Nossa Senhora do Pópulo (Benguela), em quatro anos de prisão maior e dois anos de multa a 20\$00 diários; Raul Jorge Lopes Feio, solteiro, de 24 anos, quintanista da Faculdade de Medicina de Lisboa, natural de Bela Vista, Huambo (Angola), pela cumplicidade, em dezoito meses de prisão e igual tempo de multa a 20\$00 por dia; José Hídio Coelho da Cruz, solteiro, de 27 anos, gerente comercial, de Santa Isabel, Boavista (Cabo Verde), por cumplicidade em dezasseis meses de prisão e igual tempo de multa a 20\$00 por dia; Diana Marina Dias Andringa, casada, de 22 anos, redactora publicitária do Dundo (Angola), por cumplicidade, em vinte meses de prisão e igual tempo de multa a 20\$00 por dia; António Manuel Garcia Neto, solteiro, de 25 anos, aluno do 3.º ano da Faculdade de Direito de Coimbra, de S. Paulo, Luanda, em quatro anos de prisão maior e dois anos de multa a 20\$00 por dia; Rui Filipe de Matos Figueira Martins Ramos, solteiro, de 24 anos, aluno do 3.º ano da Faculdade de Direito de Lisboa, natural do Carmo, Luanda, em três anos e meio de prisão maior e dois anos de multa a 20\$00 por dia; António José Ferreira Neto, solteiro, de 28 anos,

médico de 2.ª classe, interno dos Serviços de Saúde e Assistência de Angola, natural de Nossa Senhora da Conceição, Luanda, em dois anos e meio de prisão maior e dois anos de multa a 20\$00 por dia; Fernando Emílio de Campos Pereira Sabrosa, solteiro, de 28 anos, aluno da Faculdade de Medicina de Coimbra, natural de Nossa Senhora da Assunção, Malanje, Angola, em dezoito meses de prisão correccional, e finalmente Joaquim da Rocha Pinto de Andrade, de 43 anos, sacerdote, aluno do 2.º ano da Faculdade de Direito de Lisboa, natural da freguesia de Santo Hilário, Cazembo, Angola, em

três anos de prisão maior e dois anos de multa a 20\$00 por 5 anos.

Aos condenados em pena maior foi também aplicada a suspensão de direitos políticos por 15 anos e a medida de segurança de internamento, prorrogável, de seis meses a três anos. Os condenados em pena correccional sofreram a suspensão de direitos políticos por anos 5.

A ré Maria Pinto Coelho, solteira, de 25 anos, empregada de escritório e aluna do 2.º ano do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, natural de Lisboa, foi absolvida e mandada restituir á liberdade.

Em três linhas

O sr. eng. agrónomo Jose de Oliveira Pires Correia Coutieiras foi contratado como equiparado a professor extraordinário, com diuturnidade além do quadro, do grupo de Botânica da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

O dr. Avelino Fortes Espinheira foi nomeado director clínico do Hospital de Santa Marta.

Vai prestar provas para professor agregado de Escultura da Escola Superior de Belas-Artes do Porto o escultor João Rafael de Bastos Barata Feio.

No Centro de Instrução e Condução Auto n.º 4, em Coimbra celebra-se no dia 2 de Abril, a cerimónia de juramento de Bandeira pelos soldados-recrutados do 1.º subturno do 1.º turno da escola de recrutados de 1971.

Está constituído o juri do concurso de admissão de chefes de secção para o quadro do

Comissariado do Desemprego, ao qual preside o comissário, sr. coronel Carlos Maria do Carmo.

O sr. dr. Ramiro Xavier da Ponte Fernandes Salgado foi nomeado vogal efectivo do Conselho Superior dos Transportes Terrestres, em representação da Corporação da Lavoura.

Na ilha de Santiago, província de Cabo Verde, foi criado o concelho de Santa Cruz, constituído pelas freguesias de Santiago Maior, S. Salvador do Mundo e S. Lourenço dos Órgãos, do actual concelho da Praia.

Foi reestruturada a organica da Junta Autónoma dos Portos de Cabo Verde.

O dr. Joaquim de Montezuma Dinis de Carvalho, conservador dos registos do Ultramar, foi promovido á 1.ª classe e colocado na Conservatória do Registo Commercial de Lourenço Marques.

Círculo de Cultura Musical

Na sede do Círculo de Cultura Musical reuniu-se, sob a presidência do prof. Juvenal Esteves, a assembleia geral da associação, que discutiu e votou o relatório da direcção, as contas e o parecer do conselho fiscal, referentes ao exercício de 1970, documentos que foram aprovados por unanimidade.

Procedeu-se, depois, á eleição dos membros da direc-

ção e do conselho fiscal, bem como de dois membros da mesa de assembleia geral. Para os referidos cargos foram reeleitos os seguintes sócios: direcção — srs. ten. cor. Alvaro Salvação Barreto, D. Lopo de Bragança, Pedro do Prado, dr. Fernando Pedrosso Rodrigues, dr. Hídio José de Paiva e eng.º António Martins Alves; conselho fiscal — srs. prof. Augusto Salazar Leite, dr. António

Jorge da Motta Velga e dr. Fernando de Mello Moser; assembleia geral (secretários) — srs. Ruy Guedes e eng.º Duarte Lino Pimentel.

Por proposta do presidente do Círculo de Cultura Musical, dr. Manuel Machado Macedo, a reeleição dos referidos sócios foi votada por aclamação.

No final da sessão, o prof. Juvenal Esteves fez votos para que, dirigido com a competência e a dedicação com que o tem sido ao longo de tantos anos, o Círculo de Cultura Musical possa continuar a exercer as suas funções que não só visam a elevação das manifestações musicais como desempenham importante papel na sociedade portuguesa.

CERTIFICADOS DE AFORRO

Na sala das sessões da Junta do Crédito Publico, realizou-se ontem o 36.º sorteio trimestral de certificados de aforro. O acto presidiu pelo sr. dr. João Maria Coelho, vice-presidente daquela Junta, fez-se com o seguinte plano: 1 prémio de 100 000\$00, 2 de

30 000\$00 cada, 3 prémios de 20 000\$00 cada, 10 prémios de 5000\$00 cada e 60 prémios de 1000\$00.

O 1.º prémio coube ao n.º 311798, os 2 segundos aos n.ºs 279966 e 328350 e os 3 terceiros prémios aos n.ºs 264546, 290752 e 315572.

o fado e o folclore — restaurantes típicos

VIELA

cantam: Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz Ferreira, Tucha Mascarenhas e Elisete Cascais * Tocam: António Bessa e Fernando Reis Consumo mínimo 60\$00 * Rua das Taipas, 14 * Tel. 32 72 56.

BALEEIRA

Elenco seleccionado — almoços a 25\$00 * À noite, consumo mínimo 40\$00 — Av. Marginal, 21-22 (Dafundo) — Telef. 21 32 59 * Encerra às quartas-feiras.

MIL E UM

cantam: Henrique Manuel, Fátima do Rosário, Zita Maria, Fernanda Machado, Maria Eva, Fernanda Silva Adriana Franco, José de Barros, Artur dos Santos e Moisés Campelos Tocam: Alfredo Alves e Joaquim Pinto — Consumo mínimo 40\$00 * Trav. da Espera, 8 — telef. 35 4 64 * Encerra às 5 da madrugada.

TAVERNA DO EMBUÇADO

elenco: João Ferreira Rosa, Vicente da Camara, João Braga,

Ana Rosmaninho e António de Mello-Corrêa Tocam: Fontes Rocha, José Luís Nobre Costa e Pedro Leal * Encerra aos domingos * Consumo mínimo: 90\$00 * Beco dos Corruítes, 10 * Telef. 86 0818

LAR PORTUGUÊS

cantam: José Borges, Natália dos Anjos, Rossana Lima, Amanda Miranda Tocam: Acácio Gomes e Amadeu Ramim Folclore pelo Conjunto Típico do «Lar Português» * Cons. min. 50\$00. R. da

Barroca, 133 * Tel.: 36 97 60 e 30532 * Encerra às 3.ª feiras

LUSO

elenco: Maria da Fé, Fernando Maurício, Glória Maria, Augusto Ermida, Odete Mendes, Plínio Sérgio (em todos de Coimbra) e Manuel Mestre, Domingos Camarinha (guitarra) e Jorge Borradas (violão) Conjunto privativo de Danças Regionais dirigido por António Cunha * Travessa do Queimado, 10-16 * Tel.: 362889-328503.

ADEGA MACHADO

cantam: Esmeralda Amado, Ivete Pessoa, Nazaré Santos, Tina Ferreira Fados de Coimbra por João Queiroz Trio Aroulos Fandango pelo Grupo de Vila Franca de Xira * Cons. mín. 70\$00 * Rua do Norte, 91 * Tel.: 30095-328713 * Encerra á segunda-feira

TIMPANAS

cantam: Triló Odemira, João Fernando, Emílio Reis, Luís Braga e Benvidos Cruz Tocam: Pedro Caldeira Cabral e Fernando Avim

Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira Canções do Minho por Quim Barreiros * Cons. mín. 61\$50 (taxas incl.) * Rua Gilberto Rolá, 24 * Telefones: 67 66 55 e 67 24 31.

ADEGA MESQUITA

cantam: Fernando Pinto, Maria Amélia Preença, Francisco Martinho e Alcinda de Carvalho Tocam: Jaime Santos e António Preença Danças regionais por conjunto privativo * Rua «Diário de Notícias», 107 * Telef.: 32 83 07 * Encerra aos domingos.

restaurantes, bares, «boites» e «dancings»

ADAGGIO

A presença de António Macedo, Pop-Soul e underground * sempre os últimos êxitos em discos recebidos directamente de Inglaterra, Estados Unidos e Brasil * Aberto todos os dias das 16 às 20 e das 22 às 3.30 h. * Rua Carlos dos Reis, 51-A * Telef. 775695.

CLUBE ANDALUZ

Boite com atracções espanholas * Música constante * Calçada Marquês de Abrantes, 64-66 * Telefone 667264

SANZALA

Um pouco de África em Lisboa

Musica Constante * Av. Mare * Telef. 367136 * Encerra às 3 horas

MAXIME

Conjunto 6 * Reacção * Música Rock * «Show» turístico * Redacção Internacional * Praia de Alentejo, 12 * Telef. 58983

a fuma
música gravada
ceias até 11h30
aberto aos domingos
terreiros lapa, 38c
(a duque de loure)

TAMILA

aberto e s/ conjunto * Avenida Duque de Loulé, 69—Tel. 534117 * Matinees todos os dias * Encerra aos domingos

CASINO DO ESTORIL

jogo autorizado * variedades internacionais * Tel.: 264521-264526-264596-264621-264946

HIPOPPOTAMO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 3-A * Telef. 48384 * Conj. Helder Reis * Encerrada aos domingos

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBADADOR)

Conjunto Manuel Viegas * Av. do Duque de Loulé, 73 * Telef. 530171.

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

O SORTEIO DOS PRÉMIOS ESTÁ MARCADO PARA AMANHÃ

Está marcado para amanhã o sorteio dos fabulosos prémios da iniciativa que abre o ciclo comemorativo do cinquentenário do nos-

O fabuloso primeiro prémio

Quem será o milionário? Quem será o feliz leitor que vai conquistar o maior prémio até hoje instituído na história da Imprensa portuguesa: o andar no Parque Residencial e Turístico de Miraflores (com mobiliário Gibo) e um luxuoso automóvel «Mercedes-Benz-220», com valor total superior a mil contos? O sorteio realiza-se amanhã às 18 horas, nos serviços administrativos do nosso Jornal e designará os contemplados.

so Jornal. Recordamos (quem o terá esquecido?) que o primeiro prémio é o maior até agora instituído na história da Imprensa portuguesa: um andar no Parque Residencial e Turístico de Miraflores (com mobiliário Gibo) e um luxuoso automóvel «Mercedes-Benz-220», com valor total superior a mil contos. Um leitor do «Diário de Lisboa» será, pois, milionário a partir de amanhã. Em breve conheceremos a sua identidade. A sorte designará o feliz contemplado com o mais fabuloso dos prémios instituídos por iniciativas promovidas na Imprensa portuguesa. O sorteio realizar-se-á, amanhã, às 18 horas. Recordamos que a verificação das colecções de «cabeçalhos», em obediência ao regulamento, será efectuada no domingo, entre as 19 e as 21 horas, como, aliás, repetidas vezes informámos. Insistimos: as colecções de «cabeçalhos» referem-se aos jornais publicados no período compreendido entre 2 de Janeiro e 31 de Março, com uma margem de faltas de cinco exemplares por mês. A não observância do que está determinado fará desclassificar o leitor e oferecer oportunidade aos suplentes também designados em sorteio, com a presença dos representantes do Governo Civil de Lisboa.

Vinte dos nossos leitores — os que a sorte designar — vão ser contemplados com pré-

mios magníficos. Um deles terá, também, direito ao título de milionário. A iniciativa en-

cerca, assim, uma das suas fases. Mas já outra se avizinha, plena de interesse e com pré-

mios tentadores. Evidentemente: vale a pena ser leitor do «Diário de Lisboa».



CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

CONDIÇÕES ESPECIAIS DE JURO

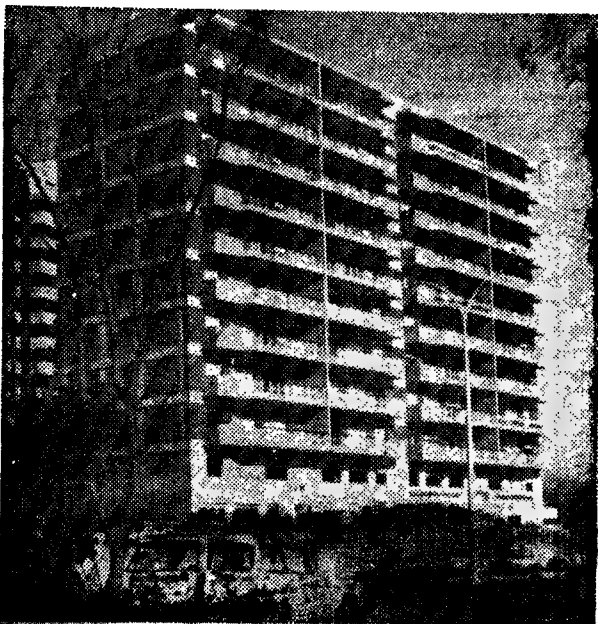
DEPÓSITOS À ORDEM ATÉ 50 CONTOS

3%

DEPÓSITOS A MAIS DE 1 ANO

5,75 %

TODAS AS OPERAÇÕES DE BANCO



O edifício onde se localiza o andar, no Parque Residencial e Turístico de Miraflores

ASSEMBLEIA GERAL DO R. C. P.

SOMOS APOLOGISTAS
DA CONCORRÊNCIA

- AFIRMOU JÚLIO BOTELHO MONIZ

«Somos apologistas da concorrência. Chega-nos o que temos, mas falta-nos muito para produzir um serviço perfeito em cobertura de onda média e se nos for concedido, depois de definida, em matéria de retransmissores, a política do Governo temos muito com que nos entreter» — afirmou o presidente da direcção do Rádio Clube Português, sr. Júlio Botelho Moniz, na assembleia geral ordinária da sociedade, convocada para apreciação do relatório e contas do exercício de 1970.

Falando antes da ordem do dia, o sr. Júlio Botelho Moniz referiu-se ao facto de se dizer «*com certa gravidade por não corresponder á verdade*» — acentuou — que o R. C. P. tem a «*intenção de absorver ou tentar comprar todas as estações de rádio particulares*».

Acrescentou:

«Isto veio a propósito da transacção que iniciámos com Emissores do Norte Reunidos (Porto), transacção essa que se malogrou vindo a ser efectuada pela E. N., que adquiriu aquela estação emissora, cobrindo possivelmente a nossa oferta de 32500 contos. Ora, como gosto das coisas no seu devido lugar e da verdade acima de tudo, vou expor o que se passou: «Nunca foi intenção da direcção do R. C. P. comprar fosse o que fosse para se assenhorear de posições que outros particulares possuem no meio radiofónico».

«Eu explico: quando da inauguração das novas instalações do R. C. P. no Porto, encontravam-se, entre os vários convidados, alguns sócios dos E. N. R. e um conhecido banqueiro do Porto, a quem interessou, em princípio, efectuar a transacção. Porém, como (as palavras são dele) não estivesse dentro do assunto, só estaria interessado se se associasse a alguém que soubesse do *métier*, passe a expressão. Por aqui ficou a conversa, e até por graça, nessa ocasião, chegou a oferecer determinada importância».

«Passou o tempo, e recebemos a visita de um enviado daqueles emissores, para que fizéssemos uma oferta concreta, pois estavam na disposição de vender».

«Daqui se depreende que nunca andámos atrás de ninguém para comprar. A transacção efectuada com Rádio Alto Douro foi feita por indicação do mesmo senhor, em virtude de um dos proprietários ser dele conhecido».

«Anteriormente, a compra de Rádio Ribatejo, para a Sociedade Portuguesa de Radiodifusão, I. da de que nascemos a fazer parte, processou-se de forma idêntica».

«Assim, foi um dos sócios da sociedade actual, o sr. Tomé de Barros Queirós, que tinha opção sobre a compra, que nos veio propor sociedade».

«Como oficiais do mesmo officio, não podíamos dizer que não, tanto mais que estavam nas melhores relações com qualquer dos sócios».

«Desta forma se pode con-

cluir que não somos nós que andamos á procura de comprar, mas, pelo contrário, vêm-nos oferecer».

Noutro passo da sua intervenção, e depois de fazer a apologia da concorrência, o sr. Júlio Botelho Moniz afirmou:

«Evidentemente que uma pergunta se põe: então se não está publicamente definida a política a seguir em matéria de rádio, qual a razão que levou a E. N. a comprar os E. N. R. por tão elevada verba?»

«Depois desta compra, ficou no meu espirito, que tal política estará, pelo menos, em princípio, definida, e que este foi um passo que os órgãos de Informação particular devem olhar com apreensão. Por outro lado, aproxima-se o termo da concessão da R. T. P.»

«Não me digam, como já ouvi dizer, que se pensa numa empresa pública ou coisa parecida, para concentrar toda a informação. Evidentemente que tais boatos só me podem fazer sorrir, porque não acredito que alguém já sem ambições políticas, por as ter realizado, possa perfilar uma ideia que se traduz num retrocesso, quando afinal o próprio Governo apoia a promulgação da Lei de Imprensa. Ora, tal ideia virá, certamente, de pessoas que, como disse, não têm responsabilidades governativas, pois que o Governo não tem razões de queixa ou desconfiança dos órgãos de Informação. Concretamente, em relação ao R. C. P., pela boca dos governantes do País, tem-se ouvido repetidamente os maiores louvores á nossa acção, acção esta do conhecimento de VV. Ex.», e que se pode traduzir em poucas palavras: defesa acérrima dos verdadeiros interesses nacionais e repúdio absoluto de tudo aquilo que contrarie os altos princípios morais e cívicos da nação portuguesa ou as boas relações entre os portugueses».

Alunos do I. S. L. A.
visitaram
a Vitamealo
Portuguesa

Na continuação de um programa de visitas a empresas, das mais representativas nos diversos sectores de actividade, com o principal objectivo de ilustrar com exemplos práticos os conhecimentos teóricos adquiridos nas aulas, os alunos dos 2.º e 3.º anos da Escola Superior de Organização Científica do Trabalho, do Instituto Superior de Línguas e Administração (I. S. L. A.), visitaram no dia 26 de Março a Vitamealo Portuguesa, S. A. R. L., uma das maiores fábricas portuguesas de alimentos vitaminados para animais e uma das mais avançadas da Península no capítulo dos métodos de produção.

Os alunos, acompanhados por dois professores, foram guiados, durante a visita, pelo chefe de serviços de produção da fábrica.

TEMPO DE CHUVA
(MAS NÃO MUITA)
ATÉ MEIO DO MÊS

Segundo o Serviço Meteorológico Nacional, é a seguinte a antevisão das condições meteorológicas médias no Continente até ao dia 15: até 8, céu pouco nublado podendo apresentar períodos de maior nebulosidade nos dois primeiros dias nos quais há possibilidade de ocorrência de aguaceiros fracos, principalmente nas regiões montanhosas; vento fraco ou moderado predominando de nordeste; de 9 a 15, céu muito nublado alternando com aberturas; vento geralmente moderado do quadrante oeste; períodos de chuva ou aguaceiros, mais frequentes nas regiões do Norte e Centro; em todo o período, temperatura média do ar próxima dos valores normais da época.

Importação de manteiga
para suprir a sua falta

Começaram a ser distribuídas, na passada segunda-feira, segundo informação do presidente da Junta Nacional dos Produtos Pecuários, as primeiras 7 ton de manteiga empacotada, das 250 importadas dos países do Mercado Comum e que tinham sido distribuídas por unidades industriais portuguesas a fim de se proceder ao seu empacotamento.

Anteontem, conforme a mesma Junta, chegaram mais 7 toneladas, que satisfarão as necessidades imediatas do mercado, onde se registava, há algumas semanas, falta desse produto.

Nos próximos dias entrarão em Portugal, da mesma forma provenientes dos países do Mercado Comum, mais 800 toneladas de manteiga. Espera-se, deste modo, suprir uma carência de produção, aliás prevista a longo prazo.

Segundo o dr. Pereira Lucas, presidente da Junta Nacional dos Produtos Pecuários, o fornecimento da manteiga entrará em breve na normalidade e não se prevê aumento de preço, dado que as compras efectuadas foram feitas a preços compatíveis com as tabelas praticadas no mercado nacional.



Que há de comum
entre um avião
e um carrinho de bebé?



a **IMPÉRIO** sabe
que acima de tudo os seus clientes exigem segurança

Para transportar mais depressa, os homens criaram a força poderosa dos reactores. Contudo, uma força simples faz mover um carrinho de bebé: o amor da mãe. O amor da família que quer criar um filho em segurança. E em segurança cria para ele um futuro. Também numa grande companhia aérea se exige segurança. As pessoas e os bens transportados. Os homens que nela vivem e lhe dão vida, porque querem trabalhar em segurança. A Império sabe que, acima de tudo, os seus clientes exigem segurança. No mundo do lar. Da profissão. Dos bens. Dos negócios.

A Império tem para todos a medida exacta duma vida mais segura. Criou modalidades racionais de seguros que respondem abertamente às necessidades dos homens. As necessidades das empresas. No mundo de hoje. E frente ao futuro.

• Ainda acerca de aviões - a Império é no nosso país a maior seguradora do ramo aéreo. Cada Boeing em voo, representa um capital em risco, semelhante ao valor da ponte sobre o Tejo.

Contacte um homem da Império. É um amigo.

AO SEU SERVIÇO
IMPÉRIO
a sua seguradora

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto
O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhos, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua da Costa Cabral, Conselheiro, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.



BAYER PORTUGAL s.a.r.l.

1970 RELATÓRIO E CONTAS

RELATÓRIO DA ADMINISTRAÇÃO

SENHORES ACCIONISTAS:

Em cumprimento das disposições legais e estatutárias temos a honra de submeter à vossa apreciação o Relatório da Administração, o Balanço e Contas, relativos ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1970.

O Balanço e respectiva Conta de Ganhos e Perdas relativos ao exercício do ano transacto, foram elaborados de modo a que satisficam não só as exigências legais mas também a que, dada a sua clareza, proporcionem os srs. Accionistas uma visão directa e nítida da situação da nossa Sociedade. É nossa intenção, de futuro, manter a actual apresentação do Balanço e Contas permitindo, deste modo, aos srs. Accionistas possibilidades de comparação em pormenor dos diversos exercícios.

Além desta evidente vantagem para os srs. Accionistas esperamos, nas futuras Assembleias Gerais poderemo-nos dedicar mais profundamente a assuntos de importância para a nossa Sociedade.

Em relação ao Balanço e Contas do exercício de 1970 esclarecamos o seguinte: O Activo Imobilizado aumentou na totalidade Esc. 4,72 milhões que recaíram entre outras, principalmente, nas rubricas «Máquinas e Instalações Fabris» 1,15 milhões, «Veículos» 1,77 milhões, «Móveis e Utensílios» (com a inclusão do equipamento de Laboratório) 1,49 milhões. As amortizações totalizaram 2,95 milhões e mantiveram-se dentro dos quadros habituais. Felizmente não tivemos necessidade de amortizações especiais.

O Activo Realizável aumentou igualmente, principalmente devido às existências consideravelmente mais volumosas de mercadoria o que é uma consequência da maior quantidade de vendas com que se conta.

Temos a satisfação de salientar que as dívidas activas de clientes em relação ao exercício transacto diminuíram cerca de 14%.

No Passivo Exigível acentuou-se o aumento das obrigações em relação aos fornecedores o que está directamente ligado com as existências mais elevadas em armazém.

No que respeita a Provisões pôde efectuar-se uma ligeira redução em Créditos Duvidosos e uma redução considerável em Contribuições e Impostos a pagar. Devemos mencionar que as provisões para Contribuições e Impostos no fim do exercício anterior foram excepcionalmente elevadas, pois que por motivos de ordem interna da Direcção-Geral das Contribuições e Impostos, impostos a pagar em 1969 só foram colectados em 1970. Entretanto a situação dos pagamentos dos impostos já se normalizou. As provisões sobre existências de mercadorias processaram-se dentro dos quadros normais. Todavia são 48,8% superiores às do ano transacto, como consequência principal do maior volume de existências de mercadoria.

O Capital com inclusão das Reservas aumentou 45,9% em relação ao exercício transacto, de acordo com as decisões tomadas na Assembleia Geral Ordinária de 18-3-1970.

Como Resultado do Exercício de 1970 obteve-se um lucro líquido de Esc. 1.688.024\$90 que adicionado ao saldo transportado do exercício de 1969 no valor de Esc. 216.141\$02 totaliza um lucro de Esc. 1.904.165\$92.

Em relação ao exercício de 1969 as vendas de armazém tiveram um aumento insignificante o que se pode atribuir à perda da representação da Cassella Farbwerte Mainkur AG no 1.º trimestre do exercício. Devido à aquisição da maioria das acções dessa firma feita por uma empresa concorrente tivemos de renunciar à sua representação. Tomámos entretanto as medidas necessárias que, segundo as nossas previsões, nos permitirão compensar bem esta perda de vendas.

O resultado relativamente desfavorável em relação ao exercício de 1969, baseia-se no facto de que durante o ano tivemos de lutar com forte concorrência em quase todos

os produtos e o aumento considerável das despesas não pôde ser compensado mediante a subida dos preços de venda. No capítulo das despesas tiveram grande influência:

- os encargos mais elevados motivados especialmente pela revalorização do marco em Setembro de 1969.
- as despesas com o pessoal, incluindo os encargos sociais obrigatórios e facultativos, consideravelmente elevados, que só em parte se podem atribuir à entrada de mais pessoal durante o ano.
- o encarecimento do financiamento que se verificou durante o exercício.
- o aumento igualmente verificado dos «encargos comerciais».

Os crescentes encargos de publicidade puderam em parte ser diminuídos graças ao apoio amigo das nossas representadas. O reembolso destas despesas de publicidade teve a sua repercussão nos lucros extraordinários.

Queremos ainda referir que a liquidez da sociedade esteve assegurada durante todo o exercício. Não foi necessário sequer proceder a novos créditos, mesmo que temporariamente. Os compromissos assumidos foram pontualmente satisfeitos. A reduzida liquidez no fim do exercício resulta do pagamento adiantado de facturas de fornecedores que nos proporcionaram vantagens especiais de preços; mas também é uma consequência das nossas exportações sempre mais volumosas para as províncias ultramarinas, especialmente para Moçambique, e da recusa por parte da banca comercial de um financiamento intermédio devido à situação que todos conhecemos. Esperamos que em breve se normalizem as transferências dos pagamentos entre as províncias ultramarinas e a metrópole e que se eliminem deste modo os actuais momentos de insegurança que vão desde o planeamento da produção até ao cálculo dos preços de venda, no interesse da nossa Sociedade e também no da economia nacional.

Para o lucro de 31-12-1970 propomos a seguinte distribuição:

Para dividendo a 27.000 acções, a 50\$00 por acção,	
cativo de imposto	1.350.000\$00
Para Fundo de Reserva Legal	84.401\$25
Saldo para Conta Nova	469.764\$67
	<u>1.904.165\$92</u>

Ao nosso Conselho Fiscal cumpre-nos apresentar os nossos agradecimentos pela colaboração que sempre nos dispensou no decorrer do exercício e daí os nossos cumprimentos de muito apreço e gratidão.

Queremos também agradecer a todos os nossos colaboradores a sua dedicação revelada perante os serviços que nos prestaram.

A todos os nossos melhores agradecimentos.

Lisboa, 17 de Fevereiro de 1971

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Miguel de Mendonça Monteiro
Johannes Minnemann
Gerd Willy Schnellen

BALANÇO GERAL EM 31 DE DEZEMBRO DE 1970

ACTIVO			PASSIVO		
Disponível			Exigível		
Caixa	58.027\$30		Fornecedores	100.401.130\$18	
Bancos	310.931\$38	368.958\$68	Letras a Pagar	78.500.000\$00	
			Bancos	6.000.000\$00	
Realizável			Diversos Credores	2.862.047\$20	187.263.177\$38
Mercadorias em Armazém	100.282.762\$20		Não Exigível		
Mercadorias em Trânsito	21.436.215\$30		Provisões		12.926.513\$37
Material de Embalagem	1.210.084\$30		Contas de Regularização		
Clientes	73.957.225\$30		Despesas a Pagar		5.142.600\$00
Letras a Receber	1.345.406\$40		TOTAL DO PASSIVO		205.332.290\$75
Diversos Devedores	3.485.995\$20	201.717.688\$70			
Imobilizado			SITUAÇÃO LÍQUIDA		
Terrenos		2.469.791\$00	Capital e Reservas		
Edifícios	6.970.878\$50		Capital	13.500.000\$00	
Amortizações	- 840.284\$38	6.130.594\$12	Fundo de Reserva Legal	853.577\$05	
			Fundo de Reserva Extraordinária	4.250.000\$00	18.603.577\$05
Edificações Ligeiras	140.904\$30		Resultados		
Amortizações	- 46.652\$15	94.252\$15	Ganhos e Perdas		
Máquinas e Instalações Fabris	5.751.286\$40		Saldo do Exercício Anterior	216.141\$02	
Amortizações	- 2.430.827\$34	3.320.459\$06	Resultado do Exercício	1.688.024\$90	1.904.165\$92
Máquinas Agrícolas	1.635.376\$10				
Amortizações	- 1.598.979\$00	36.397\$10			
Veículos	5.409.370\$60				
Amortizações	- 2.434.472\$06	2.974.898\$54			
Móveis e Utensílios	8.716.815\$60				
Amortizações	- 2.960.004\$33	3.756.811\$27			
Participações Financeiras		1.331.845\$00			20.115.049\$44
Contas de Regularização					
Comissões a Receber	2.337.044\$60				
Despesas Antecipadas	1.301.292\$30	3.638.336\$90			
TOTAL DO ACTIVO		225.840.033\$72	TOTAL DO PASSIVO E DA SITUAÇÃO LÍQUIDA		225.840.033\$72
Contas de Ordem			Contas de Ordem		
Diversos		67.079.394\$77	Diversos		67.079.394\$77
TOTAL GERAL		292.919.428\$49	TOTAL GERAL		292.919.428\$49

(Continua na página seguinte)

Problemas actuais da igreja

PORTO, 2 — O Centro de Cultura Católica organiza, este mês e no mês de Maio, três cursos intensivos, que se incluem no seu programa.

Este mês, nos dias 23, à noite; 24 à tarde e 25, de manhã, o sr. prof. dr. Roger Aubert, da Universidade de Lovaina e um dos directores da «Revue D'Histoire Ecclesiastique» e da «Revue Concilium», que vem a Portugal, a convite do C. C. C., falará sobre: «A Igreja Perante o Liberalismo e o Mundo Moderno».

Em Maio nos dias 14,

à noite; 15, à tarde e 16, de manhã, a sr.ª prof.ª dr.ª D. Maria de Lurdes Belchior Pontes, da Universidade de Lisboa e vice-presidente do Instituto de Alta Cultura, falará sobre: «Problemática da Cultura na Primeira Metade do Século XX (1890-1960)». Nos dias 28, à noite; 29, à tarde e 30, de manhã, em Maio, o sr. prof. dr. José Sebastião da Silva Dias, da Universidade de Coimbra desenvolverá o tema: «O Catolicismo Português: Estruturas Históricas e Contradições Polémicas».

UMA COMISSÃO ESTUDA O PROBLEMA DO LEITE — SEGUNDO UM DIRECTOR DA U.C.A.L.

Uma comissão do Ministério da Economia está presentemente a estudar o problema do leite, concretamente a questão dos preços.

O dr. Lúcio Nunes, na entrevista concedida ao «B.C.», diz que «só a estruturação

da lavoura numa base cooperativa poderá proporcionar preços justos para produtores e consumidores». E acentua que a «única hipótese de transformação consiste na generalização de estábulos industriais e na utilização de gado escolhido para a produ-

ção. Interrogado sobre qual a reacção da U.C.A.L. perante as queixas amiúde aparecidas nos jornais por motivo de serem encontrados objectos estranhos nas suas embalagens, o dr. Lúcio Nunes respondeu:

— É difícil de explicar.

Técnicamente, certos factos são mesmo impossíveis de acontecer. Com toda a probabilidade tais objectos teriam caído para dentro da garrafa — ou para lá lançados... — depois de a estar aberta. Recordo o caso da moeda. Ou aconteceu o que acabei de dizer ou a moeda se colou ao fundo, pelos resíduos do leite, aquando da entrega e tenha resistido a todas as operações de lavagem. Mas mesmo que tal acontecesse é difícil que tivesse passado nas restantes operações de «controlo», quer da U.C.A.L. quer da Câmara Municipal (na Central Pasteurizadora de Leite). Saliento mesmo que todas as garrafas são lavadas por detergente, vapor e esterilizadas. São ainda, depois, verificadas por pessoal especializado que, com instrumentos próprios, detecta toda e qualquer sujidade que ainda consegue passar. O público nada tem a recear sobre os cuidados higiénicos que são postos sobre os produtos que a U.C.A.L. lhe apresenta para consumo.

SALÃO DE ARTE FOTOGRÁFICA DE «A VOZ DO OPERÁRIO»

A Voz do Operário vai realizar, na sua sede, o II Salão Nacional de Arte Fotográfica da V. O., cujo ultimo dia da recepção dos trabalhos se verifica a 3 de Maio.

O regulamento deste salão é o seguinte:

1.º — O salão é aberto a todos os artistas fotográficos nacionais.

2.º — São admitidos três grupos de fotografias: provas a preto e branco: a) Tema livre; b) A criança e a escola; c) Tema «A Primavera».

3.º — Cada concorrente pode apresentar o máximo de 5 trabalhos em cada um dos temas, nas dimensões 30x40 cm, não montados e não apresentados no salão anterior.

4.º — No verso de cada prova deverá o concorrente indicar o número e título da mesma, assim como o seu pseudónimo.

5.º — A taxa de inscrição é de 30\$00 para cada concorrente, sendo de 15\$00 para os nossos sócios.

6.º — O júri é constituído por

acreditados técnicos da es-

7.º — As provas deverão ser enviadas pelo Correio a S. I. B. A Voz do Operário — Comissão de Propaganda, Rua da Voz do Operário, 13 — Lisboa 2, acompanhadas de um envelope lacrado com o pseudónimo contendo o boletim de inscrição.

8.º — Todos os concorrentes receberão o catálogo ilustrado do Salão e a cada prova admitida será atribuído o selo comemorativo.

9.º — Considera-se que os concorrentes admitidos permitam a reprodução das suas provas.

10.º — Manipulação e reprodução a cargo da S. I. B. A Voz do Operário — Comissão de Propaganda, que tomará o máximo cuidado com os trabalhos enviados, não se responsabilizando, porém, por qualquer dano ou extravio.

11.º — Os casos não previstos pelo presente Regulamento serão resolvidos pela Comissão Organizadora.

12.º — Em cada uma das três secções serão atribuídos prémios aos cinco primeiros classificados.

13.º — Estão à disposição dos concorrentes as instalações e as escolas de A Voz do Operário, para o que deverão solicitar-nos as necessárias credenciais.

§ único — Sempre que possível deverão ser indicados os tipos de máquinas e material utilizados na elaboração dos trabalhos apresentados.



BAYER PORTUGAL s.a.r.l.

1970 RELATÓRIO E CONTAS

(Continuação da pag. anterior)

CONTAS DE GANHOS E PERDAS

DÉBITO		CRÉDITO	
Mercadorias — Custo	1.001.500\$00	Saldo do Exercício Anterior	216.141\$02
Remunerações de Corpos Gerentes	29.431.370\$30	Mercadorias — Venda	255.978.106\$70
Remunerações e Outros Encargos com o Pessoal	5.636.050\$30	Comissões de Intermediário	8.563.484\$48
Encargos de Publicidade	8.663.134\$99	Provisões — Anulação	4.541.319\$60
Outras Despesas Gerais	7.441.499\$10	Lucros Extraordinários	2.512.785\$00
Encargos Fiscais e Parafiscais	2.948.160\$74		
Amortizações	6.198.103\$58		
Encargos Financeiros	13.606.503\$89		
Encargos Comerciais	1.162.121\$94		
Diferenças Cambiais	1.904.165\$92		
Saldo em 31-12-1970	271.811.836\$89		271.811.836\$89

TÉCNICO DE CONTAS
Alberto Ferreira da Silva

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Miguel de Mendonça Monteiro
Johannes Minnemann
Gerd Willy Schnellen

RELATÓRIO E PARECER DO CONSELHO FISCAL

SENHORES ACCIONISTAS:

No cumprimento das disposições legais e estatutárias vamos apresentar a V. Ex.ªs o nosso relatório e exarar parecer sobre o Balanço, a conta de Ganhos e Perdas e o relatório da Administração respeitantes ao exercício de 1970.

Tendo acompanhado atentamente a acção desenvolvida pelo Conselho de Administração, cumpre-nos afirmar que:

- A contabilidade, o Balanço, a conta de Ganhos e Perdas, bem como o relatório do Conselho de Administração, satisfazem as disposições legais e estatutárias;
- Procedemos regularmente às verificações que nos competiam, tendo a Administração apresentado sempre, prontamente e em devida ordem, as provas e todos os elementos exigidos;
- O critério valorimétrico adoptado manteve-se em relação aos anteriores.

cícios e dentro das boas regras da técnica contabilística, ou seja, adoptou-se o preço de custo efectivo.

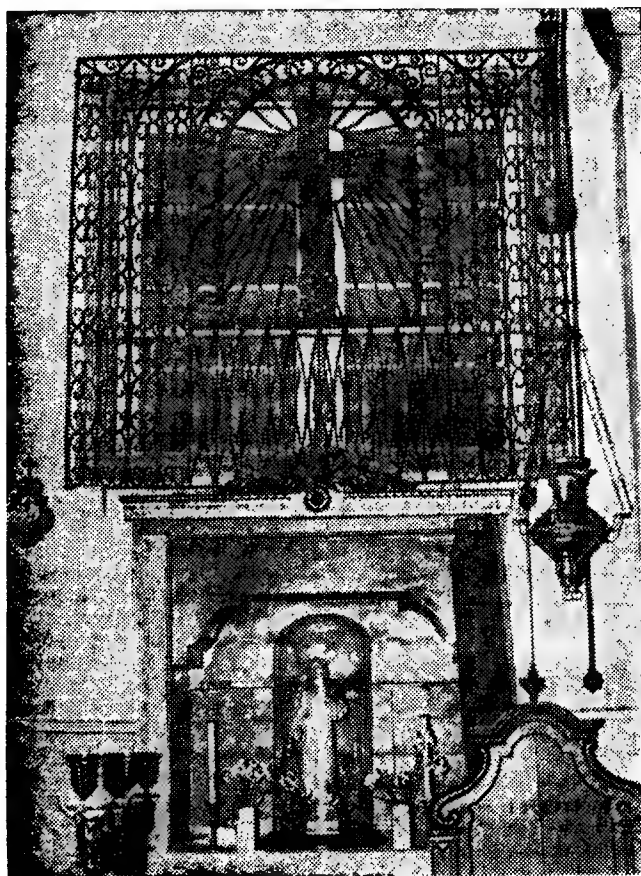
Nestes termos, temos a honra de propor:

- Que sejam aprovados o Relatório, Balanço e Contas relativos ao exercício de 1970 apresentados pelo Conselho de Administração e que ao saldo da conta de Ganhos e Perdas seja dada a aplicação proposta;
- Que ao Conselho de Administração seja dado um voto de louvor pela competência, dedicação e zelo postos ao serviço da Empresa;
- Que a todos os membros e demais Colaboradores da Sociedade deve ser manifestado o apreço e reconhecimento pela sua actuação.

Lisboa, 5 de Março de 1971

O CONSELHO FISCAL

Rogério Manuel de Castro Tavares
José António Guedes Vaz Monteiro
Bruno Hehn



A janela da clausura

CORRE O RISCO DE DEMOLIÇÃO A VELHA ERMIDA DOS MILAGRES ONDE HORA A HORA SE PROCEDE A UM DESAGRAVO DE 4 SÉCULOS

A capela particular existente na Rua da Estrela, pertencente à confraria dos Milagres e onde as monjas Clarissas ainda hoje fazem, hora a hora, um desagravo de sacrilégio cometido na igreja de Santa Engrácia, há mais de quatro séculos, está em risco de ser demolida, segundo nos informaram.

Se tal acontecer, é pena, uma vez que, para além da natural mágoa das piedosas monjas, o tempozinho possui belos azulejos e uma história que a irmã-porteira, da Ordem das Irmãs Clarissas do Desagravo, que habitam na casa ao lado, não nos soube contar. Fornecemos, no entanto, elementos para podermos contar essa curiosa história.

As cidades, é lugar-comum dizer-se, são constituídas por estes edifícios com história,

que lhes imprimem o seu verdadeiro carácter.

Segundo parece, o prédio e a capela foram bastante afectados pelo tremor de terra de 1969, mas não haverá mesmo outra medida que não seja o camuflamento?

Consta no frontão da capela que foi a mesma mandada reformar por Manuel (†) no ano de 1753. Passou a ser conhecida por ermida de Nossa Senhora dos Milagres e, na casa ao lado, muitos anos depois, funcionou um orfanato,

dirigido pela madre Márcia da Purificação Godinho. Chamava-se Orfanato de Nossa Senhora dos Milagres. Há 14 anos acabou e ali se foram instalar as irmãs Clarissas do Desagravo que é ordem exclusiva de Portugal, nascida na Igreja de Santa Engrácia, onde teria sido cometida uma profanação, na noite de 15 para 16 de Janeiro de 1630.

A clausura

O problema das irmãs Clarissas «ordem necessitada», como bem nos diz a irmã-porteira, em relação à capela, é o seguinte: mesmo que apenas fosse demolido o pequeno templo, e não o edifício ao lado, o que não parece provável, as religiosas não podiam permanecer no prédio, privadas do seu local de oração.

Simpática, esta irmã-porteira que nos vai mostrar o quarto onde esteve durante algum tempo uma das «videntes» de Fátima. E levamos a uma sala de andar superior onde a oração teve mais uma «visão». Ficamos de certo modo surpreendidos com a existência de uma janela gradeada, numa das paredes, e também de uma espécie de roda, com compartimentos. A irmã-porteira, humilde, explica:

— Para lá, fica a clausura. Na clausura, as senhoras não podem entrar.

Dantes, prédio e capela estavam ligados por um corredor. A irmã-porteira lamenta que isso já hoje não suceda, que tenham de sair à rua para cumprirem as suas devoções.

É um mundo à parte, aquele que existe no pequeno imóvel da Rua da Estrela. Um mundo insuspeitado para quem passa na rua; um mundo com o seu quê de medievo.

Durante a noite, de hora a hora, as irmãs levantam-se para rezar, tentando o «resgate» de um agravo cometido em 1630. Mesmo para os cépticos, há qualquer coisa respeitável, uma atmosfera de humildade e de ideal.

As irmãs Clarissas do século XX, que recebem legitimamente — segundo cremos — pelo desabamento do seu local de culto, as irmãs Clarissas de clausura, assistem à missa de uma janela que dá para o pequeno templo.

Uma bela janela gradeada. Não podem proceder de outro modo, segundo nos explica a irmã-porteira.

ano de 1753, achou que valia a pena reformar.

O convento do desagravo

Num opúsculo que nos foi dado pela irmã-porteira — «Origem e História do Convento do Desagravo — o conventinho de Lisboa», da autoria do padre José do Nascimento Barreira (franciscano), lê-se, em determinada altura, o seguinte: «Conheci os restos dessa comunidade (Clarissas) que durante séculos, neste mosteiro desagravou, noite e dia, Nosso Senhor, e que foi dispersa pelas leis que extinguiram as ordens religiosas em Portugal, pelos anos de 1834, 1900, 1910 e 1911. Presentemente, ocupam uma casa na Rua da Estrela, 15. A pequena comunidade era constituída então por três religiosas profanas, doentes e idosas, cansadas e pobres. A elas dediquei os meus fracos e poucos préstimos, mas sobretudo a minha boa vontade, a fim de promover a restauração de um pequeno «Desagravo» que assegurasse a continuidade do antigo. É justo reter os nomes das três religiosas: Irmãs Clara da Eucaristia, a superiora, Maria da Santíssima Trindade e Maria do Divino Coração. A primeira, já falecida, consagrou ao «Desagravo» toda a sua vida, tendo-o salvado com a sua alma pertinha, no que foi generosamente amparada pelas outras duas, ainda felizmente vivas. É impossível descrever a história do «Desagravo» do Lourçal, pois foi nesta vila que Deus revelou à Venerável Maria do Lado o sacrilégio perpetrado na igreja de Santa Engrácia de Lisboa, na noite de 15-16 de Janeiro de 1630, bem como a ideia de o desagravar, organizando para esse efeito, e com a ajuda do seu confessor, um Instituto de Desagravo, que ainda hoje perdura» (...). Este opúsculo é dedicado às religiosas Clarissas do Desagravo de Lisboa, minhas irmãs em S. Francisco, cujas vicissitudes e sacrifícios para organizarem a comunidade que hoje formam, na citada Rua da Estrela, em adoração a nosso Senhor Sacramento, quero deixar bem patentes.»

A restauração do desagravo

«Devo salientar as facilidades encontradas junto de Sua Eminência Reverendíssima o Senhor Cardeal-Patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, para a restauração e continuação do dito «Desagravo». O uso mesmo dizer que fazia parte dos planos de Sua Eminência a restauração, na cidade patriarcal, do Mosteiro do Desagravo, de tão gloriosas e piedosas tradições, a fim de que, presentemente, o grito de perdão pelos pecadores continuasse a ouvir-se com o mesmo fervor e devoção.»

Mais adiante, afirma o citado franciscano, «dando crédito ao P. Manuel Monteiro»: «Corria o ano de 1630 e nela a noite de terça para quarta-feira do dia 15 para 16 de

Janeiro. Lisboa foi já de São João de 25 parti consagração mais pedicula e te consagrados obj amanehe cidade di a notícia bo. Das tica res muitas mente de no Largo onde est nome, r nefando

Queim o pr

Foi pr de 1630, Novembr executad a 3 de F sendo os fraria de mento de grãcia, e mãos, a tascem niente l arremata pela-mor culto do -se nesta a Eucua uma cor Majestad gar e a Corte se rendo to brar un Sacramei gravar p Ora, é fere a que a «v nuel Mo ciscano Barreira, opúsculo crédito. ponder mente, e

Jackie Stewart gosta da família o Ford Escort também



A partir de Esc. 60.142\$40*

Jackie Stewart é um campeão. O Ford Escort também. Jackie Stewart gosta da família. O Ford Escort também. Há 2 maneiras de definir o Escort: o carro familiar mais desportivo ou o carro desportivo mais familiar. De uma ou de outra maneira, é o carro mais

económico da sua classe. Económico na compra. Económico na manutenção. Esteja ele cheio de família ou cheio de genica.

Uma, duas portas. Ou uma, duas, três, quatro portas! Ou Station! Nas versões 1100 ou 1300 GT. Ou ainda um dos

modelos super-desportivos: Escort Twin Cam, Escort 1600 RS ou Escort México.

Têm todos a garra Escort. São todos Ford Escort.

Ford à irente



Apoiado pelo Serviço e Peças Ford

*Inclui equipamento extra, e taxa FFE. Não inclui despesas de transporte, transferência, chupas de matrícula e outras afins.

A sua disposição nos Concessionários FORD

O ALMIRANTE SARMENTO RODRIGUES NA ASSEMBLEIA GERAL DA TORRALTA:

CUMPRIMOS O NOSSO DEVER INVESTINDO E VALORIZANDO A TERRA TOMANDO INICIATIVAS E FIXANDO CAPITAIS

As possibilidades que se oferecem aos que não são tíbios, aos que sabem planear e executar com audácia, mas dentro de regras de louável acatamento dos interesses próprios e alheios; finalmente, aos que não se detêm ante dificuldades e as logram vencer e não aceitam definições derrotistas quanto à capacidade de realização dos portugueses — tudo isso está bem patente em dois documentos que adiante se inserem e que foram agora

de Administração, o Balanço e as Contas, e o Relatório e Parecer do Conselho Fiscal. Também por unanimidade foram reeleitos os Membros da Mesa da Assembleia Geral, do Conselho de Administração e do Conselho Fiscal.

A constituição destes corpos gerentes é a seguinte:

Assembleia Geral — Presidente: juiz conselheiro dr. Manuel dos Santos Victor; vogais: coronel João Maria da Silva Delgado e Manuel Branco Paulino; **Conselho de Administração** — Presidente: almirante Manoel Maria Sarmento Rodrigues; vogais: dr. Joaquim José de Paiva Corrêa, eng.º Viriato de Sousa Campos, Agostinho da Silva e José da Silva; **Conselho Fiscal** — Presidente: eng.º Francisco Gonçalves Cavaleiro de Ferreira; vogais: dr. João Lima Amaral Marques e dr. Paulo Jorge Barreto de Carvalho Ventura.

Mereceram, de igual modo, unânime aprovação, os votos de louvor ao Presidente da Mesa da Assembleia Geral, ao Presidente do Conselho de Administração e aos Membros do mesmo Conselho, assim como ao Presidente e Vogais do Conselho Fiscal, pela competência, dedicação e diligência assinaláveis, que puseram no exercício dos seus cargos.

Esta deliberação foi também tomada por aclamação.

Após encerrar os trabalhos da Assembleia, o Presidente da Mesa, Juiz Conselheiro Dr. Manuel dos Santos Victor, em seu nome e em nome da Mesa a que preside, agradeceu a presença dos accionistas e, em síntese da sessão, subli-

«O Relatório do Conselho de Administração, que está sendo submetido à esclarecida atenção e apreciação dos presentes e que esteve em devido tempo patente ao exame de todos os senhores accionistas, é suficientemente ex-

«Valorizar a terra portuguesa; fixar aqui os capitais portugueses; dar trabalho compensador e empregos diversificados, evitando o êxodo, a numerosos braços portugueses; atrair a Portugal visitantes de outros países, oferecendo-lhes férias agradáveis; tornar a terra portuguesa, assim valorizada, propriedade de portugueses».

(Palavras do almirante Sarmento Rodrigues, presidente do Conselho de Administração da Torralta)

hou o engrandecimento, a consolidação e o sentido social de TORRALTA, que bem revelam o acerto e a concepção que determinaram a sua fundação e a válida projecção atingida no sector do turismo e na economia nacional.

Comunicação do almirante Sarmento Rodrigues:
«A empresa colocou-se na vanguarda do Turismo no nosso País»

A comunicação do almirante Sarmento Rodrigues à assembleia foi a seguinte:

«O Relatório do Conselho de Administração, que está sendo submetido à esclarecida atenção e apreciação dos presentes e que esteve em devido tempo patente ao exame de todos os senhores accionistas, é suficientemente ex-

Da mesma maneira, são positivas e claras, e também

(Continua na página seguinte)

A TORRALTA EM TRÓIA:

«No que diz respeito a Tróia, a Torralta irá ali possuir, dentro de pouco tempo, um importante complexo turístico denominado Trolamar — um hotel, hotéis-apartamentos e outras estruturas complementares, tais como: restaurantes, piscinas, campos de jogos e centro comercial — com capacidade para mais de 8000 pessoas.»

apresentados na assembleia geral da Torralta — Clube Internacional de Férias, S. A. R. L.

Trata-se de uma comunicação dirigida aos accionistas daquela importante empresa pelo presidente do seu Conselho de Administração, almirante Sarmento Rodrigues, e do relatório e contas do mesmo Conselho, referido à actividade no ano de 1970. Por eles se avalia o crescente incremento que a Torralta tem tido e neles contém a demonstração evidente do acerto que os fundadores e dirigentes da empresa tiveram, ao traçar uma linha de rumo ainda hoje seguida, sem qualquer desvio: a chamada à participação da Torralta do maior número possível de portugueses, fixando assim em território nacional os seus capitais; o partilhar de confortos e o distribuir de benefícios em larga escala e ao maior número possível de pessoas.

Foram reeleitos os anteriores corpos gerentes da Torralta

No decurso dos trabalhos da Assembleia Geral, a que presidiu o juiz conselheiro dr. Manuel dos Santos Victor, foram aprovadas por unanimidade o Relatório do Conselho

Desperdiçar não é grandeza. Coloque as suas economias em objectos que valham.

GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 2

VISITA DE ESTUDO AO «ESTORIL-SOL»

Um grupo de trinta alunos da Escola de Hotelaria do Porto, que anda em viagem de estudo pela zona sul do País, esteve no Hotel Estoril-Sol, onde os respectivos componentes tomaram contacto directo com as modernas instalações e os eficientes serviços daquele estabelecimento hoteleiro.

Os visitantes eram acompanhados por um dos professores da escola que frequentam e foram recebidos pelo director do Hotel Estoril-Sol.



Um aspecto da visita

sr. José Fernandez. Após a visita, minuciosa e interessante, foram obsequiados com um Porto de Honra.

JOVICA ELECTRODOMÉSTICOS

LISBOA:

Largo D. Estefânia, 12-C — Telefone 534536
Avenida 5 de Outubro, 33-C — Telefone 47769

FILIAIS:

CACÉM — SINTRA — CASCAIS — VENDA NOVA



Uma capela que pode ser demolida

Janeiro. Sucedeu que em Lisboa foi arrombada a Igreja de Santa Engrácia, e dum cofre de tarluga, guarnecido de prata, foram levadas 25 partículas e uma hóstia consagradas, e de outro vaso mais pequeno mais 12 partículas e uma hóstia igualmente consagradas, além de vários objectos de culto. Ao amanhecer do dia 16, foi a cidade de Lisboa abalada com a notícia de tão sacrílego roubo. Das investigações da justiça resultou a prisão de muitas pessoas, sendo finalmente descoberto o autor que no Largo de Santa Engrácia, onde está a igreja do mesmo nome, recebeu o castigo do nefando roubo.

Queimado na fogueira o presumível autor

Foi preso a 17 de Janeiro de 1630, sentenciado a 16 de Novembro do mesmo ano e executado, no mesmo lugar, a 3 de Fevereiro de 1631 (?), sendo os bens aplicados à Confraria do Santíssimo Sacramento da Igreja de Santa Engrácia, para que o juiz e irmãos, a seu arbítrio, os gastassem no que mais conveniente lhes parecesse, para arrematação do sacrário, capela-mor e outras obras de culto do dito Senhor. Ergiu-se nesta mesma Igreja, onde a Eucaristia foi ultrajada, uma confraria em que Sua Majestade tem o primeiro lugar e a melhor Nobreza da Corte se alista nela, concorrendo todos os anos a celebrar um tríduo ao Senhor Sacramento para O desagravar por este desacato.

Ora, é na parte que se refere à autoria do desacato que a «verdade» do padre Manuel Monteiro, a quem o franciscano José do Nascimento Barreira, em 1964 (data do opúsculo) continuava a dar crédito, parece não corresponder àquilo que, efectivamente, se passou. É um son-

timento pouco piedoso do bom franciscano, certamente não proveniente de má-fé, este de ignorar certos aspectos históricos, séculos depois. O «agravo» deu-se, está bem, mas foi sentenciado injustamente um homem — e isso também deve afectar os sentimentos piedosos das irmãs Clarissas. O jovem hebreu acusado do sacrilégio, Simão Pires Solis, queimado vivo em 3 de Novembro de 1631, gritou sempre bem alto a sua inocência. Antes de subir à pira, teria exclamado: «Tão certo eu morrer inocente como as obras de Santa Engrácia nunca mais acabarem.»

Tempos volvidos soube-se que, efectivamente, o desditoso hebreu estava inocente e deixara-se queimar por cavaleirismo. Nem mais! Simão Solis cortejava (com plena correspondência, segundo parece) uma freira de Santa Clara. Para não a comprometer, recusou-se sempre a dizer o que fazia por aqueles locais ormos, a decoras, na exacta noite em que alguém se apossava das partículas e objectos do culto. E por isso acabou em churrasco. Gesto de tal nobreza, com tão mau fim, vamos lá, também merecia ser «desagravado», já que o bom Solis pugnou pela dignidade da ordem não revelando que uma das suas freiras não cumpria, pelo menos, um dos três votos...

Recentemente, concluiu-se Santa Engrácia (mas não foi seguida a traça original...) e daí, dentro de um espírito de lenda, poderiam argumentar os amantes das profecias, háver fundo de verdade no anátema lançado por Simão Solis.

De qualquer forma, a justiça da época, como bem ficou determinado, inocentou o pobre hebreu numa altura em que (como se sabe) ele já não podia aproveitar-se do facto, com aquele corpo pecador reduzido a cinzas...

Os accionistas e investidores da Torralta estão automaticamente seguros contra acidentes

(Cont. da página anterior)

Muito significativas, as palavras de apreciação, conformidade e desvanecedor apreço que constam do Parecer do Conselho Fiscal e que para todos nós constituem tranquilizadora segurança.

Seria, portanto, desnecessário acrescentar quaisquer outras palavras em reforço do que a eloquência dos números e a frequência dos registos publicamente atestam. Acção, progresso, confiança, tranquilidade e a convicção dum dever cumprido, na defesa dos interesses nacionais e dos accionistas e na expansão dum ideal de vincada índole social, tudo isso se encontra visível e claro nos documentos referidos.

Perante o grande crescimento verificado no curto período de um ano, no qual a nossa Empresa se colocou na vanguarda do turismo no nosso País, talvez se pudesse concluir qualquer coisa de ilusório sobre o poder criador, a originalidade e actualidade dos métodos, a capacidade administrativa e a vontade de progresso, o que tudo se traduziu na eficiência que caracterizaram a vida da TORRALTA.

Se aqui faço esta ligeira alusão é porque sinto não me pertencerem pessoalmente e quaisquer manifestações de apreço, pois que elas seriam devidas àquelas que directamente criaram as iniciativas e, num esforço contínuo e total, numa tenacidade contra todas as rotinas e naturais dificuldades, lhes souberam dar a mais plena e feliz expansão. E como tudo isso foi possível graças ao apoio e confiança recebidos dos senhores accionistas, é a eles que pedimos que se debruçam sobre a maneira como essa confiança foi usada, traduzida em realizações alcançadas.

Os que participam na Torralta: «dos mais humildes aos mais poderosos»

«Todo este sucesso verificado e em contínua ascensão, todos estes benefícios para o turismo nacional terão naturalmente de ser atribuídos a um grupo de factores, uns melhor identificados do que outros. Mas não desejaria deli-

mentar os interesses materiais aos mais qualificados economistas e homens de negócios. Todos eles, com o seu apoio, com o seu entusiasmo, com a sua confiança, contribuíram para que uma obra verdadeiramente nacionalizadora pudesse tomar forma e progredir, como se verificou.

Posto isto, esta simples referência às realidades existentes, julgo que não posso deixar de exprimir algumas esperanças e transmitir alguns planos para o futuro. Tanto mais que, se o Relatório em causa e sobre o qual a Assembleia se terá de pronunciar esta noite, diz respeito ao ano de 1970, o certo é que já vão passados quase três meses do

mesmo, pelo já substituir o primeiro mini-mercado, o que também se revela muito vantajoso.

Na mesma área inauguramos brevemente o novo e excelente hotel que se encontra em acabamentos e a que foi dado o prestigioso nome de «D. João II», o grande rei cuja memória tão ligada se encontra à vila de Alvor. Disporá de 220 quartos, duas piscinas, instalações de grande nível e duma situação privilegiada.

Não me deterei a referir o pleno aproveitamento que terá a nova e grande Adega, para os múltiplos designios para que foi concebida: de-

cupação de vanguardismo e expansão acelerada, que as pessoas isentas e esclarecidas o julguem. O progresso não é estático e o tempo perdido são oportunidades que desaparecem.

E nós, neste mundo, não estamos sós.

O seguro dos accionistas e investidores da Torralta também abrange riscos de caça e de prática de desportos

«Dentro desta ordem de ideias, e para finalizar estas minhas tão breves quanto singelas considerações, desejaria anunciar uma última resolução tomada pelo Conselho de Administração, que passará a vigorar no próximo mês, comemorando assim a entrada do novo ano administrativo.

Trata-se duma medida que consideramos de grande alcance e significado, de natureza social, humana e ainda como um novo elo de ligação entre todos os que apoiam, compõem e prestam a sua valiosa assistência a TORRALTA, ou seja os Senhores Accionistas e todos os investidores desta Empresa.

A partir do dia 31 deste mês todos os accionistas e investidores, antigos e modernos, passarão a estar automaticamente seguros, em importância igual à do seu investimento, contra acidentes que possam sobrevir, quer no exercício da sua profissão, quer fora dela, designadamente nas seguintes circunstâncias:

- durante a condução de veículos ligeiros;
- durante o transporte como passageiros em:
- veículos de transporte público autorizado, para viagens terrestres e marítimas;
- veículos privados da TORRALTA para viagens terrestres e marítimas;
- aeronaves de carreiras comerciais, dentro do Continente Português ou deste para as Ilhas Adjacentes, entre as referidas Ilhas e dentro das Províncias Ultramarinas de Angola e Moçambique.

As garantias deste seguro funcionam nos casos de afecção, raiva, tétano ou carbúnculo e ainda nas infecções provenientes de incisões ou picadas acidentais. O seguro abrange ainda os riscos de caça a tiro de animais não ferozes, pesca e golfe. Haverá certificados individuais.

Esperamos assim reforçar ainda mais a solidariedade já felizmente existente entre os que confiam no futuro da TORRALTA.

Evidenciada e agradecida a colaboração de entidades oficiais e privadas

«Por último, e apesar de não desejar repetir-me com esta despretensiosa exposição, sinto, no entanto, o desejo de reafirmar o muito que de reconhecimento nos consideramos devedores a várias entidades. A ANGLOPOR, a cuja Administração nos li-

ADOXE e seus ilustres dirigentes, a quem nos é grato manifestar a nossa simpatia e o sincero agrado de com eles colaborar na realização dum grande plano; e a outras organizações, que nos honram com a sua confiança. E a nossa gratidão não podia deixar de se renovar para com todos os Departamentos do Estado e Municipais que tão clara e decididamente nos têm manifestado a sua concordância e estímulo, concedendo-nos facilidades para a nossa eficaz progressão. Fazemo-lo na convicção de que se não enganamos quando nos dispensamos o seu indispensável apoio, porquanto o nosso objectivo é e continua a ser o que tivemos ocasião de traduzir na última Assembleia Geral:

«Valorizar a terra portuguesa: fixar aqui os capitais estrangeiros; dar trabalho compensador e empregos diversificados, evitando o êxodo, a numerosos braços portugueses; atrair a Portugal visitantes de outros países, oferecendo-lhes férias agradáveis; tornar a terra portuguesa, assim valorizada, propriedade de portugueses».

«Estamos conscientes de que, investindo e valorizando a terra, descobrimos caminhos, tomando iniciativas, fixando capitais, compartilhando confortos e distribuindo benefícios, cumprimos o nosso dever. Temos a consciência dos nossos deveres de portugueses, sobre-

mentos, pelas repercussões na Balança de Pagamentos resultantes de afluentes de capitais estrangeiros, fixação de divisas e diversas outras razões de acentuado valor económico. Assim, aliás, ainda, as válidas perspectivas que se abrem para o ramo industrial que explora o lazer: larga percentagem do Produto Nacional Bruto dos Países, de forma sistematicamente crescente, será gasta no mercado da recreação.

No nosso País, o Turismo é já um valioso contribuinte para o saneamento da Balança Comercial, representando maior captação de divisas do que as exportações de conservas, vinhos e cortiça.

TORRALTA, como instrumento motor de promoção turística, constitui, portanto, elemento dinâmico do desenvolvimento da economia nacional.

3 — A preocupação dominante que o Conselho de Administração tem tido, no ajustamento harmonioso das iniciativas da Empresa com os planos turísticos gerais, não seria tão perfeitamente eficaz se não fosse a feição muito especial que se concebeu a estrutura da TORRALTA.

Com efeito, a nossa Empresa não se confina nas tradicionais bases do comum das sociedades anónimas. Formada por acções, como todas, houve a intenção, felizmente

«A Torralta, além de ter tido sempre a preocupação de organizar diversões, promoveu e está promovendo pólos de grande interesse, por forma a que aqueles que utilizem os seus serviços tenham o seu tempo preenchido de molde a que se sintam verdadeiramente em férias».

(Do relatório do Conselho de Administração)

tudo neste momento em que o Governo patrioticamente se empenha em defender, à custa de todos os sacrifícios, a integridade do património nacional.

A actuação da Torralta enquadra-se na programação oficial para o desenvolvimento da actividade turística em Portugal

O relatório do Conselho de Administração é do seguinte teor:

1 — A TORRALTA atingiu, neste exercício, a relevante e plena integração na actividade porventura mais fomentada pelo nosso Governo — O TURISMO — no sentido de conseguir promoção acelerada de fontes de rendimento nacional.

As directrizes de actuação da Empresa enquadram-se com evidente objectividade na programação delineada pelos organismos oficiais, dirigida ao desenvolvimento da actividade turística do nosso País.

2 — É já tradicionalmente conhecida a contribuição do Turismo para o aumento da riqueza nacional, pelo seu efeito multiplicador de

realizada na prática e revigorada pela extraordinária adesão do público, de trazer o accionista à participação pessoal nos empreendimentos de forma a que, cada um, mesmo os mais modestos, os possam considerar efectivamente como seus. Possibilitando-se que o accionista planeie a sua vida para o aproveitamento dos tempos livres e defina um estilo próprio, contribuindo-se para uma melhor humanização da sua condição.

Na vanguarda das maiores empresas similares: a partir de meados do ano, uma capacidade disponível de 1600 camas

4 — A excelente localização dos empreendimentos turísticos da Empresa, para além dos aspectos de desenvolvimento geral desse sector de actividade no nosso País, permite fundamenteadas esperanças num futuro de procura crescente de serviços e consequentemente de apreciáveis benefícios para os seus accionistas.

O movimento de entradas de turistas estrangeiros tem conhecido uma contínua curva ascendente.

(Continua na página seguinte)

O presidente do Conselho de Administração da Torralta anunciou aos accionistas:

«Trota-se de uma medida que consideramos de grande alcance e significado, de natureza social, humana e ainda como um novo elo de ligação...

... todos os accionistas e investidores, antigos e modernos, passarão a estar automaticamente seguros, em importância igual à do seu investimento, contra acidentes que possam sobrevir, quer no exercício da sua profissão, quer fora dela...

var de mencionar a salutar disseminação do capital por numerosos povos, distribuídos de maneira imponente por todos os cantos da população, na cultura, na educação, na profissionalidade, nos

Nesse mesmo conjunto se está instalando uma nova paisagem, com a par da

nesses progressos e

Os accionistas e investidores da Torralta estão automaticamente seguros contra acidentes

(Cont. da página anterior)

rounto significativas, as palavras de apreciação, conformidade e desvanecedor apreço que constam do Parecer do Conselho Fiscal e que para todos nós constituem tranquilizadora segurança.

Seria, portanto, desnecessário acrescentar quaisquer outros palpares em reforço do que a eloquência dos números e a firmeza dos registos publicamente atestam. Acção, progresso, confiança, tranquilidade e a convicção dum dever cumprido, na defesa dos interesses nacionais e dos accionistas e na expansão dum ideal de vincada índole social, tudo isso se encontra visível e claro nos documentos referidos.

Perante o grande crescimento verificado no curto período de um ano, no qual a nossa Empresa se colocou na vanguarda do turismo no nosso País, talvez se pudesse concluir qualquer coisa de ilusão sobre o poder criador, a originalidade e actualidade dos métodos, a capacidade administrativa e a vontade de progresso, o que tudo se traduziu na eficiência que caracterizaram a vida da TORRALTA.

Se aqui faço esta ligeira alusão é porque não me pertencem pessoalmente quaisquer manifestações de apreço, pois que elas seriam devidas a aquelas que directamente criaram as iniciativas e, num esforço contínuo e total, numa tenacidade contra todas as ruínas e naturais dificuldades, lhes souberam dar a mais plena e feliz expansão. E como tudo isso foi possível graças ao apoio e confiança recebidos dos senhores accionistas, é a eles que pedimos que se debruçam sobre a maneira como essa confiança foi usada, traduzida em realizações alcançadas.

Os que participam na Torralta: «dos mais humildes aos mais poderosos»

«Todo este sucesso verificado e em contínua ascensão, todos estes benefícios para o turismo nacional terão naturalmente de ser atribuídos a um grupo de factores, uns melhor identificados do que outros. Mas não deixaria de

O presidente do Conselho de Administração da Torralta anunciou aos accionistas:

«Trata-se de uma medida que consideramos de grande alcance e significado, de natureza social, humana e ainda como um novo elo de ligação...

... todos os accionistas e investidores, antigos e modernos, passarão a estar automaticamente seguros, em importância igual à do seu investimento, contra acidentes que possam sobrevir, quer no exercício da sua profissão, quer fora dela...

... de mencionar a salutar dissiminação do capital por numerosas pessoas, distribuídas de maneira impressionante por todas as camadas da população, na cultura, na capacidade financeira, na diversidade profissional; dos mais humildes aos mais poderosos, dos mais simples aos mais esclarecidos, dos mais

... de interesses, mas a todos mais qualificados e a todos mais interessados. Todos eles, com o seu apoio, com o seu entusiasmo, com a sua confiança, contribuíram para que uma obra verdadeiramente nacionalizadora pudesse tomar forma e progredir, como se verifica.

Ponto isto, esta simples referência às realidades existentes, julgo que não posso deixar de exprimir algumas esperanças e transmitir alguns planos para o futuro. Tanto mais que, se o Relatório em causa e sobre o qual a Assembleia se terá de pronunciar esta noite, diz respeito ao ano de 1970, o certo é que já vão passando, quase três meses do

... de interesses, mas a todos mais qualificados e a todos mais interessados. Todos eles, com o seu apoio, com o seu entusiasmo, com a sua confiança, contribuíram para que uma obra verdadeiramente nacionalizadora pudesse tomar forma e progredir, como se verifica.

Na mesma direcção, mantendo brevemente o novo e excelente hotel que se encontra em acabamentos e a que foi dado o prestigioso nome de «D. João II», o grande recria memória tão ligada se encontra à vila de Alvor. Dispõe de 220 quartos, duas piscinas, instalações de grande nível e numa situação privilegiada.

Não me deterei a referir o pleno aproveitamento que terá a nova e grande Adega, para os múltiplos desígnios para que foi concebida: de

... de interesses, mas a todos mais qualificados e a todos mais interessados. Todos eles, com o seu apoio, com o seu entusiasmo, com a sua confiança, contribuíram para que uma obra verdadeiramente nacionalizadora pudesse tomar forma e progredir, como se verifica.

E nós, neste mundo, não estamos sós.

O seguro dos accionistas e investigadores da Torralta também abrange riscos de caça e de prática de desportos

Admito desde o início de ideias, e para focalizar estas minhas tão breves quanto singelas considerações, desejaria anunciar uma última resolução tomada pelo Conselho de Administração, que passará a vigorar no próximo mês, comemorando assim a entrada do novo ano administrativo.

Tratase duma medida que consideramos de grande alcance e significado, de natureza social, humana e ainda como um novo elo de ligação entre todos os que apoiam, compõem e prestam a sua valiosa assistência a TORRALTA, ou seja os Senhores Accionistas e todos os investidores desta Empresa.

A partir do dia 31 deste mês todos os accionistas e residentes, antigos e modernos, passando a estar automaticamente seguros, em importância igual à do seu investimento, contra acidentes que possam sobrevir, quer no exercício da sua profissão, quer fora dela, designadamente, nos seguintes casos: durante a condução de veículos ligeiros, durante o transporte como passageiros em veículos de transporte público autorizado, para viagens terrestres e marítimas; veículos privados da TORRALTA para viagens terrestres e marítimas; aeronaves de carreiras comerciais, dentro do Continente Português ou desta para as Ilhas Adjacentes, entre as referidas Ilhas e dentro das Províncias Ultramarinas de Angola e Moçambique.

As garantias deste seguro funcionam nos casos de assíria, raiva, tétano ou carbúnculo e ainda nas infecções provenientes de incisões ou picadas acidentais. O seguro abrange ainda os riscos de caça a tiro de animais não ferozes, pesca e golfe. Haverá certificados individuais.

Esperamos assim reforçar ainda mais a solidariedade já felizmente existente entre os que confiam no futuro da TORRALTA.

Evidenciada e agradecida a colaboração de entidades oficiais e privadas

«Por último, e apesar de não deixar repentinamente esta despreziosa exposição, sinto, no entanto, o desejo de reafirmar o muito que de reconhecimento nos consideramos devedores a várias entidades. A ANGLOPOR, a cuja Administração nós ligamos relações das mais cordiais e compreensivas; e a SOLTROIA e a SOCIEDADE TURÍSTICA DA PONTA DO

ADOXE e seus ilustres dirigentes, a quem nos é grato manifestar a nossa simpatia e o sincero agrado de com eles colaborar na realização dum grande plano; e a outras organizações que nos honram com a sua confiança. E a nossa gratidão não podia deixar de se renovar para com todos os Departamentos do Estado e Municipais que, de forma sistemática, têm manifestado a sua concordância e estímulo, concedendo-nos facilidades para a nossa eficaz progressão. Fazemo-lo na consciência de que se não ganham quando nos dispensam o seu indispensável apoio, porquanto o nosso objectivo é e continua a ser o que tivemos ocasião de traduzir na última Assembleia Geral:

«Valorizar a terra portuguesa: fixar aqui os capitais fixos; dar trabalho compensador e empregos diversificados, evitando o êxodo, a numerosos braços portugueses; atrair a Portugal visitantes de outros países, oferecendo-lhes férias agradáveis; tornar a terra portuguesa, assim valorizada, propriedade de portugueses».

«Estamos conscientes de que, investindo e valorizando a terra, descobrimos caminhos, tomando iniciativas, fixando capitais, compartilhando confortos e distribuindo benefícios, cumprimos o nosso dever. Temos a consciência dos nossos deveres de portugueses, sobre-

... de interesses, mas a todos mais qualificados e a todos mais interessados. Todos eles, com o seu apoio, com o seu entusiasmo, com a sua confiança, contribuíram para que uma obra verdadeiramente nacionalizadora pudesse tomar forma e progredir, como se verifica.

TORRALTA, como instrumento muito de promoção turística, constitui, portanto, elemento dinamizador do desenvolvimento da economia nacional.

3 — A preocupação fundamental que o Conselho de Administração tem tido, no ajustamento harmonioso das iniciativas da Empresa com os planos turísticos gerais, não seria tão perfeitamente eficaz se não fosse a feição muito especial como se converteu a essência da TORRALTA.

Com a nossa Empresa não se confina nas tradições, mas na criação de novas sociedades anónimas. Formada por acções, com todas, houve a intenção, felizmente

«A Torralta, além de ter tido sempre a preocupação de organizar diversões, promoveu e está promovendo pólos de grande interesse, por forma a que aqueles que utilizem os seus serviços tenham o seu tempo preenchido de molde a que se sintam verdadeiramente em férias»

(Do relatório do Conselho de Administração)

tudo neste momento em que o Governo patrioticamente se empenha em defender, à custa de todos os sacrifícios, a integridade do património nacional.

A actuação da Torralta enquadra-se na programação oficial para o desenvolvimento da actividade turística em Portugal

O relatório do Conselho de Administração e do seu teor:

1 — A TORRALTA atingiu neste exercício, a relevante e plena integração na actividade porventura mais fomentada pelo nosso Governo — O TURISMO — no sentido de conseguir promoção acelerada de fontes de rendimento nacional.

As directrizes de actuação da Empresa enquadram-se com evidente objectividade na programação delineada pelos organismos oficiais, dirigida ao desenvolvimento da actividade turística do nosso País.

2 — É já tradicionalmente conhecida a contribuição do Turismo para o aumento da riqueza nacional, pelo seu efeito multiplicador de rendi-

realizada na prática e reforçada pela extraordinária adesão do público, de trazer o accionista à participação pessoal nos empreendimentos de forma a que, cada um, mesmo os mais modestos, os possam considerar efectivamente como seus. Possibilitando-se que o accionista planeie a sua vida para o aproveitamento dos tempos livres e defina um estilo próprio, contribuindo para uma melhor humanização da sua condição.

Na vanguarda das maiores empresas similares: a partir de meados do ano, uma capacidade disponível de 1600 camas

4 — A excelente localização das empreendimentos turísticos da Empresa, para além dos aspectos de desenvolvimento geral desse sector de actividade no nosso País, permite fundamenteadas esperanças num futuro de procura crescente de serviços e consequentemente de apreciáveis benefícios para os seus accionistas.

O movimento de entradas de turistas estrangeiros tem conhecido uma contínua curva ascendente.

(Continua na página seguinte)

OS 200 MILHÕES DE ESCUDOS DA TORRALTA ESTÃO DISTRIBUÍDOS POR TODAS AS CAMADAS DA POPULAÇÃO

— ESTA SALUTAR DISSEMINAÇÃO DO CAPITAL É UM DOS FACTORES DE ÊXITO DA EMPRESA

(Cont. da página anterior)

No distrito de Faro, entre 1966 e 1969, esse afluxo traduziu-se, quanto à ocupação hoteleira, numa subida de 65%, apresentando, só o ano de 1969, o número de 1039522 dormidas, e destas, cabendo 339 683 ao concelho de Portimão — o triplo do concelho que se lhe seguiu em volume de ocupação. Para se verificar quanto representativa é a preferência turística pelo concelho de Portimão onde temos grande parte dos nossos empreendimentos, refira-se que o concelho de Cascais registou, no mesmo ano de 1969, 531 290 dormidas. Por outro lado, o índice das rendas de habitação cresceu, no distrito de Faro, de 160%, no período de 1962 para 1969.

Também Tróia constitui outro pólo de atracção turística, pela sua localização, pela sua beleza natural e pelas magníficas praias.

A fim de enquadrar a nossa Empresa na panorâmica nacional da indústria hoteleira frise-se que, a partir de meados do ano de 1971, teremos uma capacidade disponível de 1600 camas, dimensão que nos coloca na vanguarda das maiores Empresas similares.

5—O ano de 1970 constituiu para a TORRALTA o termo da 1.ª fase de construção das infra-estruturas e estruturas mais essenciais, e consequentemente, o início da fase de expansão na prestação de serviços. Sem prejuízo disso, alicerçaram-se também as condições de imediato arranque de outros e importantes empreendimentos.

6—O Hotel Golfinho, na Praia D. Ana, Lagos, registou em 1970 26 892 dormidas. A sua ampliação, pela qual se lutava há cerca de dois anos, foi finalmente aprovada, e, com a sua nova estrutura dispondo de 140 quartos, tornar-se-á num dos mais funcionais hotéis da sua categoria. Este aumento de dimensão, implicando uma maior diluição de custos fixos, permitirá a rentabilidade ambicionada.

No conjunto turístico de Alvor, as dormidas atingiram o número de 74 129.

Como no ano anterior as dormidas tinham sido respectivamente de 17 519 e 48 307, verificou-se em 1970 um aumento de 35 195 nos estabelecimentos hoteleiros da TORRALTA, traduzido numa taxa de crescimento de ocupação de 54%.

Devido à conclusão das obras de construção da primeira fase do empreendimento turístico da Praia de Alvor, as condições de oferta de serviços para o ano de 1971 permitem estimar um assinalável crescimento de ocupação, e portanto de receitas, tendo em atenção que vamos inaugurar o Hotel D. João II, dotado de 220 quartos, salas de convívio, restaurante e duas piscinas.

Em Tróia: um restaurante ao nível dos adoptados nos centros de turismo europeus

7—No que diz respeito a Tróia, a TORRALTA

possuir, dentro de pouco tempo, um importante complexo turístico denominado TROIA-MAR — um hotel, hotéis-apartamentos e outras estruturas complementares, tais como: restaurantes, piscinas, campos de jogos e centro comercial — com capacidade para mais de 8000 pessoas.

O restaurante, ao nível dos adoptados nos centros de turismo europeus, que a empresa já ali possui em funcionamento, iniciou a actividade no mês de Agosto. Logo se impôs de forma que merece ser assinalada: serviços a 33 800 pessoas, de Agosto a Dezembro, prevendo-se 150 000 refeições em 1971.

O complexo turístico, no seu conjunto, está projectado segundo as mais avançadas concepções, técnica e de previsão turística, das caracte-

verdadeiramente em férias.

Nessa orientação, procedemos à aquisição de quatro herdades no Baixo Alentejo no valor global de 11 000 contos, e ao arrendamento de outras a longo prazo, num total superior 20 000 hectares, as quais são colocadas à disposição dos accionistas e dos turistas para a prática de caça e de pesca de rio e em barragens.

Também nos mereceu especial atenção a pesca desportiva junto à costa e no alto mar, a qual temos dar maior incremento a partir de Maio de 1971, assim como aos desportos náuticos.

No que respeita à caça, consideramos esta da maior relevância, dado que se processa na chamada época de baixa estação, integrando-se assim no planeamento do tu-

Este importante complexo encontra-se em pleno funcionamento num edifício de dois pisos e compõe-se de um armazém central abastecedor, grandes câmaras frigoríficas para produtos alimentares, uma central de lavandaria com a capacidade para roupas de 10 000 pessoas, uma Adega Regional com capacidade para cerca de 1000 pessoas e dotada de palco, pista para dançar, cabine de sonorização, bares e cozinhas, tendo anexo um laboratório para análise dos vinhos.

Por outro lado, e ainda neste aspecto, o Conselho de Administração prestou especial atenção aos reflexos que as promoções turísticas estão provocando no nível de vida dos agregados populacionais fixados circunvizinhança.

Tem-se, na verdade, assis-

ascendente de ano para ano, não é ainda a desejada estando a Administração da Empresa consciente que só em 1972 se atingirão rendimentos bem definidores da rentabilidade possível.

A necessidade de continuar obras e melhoramentos nas zonas de exploração e à volta das edificações já habitáveis, obras que se concluirão durante o ano de 1971, não permitiram a expansão e ocupação desejadas.

Verifica-se contudo serem já muito significativos os resultados brutos conseguidos pela «Exploração dos Conjuntos» e pela «Exploração das Torres» que atingem a soma de 32 000 contos de receitas para 25 000 contos de custos directos (sem amortizações), quando em 1969, esses valores eram respectivamente de 15 000 e 14 600 contos.

Quanto a outras receitas, há que salientar a venda de Quotas Partes de Apartamentos (Títulos de Ocupação) que somaram 33 462 contos.

No que se refere a Títulos de Férias, pelo facto de o valor resultante da sua colocação não representar receitas traduzidas em lucros imediatos, procedeu-se à criação de uma provisão de 44 793 contos de modo a permitir a satisfação do encargo respeitante a pagamento de cupões durante o período de formação do investimento e enquanto estes não se transformam em fontes de rendimentos para a Empresa.

No fim do período previsto, as provisões estarão absorvidas com os encargos liquidados ano a ano, e os cupões passam a constituir custo das explorações respectivas.

Sob o ponto de vista de custos de exploração, assinala-se somente que se constituíram 17 500 contos de amortizações, realizando, especialmente apreciável redução das despesas de organização.

Quanto aos resultados líquidos apurados, o Conselho de Administração de TORRALTA, que tem dedicado a sua especial atenção à criação de estruturas necessárias ao desenvolvimento da sua actividade no campo da exploração turística, tem plena consciência que, uma empresa em formação não pode apresentar resultados significativos nos primeiros anos da sua vida.

Testemunho do equilíbrio financeiro da empresa

13—Do ponto de vista financeiro, tem de assinalar-se, pela expressão dos números do Balanço, o volume dos investimentos reais conseguidos demonstrativos da política do Conselho de Administração em criar as necessárias bases de desenvolvimento da Empresa. Assim, verifica-se numa análise dinâmica que, no ano de 1970, as principais

princ. Capital Social, 10 000 000\$00; Provisões, 44 500 000\$00; Ganhos e Perdas, 3 500 000\$00; Total, 179 000 000\$00.

E que as aplicações de fundos foram exclusivamente traduzidas em aumentos do Activo, a saber:

Disponível, 7 500 000\$00; Realizável, 92 000 000\$00; Fixo Corpóreo, 72 000 000\$00; Fixo Incorpóreo, 7 500 000\$00; Total, 179 000 000\$00.

Também se verifica que o valor do Activo quase duplicou em relação a 1969.

Numa análise estática do Balanço, conclui-se ainda que os «ratios» de solvabilidade a curto prazo e a longo prazo testemunham bem o equilíbrio financeiro da Empresa.

Refira-se ainda que se se procedesse a uma reavaliação do património da Empresa se encontraria uma riqueza muito superior aos valores demonstrados no Balanço.

14—Finalmente, e no meio dos assinalados progressos realizados, que se traduziram no aumento de património e no crescimento dos serviços prestados, e apesar de algumas dificuldades, é-nos imensamente grato referir o apoio que recebemos de muitos e qualificados Departamentos da Administração Pública, nos vários sectores que se relacionam com a actividade do Turismo. Este facto, se traduz uma feliz identificação da nossa parte com as directivas oficiais da promoção turística significa também uma esclarecida e estimulante atitude por parte de muitos responsáveis Departamentos do Estado. Para todos vai o nosso respeitoso apreço e a nossa especial gratidão.

E não poderíamos esquecer esse valioso apoio que as nossas actividades tem sido gentilmente dispensado pelos Órgãos da Informação.

Apraz-nos ainda referir a dedicação manifestada por todos os nossos colaboradores, dos mais modestos aos mais altos postos, pois em todos se manifestou um desvaneceador propósito, não isento de sacrifícios, de prestigiar a Empresa que todos servimos.

Ao muito digno Conselho Fiscal sentimo-nos o dever de testemunhar o reconhecimento que nos merece o seu amparo constante e a segurança que nos têm dado os seus esclarecidos juízos.

E queremos ainda agradecer a confiança, dia-a-dia acrescida, nunca negada e por tantas vezes eloquentemente expressa pelos Senhores Accionistas.

15—Deduzidas todas as despesas e os diversos encargos os resultados globais de exploração cifram-se em 21 366 670\$57, líquidos, e depois de realizadas as convenientes amortizações no valor de 17 801 530\$35, os resultados líquidos apurados no exercício de 1970 foram 3 565 140\$22.

«Estamos conscientes de que, investindo e valorizando a terra, descobrimos caminhos, tomando iniciativas, fixando capitais, compartilhando confortos e distribuindo benefícios, cumprimos o nosso dever. Temos a consciência dos nossos deveres de portugueses, sobretudo neste momento em que o Governo patrioticamente se empenha em defender, à custa de todos os sacrifícios, a integridade do património nacional.»

(Da comunicação do almirante Sarmiento Rodrigues aos accionistas da Torralta)

rísticas humanas e sociais nas futuras décadas.

8—O Conjunto Turístico Santa Filomena, em Alvor, encontra-se em fase de imediato arranque; embora tivessemos realizado os estudos deste empreendimento há mais de dois anos e parte das infra-estruturas estejam já efectuadas, só agora, por motivos das tramitações burocráticas, que infelizmente se têm deparado, foi atingida a fase referida. Neste conjunto de Santa Filomena integrará-se o Club Náutico, que consideramos como uma iniciativa turística complementar de muito interesse.

9—Tem tido, efectivamente, o Conselho de Administração a dominante preocupação de imprimir aos seus empreendimentos um enquadramento nas necessidades actuais do turismo, mas sem nunca perder uma necessária projecção das iniciativas, com vista às grandes transformações de vida que se aviznam.

O Turismo, na sua função de ocupar os tempos livres, não se pode limitar ao oferecimento de instalações, sem embargo de se reconhecer que constituem as fundam. tais estruturas. Uma válida e actuante política turística tem de ir também ao encontro do utente, proporcionando-lhe motivos de aliciente e entretenimento. O tédio é, na verdade, o maior inimigo do turista e facto muito influente para o seu afastamento.

A TORRALTA, além de ter tido sempre a preocupação de organizar diversões, promoveu e está promovendo pólos de grande interesse, por forma a que os turistas se possam divertir e relaxar.

rismo de inverno, que a Secretaria de Estado da Informação e Turismo com tanto denodo e assento está promovendo.

Uma orientação que se integra numa política de contenção do fenómeno inflacionista e social de conjunto

10—O Turismo, como todos sabemos, além das suas próprias e ricas potencialidades, comporta uma força vivificadora de outras importantes actividades, nomeadamente as que se oriam e desenvolvem em seu apoio.

O Conselho de Administração estudou atentamente o problema e concluiu que, tanto dos pontos de vista económico e social, como administrativo e de fomento, se torna aconselhável a exploração das principais actividades complementares e subsidiárias.

Deste modo, ao mesmo tempo que afectamos grande parte das herdades referidas às actividades cinegéticas, piscatórias e outras modalidades desportivas, estabelecemos nelas explorações pecuárias onde já se contam mais de 5000 cabeças de gado — vacum, porco, ovino e caprino —, destinadas ao abastecimento dos nossos hotéis e restaurantes. E também frutícolas e hortícolas, bem se podendo dizer que, nos principais aspectos da alimentação humana, a TORRALTA produz grande parte do que consome.

Ainda nesta orientação e para apoiar o ritmo crescente da procura de produtos e serviços nos estabelecimentos da nossa Empresa, adquirimos em Alvor um complexo de exploração agrícola.

tido a uma elevação de preços das mercadorias e a um desequilíbrio da produção das regiões mais intensamente ordenadas para o turismo, com evidentes prejuízos para os seus habitantes. A orientação seguida no sentido de manter explorações próprias, de organizar complexos de armazénagem e de procurar abastecer-se em outras regiões menos desenvolvidas, estimulando assim o seu desenvolvimento, além de fixar ao mesmo tempo os residentes na sua própria região, integra-se assim numa política de contenção do fenómeno inflacionista e social de conjunto, que não poderia ser esquecida.

11—Não podemos deixar de nos referir à benéfica colaboração que temos encontrado na Anglopor — Companhia Imobiliária Anglo-Portuguesa, S. A. R. L., na qual a TORRALTA tem relevante posição de accionista.

E com efeito a Anglopor que constrói todo o complexo turístico da Praia de Alvor, orientando-se na concepção e realização de estruturas, com exacto e inteligente sentido turístico. Desta forma, todo o trabalho da Anglopor, além de valioso em si mesmo, reflecte-se em aceleração de tempo e qualidade, alcançando assim o termo da primeira fase do empreendimento em meados de 1971, de acordo com o programa previamente estabelecido.

Uma provisão de mais de 44 mil contos, para o encargo do pagamento de cupões

12—A análise do

Passivo: A

2 000 000\$00;

13 000 000\$00;

OS 200 MILHÕES DE ESCUDOS DA TORRALTA ESTÃO DISTRIBUÍDOS POR TODAS AS CAMADAS DA POPULAÇÃO

— ESTA SALUTAR DISSEMINAÇÃO DO CAPITAL É UM DOS FACTORES DE ÊXITO DA EMPRESA

(Cont. da página anterior)

No distrito de Faro, entre 1966 e 1969, esse afluxo traduziu-se, quanto à ocupação hoteleira, numa subida de 65%, apresentando, só o ano de 1969, o número de 339.522 dormidas, e distins, cabendo 339.683 ao concelho de Portimão — o triplo do concelho que se lhe seguiu em volume de ocupação. Para se verificar quanto representativa é a preferência turística pelo concelho de Portimão onde temos grande parte dos nossos empreendimentos, refira-se que o concelho de Cascais registou, no mesmo ano de 1969, 531.290 dormidas. Por outro lado, o índice das vendas de habitação cresceu, no distrito de Faro, de 160%, no período de 1962 para 1969.

Também Troia constitui outro pólo de atracção turística, pela sua localização, pela sua beleza natural, pelas magníficas praias.

Afin de enquadrar a nossa Empresa na panorâmica nacional da indústria hoteleira frise-se que, a partir de meados do ano de 1971, teremos uma capacidade disponível de 1600 camas, dimensão que nos coloca na vanguarda das maiores Empresas similares.

5 — O ano de 1970 constituiu para a TORRALTA o termo da 1.ª fase de construção das infra-estruturas e estruturas mais essenciais, e consequentemente, o início da fase de expansão na prestação de serviços. Sem prejuízo disso, alicerçaram-se também as condições de imediato arranque de outros e importantes empreendimentos.

6 — O Hotel Góttinho, na Praia D. Ana, Lagos, registou em 1970 26.892 dormidas. A sua ampliação, pela qual se lutava há cerca de dois anos, foi finalmente aprovada, e, com a sua nova estrutura dispondo de 140 quartos, tornar-se-á num dos mais funcionais hotéis da sua categoria. Este aumento de dimensão, implicando uma maior diluição de custos fixos, permitirá a rentabilidade ambicionada.

No conjunto turístico de Alvor, as dormidas atingiram o número de 74.129.

Como no ano anterior as dormidas tinham sido respectivamente de 17.519 e 48.307, verificou-se em 1970 um aumento de 33.195 nos estabelecimentos hoteleiros da TORRALTA, traduzido numa taxa de crescimento de ocupação de 54%.

Devido à conclusão das obras de construção da primeira fase do empreendimento turístico da Praia de Alvor, as condições de oferta de serviços para o ano de 1971 permitem estimar um assinalável crescimento de ocupação, e portanto de receitas, tendo em atenção que vamos inaugurar o Hotel D. João II, dotado de 220 quartos, salas de convívio, restaurante e duas piscinas.

Em Troia: um restaurante ao nível dos adoptados nos centros de turismo europeus

7 — Na que diz respeito a Troia, a TORRALTA irá ad-

possuir, dentro de pouco tempo, um importante complexo turístico denominado TROIA-MAR — um hotel, hotéis-apartamentos e outras estruturas complementares, tais como: restaurantes, piscinas, campos de jogos e centro comercial — com capacidade para mais de 8000 pessoas.

O restaurante, ao nível dos adoptados nos centros de turismo europeus, que a empresa já ali possui em funcionamento, iniciou a actividade no mês de Agosto. Logo se impôs de forma que merece ser assinalada: serviços a 33.800 pessoas, de Agosto a Dezembro, prevendo-se 150.000 refeições em 1971.

O complexo turístico, no seu conjunto, está projectado segundo as mais avançadas concepções, técnica e de prestação turística, das carac-

verdadeiramente, em terras

Nessa orientação, procedemos à aquisição de quatro herdades no Baixo Alentejo no valor global de 11.000 contos, e ao arrendamento de outras a longo prazo, num total superior 20.000 hectares, as quais são colocadas à disposição dos accionistas e dos turistas para a prática de caça e de pesca de rio e em barragens.

Também nos mereceu especial atenção a pesca desportiva junto à costa e no alto mar, à qual iremos dar maior incremento a partir de Maio de 1971, assim como aos desportos náuticos.

No que respeita à caça, consideramos esta da maior relevância, dado que se processa na chamada época de baixa estação, integrando-se assim no planeamento do tu-

risma de inverno, que a Secretaria de Estado da Informação e Turismo com tanto detido e assente está promovendo.

Uma orientação que se integra numa política de contensão do fenómeno inflacionista e social de conjunto

10 — O Turismo, como todos sabemos, além das suas próprias e ricas potencialidades, comporta uma força vivificadora de outras importantes actividades, nomeadamente as que se criam e desenvolvem em seu apoio.

O Conselho de Administração estudou atentamente o problema e concluiu que, tanto dos pontos de vista económico e social, como administrativo e de fomento, se torna aconselhável a exploração das principais actividades complementares e subsidiárias.

Deste modo, ao mesmo tempo que afectamos grande parte das herdades referidas às actividades cinegéticas, piscícolas e outras modalidades desportivas, estabelecemos nestas explorações, perdas, onde já se contam mais de 5000 cabeças de gado — vacum, porco, ovinos e caprinos —, destinadas ao abastecimento dos nossos hotéis e restaurantes. E também frutícolas e hortícolas, bem se podendo dizer que, nos principais aspectos da alimentação humana, a TORRALTA produz grande parte da que consome.

Ainda nesta orientação e para apoiar o ritmo crescente da procura de produtos e serviços nos estabelecimentos da nossa Empresa, adquirimos em Alvor um complexo de estacionamento, com que se pretende assegurar a circulação de veículos.

Este importante complexo encontra-se em plena funcionamento num edifício de dois pisos e compõe-se de um armazém central abastecedor, grandes câmaras frigoríficas para produtos alimentares, uma central de lavandaria com a capacidade para roupas de 10.000 pessoas, uma Adm. Regional com capacidade para cerca de 1000 pessoas e dotada de palco, pista para dançar, cabine de sonorização, bares e cozinhas, tendo ainda um laboratório para análise dos vinhos.

Por outro lado, e ainda neste aspecto, o Conselho de Administração prestou especial atenção ao reflexo que as promoções turísticas estão provocando no nível de vida dos agregados populacionais locais, circunscrevendo-se

tudo a uma elevação de preços das mercadorias e a um desequilíbrio da produção das regiões mais intensamente ordenadas para o turismo, com evidentes prejuízos para os seus habitantes. A orientação seguida no sentido de manter explorações próprias, de organizar complexos de abastecimento e de procurar abastecer-se em outras regiões menos desenvolvidas, estimulando assim o seu desenvolvimento, além de fixar ao mesmo tempo os residentes na sua própria região, integra-se assim numa política de contensão do fenómeno inflacionista e social de conjunto, que não poderia ser esquecida.

11 — Não podemos deixar de nos referir à benéfica colaboração que temos encontrado na Anglopor — Companhia Imobiliária Anglo-Portuguesa, S. A. R. L., na qual a TORRALTA tem releuante posição de accionista.

É com efeito a Anglopor que constrói todo o complexo turístico da Praia de Alvor, orientando-se, na concepção e realização de estruturas, com exacto e inteligente sentido turístico. Desta forma, todo o trabalho da Anglopor, além de valioso em si mesmo, reflecte-se em acção de tempo e qualidade, alcançando assim o termo da primeira fase do empreendimento em meados de 1971, de acordo com o programa previamente estabelecido.

Uma provisão de mais de 44 mil contos para o encargo do pagamento de cupões

12 — A análise do ponto de vista de rentabilidade das explorações turísticas da TORRALTA em funcionamento, mostra-nos que a sua expressão económica, muito embora

ascendente de ano para ano, não é ainda a desejada estando a Administração da Empresa consciente que só em 1972 se atingirão rendimentos bem definidores da rentabilidade possível.

A necessidade de continuar obras e melhoramentos nas zonas de exploração e a falta das edificações já habitáveis, obras que se concluíram durante o ano de 1971, não permitiram a expansão e ocupação desejadas.

Verifica-se contudo serem já muito significativos os resultados brutos conseguidos pela «Exploração dos Conjuntos» e pela «Exploração das Torres» que atingem a soma de 32.000 contos de receitas para 25.000 contos de custos directos (sem amortizações), quando em 1969, esses valores eram respectivamente de 15.000 e 11.600 contos.

Quanto a outras receitas, há que salientar a venda de Quotas Partes de Apartamentos (Títulos de Ocupação) que somaram 33.462 contos.

No que se refere a Títulos de Férias, pelo facto de o valor resultante da sua colocação não representar receitas brutas, em lucros imediatos, procedeu-se à criação de uma provisão de 11.793 contos de modo a permitir a satisfação da encargo respectivo a pagamento de cupões durante o período de formação do investimento e enquanto estes não se transferiram em fontes de rendimentos para a Empresa.

No fim do período previsto, as provisões estarão absorvidas com os encargos liquidados ano a ano, e os cupões passarão a constituir custo das explorações respectivas.

Sob o ponto de vista de custos de exploração, assinalamos somente que se constituíram 17.500 contos de amortizações, realizando, especialmente, apreciable redução das despesas de organização.

Quanto aos resultados líquidos apurados, o Conselho de Administração de TORRALTA, que tem dedicado a sua especial atenção à criação de estruturas necessárias ao desenvolvimento da sua actividade no campo da exploração turística, tem plena consciência que, uma empresa em formação não pode apresentar resultados significativos nos primeiros anos da sua vida.

Testemunho do equilíbrio financeiro da empresa

13 — Do ponto de vista financeiro, tem de assinalar-se, pela expressão dos números do Balanço, o volume dos investimentos reais conseguidos demonstrativos da política do Conselho de Administração em criar as necessárias bases de desenvolvimento da Empresa. Assim, verifica-se numa análise dinâmica que, no ano de 1970, os principais origens de fundos foram:

Aumentos do Passivo: A Curto Prazo, 24.000.000\$00; A Médio Prazo, 84.000.000\$00; A Longo Prazo, 13.000.000\$00.

Aumentos do Capital Pró-

prio: Capital Social, 10.000.000\$00; Prerrogativas, 44.500.000\$00; Ganhos e Perdas, 3.500.000\$00; Total, 179.000.000\$00.

E que as aplicações de fundos foram exclusivamente traduzidas em aumentos do Activo, a saber:

Disponível, 7.500.000\$00; Realizável, 92.000.000\$00; Fica Corpóreo, 72.000.000\$00; Fica Incorporado, 7.500.000\$00; Total, 179.000.000\$00.

Também se verifica que o valor do Activo quase duplicou em relação a 1969.

Numa análise estatística do Balanço, concluiu-se ainda que os «arquivos» de sacabilidade a curto prazo e a longo prazo testemunham um equilíbrio financeiro da empresa.

Refira-se ainda que se procedeu a uma reavaliação do património da Empresa, a se encontraria uma situação muito superior aos dados demonstrados no Balanço.

14 — Finalmente, a análise dos assinalados progressos realizados, que se traduzem no aumento de património e no crescimento dos recursos prestados, e apesar das dificuldades e encargos, mensuravelmente grato revelar-se-á que recebemos de muitos e qualificados Departamentos da Administração Pública, nos vários sectores que se relacionam com a actividade turística. Este facto, sem conduzir uma feliz identificação da nossa parte com as actividades oficiais da promoção turística significa também uma esclarecida e estimulante atitude por parte de muitos responsáveis Departamentos do Estado. Para todos os nós nosso respeitosa apreço e a nossa especial gratidão.

E não poderíamos esquecer esse valioso apoio que as nossas actividades têm sido constantemente dispensado pelos Órgãos da Informação.

Apaz-nos ainda referir a dedicação manifestada por todos os nossos colaboradores, dos mais modestos aos mais altos postos, pois em todos se manifestou um desconhecido propósito, não de sacrifício, de prestigiar a Empresa que todos servimos.

Ao mul digno Conselho Fiscal sentimos o dever de testemunhar o reconhecimento que nos merece o seu amparo constante e a segurança que nos têm dado os seus esclarecidos juízos.

E queremos ainda agradecer a confiança, dia-a-dia acrescida, nunca negada e por tantas vezes eloquentemente expressa pelos Senhores Accionistas.

15 — Deduzidas todas as despesas e os diversos encargos os resultados globais de exploração cifram-se em 21.366.670\$57, líquidos, e depois de realizadas as concessões amortizações no valor de 17.801.530\$33, os resultados líquidos apurados no exercício totalizaram 3.565.140\$22.

— Propomos para o lucro líquido apurado a seguinte distribuição: Reserva Legal, 500.000\$00; Reservas Livres, 3.065.140\$22; — 3.565.140\$22.

TORRALTA CLUBE INTERNACIONAL DE FÉRIAS, S.A.R.L.

Sede: Hotel Golfinho — Praia D. Ana — Lagos
BALANÇO: Referente a 31 de Dezembro de 1970

ACTIVO

I. DISPONÍVEL:			
1. Caixa:			
Em Lisboa, Praia de Alvor,			
Golfinho, Tróia e Beja	4 407 309\$40		
2. Bancos	14 248 878\$27	18 656 187\$67	
II. REALIZÁVEL:			
1. Letras a Receber	6 948 248\$00		
2. Dev. e Cred. «Devedores»	55 170 904\$75		
3. Armazéns	1 586 711\$23		
4. Quotas P. Apartamentos	45 112 704\$12	108 818 568\$10	
III. IMOBILIZADO:			
A. CORPÓREO:			
1. Imóveis	89 975 801\$00		
Amortizações	3 257 155\$60	86 718 645\$40	
2. Maquinaria	7 365 400\$30		
Amortizações	2 068 273\$60	5 297 126\$70	
3. Móveis e Utensílios ..	17 362 982\$15		
Amortizações	7 160 606\$05	10 202 376\$10	
4. Viaturas	2 894 079\$00		
Amortizações	419 076\$00	2 475 003\$00	
5. Instalações	11 293 764\$60		
Amortizações	70 000\$00	11 223 764\$60	
6. Propriedades	50 444 479\$20		
7. Prop. Transacção	4 755 000\$00		
8. Taras	356 599\$10	171 472 994\$10	
B. INCORPÓREO:			
1. Desp. de Organização	33 461 905\$60		
Amortizações	16 068 273\$00	17 393 632\$60	
C. PARTICIPAÇÕES FINANCEIRAS:			
		49 989 520\$00	
IV. TRANSITÓRIO:			
1. Clube Náutico em Organização	985 129\$80		
2. Meia Praia	33 343\$60	1 018 473\$40	
		<u>367 349 375\$87</u>	
CONTAS DE ORDEM: Dev. P. Garantias Prestadas	605 000\$00		

PASSIVO

I. EXIGÍVEL A CURTO PRAZO:			
1. Dev. e Cred. «Credores»	47 786 902\$80		
2. Cred. p. Dep. Reserva	11 451\$24	47 798 354\$04	
II. EXIGÍVEL A MÉDIO PRAZO:			
1. Letras a Pagar	22 485 610\$30		
2. Livranças a Pagar	3 188 000\$00		
3. Dev. e Cred. «Credores»	101 795 782\$26	127 469 392\$56	
III. EXIGÍVEL A LONGO PRAZO:			
1. Créditos		21 730 886\$50	
IV. PROVISÃO P. PAG. CUPÕES E PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS:			
		44 793 546\$60	
V. CAPITAL PRÓPRIO:			
1. Capital Social	120 000 000\$00		
2. Reserva Legal	1 050 569\$32		
3. Reservas Livres	941 486\$63		
4. Resultado do Exercício	3 565 140\$22	125 557 196\$17	
		<u>367 349 375\$87</u>	
CONTAS DE ORDEM: Garantias Prestadas	605 000\$00		

O Director Administrativo,
 Tenente-Coronel João Maria Bento

Técnico de Contas,
 José António Martins Sanchez

O Presidente do Conselho de Administração,
 C/Alm. Manoel Maria Sarmento Rodrigues

Vogais:
 Dr. Joaquim José de Paiva Corrêa
 Eng.º Viriato de Sousa Campos
 Agostinho da Silva
 José da Silva

CONTA DE GANHOS E PERDAS: Referente a 31 de Dezembro de 1970**DÉBITO**

I. DESPESAS GERAIS:	10 264 639\$20
II. REND. DE TÍTULOS DE OCUPAÇÃO:	1 426 310\$70
III. JUROS E DESCONTOS:	2 686 850\$20
IV. DESPESAS EXTRAORDINÁRIAS:	134 808\$70
V. CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS:	1 873 023\$30
VI. COMPRA DE CUPÕES:	20 537 863\$90
VII. RENDAS:	3 348 884\$30
VIII. AMORTIZAÇÕES:	17 560 602\$95
IX. PROVISÃO P. PAG. DE CUPÕES E PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS:	44 793 546\$60
X. QUEB. E DEP. MERCADORIAS:	13 246\$51
XI. RESULTADO DO EXERCÍCIO:	3 565 140\$22
	<u>106 204 916\$58</u>

CRÉDITO

I. EXPLORAÇÃO CONJUNTOS:			
1. Golfinho; 2. Barca; 3. Cabana;			
4. Troiamar; 5. Piscina; 6. Praia;			
7. Meia Praia; 8. Mercado; 9. Adega:			
a. Receitas Globais	22 369 252\$90		
b. Custos e Despesas Inerentes	18 348 759\$94	4 020 492\$96	
II. EXPLORAÇÃO TORRES:			
1. Torre A; 2. Torre B; 3. Torre C;			
4. Torre D; 5. Torre E; 6. Torre F;			
a. Receitas Globais	10 099 067\$00		
b. Custos e Despesas Inerentes	7 016 680\$10	3 082 386\$90	
III. COLOCAÇÃO DE ACÇÕES:		64 655 911\$00	
IV. RECEITAS DE QUOTAS P. APARTAMENTOS:		33 462 125\$72	
V. RECEITAS DIVERSAS:		984 000\$00	
		<u>106 204 916\$58</u>	

O Director Administrativo,
 Tenente-Coronel João Maria Bento

Técnico de Contas,
 José António Martins Sanchez

O Presidente do Conselho de Administração,
 C/Alm. Manoel Maria Sarmento Rodrigues

Vogais:
 Dr. Joaquim José de Paiva Corrêa
 Eng.º Viriato de Sousa Campos
 Agostinho da Silva
 José da Silva



OS PEANUTS

CAROL DAY

by KENNETH INNS



CAROL DAY

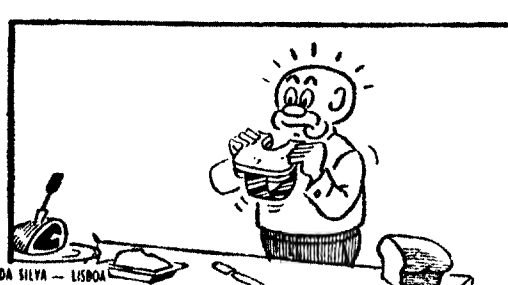
HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 2 de Abril de 1941 publicava:

«O dr. Ramada Curto, que é sem contestação, um dos nossos primeiros dramaturgos, vai afrontar amanhã, mais uma vez, o fogo da ribalta. Nestes combates, o ilustre advogado alcança, por via de regra, uma vitória brilhante.

«Conhece o teatro por dentro e por fora, e o seu público que é, afinal, todo aquele que ainda tem um culto veemente pela palavra única, e os sentimentos, as paixões, o drama ou a comédia que ele exprime.

«O que será «O tio rico»? Ramada Curto levanta, ligeiramente, uma ponta do véu, com a sua ironia flamejante de bom humor. Dizem os que conhecem a peça que é um dos melhores trabalhos de Ramada Curto, vivido e sentido com o melhor da sua inteligência e da sua emoção. O autor do «Caso do dia» escreve como quer, e faz do teatro o que quer, de tal maneira a sua vida dramática é fecunda e a sua experiência é grande.»



AVENTURAS DE TIO CARLOS

TEM PRÉDIO? TEM CARRO?

ENTÃO TEM DINHEIRO!

CONSULTE JÁ A

ORCOSI

Telefs. 367444/323172

Rua 1.ª de Dezembro, 15

Palavras cruzadas

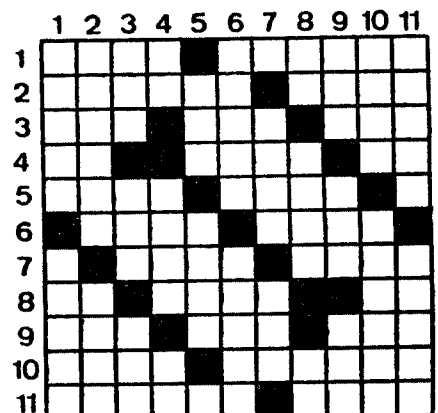
(COM PROVERBIO)

PROBLEMA N.º 5851

HORIZONTAIS: 1 — Aquele que sacudir. 2 — Exclusivos. Oculto. 3 — Suspiros. Seguias. Preposição. 4 — Caminhar. Rio de França. Sateélite de Júpiter. 5 — Dança dos Samoanos. Mãe de Ismael. 6 — Encolheriza. Vazios. 7 — Lugar onde se arremata o peixe à chegada dos barcos de pesca. Acolá. 8 — Artigo definido (ant.). Faixa de chuva. Rum. 9 — Em as. Uma das Cidades Matemáticas (abrev.). 10 — Remar para trás. Habitante de Roma. 11 — Benefício. Prémio. Habitante (pl).

VERTICAIS: 1 — Prémio relativo (pl). Do mina. 2 — Ligaria. Ponta da verga. 3 — Aquela. Miseria. Figura que simboliza o povo americano. 4 — Mil e com um romano. Cinchos. Letra grega. 5 — Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. Freguesia do concelho de Mondim de Basto. 6 — Vasilha com asas (prov.). Assanha. 7 — Suavidade. Guarnição de asas. 8 — Antes de Cristo. Costa. Prémio pessoal. 9 — Lançador de certos frutos. Lista. Calamidade. 10 — Icer. Período de sete dias seguidos. 11 — Pernadas. Apellido.

Resolva completamente este problema? Procure agora em segunda passatempo o PROVERBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5850

HORIZONTAIS: 1 — Ataca. Lemas. 2 — Pela. Pelota. 3 — Amal. Ivá. Al. 4 — Pirata. Ida. 5 — Cosano. Aros. 6 — O. Al. 7 — Morada. Aans. 8 — Ramais. Soa. 9 — Sama. Dom. 10 — Atai. Avisar. 11 — Messe. Amara.

VERTICAIS: 1 — Apá. Com. Sam. 2 — TEM. PO. Orate. 3 — Alais. Orate. 4 — Caíra. Amas. 5 — An. DA. E. 6 — Pito. Aida. 7 — LEVA. Sova. 8 — Ela. Ala. Mim. 9 — M6. Irias. Sa. 10 — Atado. Notar. 11 — Salas. Salva.

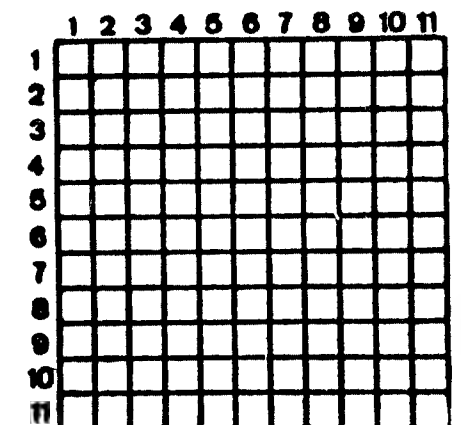
Provérbio: O TEMPO DA E LEVA.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9694

HORIZONTAIS: 1 — Cidade japonesa na ilha de Hondu. Antiga província de França. 2 — Prenda. Enredo italiano que publicou em 1822 fragmentos importantes da República de Cícero. Maior. 3 — Passar rapidamente. Tombar. 4 — Rádio (s. q.). Aplaca. Fútil. 5 — Obnganas (fig.). 6 — Em partes iguais. Preposição latina que designa movimento. 7 — Rio de Portugal. Acores. Palavra árabe, que significa servo e entra na composição de muitos nomes próprios. 8 — Artigo definido. Saira frequentemente a rua. Letra grega. 9 — Botrãoquino anuro semelhante à ra. Soam. 10 — Intervalo de meio tom (Mús.). Deje. Juadouro. 11 — Irmão de Moisés. Glóbulos.

VERTICAIS: 1 — Porto e cidade de França. Folia. 2 — Levas á sirga. Rio de França. 3 — Distrito da Índia Portuguesa. Utensílios domésticos. Preposição. 4 — Invulgar. Cidade de Itália. 5 — Prefixo de negação. Pato Ouro (s. q.). Preposição e artigo definido. 6 — Dispostos em camadas. 7 — Nota musical. Alemanha (s. q.). Caminhar. Pago (abrev.). 8 — Rasto. Prender. 9 — Magnete natural. Passada. Agora. 10 — Mulher casada há pouco. Fero. 11 — Vagueias. Domésticos.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9693

HORIZONTAIS: 1 — Egeia. Avea. 2 — Loços. Sarai. 3 — Itaca. Siara. 4 — Sã. Ad. Ua. Om. 5 — Ada. Am. 6 — Pia. Ais. 7 — Crã. Ago. Lar. 8 — Ro. Avano. Lá. 9 — Avaré. Unros. 10 — Vala. Coia. 11 — Aro'a. Casas.

VERTICAIS: 1 — Elisa. Crava. 2 — Gata. Provar. 3 — Eça. Aio. Aló. 4 — Tacada. ONU. 5 — Asada. Ave. 6 — Uçã. 7 — Assua. ONU. 8 — Valara. Orça. 9 — Era. Mil. Ros. 10 — Para. Solata. 11 — Liara. Rosas. Rb. Onçely.

SERVENTES DE IMPRESSÃO OFFSET

PRECISAM-SE

Resposta, com informações detalhadas ao n.º 754 deste Jornal.

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

FOLAR DA PÁSCOA

ALTA FIDELIDADE

DISCOTECA
RÁDIOS
T. V.

GIRA DISCOS

GRAVADORES

MAQ. LAVAR

LOUÇA E ROUPA

FRIGORÍFICOS

FOGÕES

ASPIRADORES

ATÉ 36 MESES

SEM FIADOR

CASA MAX

193 R. D. Estefânia, 193-F



COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

NAVIOS	SAÍDAS	PORTOS DE DESTINO
«Quelimane» *	8 de Abril	CARREGA EM LISBOA ATÉ 5 DE ABRIL. Lobito, Lourenço Marques, Beira e Nacala.
«P. Perfeito»	19 de Abril	CARREGA EM LISBOA ATÉ 16 DE ABRIL. Luanda e Lobito.
«Moçâmedes» *	28 de Abril	Príncipe, S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçâmedes, Novo Redondo (se necessário), Porto Amboim e Cabinda.
«Moçambique» *	29 de Abril	CARREGA EM LISBOA ATÉ 26 DE ABRIL. Funchal, S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçâmedes, Cabo Durban, Lourenço Marques, Beira, Moçambique e Nacala.
«Angola»	30 de Abril	CARREGA EM LISBOA ATÉ 27 DE ABRIL. Luanda e Lobito.
Agência de Carga Aérea	DIA SEGUINTE	PARA TODO O MUNDO

* Com escala prévia por Lisboa

LISBOA: R. DO COMÉRCIO, 86. TEL. 303021. Reserva de Passagens: 34754 3681. AGÊNCIA NO PORTO: NORTE-MAR, R. INFANTE D. HENRIQUE, 63. TEL. 22438



A CRIANÇA E OS AVÓS — Em algumas aldeias da Alta Baviera ainda existe o costume de os lados dos bancos serem representações dos antepassados. Neste belo exemplar em Ohlstadt, perto de Bad Tölz, o avô e a avó da criança loira, aí estão talhados e pintados a cores vivas, ostentam os trajes regionais da sua época

E. U. A.: MUSKIE E McGOVERN DISPUTAM O APOIO DOS JOVENS

WASHINGTON — Robert Squier, o brilhante produtor da TV norte-americana, que foi responsável pela intervenção espectacular do senador Muskie, na véspera das eleições de 1970, tem agora um escritório no edifício onde está instalado o quartel-general nacional de Muskie.

Squier garante que o antigo candidato à vice-presidência só o contratou em «part-time» — «o que parece querer dizer das 10 da manhã às 10 da noite». A sua chegada ao quartel-general de Muskie ilustra a expansão constante de uma organização que compreende já mais de 40 colaboradores assalariados, além doutros colaboradores parciais como Squier e de um número apreciável de voluntários.

Os esforços do senador Muskie estão actualmente, numa fase interessante — e estranha — atirando para várias direcções ao mesmo tempo. As suas despesas aumentam, as suas sondagens estão em baixo, enquanto procura tomar posições ousadas, mantendo, embora, um «perfil

baixo» e não pretendendo fechar a porta a nenhuma opção. Foi exactamente isso o que os seus managers lhe disseram para este estágio da campanha, e será essa a consolação que agora lhe resta. Há alguns meses, quando foi oficialmente designado como director da campanha de

Muskie, numa altura em que outros se entregavam à euforia de trabalhar para um candidato que levava um grande avanço sobre os outros, o advogado de Washington, Bert Bernhardt, começou a tentar encontrar a solução para o seguinte problema: que fazer quando chegar a hora do refluxo?

Bernhardt nunca duvidou de que as sondagens conheçam uma curva descendente. O boom que se seguiu ao discurso da véspera das eleições — devido a uma vaga de admiração dos democráticos e dos independentes para com o discurso moderado de Muskie depois da intervenção errada de Nixon em Phoenix — fora tão espectacular que a única coisa a esperar seria um recuo. E as circunstâncias da intervenção de Muskie não

tes para 1971: a criação de uma organização sólida — realizações legislativas substanciais no domínio em que se especializou — e tomadas de posição claras sobre os pontos que provavelmente dominarão a campanha de 1972.

Muskie ainda não resolveu todos os seus problemas de organização. A máquina de Muskie é a mais importante até hoje posta em marcha por um candidato à presidência, vinte meses antes das eleições, mas faltam-lhe ainda certos elementos vitais: por exemplo, Muskie não escolheu ainda um *attaché de presse*.

O que é mais preocupante, a longo prazo, é a necessidade, para o senador Muskie, de se identificar com tomadas de posição específicas. Estes esforços entram em conflito com a resistência de alguns

Por DAVID BRODER

(Exclusivo «The Washington Post»-«D. L.»)

permitted esperar um boom semelhante antes das próximas eleições.

Bernhardt entendeu, muito antes de o recuo se verificar, que esse «refluxo da onda» não deveria implicar uma modificação dos seus planos de campanha para 1971. Desde que mantenha uma base sólida e que as suas sondagens não revelem uma queda prolongada e acelerada, pouco interessa (diz o director da campanha de Muskie) que a popularidade do senador marque seis pontos a mais ou seis pontos a menos que a do seu mais próximo rival.

O que explica que as sondagens pessimistas não consternam o campo de Muskie, como o não alegrem as sondagens optimistas.

A MÁQUINA MAIS IMPORTANTE

Segundo uma sondagem Gallup da segunda semana de Março, o senador Muskie perdeu sete pontos em relação ao seu máximo de Novembro passado, e hoje seria escolhido por 26% dos democráticos contra 25% para Edward Kennedy, 21% para Hubert Humphrey e 5% para Lindsay e McGovern.

Os responsáveis da campanha de Muskie entendem que a presença de Kennedy e Humphrey a poucos pontos de atraso em relação a Muskie é uma boa notícia, dado que nem um nem outro deverão opor-se a Muskie por altura das primeiras eleições primárias do próximo ano.

Mas, na semana a seguir, tornou-se evidente que os colaboradores de Muskie reagiam ao desafio da equipa mais pequena, mas mais nervosa e mais alerta de McGovern.

Bernhardt, o responsável da organização de Muskie, assinala-lhe as tarefas seguintes:

dos seus conselheiros, os quais entendem, pelo contrário, que não convém alterar a prudência natural do senador, que este não deve tomar posições precipitadas, susceptíveis de virem a revelar-se pouco convenientes em 1972, e que ele não deve fazer-se ouvir demasiadas vezes em 1971, para evitar que as pessoas se sintam enfiadas do simples timbre da sua voz.

Mas Muskie não levou em conta os conselhos daqueles que lhe sugeriam uma política de «astúcia» em 1971. Em parte porque isso era contrário às ideias de Bernhardt, e em parte porque a presença de McGovern torna essa política demasiado perigosa. O senador do Dakota do Sul tem obtido uma fraca pontuação nas sondagens, mas as multidões que atraiu no New Hampshire e no Wisconsin convenceram certos jornalistas cépticos de Washington de que McGovern poderia ser um adversário sério para Muskie.

A FAVOR DA RETIRADA TOTAL

McGovern toma posições em flecha e tem uma grande tendência para reduzir as questões mais complexas a frases que fazem a alegria dos jornalistas e que frustram terrivelmente os managers de Muskie. Na semana passada, fazendo um esforço para reduzir a vantagem de McGovern e para fazer desaparecer a impressão de que Muskie estava deliberadamente «frouxo» quanto às questões importantes, a organização de Muskie enviou 9000 exemplares do recente discurso de Muskie em Filadélfia sobre a guerra da Indochina — o que é particularmente interessante — aos directores das organizações de estudantes e aos chefes de

(Continua na 22.ª página)



PARA ALÉM DE LIMITES INVISÍVEIS...

...há um mundo enorme à sua espera. Um mundo feito de jardins. De correrias. De liberdade. Um mundo de traquinices. De diversão. De risos. Todo um mundo que a chuva inesperadamente proibiu. Evade-se então a criança, olhando através dos vidros molhados da janela. Imagina, triste, o que fica para além. Fugindo. Correndo alegre. Livre. Inventando o mundo bom que de momento lhe escapa.

Mas para além, mais para além de tudo aquilo que a criança pensa, há ainda um mundo que

ela ignora. Um mundo feito de competição. De lutas. De riscos. De acidentes. Um mundo de vencedores e também de vencidos. De homens hábeis. De tensões, de pausas. De amor e também de ódio. O mundo em que hoje está tranquila, mas que amanhã terá de enfrentar sozinha, empunhando as suas próprias armas.

Este é o mundo que a criança desconhece ainda, mas é precisamente aquele em que pensamos. Aquele em que a ajudaremos a situar. A vencer. Esta é uma das razões por que existimos.



FIDELIDADE SEGUROS

uma companhia para toda a vida



A CRIANÇA E OS AVÓS — Em algumas aldeias da Alta Baviera ainda existe o costume de os lados dos bancos serem representações dos antepassados. Neste belo exemplar em Ohlstadt, perto de Bad Tölz, o avô e a avó da criança loira, aí estão talhados e pintados a cores vivas, ostentam os trajes regionais da sua época

E. U. A.: MUSKIE E McGOVERN DISPUTAM O APOIO DOS JOVENS

WASHINGTON — Robert Squier, o brilhante produtor da TV norte-americana, que foi responsável pela intervenção espectacular do senador Muskie, na véspera das eleições de 1970, tem agora um escritório no edifício onde está instalado o quartel-general nacional de Muskie.

Squier garante que o antigo candidato à vice-presidência só o contratou em «part-time» — «o que parece querer dizer das 10 da manhã às 10 da noite». A sua chegada ao quartel-general de Muskie ilustra a expansão constante de uma organização que compreende já mais de 40 colaboradores assalariados, além doutros colaboradores parciais como Squier e de um número apreciável de voluntários.

Os esforços do senador Muskie estão actualmente numa fase interessante — e estranha — atirando para várias direcções ao mesmo tempo. As suas sondagens aumentam, as suas sondagens estão em baixo, enquanto procura tomar posições cuidadosas, mantendo, embora, um «perfil baixo» e não pretendendo fechar a porta a nenhuma opção. Foi exactamente isso o que os seus managers lhe pediram para este estágio da campanha, e será essa a consolação que agora lhe resta.

Há alguns meses, quando foi oficialmente designado como director da campanha de

Muskie, numa altura em que outros se entregavam à euforia de trabalhar para um candidato que levava um grande avanço sobre os outros, o advogado de Washington, Bert Bernhardt, começou a tentar encontrar a solução para o seguinte problema: que fazer quando chegar a hora do refluxo?

Bernhardt nunca duvidou de que as sondagens conheçam uma curva descendente. O boom que se seguiu ao discurso da véspera das eleições — devido a uma vaga de admiração dos democráticos e dos independentes para com o discurso moderado de Muskie depois da intervenção errada de Nixon em Phoenix — fora tão espectacular que a única coisa a esperar seria um recuo. E as circunstâncias da intervenção de Muskie não

tes para 1971: a criação de uma organização sólida — realizações legislativas substanciais no domínio em que se especializou — e tomadas de posição claras sobre os pontos que provavelmente dominarão a campanha de 1972.

Muskie ainda não resolveu todos os seus problemas de organização. A máquina de Muskie é a mais importante até hoje posta em marcha por um candidato à presidência, vinte meses antes das eleições, mas faltam-lhe ainda certos elementos vitais: por exemplo, Muskie não escolheu ainda um *attaché de presse*.

O que é mais preocupante, a longo prazo, é a necessidade, para o senador Muskie, de se identificar com tomadas de posição específicas. Estes esforços entram em conflito com a resistência de alguns

Por DAVID BRODER

(Exclusivo «The Washington Post»-(D. L.))

permitiam esperar um boom semelhante antes das próximas eleições.

Bernhardt entendeu, muito antes de o recuo se verificar, que esse «refluxo da onda» não deveria implicar uma modificação dos seus planos de campanha para 1971. Desde que mantenha uma base sólida e que as suas sondagens não revelem uma queda prolongada e acelerada, pouco interessa (diz o director da campanha de Muskie) que a popularidade do senador marque seis pontos a mais ou seis pontos a menos que a do seu mais próximo rival.

O que explica que as sondagens pessimistas não consternam o campo de Muskie, como o não alegam as sondagens optimistas.

A MÁQUINA MAIS IMPORTANTE

Segundo uma sondagem Gallup da segunda semana de Março, o senador Muskie perde sete pontos em relação ao seu máximo de Novembro passado, e hoje seria escolhido por 26% dos democráticos contra 25% para Edward Kennedy, 21% para Hubert Humphrey e 3% para Lindsay e McGovern.

Os responsáveis da campanha de Muskie entendem que a presença de Kennedy e Humphrey a pontos pontos de atração em relação a Muskie é uma boa coisa, e de que não tem um inimigo claro, não quer-se a Muskie, por isso, da primeira e única primária do próximo ano.

Mas, não se pode negar, tornou-se evidente que os colaboradores de Muskie reagiam ao declínio da equipa mais pequena, mas mais nervosa e mais perto de McGovern.

Bernhardt, o responsável da organização de Muskie, assumira-lhe as tarefas seguin-

dos seus conselheiros, os quais entendem, pelo contrário, que não convém alterar a prudência natural do senador, que este não deve tomar posições precipitadas susceptíveis de virem a revelar-se pouco convenientes em 1972, e que ele não deve fazer-se ouvir demasiadas vezes em 1971, para evitar que as pessoas se sintam enfiadas do simples timbre da sua voz.

Mas Muskie não levou em conta os conselhos daqueles que lhe sugeriam uma política de «astúcia» em 1971. Em parte porque isso era contrário às ideias de Bernhardt, e em parte porque a presença de McGovern torna essa política demasiado perigosa. O senador do Dakota do Sul tem obtido uma fraca pontuação nas sondagens, mas as multidões que atraíu no New Hampshire e no Wisconsin convenceram certos jornalistas cépticos de Washington de que McGovern poderia ser um adversário sério para Muskie.

A FAVOR DA RETIRADA TOTAL

McGovern tem posições em flecha e tem uma grande tendência para reduzir as questões mais complexas a frases que fazem a alegria dos jornalistas e que frustam facilmente os managers de Muskie. Na semana passada, fazendo um esforço para reduzir a vantagem de McGovern e para fazer desaparecer a imagem de que Muskie estava desmotivado, declarou: «Quando se trata de questões importantes, a organização de Muskie tem o 9000 ex-empregados do recente desastre de Muskie em Eilat. Há uma guerra da Indochina — o que é particularmente interessante — e os directores das organizações de estudantes e os chefes de



PARA ALÉM DE LIMITES INVISÍVEIS...

...há um mundo enorme à sua espera. Um mundo feito de jardins. De correrias. De liberdade. Um mundo de traquinices. De diversão. De risos. Todo um mundo que a chuva inesperadamente proibiu. Evade-se então a criança, olhando através dos vidros molhados da janela. Imagina, triste, o que fica para além. Fugindo. Correndo alegre. Livre. Inventando o mundo bom que de momento lhe escapa. Mas para além, mais para além de tudo aquilo que a criança pensa, há ainda um mundo que

ela ignora. Um mundo feito de competição. De lutas. De riscos. De acidentes. Um mundo de vencedores e também de vencidos. De homens hábeis. De tensões, de pausas. De amor e também de ódio. O mundo em que hoje está tranquila, mas que amanhã terá de enfrentar sozinha, empunhando as suas próprias armas.

Este é o mundo que a criança desconhece ainda, mas é precisamente aquele em que pensamos. Aquele em que a ajudaremos a situar. A vencer. Esta é uma das razões por que existimos.



FIDELIDADE • SEGUROS

uma companhia para toda a vida

(Continua na 22.ª página)

Actualidade internacional

Partidários e adversários da guerra rejeitam a condenação de Calley

WASHINGTON, 2 — (R.) — A inesperada decisão do presidente Nixon de ordenar a libertação do tenente Wil-

liam Calley, que poderá aguardar nessas condições o julgamento do recurso que apresentou ao Supremo Tri-

bunal Militar, deverá acalmar hoje a vaga de protestos que se levantou em todo o país quando aquele oficial foi condenado a prisão perpétua pelo massacre de My Lai.

A decisão do presidente foi aplaudida no Congresso, onde anteriormente a pesada pena aplicada a Calley tinha sido criticada.

A libertação de Calley foi ordenada por Nixon depois de milhares de cartas, telegramas e telefonemas terem chegado à Casa Branca, de todos

os pontos do país, rejeitando a condenação na proporção de cem para um.

O mais curioso é que se opõem à condenação de Calley tanto aqueles que são a favor da guerra do Vietnam como os que a reprovam.

Para os primeiros, o jovem tenente cumpriu apenas o seu dever e obedeceu às ordens dos seus superiores, além de que era impossível, em circunstâncias, distinguir vietcongs e civis.

«DUELO NO AR» ENTRE AS MENTIRAS DE 1 DE ABRIL

LONDRES, 2 — (ANI) — Como de costume, jornais e emissoras de muitos países pregaram as suas partidas no dia 1 de Abril.

A BBC há quatro meses que preparava a sua — a atribuição de um prémio que não existe a um homem que nunca existiu. O prémio chamava-se «Ettore Savini Memorial» e o galardão «Gerald Burley», «um notável antropólogo e filantropo».

A propósito da atribuição deste prémio foram ouvidas pessoas conhecidas, entre elas o violinista Yehudi Menuhin.

Mais tarde, um informador da BBC afirmou

que tinham sido recebidos muitos telefonemas por causa do programa, incluindo um de uma mulher que, afirmando ser amiga de «Gerald Burley», queria saber porque razão não a tinham convidado também a dar sua opinião sobre a concessão do prémio.

O programa de Televisão da BBC anunciou que dois veteranos da primeira guerra mundial tinham travado um duelo no ar, por causa de uma mulher. Actores desempenharam o papel dos apaixonados e na sequência filmada da luta foram usados modelos de aviões daquele tempo.

Mais de 2600 mortos só em Comilla

— revela um refugiado paquistanês

NOVA DELHI, 2 — (R.) — Um oficial da Polícia, que fugiu hoje do Paquistão Oriental, declarou à agência PTI que só na cidade de Comilla já morreram mais de 2600 pessoas, em resultado da feroz luta no fim da semana passada, junto à área da base militar daquela cidade.

Entre os mortos contam-se cerca de 500 polícias do Paquistão Oriental e 100 soldados do Paquistão Ocidental.

A agência PTI informa simultaneamente que estão a entrar no estado indiano de Meghalai centenas de refugiados do Paquistão Oriental, desde que, ontem à noite, a Força Aérea bombardeou e metralhou impiedosamente a cidade de Sunamganj. Referindo-se a notícias que considera de boa fonte, a agência informa que o número de

baixas deve ser muito elevado.

Sunamganj fica situada junto à fronteira com a União Indiana e a cerca de 50 quilómetros de Sylhet, no Paquistão Oriental.

A agência PTI, que tem estado a dar notícias de grandes êxitos dos «combatentes da liberdade», informou também que a sorte se virou contra as forças de Bangla Desh quando o Exército voltou a assumir o domínio de Dacca e da região de Comilla. Estas vitórias foram obtidas à custa de uma ofensiva em grande escala, que incluiu o bombardeamento aéreo de numerosas cidades. Porém, os círculos diplomáticos e os observadores duvidam que o Exército tenha perdido alguma vez o domínio de Dacca.

RESGATE DE 3450 CONTOS

CHICAGO, 2 — (R.) — O presidente de um banco entregou ontem um resgate de 118 000 dólares (cerca de 3450 contos) a uma automobilista misteriosa, após uma quadrilha invadir a sua residência, amarrar a esposa e ameaçar matá-la.

Mais tarde, agentes do F. B. I. prenderam dois homens e uma mulher, em relação com o caso, mas continuam as investigações para encontrar o dinheiro do resgate.

Fernando Miranda

MISSA DO 7.º DIA

Sua esposa e família, cumprindo o doloroso dever de participar que será celebrada missa pelo seu eterno descanso no dia 8 pelas 9.30 horas na igreja dos Jerónimos, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.



tudo novo na sua casa

Ao chegar, com a família, à sua nova casa em Santo António dos Cavaleiros, encontra decoração original, sensibilidade, nova vida. Veja que espaço interior! Todo ele estudado racionalmente e mobilado. E lá fora os seus filhos podem brincar, sonhar, correr, estudar. Podem crescer. A casa é sua. Introduza alterações na disposição e no conteúdo, aproveitando as vantagens especiais, que a Icesa lhe oferece e a ajuda de um decorador que esta Empresa põe ao seu serviço, gratuitamente. Em Santo António dos Cavaleiros encontra, para entrega imediata, 9 tipos diferentes de habitações — de 3 a 9 divisões. São casas que se valorizam de ano para ano, numa cidade nova, a dois passos de Lisboa.

Visite os nossos andares - tipo, mobilados por Olaió

SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS Uma certeza de felicidade

Um empreendimento da ICESA - Indústria de Construção e Empreendimentos, S.A.R.L. - Av. da Liberdade, 9 - Lisboa 2/Telef.: 328314 (P.P.C.) - Santo António dos Cavaleiros - Telef.: 2530865 - Visitas todos os dias, das 11 às 13 e das 15 às 20 horas, excepto às 2.ª e 3.ª feiras.

Actualidade internacional

SHAPE—20 anos de vida

Completam-se hoje 20 anos sobre a criação do Grande Quartel-Central das Potências Aliadas na Europa (SHAPE). Este foi constituído por decisão do Conselho do Atlântico Norte, o organismo político dirigente da N. A. T. O. Tratou-se do núcleo cerebral e do centro orientador para a defesa da Europa. O general Eisenhower foi o primeiro comandante supremo das Potências Aliadas na Europa (de Dezembro de 1950 até 1952). Sucederam-lhe os generais Ridgway, Gruenther, Norstad e Lemnitzer. Actualmente, a função são exercidas pelo general J. Goodmaster. Aliás, o Comando Supremo das Potências Aliadas na Europa é assumido, obrigatoriamente, por um norte-americano, como são os Estados Unidos que cobrem cerca de 40 por cento da Organização Atlântica. Recordem-se, a propósito, que o Tratado do Atlântico Norte, de que Portugal é um dos signatários, foi assinado em Washington, em 4 de Abril de 1949.

O SHAPE foi instalado inicialmente perto de Rocquencourt, a alguns quilómetros a Oeste de Paris. O general de Gaulle, como se sabe, deu-lhe o selo da França. A organização militar do Pacto do Atlântico, implicando tal decisão, foi dada do SHAPE da comissão francesa. O quartel-general foi depois transferido para território belga, perto de Mons. A instalação actual data de 31 de Março de 1967.

Na sua qualidade de comandante supremo aliado na Europa, o general Goodmaster exerce

o comando total dos Quartéis-Generais militares integrados da N. A. T. O. em todo o continente europeu. A sua jurisdição abrange, assim, os estados-membros internacionais do SHAPE e os Altos Comandos subordinados para as regiões do Norte da Europa, da Europa Central e do Sul da Europa. Estes Altos Comandos têm as suas sedes, respectivamente, em Oslo (Noruega), Bruxelas (Holanda) e Nápoles (Itália). O referido alto comando engloba também os estados maiores integrados dos Agrandamentos do Exército e das Forças Aéreas Táticas Aliadas.

A assinatura do Tratado do Atlântico Norte explica-se no ambiente de desconfiança e de despeto («guerra fria») que caracterizou as relações entre o Leste e o Ocidente, após a Segunda Guerra Mundial. O Pacto de Varsóvia e o seu equivalente no bloco dos países socialistas. De então para cá, porém, muitas coisas evoluíram. Há muitos que têm sido sucessivamente destruídos e obstáculos que o tempo tem ajudado a aplanar. As políticas de que Foster Dulles e Adenauer foram símbolos, são considerados factos do passado. Kennedy iniciou novo período nas relações internacionais. É pena que o assassinio de Dallas lhe tenha posto termo ou, pelo menos, tenha retardado a sua evolução. Mas o fim das organizações militares de bloco, tanto o Pacto do Atlântico como o Pacto de Varsóvia, podem corresponder cada vez mais ao anseio de paz que domina o espírito da maioria dos homens.



«BONNIE» E «CLAUDE» (dois golfinhos que estão a ser exibidos em Londres) roubaram o «show» à actriz da TV inglesa Susan Stranks, apesar dos «hot-pants» desta. Estava previsto que a jovem cavalgasse um dos golfinhos, mas Susan teve de contentar-se em dar-lhes de comer, à mão, o que foi facilitado pela inteligência e pelo treino daqueles animais.

A Jordânia à beira da guerra civil

AMÁ, 2 — (A. N. I.) — A Jordânia parece estar à beira de uma guerra civil informando o Governo que se estão a registar combates entre as suas tropas e os guerrilheiros palestinos na própria capital no Vale do Jordão e nas áreas de Jewish e de Ajloun no Norte.

O informador governamental disse que estes combates foram iniciados pelos guerrilheiros ao atacarem as forças de segurança. Dentro de poucas horas, numerosos postos avançados da Polícia e do Exército estavam sob o fogo dos guerrilheiros que utilizavam armas ligeiras, metralhadoras, foguetões e morteiros.

OLEODUTO SABOTADO

AMÁ, 2 — (R.) — Guerrilheiros palestinos sabotaram um ramal do oleoduto Tapline, que fornece petróleo em rama da Arábia Saudita à refinaria jordana de Zerká, a mais importante do país — anunciou um informador do Ministério do Interior.

O oleoduto da companhia Trans-Arabian Pipeline (Tapline) liga os poços de petróleo da Arábia Saudita ao porto libanês de Zahrani, perto de Sidon, depois de atravessar a Síria.

O atentado hoje verificado deu-se num ramal que trans-

porta o petróleo do oleoduto principal até ao território jordano. Uma secção de três metros do ramal foi destruída e declarou-se um incêndio que durou mais de cinco horas, antes de ser dominado, esta manhã.

O informador revelou o valor dos prejuízos causados, mas observadores estrangeiros calculam que este foi o mais severo golpe sofrido pelos palestinos contra as autoridades jordanas desde os combates travados em Irbid, na semana passada.

O oleoduto principal, que desta vez não foi afectado, continuando o petróleo a correr para o porto terminal, já foi atacado por várias vezes desde a «guerra dos seis dias», no sector sírio, ocupado pelos israelitas.

Em Maio do ano passado, foi romido accidentalmente por um tractor e a Síria recusou-se a autorizar a sua reparação porque não conseguiu obter da companhia americana um substancial aumento dos direitos de trânsito, após o que o oleoduto voltou a funcionar normalmente, em Janeiro deste ano.

Os observadores em Amá notam que os guerrilheiros palestinos estão a adoptar contra o regime jordano métodos de sabotagem idênticos aos que normalmente empregam contra Israel nos territórios ocupados.

SADAT RENOVA A OFERTA DE REABERTURA DO CANAL

CAIRO, 2 — (R.) — O presidente Sadat, do Egipto, renovou a sua anterior oferta de reabertura do Canal de

Suez, com a condição de se verificar uma retirada parcial das tropas israelitas da margem leste do Canal.

Sadat insistiu novamente neste plano ao fazer, ontem à noite, uma análise pormenorizada da atitude egípcia em relação à crise no Médio-Oriente e disse que a sua iniciativa deve ser encarada como um caminho para a paz completa e final.

Pouco antes, fontes bem informadas haviam dito que o dirigente egípcio recebera uma carta do presidente Nixon sobre a crise.

Sadat apresentou pela primeira vez, a 4 de Fevereiro, a sua proposta, para a reabertura do Canal ao dizer que o Egipto é partidário de medidas concretas que conduzam à paz e não se con-

tenta com resultados superficiais.

A agência Mena disse que o presidente sublinhou ontem à noite que esta iniciativa de reabertura do Canal não deve ser encarada como uma solução provisória e parcial do conflito mas sim como um passo no sentido de um acordo geral, baseado no cumprimento da moção do Conselho de Segurança de Novembro de 1967. Essa moção pedia entre outras coi-

sas, a evacuação israelita de todos os territórios árabes ocupados.

A agência egípcia não mencionou ontem à noite a distância para que os israelitas deviam recuar, mas, numa recente entrevista, Sadat disse que a evacuação deveria fazer-se para uma linha situada para lá de El-Arish, a cidade costeira do Sinai que fica a meio caminho entre Port Said e Tel-Aviv.

O APOIO DOS JOVENS

(Continuação da 20.ª página)

redacção das publicações universitárias. Neste discurso, que é um dos mais enérgicos dos que Muskie até hoje tem feito sobre a guerra da Indochina, o senador do Maine pronunciou-se a favor da retirada de todas as tropas americanas do Vietnam do Sul até 31 de Dezembro próximo.

Não foi por acaso que as cópias deste discurso foram enviadas às organizações de estudantes — e dos outros. Isso significa, também, que Muskie decidiu enfrentar McGovern no terreno das grandes tomadas de posição. Os que lhe tinham aconselhado a prudência não aprovaram essa atitude, mas é opinião geral no campo de Muskie que o senador não podia arriscar-se, mesmo contando com um produtor de TV como Bob Squier, a não se aventurar pelo terreno das tomadas de posição francas.

recrutou a grande parte dos melhores estudantes.

Lannie Davies, o responsável da campanha de Muskie junto dos jovens, está convencido de que «os estudantes têm grandes reservas contra Muskie», perguntando «constantemente qual é a posição do senador sobre a guerra».

O envio dos exemplares do discurso de Muskie é a primeira tentativa séria para responder a esta pergunta dos estudantes — e dos outros. Isso significa, também, que Muskie decidiu enfrentar McGovern no terreno das grandes tomadas de posição. Os que lhe tinham aconselhado a prudência não aprovaram essa atitude, mas é opinião geral no campo de Muskie que o senador não podia arriscar-se, mesmo contando com um produtor de TV como Bob Squier, a não se aventurar pelo terreno das tomadas de posição francas.

BANCO DE ANGOLA

S. A. R. L.

De conformidade com o artigo 37.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral Ordinária do Banco de Angola para o dia 17 do próximo mês de Abril, na sua Sede, na Rua da Prata, n.º 10, em Lisboa, pelas 11 horas, para:

- 1.º — Apreciação e votação do Relatório, Contas e Parecer do Conselho Fiscal, relativos ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1970;
- 2.º — Deliberar sobre a matéria a que se refere o § único do artigo 43.º dos Estatutos;
- 3.º — Deliberar sobre a alteração do § 2.º do artigo 10.º e do artigo 25.º dos Estatutos;
- 4.º — Deliberar sobre a matéria constante do citado § 2.º do artigo 10.º, quando aprovada a sua alteração;
- 5.º — Proceder ao preenchimento de vagas existentes nos Conselhos de Administração e Fiscal e indicar o Presidente deste último Conselho.

Lisboa, 19 de Março de 1971

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
Pela Fazenda Nacional

António Cândido Mouteira Guerreiro
(Director-Geral da Fazenda Pública)

VOO INAUGURAL DA TAP PARA MONTREAL

MONTREAL, 2 — (F. P.) Um Boeing 707 da companhia portuguesa TAP, estabelecendo a ligação inaugural Lisboa-Montreal, chegou ao aeroporto internacional de Dorval-Montreal ontem, ao fim da tarde, voltando a partir à noite para Portugal, via Santa Maria, nos Açores.

A TAP assegurará, de agora em diante, todas as semanas, três ligações entre Lisboa e aquela metrópole canadiana: uma directa, aos sábados, e duas com escala nos Açores, às segundas e quintas-feiras.

FUSÃO NUCLEAR E ENERGIA ELÉCTRICA

ÊXITO NAS EXPERIÊNCIAS NÃO SIGNIFICA PASSAGEM CERTA À FASE INDUSTRIAL

AFIRMOU-NOS O DR. CARLOS CACHO, DIRECTOR DO L. F. E. N.

Obter energia eléctrica por um processo de fusão termonuclear vai ser de primordial importância para a Humanidade, segundo sublinhou o dr. Carlos Cacho, director do Laboratório de Física e Energia Nucleares, em entrevista que lhe solicitámos para esclarecimento do artigo por nós publicado há dias, subordinado ao título «É possível produzir energia eléctrica por fusão nuclear».

Esta possibilidade, tão complexa, do aproveitamento da energia nuclear resultante de reacções de fusão termonuclear para produzir directamente energia eléctrica, só poderá verificar-se, porém, a longo prazo, pois o êxito em experiências não significa passagem assegurada à fase industrial.

Dominar a libertação de energia incontrolada

Começou por nos dizer o dr. Carlos Cacho:

— Existem dois processos possíveis para conceber a utilização da energia nuclear para produção de energia eléctrica. O primeiro é a cisão do urânio, processo já feito em prática em centrais de diversos países, as quais possuem potência espantosa. Nos Estados Unidos, por exemplo, existem cerca de 70 dessas centrais em funcionamento ou em construção. Para dar uma ideia, basta dizer-se que em alguns dos casos uma só dessas centrais aproxima-se, em capacidade produtora, da potência total instalada no nosso País. Aliás, considera-se a hipótese de montar uma central desse tipo, em Portugal, em 1978. Este é um processo, portanto, de obtenção de energia eléctrica a partir da energia nuclear. Implica, no entanto, a transformação em energia calorífica e a desta em energia eléctrica. O outro processo baseia-se na fusão de núcleos de átomos leves. São reacções de fusão termonuclear do mesmo tipo das que se passam no Sol, semelhantes às que ocorrem na explosão de uma bomba de hidrogénio. Ora, aqui reside o problema. Na bomba de hidro-

génio, a energia que se liberta é incontrolada e, precisamente, pretende-se, para fins pacíficos, controlar essa energia. O caminho a seguir é a produção de um plasma...

— E pode o senhor doutor explicar, de maneira acessível, em que consiste esse plasma?

— O plasma é o estado mais natural da matéria, tal como existe no Universo. As estrelas, por exemplo, estão no estado de plasma, enquanto a Terra se encontra no estado neutro. No estado de plasma, as cargas eléctricas positivas encontram-se afastadas das cargas eléctricas negativas, não sendo o conjunto electricamente neutro. São condições para produzir energia útil por reacções de fusão termonuclear — o que, eventualmente, se torna necessário no futuro, pois vão-se esgotando as outras reservas de produção de energia. E digo eventualmente, porque não quero excluir a hipótese de se descobrirem outras fontes e outros processos.

Quatrocentos milhões de graus centígrados

E acrescentou

— As condições para utilização do plasma, do ponto de vista experimental, são muito difíceis. Torna-se necessário produzir um plasma de certa densidade e aquecê-lo a temperaturas muito elevadas (cerca de 400 milhões de graus centígrados) por meio de correntes magnéticas que fazem circular as partículas a velocidades enormes, durante um tempo relativamente longo. A esta agitação do plasma corresponde aquela temperatura muito alta e as reacções de fusão nuclear dão-se com

saldo positivo na produção de energia eléctrica. Porém, se o plasma bater nas paredes do tubo em que está a ser aquecido, arrefece imediatamente, invalidando a experiência. São condições tão severas que muitos põem em dúvida que seja processo viável e até idêntico afirmou que seriam precisos 10 anos para se saber se o processo é ou não exequível, do ponto de vista prático. Faz-se um grande esforço laboratorial em muitos países, tais como os Estados Unidos, a União Soviética e a República Federal da Alemanha. Já têm sido produzidos plasmas, mas a temperaturas (ainda relativamente) baixas, mais para estudos de base.

Um gigantesco esforço em marcha

Disse ainda:

— É um gigantesco esforço em marcha. Quando se conseguirem temperaturas muito elevadas, densidades de plasma suficientemente altas e tempo de estabilidade do plasma suficientemente longo — tudo isso significa esperança de que a energia de fusão por via ter-

monuclear pode ser dominada.

Poi certamente o que se passou em relação ao que o vosso artigo descreve. Houve certos progressos nestes domínios, as esperanças aumentaram, mas isso não significa que a energia tenha sido dominada, ao ponto de se passar ao processo industrial. Se um dia se alcançasse pleno êxito nestas experiências, obter-se-ia a transformação directa da energia nuclear em energia eléctrica, e isto torna-se importantíssimo, porque deixa de haver a fase intermédia de passagem pela energia calorífica. Ora, como se verifica com as soluções industriais actuais da exploração da cisão nuclear, este processo implica perdas de rendimento da ordem dos 30 e tal por cento. Na fusão termonuclear há uma transformação directa, pois as partículas eléctricas em movimento correspondem a uma corrente eléctrica que pode ser transformada pelos processos conhecidos. No Sol, tudo se passa da mesma maneira, os processos são os mesmos, simplesmente o plasma tem densidade adequada, e está «confinado», existe du-



«Plasma é o estado mais natural da matéria, tal como existe no Universo», diz-nos o dr. Carlos Cacho, director do Laboratório de Física e Engenharia Nucleares

rente tempo suficiente, devido à acção da gravidade. As partículas são atraídas a distâncias incríveis, mas voltam ao Sol, por acção dessa gravidade.

A verdadeira sociedade da abundância

— Um conjunto harmonioso, portanto?

— Exactamente. No Sol, a temperatura é de cerca de 10 milhões de graus centígrados. A temperatura da bomba atómica que faz detonar a explosão de uma bomba de hidrogénio também ascende a cerca de 10 milhões de graus centígrados, mas simplesmente não se controla essa reacção. Controlá-la, como se pode facilmente ver, torna-se importantíssimo. O combustível adequado para a fusão nuclear é o deutério, hidrogénio pesado, que existe na água em quantidade muito pequena, mas a

água existe na Terra em quantidade muito grande. Um combustível inesgotável, portanto, que poria termo ao preocupante problema de ficarem esgotadas as fontes de energia habitualmente usadas, até porque o processo de aproveitamento do deutério se faz sem qualquer diminuição da quantidade e da qualidade da água existente.

— Com essa fonte inesgotável de energia, o homem caminhará para a verdadeira sociedade da abundância?

— Sim, pode-se ver por esse prisma.

Recomeço do princípio

O Laboratório de Física e Engenharia Nucleares já tem um grupo de Física do plasma, para estudo de algumas das suas propriedades básicas, segundo nos disse o dr. Carlos Cacho. Todas estas experiências, como o público se pode aperceber, são de extrema dificuldade. Há alguns anos, os ingleses julgaram ter resolvido o problema. Construíram uma máquina onde os plasmas eram aquecidos. Convidaram cientistas de toda a parte, para apreciar a experiência e, entre eles, o dr. Carlos Cacho. Este, numa conferência pronunciada na altura, afirmou que a experiência só teria importância se as partículas que constituíam o plasma, uma vez pegas em movimento, não fossem qualquer direcção definida. Algum tempo depois, verificou-se que havia uma «tendência» direccional (semelhante à de um vulgar acelerador de partículas) e a máquina foi desmontada...

Em ciência, como sublinhou o nosso entrevistado, há que se recomeçar muitas vezes do princípio, para que se obtenham resultados cada vez mais aperfeiçoados.

Corporação da Imprensa e Artes Gráficas

Sob a presidência do dr. Luís Borges de Castro, reuniu-se o Conselho da Corporação da Imprensa e Artes Gráficas para discutir e votar o relatório e as contas do exercício da gerência do ano de 1970 e para deliberar sobre uma sugestão de alteração da designação do Conselho da 3.ª Secção, relativa ao sector fabril das indústrias do papel e das suas indústrias transformadoras.

O sr. José Fernando Pimenta Mendes fez várias considerações elogiosas sobre o trabalho levado a efeito pela direcção da Corporação da Imprensa e Artes Gráficas no ano de 1970.

Por iniciativa dos srs. Gentil Marques e coronel Celso

Mendes de Magalhães foi apreciada a atitude da Direcção relativa à regulamentação do exercício da profissão de jornalistas, que veio a ser aprovada pela unanimidade dos presentes depois de ter recebido inteiro apoio do jornalista Silva Costa.

Os demais pontos do relatório foram também aprovados.

A propósito das contas, igualmente aprovadas por unanimidade, foi ventilada a hipótese de obterem as Corporações — na medida em que prosseguem, para além dos fins próprios dos sectores que representam, os interesses gerais da colectividade designadamente a defesa da paz social —

subvenções inscritas no orçamento geral do Estado, desde que fossem tomadas as precauções necessárias para que não perigasse a sua independência e autonomia.

Foi resolvido propor ao Governo a modificação da denominação da 3.ª Secção da Corporação para Secção das Indústrias do Papel.

A terminar, o Conselho congratulou-se pela nomeação do sr. dr. Heitor Salgueiro, representante do Ministério das Corporações e Previdência Social junto da Corporação, para elevadas funções naquele Ministério e louvou a sua actuação junto da Corporação e dos vários organismos nela integrados, com os quais contactara com frequência.

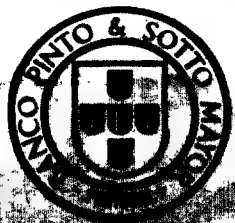
PENSAMOS EM SI NÃO APENAS COMO NOSSO CLIENTE!

Preocupamo-nos tanto consigo como com os seus!

Por isso os nossos depositantes, qualquer que seja a sua idade ou profissão, estão automaticamente seguros contra acidentes pessoais, ocorridos no país ou no estrangeiro, no montante do saldo das respectivas contas.

A Companhia de Seguros Confiança pagou já mais de 15.000 contos de indemnizações aos beneficiários.

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR



O JULGAMENTO DO CASO DA HERANÇA SOMMER

Foi movimentada e assinalada por viva discussão a 105.ª audiência do julgamento do caso da herança Sommer, que teve numerosa assistência. Na primeira parte da sessão esteve em foco a testemunha sr. Constantino Esteves Sobral, atingido na contradição apresentada pelo sr. dr. Sidónio Rito, patrono do industrial sr. António Champalimaud. Na segunda parte houve uma importante acaração entre aquele depoente e outra testemunha, sr. Francisco Graça. Por causa de um gesto do sr. Constantino Sobral, quando depunha sobre vivo diálogo entre os drs. Proença de Carvalho, que também defende os interesses do réu revel, e Eridano de Abreu, representante dos queixosos e assistentes. O juiz-presidente sr. corregedor Bernardino de Sousa, e os seus assessores srs. dr. Marques Cordeiro e Saraiva Lima, puseram termo ao incidente entre os dois causídicos.

Após entrar-se na ordem dos trabalhos, o presidente mandou recolher à secretaria o sr. Francisco Graça, não lhe sendo permitido comunicar fosse com quem fosse. O corregedor Bernardino de Sousa, dirigindo-se ao sr. Constantino Sobral:

— O sr. deve estar calmo. Advirto-o para que diga tudo, mesmo tudo... Parece que quando fez o seu depoimento, o sr. não quis dizer tudo. Convido-o, portanto, a contar tudo.

Seguiu-se um apertado interrogatório, com intervenções do dr. Antero Monteiro Dinis adjunto do procurador da República. E após uma série de perguntas formuladas pelo presidente ficou escrito:

«Que a testemunha Graça, na opinião do depoente, ao ser convidado de surpresa a depor neste julgamento, não teve tempo para receber instruções da defesa do réu António Champalimaud, não querendo com isto significar que essas instruções tivessem que ser dadas pelos srs. advogados que o defendem neste julgamento, mas porventura por outras pessoas que estão interessadas na absol-

vição do mesmo réu. Disto não tem o depoente um conhecimento directo, mas fá- cil foi aperceber-se dessa circunstância pelo comportamento da testemunha Graça na primeira sessão em que foi ouvida.

«Assim, a testemunha Graça deve ter tido a recordação de que teria havido uma reunião na sede da Siderurgia Nacional a que assistiu o falecido Júlio Costa.

«A mesma testemunha situou essa reunião nos anos 1966 ou 1967, mas no intervalo das duas sessões, alertada por terceiros que lhe ter- rão dito que aquele Júlio Costa havia falecido em 4 de Novembro de 1964, vem de- pois, por sua iniciativa, e a título de rectificação, recuar para alguns anos antes essa reunião, consequência de a ela não poder ter assistido, na data primitivamente indicada, o Júlio Costa, por já ter falecido.

«Mas as coisas devem-se ter passado da seguinte mane- ra: como já deixou dito em sessão anterior, a última vez que se encontrou com o réu António Champalimaud na Siderurgia Nacional ocorreu nos anos de 1964 ou 1965.

«Recordou-se, entretanto, e agora o refere, que cerca de um ano antes desse último encontro com o réu António Champalimaud, acompanhou à presença do mesmo o anti- go guarda-livros da Casa Sommer, Júlio Costa, que ali foi chamado pelo mesmo réu; o depoente limitou-se a acom- panhar o dito Júlio Costa, por, nessa altura, se encon- trar já muito combatido e num estado de extrema de- pressão nervosa. A testemu- nha Francisco Graça, quan- do inesperada e bruscamen- te foi chamada a tribunal para prestar esclarecimentos, deveria saber que interessa- va à defesa situar no mês de Julho do ano de 1968 o en- contro havido entre o de- poente e o réu António Champalimaud nos anos de 1964 ou 1965, como antes re- latou; e na sequência desse seu conhecimento, e da ne- cessidade que sabia existir quanto à fixação dessa data, referiu que o encontro que realmente teve lugar nos anos de 1964/65 ocorreu em 1968.

«A mesma testemunha Francisco Graça deveria sa- ber, sabia concerta, das da- tas exactas e correctas em que as visitas do depoente ao réu António Champal- maud tiveram lugar, pois a ambas assistiu, quer a que o depoente fez isoladamente, quer àquela em que foi acom- panhado do Júlio Costa. As- sim sendo, quando deslocou a reunião de 1964/65 para o ano de 1968, deslocou, tam- bém, por uma necessidade de coerência lógica, a visita que o depoente fez ao réu António, acompanhado de Júlio Costa para os anos de 1966/67, tudo isto para man- ter entre essas duas visitas o tempo que na realidade medeou entre elas — um ano, um ano e meio.

«Todavia, a testemunha Graça, ao assim proceder, ignorou que Júlio Costa ti- nha falecido em Novembro de 1964, e que esse só por si

do Júlio Costa, ignorava, aquando do seu primeiro de- poimento, a data em que ha- via corrido o falecimento daquele, razão pela qual in- dicou o ano de 1966 ou 1967, sem se ter apercebido que dessa maneira invalidava tu- do quanto sobre tal ponto afirmasse.

«O depoente tem para si como certo que, entretanto, isto é, no tempo que me- deou entre as sessões de 26 e 29 do mês em curso, algu- ma pessoa interessada na pessoa do réu António Cham- palimaud e conhecedora da data em que Júlio Costa ha- via falecido, o avisou do lap- so que aquele cometera, sen- do em consequência desse aviso que o mesmo Francis- co Graça, produziu a recti- ficação espontânea acerca deste ponto, embora estru- rada numa razão em que o depoente não acredita.

«A testemunha Graça vol- tou a falar à verdade quan- do afirmou que o depoente houvesse intercedido junto do réu António, em favor do réu Henrique; e dupla- mente: pois nem só, como já disse, tal reunião teve lu- gar, na data por ele referida, como também quando ela efectivamente se realizou o depoente não intercedeu jun- to do réu António em favor do réu Henrique nas circuns- tâncias que aquele relatou.

«O depoente limitava-se, quando encontrava qualque- dos irmãos Champalimaud, a perguntar como é que se en- contrava o problema entre eles existente, sem que toda- via fizesse a qualquer deles, pedidos concretos neste ou naquele sentido, pois nem a vontade para isso tinha.

«Faltou ainda à verdade a testemunha Graça, quando afirmou, embora tal não conste de acta, que a mulher do depoente, aquando do na- scimento de um dos seus fi- lhos havia sido assistida du- rante uma noite inteira pela mulher do réu, Henrique Champalimaud, pois sua mu- lher nem sequer conhece ne- nhuma das senhoras Cham- palimaud. Crê o depoente que a testemunha Graça ao produzir as afirmações que produziu, relativamente ao réu Henrique e a sua mu- lher, quis dar a ideia de que o depoente se encontra do- minado sentimentalmente

por aquele e por isso incli- nado a depor a favor do mes- mo.

«Perguntado ao depoente quais as razões por que a testemunha Graça falta as- sim, no seu entender, a verdade, e procura inutilizar o seu depoimento, diz o de- poente que a testemunha Graça depende económica- mente da E. C. L., que o mes- mo é dizer do réu António Champalimaud. O depoente crê que seria difícil à teste- munha Graça dizer algo que ao réu António não convies- se.

«Que a testemunha Graça com a idade que tem, se saís- se do emprego que actualmen- te ocupa não lhe seria fácil ou até possível uma situação do mesmo nível ou semelhan- te á que goza actualmente, embora em pormenor não sa- ba o que é auferido pela mes- ma testemunha.

«Que até ao início do jul- gamento a testemunha Graça teve com o depoente as melho- res relações, mas crê que as suas afirmações em relação ao depoente se fundam naque- las circunstâncias e não pró- priamente em má vontade contra si. Que o depoimento do Graça está influenciado pe- la dependência em que se en- contra dentro da E. C. L. do réu António Champalimaud, a qual o leva a sacrificar o de- poente.

Após um curto intervalo, os juizes procederam a uma ac- reacção entre os srs. Constanti- no Esteves Sobral e Francis- co Graça. O primeiro, nervo- so; o segundo com a máxima calma. O presidente do colec- tivo procurou esclarecer pon- to por ponto sobre a matéria em debate. As testemunhas desmentiam-se mutuamente. Os magistrados intervinham, o mesmo fazendo o Ministério Público. A diligência demorou duas horas e meia.

Em dado momento, o juiz- presidente ditou para a acta o seguinte: «Sendo pergunta- do à testemunha Graça quais eram, em seu entender as ra- zões que levavam a testemu- nha Sobral a falar à verdade, por ela foi dito que ignorava completamente essas razões. Feita igual pergunta à teste- munha Sobral esta declarou que a testemunha Graça de- fende os interesses dos Ci- mentos de Leiria, o mesmo é dizer do réu revel Antó- nio Champalimaud.»

O «EUROFESTIVAL» VISTO DA SUÉCIA

(Continuação da 6.ª página)

zes de acelerar a pulsação vibrátil do sentimentalismo doméstico), mas a de melo- dias simples, talvez frivolidades, leves, bonitas, simpáti- cas, fáceis de decorar, de cantarolar, de assobiar. IE não apenas pelos noctívagos do Bairro Alto e as roman- ticas de Alfama, mas pelas grandes massas populares do mundo inteiro. Será «Meni- na» um caso destes?

A enorme desilusão de *Desfolhada* (que era, no en- tanto, a meu ver, de melhor nível musical e maiores origi- nalidade e vivacidade de contrastes) deve ser realisti- camente aqui evocada, como precaução contra nova ex- plosão de histerismos gro- tescos, como laivos de «drama nacional»...

Menina parece-nos algo incharacterístico, sem forma, não obstante o preciosismo do texto (que ninguém cá fora tem o mínimo interesse em conhecer) e o valor in- discutível da jovem intér- prete.

A voz linda e a presença cativante de Tonicha são, em todo o caso, notas bem po- sitivas numa competição que pertence quase exclusivamente a raparigas bonitas e in- sinuantes (e quanto mais jo- vens melhor) e em que os homens são geralmente dis- criminados. Nos últimos dez anos do Grande Prémio só um homem triunfou (o aus- triaco Udo Jurgens, com *Merci Chéri*).

E amanhã à noite tere- mos nova prova do maciço investimento das nações no sexo feminino: dos 13 solistas, apenas 4 serão ho- mens (mulheres, 9; mais 2 pares, 2 trios e um quarteto). O quarteto pertence à Suécia. Chama-se «Family Four» (dois rapazes e duas raparigas) e tem uma histó- ria trágica. A sua actual for- mação é a terceira. A pri- meira, constituída por qua- tro irmãos (dois C. cada sexo), desfez-se devido a um desastre de automóvel em que morreram dois men- tos.

A participação nórdica

A canção sueca, *Horizon- tes brancos*, é agradável e melodiosa, mas sem grandes aspirações. Dos nórdicos (a Dinamarca continua amua-

da e alheia) a melodia norue- guesa, *Feliz de Você*, mal cantada pela mais jovem das jovens, parece-me a mais própria de um concurso des- tes.

De todas as finalistas que já ouvi e registei no meu gravador (no primeiro mo- mento todas as canções nos parecem mais ou menos iguais, sem interesse; mas depois de escutadas um certo número de vezes, começamos a gostar definitivamente de umas tantas e lixa-las na memória) eu colocaria no «peiotão» da frente as da Itália, França, Mónaco, Lu- xemburgo, Irlanda e, talvez mesmo, da Espanha (que causou excelente impressão no belo filme apresentador, em que não faltaram longas prais, as upórias de Málaga, a «Plaza Mayor», os aviões da «Ibéria»...).

Entim — preparemo-nos tranquilamente para mais uma noite excitante e te- levisão. Um acontecimento que, com certeza, lançará ao mundo do «show-business» uma série de melodias que se tornarão, durante o tempo, presa do ouvido e da voz dos povos e dos «ra- discos dos estudos de rádio e dos amadores (que amam) de coisas sem com- plicações (muitas delas são ainda favoritas do público: *Tom Pillibi*, *Non ho Feit*, *Puppet on a string*, *Un jour un enfant*...).

Uma manifestação que re- velará nomes (novas Giglio- las e Sandies, novos Romual- dos e Jurgens); impulsionará o consumo dos discos; aju- dará a enriquecer artistas, autores e marcas.

Entreguem-nos ao espectáculo!

Preparemo-nos para en- frentar uma «máquina» fa- bulosamente espectacular.

De produção de banalida- des — de acordo com os crí- ticos escravizados por inte- lectualismos torturantes. Co- mercializada? Por certo. So- fisticada? Sem dúvida. Mani- pulada? Acredita-se. Mas um espectáculo que representa um «oásis» no deserto das pressões, fadigas, problemas, angustias, que cobre a cha- mada «civilização» de hoje. Por isso nos regozijamos, com o maior dos entusias- mos, pela decisão inteligente da Televisão Portuguesa de voltar a participar e a transmitir essa manifestação admirável que se destina essencialmente às massas.

E, atenção, telespectadores e ouvintes portugueses: nada de paixões absurdas, de tor- mentos ridículos por causa de votações e classificações mais ou menos prefabrica- das e adulteradas. Conservai a serenidade e o bom senso. *Menina* não tem grandes possibilidades. Nada, portan- to, de perder o domínio do equilíbrio. Pontuações são coisas de muito menor in- teresse do que um espectá- culo grandioso e generoso que temos o direito e o de- ver de desfrutar literalmente como oferta feita para nos distrair confortável e descon- traidamente nas nossas pró- prias casas. Certo?

O curioso é que, ouvida já uma dúzia de vezes, começo a gostar da nossa *Menina*...

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

As Contas Gerais do Estado de 1969

(Continua na 3.ª página)

cial e económico. Os excessos de receitas ordinárias provêm, em parte, da compressão de despesas, o que na conjuntura actual é salutar quando incide sobre as improdutivas, sum- tuárias ou dispensáveis.»

A defesa nacional

Afirma-se ainda nas con- clusões do parecer que, no que respeita ao orçamento de receitas e despesas extraordiná- rias, «a conta mostra uma grande subida das despesas ex- traordinárias. O seu total atin- giu 12 805 748 contos, ou 83,4 por cento das despesas ordina- rias».

A constituição das despesas totais (sendo as ordinárias 54,5 por cento e as extraordinárias 45,5) aproxima as extraordi- nárias das ordinárias, mas é

nas conclusões do parecer, afir- mando-se depois, sobre este ponto:

«A política seguida é a de liquidar estas despesas, em es- pecial as derivadas das forças expedicionárias em África, com os excessos de receitas ordina- rias. O recurso ao crédito é reduzido ao mínimo e somou 2 192 684 contos em 1969, me- nos do que em 1968 (8 090 436 contos). Os empréstimos foram utilizados em fins não milita- res.

«As forças expedicionárias em África despendem 6 084 909 contos, menos 112 941 contos do que em 1968. Soman- do a ajuda financeira ao ultra- mar, o gasto elevou-se a 6 755 909 contos. Os excessos de receitas ordinárias foram suficientes para cobrir as des- pesas militares e deixaram ain- da um resíduo, utilizado no pagamento de outras despesas.

cional e obras de carácter so- cial.

«A grandeza destas cifras põe em relevo a importância que reveste e coordenação en- tre a defesa nacional e o fo- mento económico de forma a extrair o maior rendimento do potencial humano da Nação, tão duramente solicitado pelos grandes esforços e sacrifícios que lhe são presentemente im- postos.»

E à guisa de conclusão, acrescenta-se:

«Examinados os elementos das receitas e despesas, ordina- rias e extraordinárias, no exercício financeiro de 1969, e verificado o emprego de em- préstimos nos termos constitu- cionais, a Comissão sugere a aplicação de medidas que dêem satisfação às recomendações acima formuladas, em especial as relativas aos diversos facto- res que concorrem para o cres- cimento».

DÉCIMO QUINTO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

AVENIDA DUQUE DE LOU- LÉ, N.º 104-CAVE

NOTÁRIO: LICENCIADO AURÉLIO ASSIS PEREIRA

CERTIFICO que, tendo exa- minado o livro de actas da COMPANHIA DE SEGUROS «A MUNDIAL», verifiquei que, por assembleia geral ordinária, de vinte cinco de Março de mil novecentos e setenta e um, foi aceite o pedido de demissão apresentado pelo administrador, Sr. Manuel de Madureira Fialho Prego, e que foi eleito, por unanimidade, para o substituir, o Sr. Dr. Luis Mello Breyner Pe- reira, até ao fim do mandato em curso dos actuais corpos ge- rentes.

O presente certificado está conforme ao original que foi exibido e restituído ao apresen- tante, nada havendo nele em contrário do que fica extra- tado.

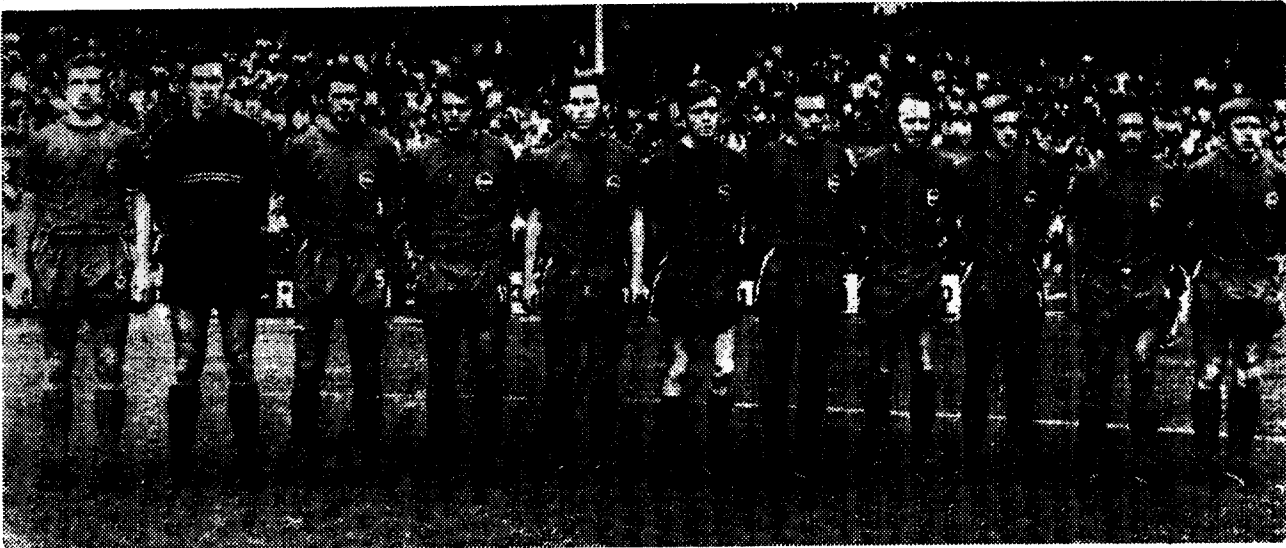
Lebros em Lisboa de mil novecentos e setenta e um.

O Notário

(Continuação da 6.ª página)

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO



Visita do futebol alemão. Esta é a equipa do F. C. Kickers Offenbach que, pela Páscoa, fará três jogos entre nós. O primeiro, no dia 7, na Luz, contra o Benfica. Depois, em Aveiro, participará num torneio organizado pelo Beira-Mar, com o patrocínio da Associação de Futebol Aveirense e em que participará, também, o Boavista. Jogos nos dias 9, 10 e 12. O Kickers é o actual detentor da Taça da Alemanha, tendo, nas suas fileiras, vários «internacionais» — AA, Esperanças e Olímpicos. Seus principais valores o «capitão» Schmitt, Reich, Gecks, Kremers e Schafer

Acontecimentos DE ONTEM

BASQUETEBOL

O Barreirense venceu o Lusitano por 61-46, em jogo a contar para o Campeonato Nacional de Basquetebol da II Divisão (zona Sul).

TÉNIS DE MESA

Primeira ronda da segunda volta do Campeonato de Lisboa de Ténis de Mesa (III Divisão): Oeiras-Alunos Apolo, 5-4; e Graça-Cimento Tejo, 5-3.

NATAÇÃO

Torneio da Páscoa, em natção, com presença de representantes do Algés e Da-fundo, Nacional de Natação, Benfica, Cimento Tejo e U. Piedense:

MASCULINOS — Inscrição livre: 400 m. livres: Porto Ambrósio (S. A. D.), 5 m e 16,3 s; 100 m mariposa: Nelva Maciel (S. A. D.), 1 m e 10,5 s; 200 m costas: Bleck da Silva (S. A. D.), 2 m e

36,5 s; 100 m bruços — Brito Rosa (S. A. D.), 1 m e 18,6 s;

INFANTIS — 100 m costas: Gameiro das Neves (S. A. D.), 1 m e 43,3 s; 100 m estilos: Carlos Cruchinho (S. L. B.), 1 m e 25,9 s.

FEMININOS — Inscrição livre — 200 m bruços: Manuela Banha (S. A. D.), 3 m e 09,2 s; 100 m costas: Cristina Patacas (S. A. D.), 1 m e 21,2 s; 100 m livres — Ana Canas Cunha (S. A. D.), 1 m e 12,0 s; 200 m estilo: Cristina Patacas (S. A. D.), 3 m e 0,1 s;

INFANTIS — 100 m livres: Ana Banha (S. A. D.), 1 m e 21,0 s; 100 m costas: Ana Banha (S. A. D.), 1 m e 33,3 s.

KADREZ

O eng. Rui Fonseca triunfou no torneio de xadrez promovido pela Académica da Amadora.

«VOLTA A MAIORCA»

Agostinho desistiu logo na 1.ª etapa

A «Volta a Maiorca» está a constituir um fracasso para a maioria dos ciclistas portugueses concorrentes.

Logo na primeira etapa Joaquim Agostinho teve uma avaria e desistiu. Quase simultaneamente, o sportinguista Manuel Mendes e António Pereira (da Coelima) surpreendidos pela fiscalização da prova quando seguiam agarrados a veículos, foram (lógicamente) desclassificados. E também Firmino Bernardino, que alinhara doente, não chegou ao termo da etapa inaugural. Dia negro para os ciclistas lusos na bela paisagem de Maiorca.

A primeira etapa foi ganha pelo espanhol Miguel Maria Lasa, em 5 horas, 5 minutos e 34 segundos. Os portugueses classificaram-se como indicamos: 8.º, Leonel Miranda (Sporting), 5 h 08 m 02 s; 28.º, Emiliano Dionísio (Sp.), 5.09.08; 32.º, Vicente Rocha (Sporting), 5.11.57; 48.º, N. Correia (Coelima), m. t.; 53.º, J. Moreira (Coelima), 5.19.25; 55.º, J. Fonseca (Coelima),

5.19.26; 61.º, M. Miranda (Sporting), m. t.; 65.º, J. Pereira (Coelima), 5.21.29.

Na tabela geral, por equipas, comanda a Werner, da Espanha, com 15 h 21 m 53 s.

Em 6.º lugar está o Sporting, com 15.29.07, seguido da Coelima no mesmo tempo.

NOTÍCIAS DE FUTEBOL

Benfica-Arsenal: na Luz, a 19 de Maio

O Benfica aceitou fazer dois jogos de futebol contra a equipa inglesa do Arsenal. Primeira partida: no Estádio da Luz, a 19 de Maio. Retribuição da visita: em Londres, a 31 de Julho.

A 18 do corrente será homenageado, em Guimarães, o ex-futebolista Augusto Silva. Prato forte da festa: um Vitória-Benfica (em primeiras categorias).

A «Taça das Cidades com Feira» passa a denominar-se «Taça U. E. F. A.». Na próxima temporada, três clubes portugueses concorrem ao troféu.

Hipismo em Cascais

O 5.º CONCURSO DA PRIMAVERA DISPUTA-SE AMANHÃ E NO DOMINGO

A Sociedade de Propaganda de Cascais inaugura, amanhã, a série de concursos hípicas de 1971 que não sabemos por que certames será continuada, visto que o calendário oficial continua a não ser conhecido, pelo menos até anteontem.

Mas os certames cascalenses não sofrerão interrupção e isso é que importa. Continuam a ocupar o seu lugar no programa nacional, graças à dedicação de Manuel Possolo. O 5.º Concurso de Cascais da Primavera (seniores) ocupará dois dias (3 e 4 de Abril); o 13.º Concurso de Cascais de juniores preencherá outras duas datas (17 e 18 de Abril) e a Taça «General Kaulza de Arriaga», terá a sua segunda edição em 10 e 11 de Abril.

Mas falemos por agora, do

certame que inaugura a actividade da Sociedade de Propaganda de Cascais. A jornada de amanhã é reservada à prova «Juna de Turismo da Costa do Sol», em três séries para as três categorias de cavalos. As três provas são disputadas pela tabela A com cronómetro, com obstáculos à altura máxima de 1,10 metro (3.ª categoria), 1,20 metro (2.ª categoria) e 1,30 metro (1.ª categoria). A velocidade é de 350 m/m.

Depois de amanhã disputa-se a prova «Estoril-Sol», em percursos de cada uma das provas da 3.ª e 2.ª séries e pela tabela A mista, com baragem ao cronómetro para a 1.ª série. Os obstáculos terão as alturas máximas indicadas para as provas de amanhã.

ESTA NOITE HÁ DESPORTO

BASQUETEBOL — Posse dos novos dirigentes da Federação, na sede, às 21 e 30. Campeonato Nacional da II Divisão: C. Quebradense-C. D. U. L., às 21; Atlético-Oriental, às 22 e 30, no pavilhão da Ajuda.

HÓQUEI EM PATINS — Campeonato Metropolitano da II Divisão (fase de Lisboa): Física-Cimento Tejo, Queluz-Vila-Franquense, Cascais-Belenenses. Liga de Algés-Sintra, F. Benfica-Azeitonense e Académica da Amadora-Estremoz, nos ringues dos primeiros, às 22.

TÉNIS DE MESA — Campeonato de Seniores de Santarém: União de Tomar-Rio-maiorense e União de Santarém-Sporting de Tomar, às 21 e 30, nas mesas dos primeiros.

Campeonato de Lisboa de Juniores: Sporting-Benfica, Águias-Alunos Apolo e Belenenses-Carmo, nas mesas dos primeiros, às 21 e 30.

VOLEIBOL — Campeonato de Lisboa de Seniores: Nacional de Ginástica-Sintrense, às 22, no Liceu de Oeiras.

FESTIVAL DE GINÁSTICA

Hoje à noite, na sede do Vitória Clube de Lisboa, realiza-se um festival de ginástica em que participaram, além do campeão nacional, vários atletas de outros clubes. O espectáculo foi muito actualizado e interessante.

FUTEBOL-TV EM DIRECTO NO DOMINGO?

Praticamente esgotadas as lotações dos Estádios da Luz e das Antas, para os jogos Benfica-Vitória de Setúbal e Futebol Clube do Porto-Sporting, porque não chegaram a acordo clubes-Federação-R.T.P. no sentido de, pelo menos, uma destas importantes partidas, do Campeonato Nacional, ser transmitida pela Televisão: em directo ainda que sejam de considerar os interesses de outros clubes.

Aqui fica a sugestão, tanto mais de ponderar já que não abrimos excepção. Recordemos o recente F. C. Porto-Benfica, em jornada de interesse semelhante.

FESTA DO ANDEBOL DE ALCÂNTARA

Com um jantar na Adega Mesquita, efectuou-se a anunciada homenagem da direcção do Atlético Clube de Portugal aos campeões lisboetas de andebol.

Cerca de centena e meia de convivas — notando-se a presença de inúmeras senhoras — associaram-se a esta festa.

Aos brindes, falaram Paulo Elisário (que testemunhou o seu reconhecimento à turma de andebol, tendo ainda palavras de muito apreço para os órgãos da informação), Rui Severino, dr. António Ilídio (que, após várias considerações, focou a esperança de o Atlético ver em breve erguer-se na Tapadinha o tão ambicionado Pavilhão Gimnodesportivo), o nosso camarada Alves dos Santos (que usou a palavra de encorajamento para os atletas da

DIA 9 DE ABRIL

LOTARIA DA PÁSCOA

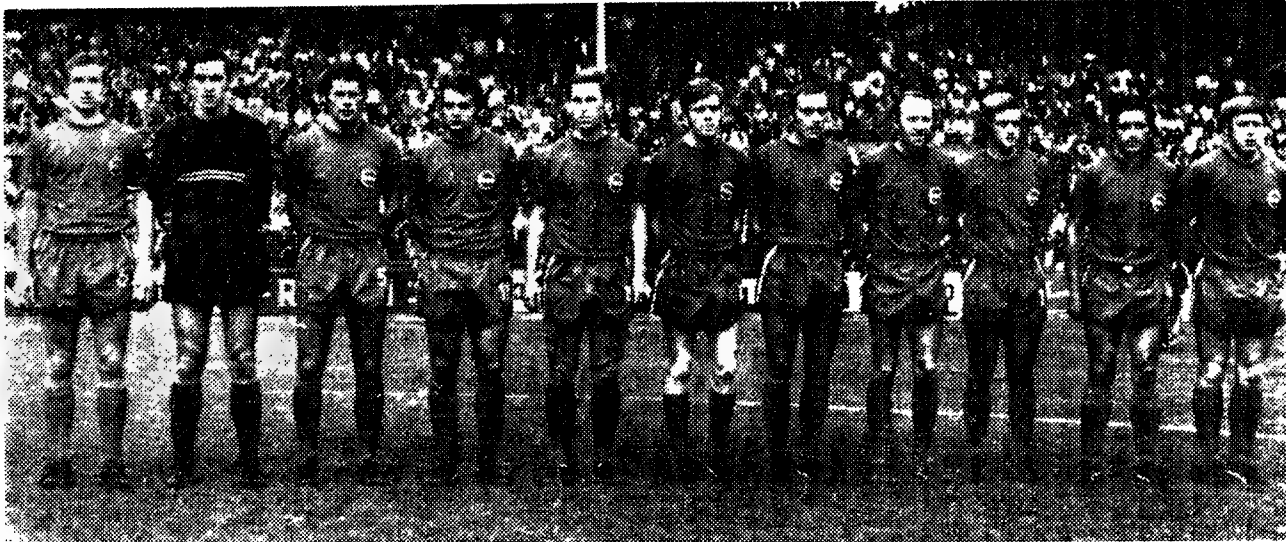
1.º PRÉMIO

16

Milhões de Escudos!



DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO



Visita do futebol alemão. Esta é a equipa do F. C. Kickers Offenbach que, pela Páscoa, fará três jogos entre nós. O primeiro, no dia 7, na Luz, contra o Benfica. Depois, em Aveiro, participará num torneio organizado pelo Beira-Mar, com o patrocínio da Associação de Futebol Aveirense e em que participará, também, o Boavista. Jogos nos dias 9, 10 e 12. O Kickers é o actual detentor da Taça da Alemanha, tendo, nas suas fileiras, vários «internacionais» — A.A. Esperanças e Olímpicos. Seus principais valores o «capitão» Schmitt, Reich, Geeks, Kremers e Schafer.

Acontecimentos DE ONTEM

BASQUETEBOL

O Barcelense venceu o Lusitano por 61-46, em jogo a contar para o Campeonato Nacional de Basquetebol da II Divisão (zona Sul).

TÉNIS DE MESA

Primeira ronda da segunda volta do Campeonato de Lisboa de Ténis de Mesa (III Divisão): Oeiras-Alunos Apolo, 5-4; e Graça-Cimento Tejo, 5-3.

NATAÇÃO

Torneio da Páscoa, em natção, com presença de representantes do Algés e Da-Fundo, Nacional de Natação, Benfica, Cimento Tejo e U. Piadense:

MASCULINOS — Inscrição livre: 400 m. livres: Porto Ambrósio (S. A. D.), 5 m e 16,3 s; 100 m mariposa: Nelva Maciel (S. A. D.), 1 m e 10,5 s; 200 m costas: Black da Silva (S. A. D.), 2 m e

36,5 s; 100 m bruços: Brito Rosa (S. A. D.), 1 m e 18,6 s;

INFANTIS — 100 m costas: Gameiro das Neves (S. A. D.), 1 m e 43,3 s; 100 m estilos: Carlos Crucho (S. L. B.), 1 m e 25,9 s.

FEMININOS — Inscrição livre — 200 m bruços: Manuela Banha (S. A. D.), 3 m e 09,2 s; 100 m costas: Cristina Patacas (S. A. D.), 1 m e 21,2 s; 100 m livres — Ana Canas Cunha (S. A. D.), 1 m e 12,0 s; 200 m estilo: Cristina Patacas (S. A. D.), 3 m e 0,1 s;

INFANTIS — 100 m livres: Ana Banha (S. A. D.), 1 m e 21,0 s; 100 m costas: Ana Banha (S. A. D.), 1 m e 33,3 s.

XADREZ

O eng. Rui Fonseca triunfou no torneio de xadrez promovido pela Académica da Amadora.

«VOLTA A MAIORCA»

Agostinho desistiu logo na 1.ª etapa

A «Volta a Maiorca» está a constituir um fracasso para a maioria dos ciclistas portugueses concorrentes.

Logo na primeira etapa Joaquim Agostinho teve uma avaria e desistiu. Quase simultaneamente, o sportinguista Manuel Mendes e António Pereira (da Coelima) surpreendidos pela fiscalização da prova quando seguiam agarrados a veículos, foram (lógicamente) desclassificados. E também Firmino Bernardino, que alinhara doente, não chegou ao termo da etapa inaugural. Dia negro para os ciclistas lusos na bela paisagem de Maiorca.

A primeira etapa foi ganha pelo espanhol Miguel Maria Lasa, em 5 horas, 5 minutos e 34 segundos. Os portugueses classificaram-se como indicamos: 8.º, Leonel Miranda (Sporting), 5 h 08 m 02 s; 28.º, Emiliano Dionísio (Sp.), 5.09.08; 32.º, Vicente Rocha (Sporting), 5.11.57; 48.º, N. Correia (Coelima), m. t.; 53.º, J. Moreira (Coelima), 5.19.25; 55.º, J. Fonseca (Coelima),

5.19.26; 61.º, M. Miranda (Sporting), m. t.; 65.º, J. Pereira (Coelima), 5.21.29.

Na tabela geral, por equipas, comanda a Werner, da Espanha, com 15 h 21 m 53 s.

Em 6.º lugar está o Sporting, com 15.29.07, seguido da Coelima no mesmo tempo.

NOTÍCIAS DE FUTEBOL

Benfica-Arsenal: na Luz, a 19 de Maio

O Benfica aceitou fazer dois jogos de futebol contra a equipa inglesa do Arsenal. Primeira partida: no Estádio da Luz, a 19 de Maio. Retribuição da visita: em Londres, a 31 de Julho.

A 18 do corrente será homenageado, em Guimarães, o ex-futebolista Augusto Silva. Prato forte da festa: um Vitória-Benfica (em primeiras categorias).

A «Taça das Cidades com Feiras» passa a denominar-se «Taça U. E. F. A.». Na próxima temporada, três clubes portugueses concorrerão ao troféu.

Hipismo em Cascais

O 5.º CONCURSO DA PRIMAVERA DISPUTA-SE AMANHÃ E NO DOMINGO

A Sociedade de Propaganda de Cascais inaugura, amanhã, a série de concursos hípicas de 1971 que não sabemos por que certames será continuada, visto que o calendário oficial continua a não ser conhecido, pelo menos até ao momento.

Mas os certames cascalenses não sofrerão interrupção e isso é que importa. Continuarão a ocupar o seu lugar no programa nacional, graças à dedicação de Manuel Possolo. O 5.º Concurso de Cascais da Primavera (seniores) ocupará dois dias (3 e 4 de Abril); o 13.º Concurso de Cascais de juniores preencherá outras duas datas (17 e 18 de Abril) e a Taça «General Kaulza de Arrigada», terá a sua segunda edição em 10 e 11 de Abril.

Mas falemos por agora, do

certame que inaugura a actividade da Sociedade de Propaganda de Cascais. A prova de amanhã é a «Volta da Costa do Sol», com três provas para as três categorias de cavalos. As três provas são disputadas pela tabela A, com cronómetro, com uma altura máxima de 1,10 metro (3.ª categoria), 1,20 metro (2.ª categoria) e 1,30 metro (1.ª categoria). A velocidade é de 350 m/m.

Depois de amanhã disputa-se a prova «Eis e Sol», em percursos de 1,20 m e 1,30 m, com duas provas da 3.ª e 2.ª categorias e pela tabela A, com uma barragem ao cruzamento da 1.ª série. Os obstáculos terão as alturas máximas indicadas para as respectivas categorias.

ESTA NOITE HÁ DESPORTO

BASQUETEBOL — Posse dos novos dirigentes da Federação, na sede, às 21 e 30.

Campeonato Nacional da II Divisão: C. Quobradense-C. D. U. L., às 21; Atlético-Oriental, às 22 e 30, no pavilhão da Ajuda.

HÓQUEI EM PATINS — Campeonato Metropolitano da II Divisão (fase de Lisboa): Física-Cimento Tejo, Queluz-Vila-Francense, Cascais-Belenenses, Liga de Algés-Sintra, F. Benfica-Azeitonense e Académica da Amadora Estremoz, nos rinkes dos primeiros, às 22.

TÉNIS DE MESA — Campeonato de Seniores de Santarém: União de Tomar-Rio maiorense e União de Santarém-Sporting de Tomar, às 21 e 30, nas mesas dos primeiros.

Campeonato de Lisboa de Juniores: Sporting-Benfica, Águias-Alunos Apolo e Belenenses-Carmo, nas mesas dos primeiros, às 21 e 30.

VOLEIBOL — Campeonato de Lisboa de Seniores: Nacional de Ginástica-Sintra, às 22 e 30, no Pavilhão de Oeiras.

FESTIVAL DE GINÁSTICA

Hoje à noite, na sede do Atlético Clube de Lisboa, realiza-se um festival de ginástica em que participaram, além do campeão nacional, vários atletas ultramarinos actualmente na Metrópole.

O acontecimento está a ser agudado com muito interesse.

Se.

FUTEBOL-TV EM DIRECTO NO DOMINGO?

Praticamente esgotadas as lotações dos Estádios da Luz e das Antas, para os jogos Benfica-Vitória de Setúbal e Futebol Clube do Porto-Sporting, porque não chegaram a acordo clubes-Federação-R.T.P. no sentido de, pelo menos, uma destas importantes partidas, do Campeonato Nacional, ser transmitida pela Televisão em directo ainda que sejam de considerável interesse de outros clubes.

Aqui fica a sugestão, tanto mais de ponderar já que não abrimos uma excepção. Recordemos o recente F. C. Porto-Benfica em jornada de interesse semelhante.

FESTA DO ANDEBOL DE ALCÂNTARA

Com um jantar na Adega Mesquita, efectuou-se a anunciada homenagem da direcção do Atlético Clube de Portugal aos campeões lisboetas de andebol.

Cerca de centena e meia de convivas — notando-se a presença de inúmeras senhoras — associaram-se a esta festa.

Aos brindes, falaram Paulo Elisiário (que testemunhou o seu reconhecimento à turma de andebol, tendo ainda palavras de muito apreço para os órgãos da informação), Rui Severino, dr. António Ilídio (que, após várias considerações, focou a esperança de o Atlético ver em breve erguer-se na Tapadinha o tão ambicionado Pavilhão Gimno-Jesportivo), o nosso camarada Alves dos Santos (que usou da palavra em nome dos órgãos da informação) e ainda o coronel Soares de Oliveira (em frases de muita fé clubista).

DIA 9 DE ABRIL

LOTARIA DA PÁSCOA

1.º PRÉMIO

16

Milhões de Escudos!



Necrologia

FUNERAIS

Eng.º agr. António Campos de Albuquerque de Azevedo Coutinho

Para o cemitério da Guia, em Cascais, sairá esta tarde o funeral do sr. eng.º agr. António Campos de Azevedo Coutinho, ontem falecido subitamente em Lisboa, depois de haver estado na estação de Santa Apolónia a despedir-se da esposa e de dois filhos, que seguíam no «sud-express» para Paris e que avisados do sucedido, desembarcaram em Coimbra, de onde regressaram a Lisboa.

O eng.º Azevedo Coutinho, de 51 anos, casado com a sr.ª D. Maria da Conceição Cid de Araújo Jazarte Torres Jommet de Azevedo Coutinho, e pai dos srs. Miguel Maria, Jorge Maria, Francisco Maria e António Maria e das meninas Maria da Glória e Maria da Conceição Jommet de Azevedo Coutinho, foi durante oito anos presidente da Câmara Municipal de Cascais. Era, ainda, irmão dos eng.ºs agr. Norberto de Campos Azevedo Coutinho e Manuel Sobral de Campos Azevedo Coutinho, e da madre Maria Catarina de Albuquerque de Azevedo Coutinho, religiosa no convento das Dominicanas de Baza, Granada Espanha.

SUFRÁGIOS

João Plácido Gomes Duarte

Mandada dizer pela família em 1.ª de abril, amanhã — às 10 e 30, na Igreja Nossa Senhora de Fátima, em Lisboa, missa do 7.º dia, por alma de João

Plácido Gomes Duarte agente de publicidade dos nossos prezados colegas «Diário do Norte» e «Epoca», falecido, no passado dia 28, nos quartos particulares do Hospital de São José, vítima de grave enfermidade.

O extinto era casado com a sr.ª D. Odila Trindade Gomes Duarte, pai do quartanista de Medicina João Manuel Trindade Gomes Duarte, irmão da sr.ª D. Henriqueta Gomes Duarte Alvarez e Gabriel Paulo Gomes Duarte, e primo dos nossos camaradas de Imprensa, Artur, José Estêvão e Luís Santa Jorge.

D. António Maria Corrêa da Silva Sampaio

Sua família participa que amanhã dia 3, pelas 12 e 15 horas, na igreja de S. Váçara e no domingo, dia 4, pelas 19 horas, na capela da sua casa em Castelo Novo, será celebrada missa do 7.º dia pelo seu eterno descanso.

Comunicado do S. I. P. das Forças Armadas

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que, morreram em combate: na província da Guiné, o soldado do recrutamento provincial n.º 821799/70, Malan Québé; na província de Angola o soldado n.º 015309/70, Manuel Rodrigues Amorim, natural de Arcos de Valdevez, filho de O. L. da Rodrigues Amorim, e na província de Moçambique o soldado do recrutamento provincial n.º 708286/69, Gerónimo Bernardo, e o primeiro-cabo n.º 091868/70, Fernando Pestana, natural do Funchal, filho de Manuel Pestana Domingos e de Teresa de Jesus Caldeira.

Imposto profissional

Termina no dia 15 o prazo para reclamações sobre o rendimento do Imposto Profissional, respeitante ao ano de 1970.

A reclamação, escrita em papel selado, deve ser dirigida à Comissão a que alude o artigo 15.º do Código de Imposto Profissional.

PAPELARIA FERROS

Com um vasto sortido de artigos de escritório, livros de escrita e agendas de vários modelos, a conhecida PAPELARIA FERROS vem de há muitos anos servindo com eficiência a sua numerosa clientela. Antes de renovar os livros da sua escrita consulte a Papelaria Ferros — Rua de S. Julião, 64-66.

CENÍKER

CENTRO DE INDUSTRIAIS DE CERÂMICA, S. C. A. R. L.

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

2.ª CONVOCAÇÃO

Nos termos dos artigos 14.º e 17.º do Estatuto, convoco os Senhores Associados a reunirem-se em assembleia geral (2.ª convocação), no próximo dia 16 de Abril, pelas 19 horas, na sua sede provisória, Telheiras de Cima, 144 (Quinta de S. Vicente), Lisboa, com a seguinte:

ORDEN DE DIA

— Apresentação e votação do relatório e contas da administração e parecer do conselho fiscal, relativos ao exercício de 1970.

Lisboa, 30 de Março de 1971



Conforto, elegância e modernismo, três características dos nossos magníficos apartamentos

APARTAMENTOS MOBILADOS

J. PIMENTA, S. A. R. L.

ÓPTIMA APLICAÇÃO PARA O SEU CAPITAL

Em Lisboa, Amadora, Reboleira, Paço de Arcos e Cascais pode comprar para habitação ou rendimento propriedades de 140 a 1100 contos

6.000 CLIENTES SATISFEITOS RECOMENDAM-NOS

INFORMAÇÕES PARA ALUGUER E VENDA

LISBOA — PRAÇA MARQUES DE POMBAL, N.º 15 — Tels 45843-47843

DÉCIMO QUINTO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

AVENIDA DUQUE DE LOULÉ, N.º 104-CAVE

NOTÁRIO LICENCIADO AURELIO ASSIS FERREIRA

Certifico, para efeitos de publicação, que, por escritura de 26 do mês em curso, lavrada de fls. 6. v.º a fls. 8. v.º do livro N.º 132-C, deste cartório, foi alterado o artigo 3.º do pacto social da sociedade comercial por quotas «ANIBAL ADILINO, VAZ & FERNANDES, LIMITADA» com sede em Lisboa, na Rua Conde Redondo, 53-A, o qual foi substituído pelo seguinte:

O capital social, integralmente realizado em dinheiro e nos demais valores que constituem o activo da sociedade, é de 50.000\$00 e está representado e dividido por duas quotas de valor igual pertencendo uma a cada sócio.

É certidão de narrativa e teor parcial que está conforme ao original, não havendo nada em contrário ou além dele.

Lisboa, vinte e nove de Março de mil novecentos e setenta e um.

O Ajudante,

Artemísia da Conceição Milheiro



D. António Maria Corrêa da Silva Sampaio

Confortado com todos os Sacramentos da St.ª Madre Igreja

MISSA DO 7.º DIA

Thereza Gil de Borja Corrêa de Sampaio, Pedro Gil Corrêa de Sampaio sua mulher e filhos, Maria Rita Gil Corrêa de Sampaio, Maria das Dores Corrêa de Sampaio Fortes da Gama seu marido e filhos, Tereza Maria Corrêa de Sampaio Calheiros Ponces seu marido e filhos, José Gil Corrêa de Sampaio sua mulher e filhos, Maria Antónia Corrêa de Sampaio de Castelo Branco, Luísa d'Avillez Corrêa de Sampaio, Maria da Conceição Van-Zeller Gil de Borja, participam que foi Deus Servido Chamar A Sua Divina Presença, o seu muito querido marido, pai, sogro, avô, irmão, e cunhado, e que amanhã, dia 3, será celebrada Missa, pelas 12.15 horas, na Igreja de S. Váçara, e no Domingo, dia 4, às 19 horas, na Capela da sua casa em Castelo Novo.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	êfec	Comp	Vend	Ultramarinas	êfec	Comp	Vend
Consolidado 3 1/4%	—	—	4375	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	2005	2305
Consolidado 3%	4255	—	4955	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	1215	1285
Consolidado 2 1/4%	—	—	6045	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	665	705
Consolidado 4%	14005	—	14005	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	2115	2205
Consolidado 5%	16005	—	16005	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	21505	22005
Extremo 1.ª série	—	5855	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	6205	6505
Extremo 2.ª série	—	6055	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	7005	7005
Extremo 3.ª série	—	6305	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	1805	—
Extremo 4.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	4205	4235
Extremo 5.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	4735	4305
Extremo 6.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	655	—
Extremo 7.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 8.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 9.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 10.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 11.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 12.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 13.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 14.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 15.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 16.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 17.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 18.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 19.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 20.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 21.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 22.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 23.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 24.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 25.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 26.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 27.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 28.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 29.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 30.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 31.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 32.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 33.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 34.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 35.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 36.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 37.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 38.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 39.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 40.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 41.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 42.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 43.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 44.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 45.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 46.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 47.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 48.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 49.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 50.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 51.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 52.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 53.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 54.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 55.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 56.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 57.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 58.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 59.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 60.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 61.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 62.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 63.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 64.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 65.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 66.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 67.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 68.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 69.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 70.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 71.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 72.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 73.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 74.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 75.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 76.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 77.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 78.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 79.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 80.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 81.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 82.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 83.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 84.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 85.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 86.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 87.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 88.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 89.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 90.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 91.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 92.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 93.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 94.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 95.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 96.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 97.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 98.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 99.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—
Extremo 100.ª série	—	—	—	Ag. 3.ª Tomé e Príncipe	—	—	—

ÍNDICE BORGES & IRMÃO			
COTAÇÃO DAS ACCÕES (Base Dez. 65-100)			
	26/3/71	1/4/71	2/4/71
GERAL	151,9	152,2	152,2
METROPOL	148,1	148,1	148,0
ULTRAM	179,6	182,6	182,8

PAISES	Compras	Vendas
África do Sul — Rand	35550	38500
África do Sul — Rand	7570	8500
América — Dólar	—	—
— Dólar de 5 e 20	27590	28540
— Dólar de 5 e 20	28520	28570
— Dólar de 5 e 20	28530	28580
Argentina — Peso Novo	5500	6550
Austria — Schilling	1510	1516
Bélgica — Franco	556	559
Brasil — Cruzeiro	4550	5580
Canadá — Dólar	27580	28580
Dinamarca — Coroa	3570	4500
Espanha — Peseta	540,5	542
Francia — Franco	5500	5580
Holanda — Florim	7580	8500
Inglaterra — Libra	68500	70500
Itália — Lira	504,4	504,7

A. G. MAGNO, EDA.
L. Frei Heitor Pinto, 2-B
Telef. 723595

CARTAZ DOS CINEMAS



SÃO LUIZ

(Adultos) Tel. 327172
ESTREIA HOJE ÀS 21.30
Color
Jack Nicholson e Karen Black
em
DESTINOS OPOSTOS

As 15.15 e 18.15 — Adultos —
Últimas exhibições de
ENTRE A HONRA E O AMOR

ALVALADE

(M. 12 anos) Tel. 717480
As 15.45 e 21.45
50% de acção + 50% de emoção
John Wayne em
RIO LOBO
Technicolor
Um filme de Howard Hawks

EUROPA

(M. 6 anos) Tel. 661016
Hoje, às 15.15 e 21.30
A maior obra-prima do desenhado animado
Música — Alegria — Ternura
Um filme de Walt Disney
BAMBI
Technicolor
Versão portuguesa

POLITEAMA

(M. 12 anos) Tel. 426305
As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
EM 2.ª SEMANA
UM FILME DE ALTA EMOÇÃO E DE SENSACÃO ESPECTACULAR
AS RODAS DA LOUCURA
com Darren McGavin, Sean Garrison, Susan Clark e Anne Baxter

DOMINGO — AS 11 HORAS
SESSÃO INFANTIL
com 2 filmes admiráveis e brindes. BRINDE ESPECIAL: as crianças que fizerem anos no domingo têm entrada grátis e uma foto colorida, que lhes tira o fotógrafo Rod (M. 6 anos)

LIDO

(M. 17 anos) Tel. 937593
As 21.30 h.
Uma história apaixonante
com Jean Paul Belmondo e Annie Girardot
O HOMEM DE QUEM EU GOSTO
Um êxito do realizador Claude Lelouch

SÃO JORGE

(M. 17 anos) Tel. 54153
As 15.15 e 18.15 e 21.30
6.ª SEMANA
DE UM INVULGAR ÊXITO!
O PATIFE
com Jean-Louis Trintignant
DOMINGO, às 11 h. da manhã
CINEMA COM CRITÉRIO
A MINHA NOITE EM CASA
DE MAUD
com Jean-Louis Trintignant e Françoise Fabian
Patrocínio do Cineclub Católico
(M. 17 anos) Preço 15\$00

ODEON

(M. 6 anos) Tel. 326283
As 15.15 e às 18.15 (pr. red.)
EM ÊXITO TOTAL
O GRANDIOSO FILME DE DESENHOS ANIMADOS PARA CRIANÇAS
AS VIAGENS DE GULLIVER PARA ALÉM DA LUA
(Eastmancolor)
SÓ A NOITE, ÀS 21.30
(M. 17 anos)
Sara Montiel em 5.ª semana triunfal no filme **ESSA MULHER**

VOX

(Adultos) Tel. 720808
As 21.45 h.
5.ª SEMANA DE SENSACÃO
Com o excitante e discutido filme colorido de André Cayatte
OS CAMINHOS DE KATMANDOU
Soberbo desempenho de Pascale Andret, Serge Gainsbourg e Arlene Dahl

As 18.30 (M. 6 anos)
A RAPARIGA DOS ALPES
Um belo filme em Technicolor
Junto à Av. de Roma

CHIADO TERRASSE

(M. 17 anos) Tel. 320917
As 21 h.
COLUNA DE CINZAS OS AMBICIOSOS

CASINO ESTORIL

(M. 17 anos) Tel. 264821
As 17 e às 21.30 h.
MAIS ESCURO QUE AMBAR
com Rod Taylor, Suzy Kendall, Theodore Bikel e Jane Russell
SABADO — Matinée Infantil às 15.30 h. — (M. 6 anos)
UM MILHÃO DE DÓLARES NUMA COLEIRA

MONUMENTAL

(M. 12 anos) Tel. 555131
As 15.15 e 21.30
O talento e a voz
A presença e o charme de Barbra Streisande e Yves Montand em
MELINDA
Realização de Vicente Minnelli
Technicolor — Panavision
QUINZENA SÉRIE NEGRA
Hoje — Adultos — 18.45 h.
O PRISIONEIRO DO PASSADO
de Delmer Daves, c/ Humphrey Bogart e Lauren Bacal

SATÉLITE

(Adultos) Tel. 562632
6.ª SEMANA
As 15.30 18.30 e 21.45
Um filme de Claude Sautès
COISAS DA VIDA
Eastmancolor
Prémio Louis Delluc
com Michel Piccoli, Romy Schneider e Lea Massari

ESTÚDIO 444

(Adultos) Tel. 178095
As 15.30 18.30 e 21.45
13.ª SEMANA
Um filme romântico
O SILENCIO DO AMOR
com Marie Dubois e Mathieu Carrière
EASTMAN COLOR

MUNDIAL

(M. 12 anos) Tel. 538743
As 18.30 e 21.45
Shirley MacLaine e Clint Eastwood numa espectacular aventura para não mais esquecer!
OS ABUTRES TÊM FOME
Um filme de mestre Lon Liegel
Em Panavision e Technicolor
METRO: Estação Picoas

ROMA

(Adultos) Tel. 72778
As 15.30, 18.30 e 21.45
4.ª SEMANA
A grande interpretação de Jean Gabin
A HONRA DA FAMÍLIA
Technicolor

CONDES

(Adultos) Tel. 32523-326710
As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Um filme de François Truffaut
DOMICÍLIO CONJUGAL
com Jean Pierre Léaud e Claude Jade

BERNA

(M. 12 anos) Tel. 776098
As 18.30 e 21.45 h.
2.ª SEMANA SENSACIONAL!
Peter O'Toole, Ava Gardner e Richard Harris
na espectacular superprodução de Lino de Laurentis, realizada por mestre John Huston
A BIBLIA
Um filme de todos os tempos, agora em Panavision de 70 mm e Technicolor!
A Av. Marques de Tomar

LUMIAR

(M. 12 anos) Tel. 795293
As 21 horas
OS 3 SUPER-HOMENS EM TOQUIO KIOWA

ROYAL

(Adultos) Tel. 865037
As 21 horas
CHUVA NA PRIMAVERA UM PERIGO EM CADA CURVA

LIZ

(M. 17 anos) Tel. 48560
As 21 horas
JUVENTUDE INQUIETA UMA MULHER NO CIMENTO

* outros espectáculos

LISBOA

TEATROS
VARIEDADES — As 21 e 45: «O Contrato» (17 anos).
A B C — As 20 e 45 e às 23 h.: «Frangos na grelha» (17 anos).
VASCO SANTANA — As 21 e 40: «A Cozinha» (17 anos).
CAPITÓLIO — As 21 e 45: «A querda mamã» (17 anos).
TRINDADE — As 21 e 45: «O Duelo» (17 anos).
LAURA ALVES — As 21 e 45: «O Santo e a Porca» (12 anos).
MARIA MATOS — As 21 e 45: «As Imãzinhas» (17 anos).
VILLARET — As 21 e 45: «Depois da queda» (17 anos).
CINEMAS
OLIMPIA — As 9: «Tarzan em Nova York» (12 anos).
JARDIM — As 21: «Os 7 magníficos» (12 anos).
PARIS — As 21: «Ben-Hur» (12 anos).
IDEAL — As 21: «O Advogado» (17 anos).
CINEARTE — As 21: «Jamaica» (17 anos).
ARCO-IRIS — As 21: «Tempo de massacre» (17 anos).

Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — As 21 e 30: «David Copperfield» (12 anos).
OIRAS — OIRAS-CINE — As

TIVOLI

(M. 17 anos) Tel. 50595
4.ª SEMANA
As 3 da tarde (a p. red.) e 9.30 da noite
Lilli Palmer, Cristina Galbo e John Moulder Brown em
INTERNATO DE RAPARIGAS

RESTELO

(M. 12 anos) Tel. 610375
As 21.30
NEM SEMPRE SE PODE GANHAR
com Tony Curtis e Charles Bronson

AVIS

(Adultos) Tel. 47163
As 15.30 e 21.45
Divertida comédia sentimental!
QUEM SE METE COM RAPAZES...
com Gianni Morandi
Technicolor

IMPERIAL

(M. 17 anos) Tel. 48560
As 21 h.
GIGANTES NO INFERNO O MISTÉRIO DA ORQUÍDEA VERMELHA

IMPÉRIO

(Adultos) Tel. 555134/5
As 15 e às 18.15
2.ª SEMANA
A mais bela história de amor no ambiente escalante da revolução
Segundo Boris Pasternak
Um filme de David Lean
«DOCTOR JIVAGO»
com Omar Sharif - Geraldine Chaplin - Julie Christie
70 mm - Metrocolor
ATENÇÃO: O filme começa a ser exibido às 15.15 e às 21.30

ESTÚDIO

(Adultos) Tel. 555134
4.ª SEMANA
As 15.30 18.30 e 21.45
A obra-prima de Jean Luc Godard
«O ACOSSADO»
(A Bout de Souffle)
com Jean Paul Belmond e Jean Seberg

EDEN

(M. 12 anos) Tel. 320768
As 15.15, 18.30 e 21.45
50% de acção + 50% de emoção
John Wayne em
RIO LOBO
Um filme de Howard Hawks
com Jennifer O'Neil
Technicolor

CINEMAS

SÃO JOÃO — As 21 e 30: «A Bíblia» (12 anos).
COLISEU — As 21 e 30: «Vem de Tepe» (17 anos).
RIVOLI — As 21 e 30: «Antes morto que vivo!» (12 anos).
AGUIA DE OURO — As 21 e 30: «Porta Massacre» (12 anos).
JULIO DINIS — As 21 e 30: «Cinco para o Inferno» (17 anos).
BATALHA — As 21 e 30: «O gen-darme em férias» (12 anos).
TRINDADE — As 21 e 30: «Melindas» (12 anos).
ESTÚDIO — As 21 e 30: «Uma mulher meio louca» (17 anos).
CARLOS ALBERTO — As 21: «Djanga desafia Santana» e «A vingança de Spartacus» (12 anos).
OLIMPIA — As 21 e 30: «O preço da guerra» (12 anos).
VALE FORMOSO — As 21 e 30: «Ben-Hur» (12 anos).
NUN'ALVARES — As 21 e 30: «Assalto ao Quen Mary» (12 anos).

COIMBRA

GIL VICENTE — As 21 e 30: «A filha de Ryan» (17 anos).
AVENIDA — As 21 e 30: «A honra da família» (17 anos).
TIVOLI — As 21 e 30: «Um tiro pela culatra» (17 anos).

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA — Mendes Gomes, Caçoda da Ajuda, 222 (tel. 638256) * **TAPADA**, Caçoda da Tapada, 83-A (tel. 634721).
ALCANTARA — Ester Nogueira, Rua de Alcântara 5-A (tel. 637563).
ALFAMA — Cruz de Malta, Largo Chafariz de Dentro, 36 (tel. 886126).
ALTO DE S. JOÃO — Dalton, Avenida Mouzinho de Albuquerque (à Praça Paiva Couceiro), 7-A (tel. 843571).
ALVALADE — Libia, Av. da Igreja, 4-B (tel. 71681). * **Celta**, Rua Moura Girão, 3-B (tel. 710621).
AMOREIRAS — Amoreiras, Praça das Águas Livres, 8-D (tel. 681515).
ANJOS — Antolin, Avenida Almirante Reis, 88-B (tel. 44733). * **Magalhães**, Avenida Almirante Reis, 4-D (tel. 49479).
ARCO DO CEGO — Providência, Rua D. Filipe de Vilhena, 9-C (tel. 770324).
AREIRO — Marbel, Av. de Roma, 31-A (telefone 176235). * **Lusitânia**, Avenida de Roma, 8-A (tel. 725443). * **Chinde**, Rua Agostinho Lourenço, 6-B (tel. 710331). * **Celta**, R. Moura Girão, 3-B (telefone 710621).

BAIRRO ALTO — Gonçalves, Rua da Rosa, 76 (tel. 262687).
BAIRRO DA LIBERDADE — Zenel, Rua A, 82 (tel. 65840).
BAIXA — Formosinho, Praça dos Restauradores, 18 (tel. 30927). * **Normal**, Rua do Prato, 220 (tel. 321342-325553).
BELEM — Botânica, R. da Junqueira, 38 (telefone 638132).
BENFICA — Macedo, Estrada do Poço do Chão, 69-C (tel. 703697). * **Benfilius**, Estrada de Benfilius, 44-A (tel. 782606).
Canto, Estrada das Laranjeiras, 202-B (telefone 780841).

CAMPOLIDE — Nova, Rua de Campolide, 397-C (tel. 687475). * **Ronil**, Rua Rodrigo da Fonseca, 53 (tel. 683438).
CAMPO DE OURIQUE — Findor, Rua Maria P. A. 514 (tel. 687949).

CAMPO DE SANTANA — Peninsular, Campo dos Mártires da Pátria, 117 (tel. 553308).
CASTELO — Santa Luzia, Rua da Saudade, 2-B (tel. 869831).
CONDE BARÃO — Acoriano, Largo do Conde Barão, 2 (tel. 661330).
ENCARNAÇÃO — Zira,

Praça das Casas Novas, lote 66 (Bairro da Encarnação) (tel. 31072).
ESTEFÂNIA — Délio, Rua Agorês 32 (tel. 52388).
ESTRADA DA DAMAIA — Progresso, Estrada da Damaia 64-C (tel. 702261).
ESTRELA — Linalde, R. Ferreira Borges, 30 (telefone 660955). * **Neves**, R. da Brã Vista, 35 (telefone 661251).
LUMIAR — Patulera, R. do Lumiar 22 (tel. 790332).
Douro, Avenida das Linhas de Torres, 93-A (tel. 991131).
MADRE DE DEUS — Madre de Deus, Rua da Morgam, 5-B (ao Bairro do Grilo) (tel. 382470).
OLIVAIS — Simão, Rua Cidade da Coimbra, 6-A (junto à piscina) (telefone 31058).

PEDROUÇOS — Higilux, Rua de Pedrouços, 50 (telefone 610280).
PENHA DE FRANÇA — Europa, Avenida General Roçadas, 27-A (tel. 843880).
Fonseca, Rua Corvalho Araújo, 46-B (tel. 847081).
Higilénica, Rua Heliódoro Sagado, 20-A (telefone 844361). * **Zema**, Rua General Justino Padrel, 1 (à Caçoda das Barbadinhos) (tel. 832580).
PICHELEIRA — Mariz,

Caçoda da Picheleira, 140-B (tel. 720703-728395).
SANTA MARTA — Morais Sarmiento, R. de Santa Marta, 5-A-B (telefone 46490).
S. BENTO — Micael, R. de S. Bento, 380 (telefone 66262).
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA — Berto, Avenida de Berto, 44-A (telefone 773568). * **Sá da Bandeira**, Rua Marques Sá da Bandeira, 36-42 (tel. 41961-54672).
Oliveira Viegas, Rua do Viriato, 29-A (tel. 48966-553601).

Linha de Cascais

ALGÉS — Miraflores — R. António Granjo, 2 (tel. 213161).
CAXIAS — Nova — R. Bernardino Ribeiro — A (tel. 242839).
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva — Av. Patrão Lopes, 4 (tel. 243039).
OIRAS — Central — R. João Teixeira Soares, 18 (tel. 243008).
PARADE — Grincho — Av. da República 87 (tel. 247204).
ESTORIL — Margalida — Santos — R. Ferreira, 15 (tel. 36016).

CASCAIS — Margalida — Av. Margalida (tel. 280078).
* **A. Costa** — R. Freitas Reis 24-C (tel. 280214).
S. PEDRO DO ESTORIL — S. Pedro (tel. 263052).

Linha de Sintra

AMADORA — Melo — P. D. João 1 Lote 46 — Bairro Janeiro (T. 932210).
* **Central** — Av. Condoso Lopes, 25 (tel. 932710).
Igreja — P. da Igreja, 22-A (tel. 937740). * **Jardim** — Av. Conde de Oeiras, Lote X-1 (tel. 938424).
DAMAIA — D. João V — Av. Gurgel do Amaral, 2-A (tel. 970461).
QUELUZ — Gil — Av. Miguel Bompard, 18 (telefone 95017). * **Simões Lopes** — Av. Elias Garcia 51 (tel. 950123).

CACÉM — Central — R. Elias Garcia, 55 (telefone 294034).
MEM MARTINS — Quim — Est. Mem Martins, 285 (tel. 2910012).
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (tel. 980456).
SINTRA — Marrazes — L. Afonso de Albuquerque (tel. 980058).
COLARES — Colares — Abreu (tel. 299088).

Outra banda

ALCOCHETE — Gamela — L. António dos Santos Jorge, 5 (tel. 234100).
ALHOS VEDROS — Gusmão — Rua Cândido dos Reis, 30 (tel. 224020).
ALMADA — Magalhães — R. Capitão Leitão, 8-A (tel. 270242).
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança — Est. Nacional, 174 (tel. 224302).
BARREIRO — Avenida — Av. Alfredo da Silva, 88 (tel. 2273216).
COVA DA PIEDADE — Cerqueira Afonso, P. 5 de S. João, 8 (tel. 270254).
MOITA — Silva Rocha — P. da República, 10 (tel. 239029).
MONTIJO — Giraldo — R. Almirante Reis, 45 (tel. 230008).
SESIMBRA — Leão — Av. Salazar (tel. 229471).
SETUBAL — Marques — R. Arronches Junqueira (T. 22783). * **Bonfim** — Av. Rodrigues Marinho, 18 (tel. 24558).
SEIXAL — Saramento — R. Paiva Coelho, 38 (tel. 2218560).

PORTO

Alves, R. Exército Libertador, 62 (tel. 60002). * **Alves Moreira**, Av. Rodrigues de Freitas, 67 (tel. 5889). * **Antiga Porto do Olival**, Campo M. do P. 1, 24 (tel. 24262). * **Av. da Boavista**, 1 (tel. 60342). * **Barro**, Rua do Bonifácio, 1 (tel. 47032). * **Batata**, P. da Batata, 10 (tel. 2524). * **Boa Hora**, Rua da Boa Hora, 80 (tel. 28753). * **Campo**, P. da República, 8 (telefone 2516). * **Couto**, L. 3 Domingos, 06 (tel. 2963). * **Estácio**, Rua da Sá da Bandeira, 20 (telefone 22664). * **Menczer de Lima**, P. Dr. Pedro Pereira, 227 (tel. 51764). * **Nau Vitória**, Rua Nova Vitória, 123 (tel. 49047). * **Silva Pereira**, Rua da Cabral, 293 (tel. 4070). * **Foz**, Rua Senhora da Luz, 382-Foz (tel. 68021).

COIMBRA

Machado — Rua Bernardino de Albuquerque (tel. 23767). * **Sitália** — Largo da Sé Velha (tel. 23234). * **Luciano & Mateus** — Rua da Sofia (tel. 22147).

Diário de Lisboa



Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 185-1.º
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal

O tempo

INFORMAÇÃO
DO SERVIÇO
METEOROLÓGICO

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal Continental, o céu estava muito nublado; o vento era moderado de Noroeste; calaram aguaceiros em alguns locais do Centro e Norte e chuva no Algarve.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Lisboa, 18,2; mínima: Penhas da Saúde, 7,2.

TEMPERATURAS ÀS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 8; Penhas, Dourados, 0; Coimbra, 9; Portalegre, 6; Lisboa, 10; Faro, 11; Funchal, 5.

TEMPERATURAS OBSERVADAS ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 11; na água do mar, 13.

PREVISÃO GERAL
ATE ÀS 24 HORAS
DE AMANHÃ

Céu com períodos de muito nublado; vento moderado de Noroeste, soprando por vezes com rajadas, e aguaceiros que poderão ser de granizo nas regiões montanhosas.



Amanhã
Nascer às 7 e 21
Ocaso às 20 e 1



Hoje Dia 10 Dia 18 Dia 25

MARÉS:

PREIA-MAR: Hoje — 9 e 30 (3,2 m); 22 e 01 (3,3 m); Dia 3 — 10 e 49 (3 m); 23 e 22 (3,2 m). Dia 4 — 12 e 20 (3,1 m).

BAIXA-MAR: Hoje — 2 e 22 (1,6 m); 14 e 45 (1,8 m). Dia 3 — 4 e 05 (1,8 m); 16 e 35 (2 m). Dia 4 — 5 e 47 (1,8 m); 18 e 08 (1,9 m).

VAI AO FUNCHAL
O SUBSECRETÁRIO
DO PLANEAMENTO

FUNCHAL, 2 — (L.) — É esperado na segunda-feira no Funchal, vindo de Lisboa, o subsecretário de Estado do Planeamento Económico, dr. João Maurício Salgueiro.

Aquele membro do Governo vem presidir às sessões de trabalho da Missão do Planeamento da região da Madeira. A reunião, que decorrerá no salão nobre da Junta Geral, na segunda-feira, será pública.

O subsecretário de Estado regressa a Lisboa na terça-feira.

«Conversa à noite»
no Ateneu de Leiria

LEIRIA, 2 — O Ateneu de Leiria promove hoje mais uma «Conversa à Noite», que conta com a presença do crítico de arte dr. José Augusto França. Este nosso prezado colaborador falará sobre «Arte, Sociedade e Sociologia da Arte».

Cooperativa
dos Trabalhadores
de Portugal

Prosseguem, hoje, às 21 horas, na sua sede, na Calçada do Duque, 25, 1.º, os trabalhos da assembleia geral ordinária da Cooperativa dos Trabalhadores de Portugal iniciados em 3 de Fevereiro.



OS TELESPECTADORES INGLESES perderam uma noiva em potência. Julie Crosswaite, de 19 anos, continuará a fazer anúncios de tabaco de cachimbo, mas o seu estado é diferente, pois casou-se com um escritor grego, Ion Voyantis. Os sonhos desvaneceram-se em fumo de cachimbo.

Autorizados os partidos
na Argentina

(Continuação da 1.ª página)

contra Peron, por alegado delito privado contra uma menor, cometido durante o exercício da presidência. É este o único processo que Peron tem pendente na Argentina.

O advogado do ex-presidente invoca a favor do seu

pedido de prescrição declarações oficiais recentes sobre a unidade dos argentinos.

Por seu lado, o general Roberto Levingston comparecerá em breve diante do tribunal especial, que deverá proferir um julgamento sobre a conduta do ex-chefe de Estado durante o seu período de mandato presidencial.

Levingston, que como presidente da República destituiu o general Lanusse, foi, por sua vez deposto em 17 de mês passado pelos comandantes-chefes das três armas.

SUBSECRETÁRIO
DA SAÚDE
NO CARTAXO

CARTAXO, 2 — O subsecretário de Estado da Saúde, dr. D. Maria Teresa Lobo, desloca-se amanhã a esta vila, em visita de estudo. A chegada ao limite do concelho está prevista para as 9 e 30.

SE PROVAR
CASTELÕES
SÓ PEDIRÁ
CASTELÕES

Castelões é um queijo pasteurizado, amanteigado e de superior qualidade.

FEBRE AMARELA EM ANGOLA

DEZANOVE CASOS

(DOS QUAIS 11 MORTAIS)

DE 15 A 21 DE MARÇO

LUANDA, 2 — (L.) — Na semana de 15 a 21 de Março passado, registaram-se 19 casos de febre amarela, com 11 óbitos — revelou a Direcção Provincial dos Serviços de Saúde e Assistência de Angola, na sua informação periódica sobre a ocorrência de doenças infecto-contagiosas no território da província.

No seu último comunicado, sobre febre amarela, aqueles Serviços informam que «não se pensa, por enquanto, justificado considerar-se o surto epidémico como debelado, tanto mais que, como já foi assinalado em comunicados anteriores, os inquéritos a que se procedeu, e continua procedendo, têm revelado uma percentagem da população por vacinar ainda assaz elevada (92,4 por cento) em certas zonas da cidade (Cazanga)».

Seis párocos de Coimbra
admitem a substituição
da visita pascal

COIMBRA, 2 — Os párocos das freguesias de Santa Clara, Santa Cruz, S. Bartolomeu, da Sé Nova, da Sé Velha e de Nossa Senhora de Lurdes pedem-nos a publicação do seguinte:

«1) Desde o princípio do ano passado, os párocos do arcebispo da zona urbana vêm reflectindo atentamente, a respeito das condições em que tem decorrido a Visita Pascal nas suas paróquias. Verificaram o reduzido valor pastoral da visita feita na forma habitual. E para melhor informação, procederam a consulta aos seus paroquianos em contactos pessoais, sondagem junto das famílias e assembleias públicas, preparadas e anunciadas através de convites dirigidos aos chefes de família e convocatória nos jornais.

«2) Colhidas as informações e sujeitas a cuidadoso exame, os referidos párocos concluíram

que a Visita Pascal, por motivo das condições actuais da vida citadina, e desvirtuamento do verdadeiro sentido do referido acto religioso, carecia de valor pastoral e tornava urgente a conveniente renovação, preconizada, aliás, por documento oportunamente enviado pelo rev. vigário-geral, ouvido o parecer do rev. arcebispo.

«3) Nesse sentido, os párocos acima indicados iniciaram o estudo de novas formas de contacto com os paroquianos em ordem a renovar ou a substituir a Visita Pascal ou realizá-la em moldes mais convenientes.

«4) Cada paróquia tomará, neste propósito, as iniciativas mais oportunas e eficazes, consoante as possibilidades e condicionamentos das respectivas comunidades.

«Oportunamente foram dadas as informações convenientes e pelos meios julgados mais idóneos.»

O MINISTRO DA EDUCAÇÃO REUNIU-SE
COM AS AUTORIDADES UNIVERSITÁRIAS

O ministro da Educação Nacional, prof. dr. Veiga Simão, voltou hoje a reunir-se com os reitores, vice-reitores e directores das Faculdades e Escolas Universitárias e outros membros dos Senados e Conselhos das Universidades de Lisboa, Coimbra e Porto e da Universidade Técnica de Lisboa.

As reuniões do ministro da Educação Nacional com as referidas autoridades universitárias, que começaram ontem, prosseguem amanhã.

LOTARIA DA PÁSCOA

6.ª-feira, dia 9 de Abril

16 MIL CONTOS

Bilhetes e fracções à venda na

CASA COSTA

75, Rua de S. Paulo — Lisboa 2

SIDIAL

AVENIDA DE ROMA, 15-B
LISBOA

É com prazer que o convida a visitar o seu Stand na Avenida de Roma, 15-B, onde de 1 até 7 de Abril, tem em exposição o novo automóvel.

Simca - 1100 . S

Das 9 h
Até às 24 h
Aberto Sábado 3 de Abril

CONCESSIONÁRIO CHRYSLER



As operárias à procura de infantários

1 - Movimentos de mulheres, sim ou não? A pergunta foi, ainda recentemente, posta durante um colóquio realizado no Cine Clube do Barreiro, onde a mesa era constituída por Isabel do Carmo (médica), Sérgio Ribeiro (economista), e Helena Neves (nossa camarada de Redacção).

Se aquela médica era inequivocamente pelos movimentos femininos: — «Tem de ser a mulher a lutar pelos seus direitos, pois, é a mais reprimida socialmente» — Sérgio Ribeiro recordou que um movimento racista não tem cor, nem os movimentos de mulheres podem perder de vista a situação global.

Helena Neves, por seu turno, manifestou-se contra as secções femininas dos Sindicatos, e discordou da existência de movimentos femininos nos locais de trabalho. «Para deles (deles) concordo com movimentos de mulheres», afirmou a concluir a sua intervenção.

E a pergunta volta a por-se-nos a todos nós. Movimentos de mulheres: sim ou não?

Não é menos importante para o caso assinalarmos algumas das posições assumi-

das pelos assistentes ao colóquio. Houve, de facto, quem discordasse de qualquer segregação:

— «Os movimentos reivindicativos são de todos», defendeu uma jovem. Houve quem defendesse tal segregação — «Muitas mulheres só começaram a lutar ao lado de mulheres», opinou uma assistente. E, não se deixou de considerar que «a própria gravidez não é um problema exclusivamente feminino», em especial, no respeitante ao tempo remunerado em que se não trabalha, por virtude daquele estado.

Sim ou não? — perguntou-se de novo.

2 — Em termos de DEVER-SER, o que mais importa é lutar pelo desaparecimento da condição de assalariado, precisou o economista presente. Ao que é possível acrescentar: a posição da mulher no seio de uma sociedade de assalariados é já uma consequência secundária em face da consequência primeira (a de sequência primeira. Há que procurar uma assistência materno-infantil eficaz, ou lutar pela instauração de uma assistência médico-so-

cial ampla e efectiva para todos os membros activos de uma sociedade?

A disjunção não tem sentido. Qualquer dos caminhos a percorrer para a realização daquelas metas não são autonomizados. Antes se interpenetram. Não se excluem, antes se conjugam dialécticamente. E a eles terão que estar atentos uns e outras, homens e mulheres. A primazia dada a este ou àquele ponto resulta de uma tática que as condições concretas de determinado momento aconselhem, e não de uma estratégia global.

Mas regressando ao tema em foco, os movimentos de mulheres são legítimos?

3 - Não pode negar-se a especificidade da situa-

ção feminina e de alguns dos seus problemas. Essa especificidade, aliada a razões de ordem tática, explica (e justifica) a existência de movimentos de mulheres. A prática, de resto, tem demonstrado a sua razão de ser. Anotem-se os movimentos femininos nos E. U. A., que se outra utilidade não tivessem, deram a conhecer a situação concreta, real, da população feminina numa sociedade desenvolvida. Não se esqueça também a existência de tais movimentos nos países socialistas. Assim se compreende a legitimidade dos movimentos de mulheres, os quais deixarão de a ter sempre que a especificidade se transfor-

Cont. na pág. 4



O ensino secundário e o projecto da reforma

DURANTE três dias (11, 12 e 13 de Março) assistiu-se em Braga a uma série de colóquios sobre a Reforma do Ensino. Do mesmo, apresentamos hoje a comunicação do dr. Raul Gomes, sobre o Ensino Secundário. Professor do Ensino Técnico no Porto, o dr. Raul Gomes é director da revista de cultura «Vértice», e responsável pela página semanal de EDUCAÇÃO de «O Comércio do Porto». (Páginas centrais)

MESA REDONDA

Crise de vocações na Marinha Mercante

Na década de 60-70, a frota mercante mundial evoluiu de 22 965 unidades para 28 141, o que representa um crescimento de 64 por cento. Acompanhando a expansão do comércio mundial, a tonelagem transportada por via marítima duplicou neste período. Só entre 1968 e 1969, o tráfego marítimo aumentou cerca de 9 por cento. Neste decénio, duas surpresas na situação dos transportes marítimos. Os Estados Unidos, em 1961, com uma frota de 2854 navios possuíam em 1970, 2083, o que significa uma redução de 4,7 milhões de toneladas. A U. R. S. S. em 1961, afastada do grupo das dez primeiras frotas, durante estes anos, emerge com uma das principais frotas mercantes mundiais, progredindo de 3,6 milhões de TAB para 10,8 milhões na actualidade.

Um relance á panorâmica mundial dos transportes marítimos, faz adivinhar um balanço positivo e perspectivas futuras.

Neste contexto, a posição da frota mercante nacional entre os países marítimos não é das mais favoráveis: 28.º lugar e um acréscimo, na década de 60-70, de 37 por cento para 64 por cento de acréscimo a nível mundial. (Causa fundamental da situação verificada na marinha mercante portuguesa, é sem dúvida, a rareficação de pessoal e o baixo nível de qualificação dos que ainda persistem na vida do mar. Este mal, que se estende além-fronteiras, não foi até aqui contrabalançado por um sistema salarial capaz de impedir a «emigração» do pessoal marítimo para uni-

dades estrangeiras e o «exodo» progressivo de pessoal do mar para terra»

Mais que o horário

No caso de Alcantara, em velho navio de nome bizarro, fomos encontrar alguns destes homens do mar. José Nunes da Conceição, nesta vida desde 1948, já contra-mestre e poucas esperanças de mudança; confessa-nos: — Gostava de ter vida em que estivesse ao pé da família. Se o salário fosse razoável ainda dava para pagar a ausência dos meus, assim a gente estafa-se, trabalha

10 a 12 horas por dia e recebe à volta de 3720\$00 por mês.

— Mas o vosso horário não é de 8 horas? — interrogamos.

— Lá ser, é. Mas a gente tem de ganhar mais e de suprir as faltas. Que isto do mar já não atrai ninguém. As vezes, pergunto se vale a pena tanto esforço. Até agora têm-nos pago por hora extraordinária, 23\$30. O grande problema é o salário. E também custa a gente só trabalhar e dormir. Não temos nenhuma vida associativa.

Fausto Cuelo, do concelho de Lagoa, no Algarve, empregado de camaras, intervém na conversa:

— Dez horas diárias, trabalho eu. Tenho folga de 10 em 10 dias. Talvez as coisas mudem agora com o novo contrato de trabalho. Isto é uma vida ingrata. A vida do mar não dá compensação para termos uma vida e velhice que salve o sacrifício do trabalho. Ganho 2160\$00 desde que houve aumento.

Francisco da Silva, ajudante de motorista mas desenhando o lugar de oficial

Cont. na pág. 4



ASSIM VAI MUNDO

Reconfortado

No momento da reabertura em Viena das SALT (Conversações para a Limitação das Armas Estratégicas, entre soviéticos e americanos), Nixon declara-se «reconfortado» pela maneira como essas conversações decorreram durante o ano de 1970. Numa mensagem dirigida ao Congresso, o presidente norte-americano escreve a propósito das SALT: «Pela primeira vez tem lugar um diálogo realista entre nós e a União Soviética quanto a relações estratégicas. Os interesses comuns que nos conduziram à mesa de conferência encorajam-nos na esperança de que as SALT resultarão. Estou reconfortado pelo trabalho já feito e espero que o carácter construtivo do diálogo se manterá no decurso da quarta fase».

Informações

Lembremo-nos de que em Dezembro passado, quando as conversações foram interrompidas (fim da 3.ª fase), o estado de

segundo uma das informações, duplicou o poder dos foguetes intercontinentais de múltiplas cabeças, de que tem uns trezentos. Estes projecteis eram portadores de três cabeças nu-

seis cabeças nucleares. Outra das informações revela que, desde há meses, os soviéticos dispõem de uma arma não nuclear capaz de destruir no espaço os satélites de espionagem dos Estados Unidos. Não sendo nuclear, o seu acto de destruição não pode detectar-se e, caso fosse usada, os Estados Unidos não poderiam atribuir a destruição dos seus satélites à acção do inimigo. A terceira informação refere-se à construção de um avião soviético do tipo «foxbat», especializado em interceptar e derrubar aviões espiais, do tipo do famoso U-2. O panorama que estas três informações permitem desenhar aos especialistas do Pentágono é o seguinte: a U.R.S.S. pode, em dado momento, eliminar do espaço todos os meios de observação militar dos Estados Unidos, e utilizar esse tempo «em branco» para lançar um ataque repentino de grande envergadura com os seus novos foguetes de seis cabeças. Esta ideia — difundida principalmente pelo colunista Stewart Alsop, muito próximo do Pentágono — tende naturalmente a cimentar as pretensões da indústria militar de não reduzir o esforço de rearmamento. Os seus adversários chegam a dizer que os informes estão falsados ou exagerados para forçar o presidente e o Congresso a aumentarem as despesas com a defesa, e para conterem alguns progressos havidos nas SALT».

A B M

As SALT foram interrompidas em Dezembro para que os Estados Unidos pudessem estudar uma proposta soviética de redução do sistema ABM (projecteis de defesa antibalística)

cleares independentes, capazes de atacarem, cada uma delas, um objectivo independente, uma vez transportadas por um foguetão ao território dos Estados Unidos.

Agora vão ser portadores de

espírito era de mútua desconfiança. Comentava Haro Teggen em princípios do corrente ano: «O complexo militar-industrial trabalha sobre três informações concretas provenientes da espionagem: a U.R.S.S.,



Emigração

Segundo a Conferência Mundial do Trabalho, a entrada de dividas dos trabalhadores gregos emigrados atingiu 150 milhões de dólares em 1967, 160 milhões em 1968; 210 milhões em 1969 e 230 milhões de dólares em 1970. Citando:

«Os anos precedentes, ao golpe de Estado de Abril de 1967, foram marcados por uma tomada de consciência de gravidade do problema da emigração. Foi realizado um esforço considerável para favorecer o regresso à Grécia, dando prioridade aos quadros superiores (professores, engenheiros, cientistas, etc...), de que, centenas e centenas, residem na Europa e sobretudo nos Estados Unidos, assim como o retorno de certos operários especializados».

«Parecia iniciar-se um movimento de regresso, correspondente ao desejo de numerosos intelectuais da «diaspora», capazes de contribuir para o desenvolvimento democrático e económico do país, mesmo se isso representa para eles sacrifícios de ordem financeira. Este movimento cessou a 21 de Abril de 1967... De modo que a situação actual é dramática: a Grécia torna-se um país de velhos e um país sem quadros novos dignos deste nome. O país corre o risco de um lento desaparecimento demográfico e, portanto, económico, social e político: a baixa de natalidade — precipitada desde 1967 — é constante, e também a alta da emigração — igualmente precipitada desde 1967...»

que, de acordo com essa proposta, se limitariam na U.R.S.S. à defesa de Moscovo e nos Estados Unidos à de Washington. Os norte-americanos deviam dar uma resposta na reabertura das SALT, que se efectuou no dia 15 passado.

Sabe-se que há pressões na administração americana a favor da construção do sistema ABM (vindas naturalmente do complexo militar-industrial) e pressões em sentido contrário, com o argumento de que o ABM acarreta enormes encargos orçamentais que a econo-

mia norte-americana não está em condições de suportar.

Se as informações da espionagem americana são verdadeiras, a U.R.S.S. proporia a redução do ABM porque já não precisa dele, possuidora como é das novas armas atrás citadas. Mas nesse caso os Estados Unidos, em contra-partida, precisam do ABM mais do que nunca.

O que significa a mensagem de Nixon ao Congresso? Que não se confirmaram as informações da espionagem americana?



Representação

Joaquim Inácio Calhau, entrevistado por «Agra-Pecuária» põe o dedo na ferida em relação à organização dos proprietários, e sua representatividade:

«Ao fundar-se em 1934 a F. N. P. T. determinara o artigo 3.º dos seus estatutos que fossem eleitos o presidente e a direcção por um conselho geral formado por 40 membros, ou seja, um representante por cada Grémio da Lavoura existentes. Mas passados 36 anos a Direcção e o Conselho Geral continuam a ser nomeados por decisão ministerial».

Mais concretamente vejamos: como podem os Grémios da Lavoura representar os interesses da agricultura se são, de um modo geral, como o de Erora que é constituído por 42 procuradores, 22 dos quais são natos e os outros 20 são eleitos, na prática, segundo a vontade dos anteriores que além do mais já têm a maioria?

Note-se ainda, e a título de exemplo, que a Comissão Reguladora dos Produtos Químicos e Farmacêuticos tem delegados do Comércio da Indústria e da Lavoura, estando este ultimo vago há vários anos.»

Carência

Uma informação do Fundo de Desenvolvimento da Mão-de-Obra diz nos que no fim do mês de Abril de 1970 permaneciam por satisfazer 15 624 pedidos de emprego e 6364 ofertas.

«A existência de um volume de pedidos de emprego quase duplo do de ofertas traduz, muito embora menor que em meses anteriores, um forte desajustamento entre os conjuntos constituídos pelas pessoas à espera de oportunidade de trabalho e o de lugares vagos nas empresas».

Os elementos mais predominantes que concorrem para este desajustamento, como em relatórios de meses anteriores se focou, são: a falta de oferta de formação profissional da generalidade dos sectores que ocorrem ao Serviço Nacional de Emprego, e a falta de uma colocação.

O baixo nível de salários adquire uma importância relevante, por exemplo, nos casos em que a formação

ção da empresa e do trabalhador não coincidem, pressupondo a satisfação da oferta a deslocação do trabalhador. Um outro elemento normalmente se lhe adiciona reduzindo as possibilidades da colocação: a falta de garantias na continuidade do trabalho.

Por outro lado, a constante emigração dos trabalhadores portugueses (note-se que em Abril o volume de pedidos para emigração foi de 6190) sobretudo de trabalhadores agrícolas — potenciais indiferenciados para a indústria — e de trabalhadores da construção civil, tem originado uma falta destes últimos, sentida ao nível nacional. Os trabalhadores que saem, não só neste grupo de profissões mas na sua generalidade, são sobretudo os mais aptos, os mais capazes, e as empresas começam a não encontrar, nos que ficam, a qualificação profissional que eventualmente exigiam.»

Instituto alemão

Foi inaugurado um novo edifício do Instituto Alemão. O problema do excesso de lotação vinha a sentir-se há alguns anos.

O número de alunos inscritos no Instituto tem diminuído desde a época escolar de 1965-66 (1424 alunos). Em 1966-67 o número de alunos tinha baixado para 1200, em 1967-68 para 1007 e em 1968-69 para 800. Em 1969-70 o número de alunos subiu novamente para 1000. Em 1971 o número de inscrições para o curso de 1971-72 foi de 1000.

ASSIM VAMOS NÓS

mação de 1971, cerca de 50 por cento dos pretendentes à inscrição não tinham sido atendidos. Na altura existiam 13 professores todos alemães, com excepção de uma portuguesa.

Deficit

O nosso deficit em relação ao Mercado Comum, totalizava, em Novembro de 1970, mais de oito milhões de contos para um total de 12 milhões de contos de mercadorias importadas. Este «record deficitário» tem sido tomado como preocupação dominante, nos relatórios dos conselhos de administração dos diversos bancos.

Consumo

«Plásticos» é o nome da revista trimestral editada pelo Grémio Nacional dos Industriais de Composição e Transformação de Matérias Plásticas. Recentemente, no seu editorial afirmava:

«A evolução da conjuntura nacional encontra-se, de momento, dominada por três factores fundamentais: expansão por aumento do poder aquisitivo das massas consumidoras, associação ao espaço económico europeu, redução do espaço económico português».

A progressão do poder de compra das populações é sem dúvida, condição necessária a todo e qualquer desenvolvimento. Há muito que a equitativa distribuição de riqueza é reconhecida como sendo o melhor propulsor do crescimento económico e social.

A associação e integração ao espaço económico europeu, dada a nossa posição geográfica e as relações comerciais existentes, é geralmente aceite como opção inevitável e irreversível.

A redução do espaço económico português, já verificado pelas dificuldades de transferências do Ultramar e pelos contingentes de importação estabelecidos por algumas províncias ultramarinas em relação à Metrópole, tenderá a acentuar-se sobretudo nos artigos de maior consumo, na medida em que essas províncias se forem industrializando como consequência natural da expansão dos seus mercados internos, enquanto não for definida uma política de coordenação de actividades industriais no espaço português».

ASSIM VAI MUNDO

Reconfortado

No momento da reabertura em Viena das SALT (Conversações para a Limitação das Armas Estratégicas, entre soviéticos e americanos), Nixon declara-se «reconfortado» pela maneira como essas conversações decorreram durante o ano de 1970. Numa mensagem dirigida ao Congresso, o presidente norte-americano escreve a propósito das SALT: «Pela primeira vez tem lugar um diálogo realista entre nós e a União Soviética quanto a relações estratégicas. Os interesses comuns que nos conduziram à mesa de conferência encorajam-nos na esperança de que as SALT resultarão. Estou reconfortado pelo trabalho já feito e espero que o carácter construtivo do diálogo se manterá no decurso da quarta fase».

Informações

Lembre-mos de que em Dezembro passado, quando as conversações foram interrompidas (fim da 3.ª fase), o estado de

segundo uma das informações, duplicou o poder dos foguetes intercontinentais de múltiplas cabeças, de que tem uns trezentos. Estes projecteis eram portadores de três cabeças nu-

seis cabeças nucleares. Outra das informações revela que, desde há meses, os soviéticos dispõem de uma arma não nuclear capaz de destruir no espaço os satélites de espionagem dos Estados Unidos. Não sendo nuclear, o seu acto de destruição não pode detectar-se e, caso fosse usada, os Estados Unidos não poderiam atribuir a destruição dos seus satélites à acção do inimigo. A terceira informação refere-se à construção de um avião soviético do tipo «foxbat», especializado em interceptar e derrubar aviões «spias», do tipo do famoso U-2. O panorama que estas três informações permitem desenhar aos especialistas do Pentágono é o seguinte: a U.R.S.S. pode, em dado momento, eliminar do espaço todos os meios de observação militar dos Estados Unidos, e utilizar esse tempo «em branco» para lançar um ataque repentino de grande envergadura com os seus novos foguetes de seis cabeças. Esta ideia — difundida principalmente pelo colunista Stewart Alsop, muito próximo do Pentágono — tende naturalmente a cimentar as pretensões da indústria militar de não reduzir o esforço de rearmamento. Os seus adversários chegam a dizer que os informes estão falsificados ou exagerados para forçar o presidente e o Congresso a aumentarem as despesas com a defesa, e para conterem alguns progressos havidos nas SALT.

A B M

As SALT foram interrompidas em Dezembro para que os Estados Unidos pudessem estudar uma proposta soviética de redução do sistema ABM (projecteis de defesa antibalística)

que, de acordo com essa proposta, se limitariam na U.R.S.S. a defesa de Moscovo e nos Estados Unidos a de Washington. Os norte-americanos deviam dar uma resposta na reabertura das SALT, que se efectuou no dia 15 passado.

Sabe-se que há pressões na administração americana a favor da construção do sistema ABM (vendas naturalmente do complexo militar-industrial) e pressões em sentido contrário, com o argumento de que o ABM acarreta enormes encargos orçamentais que a econo-

mia norte-americana não está em condições de suportar.

Se as informações da espionagem americana são verdadeiras, a U.R.S.S. proporia a redução do ABM porque já não precisa dele, possuidora como é das novas armas atrás citadas. Mas nesse caso os Estados Unidos, em contra-partida, precisam do ABM mais do que nunca.

O que significa a mensagem de Nixon ao Congresso? Que não se confirmaram as informações da espionagem americana?



espírito era de mútua desconfiança. Comentava Haro Teggen em princípios do corrente ano: «O complexo militar-industrial trabalha sobre três informações concretas provenientes da espionagem: a U.R.S.S.,

eleares independentes, capazes de atacar, cada uma delas, um objectivo independente, uma vez transportadas por um foguetão ao território dos Estados Unidos.

Agora vão ser portadores de

Representação

«Qualquer função pública, exercida por um cidadão, é exercida por o dedo na ferida em relação à representação dos proprietários, e sua representatividade».

«Ao fundar-se em 1914 a P. N. P. T. determinou o artigo 5.º dos seus estatutos que fossem o chefe e presidente e a direcção por um conselho geral formado por 40 membros, no total, um representante por cada freguesia da freguesia existente. Mas passados 36 anos a Direcção e o Conselho Geral continuam a ser nomeados por decisão ministerial».

Mais concretamente, repare-se como podem os membros da freguesia representar os interesses da agricultura se não, de um modo geral, como é de facto que é constituída por 12 proprietários, 22 dos quais são natos e os outros 20 são eleitos, na prática, segundo a vontade dos anteriores que além do mais, não é a maioria?

Não se ainda, e a título de exemplo, que a Comissão Reguladora dos Produtos Químicos e Farmacéuticos tem delegados do Conselho da Indústria e da Farnon, estando este último cargo há muitos anos?

Carência

Uma informação do Fundo de Desenvolvimento da Mão-de-Obra diz-nos que no fim do mês de Abril de 1970 permaneciam por subsistência 15.674 postos de emprego e 8.261 operários.

«A carência de um volume de estudos de emprego que se dá ao longo da vida, muito embora menor que em meses anteriores, em parte decorre do aumento entre os conjuntos constituídos pelas pessoas à espera de oportunidade de trabalho e de lugares vagos nas empresas».

Os elementos mais predominantes que se verificam para este desajustamento, como em relatórios de meses anteriores se focou, são os baixos salários oferecidos pelas empresas ofertantes e a deficiente qualificação profissional da generalidade dos trabalhadores que acorrem ao Serviço Nacional de Emprego em busca de uma colocação.

O baixo nível de salários adquire uma importância relevante, por exemplo, nos casos em que a localiza-

ção do emprego e de trabalhadores em conjunto, por exemplo, a situação da oferta e da procura de trabalho. Um caso elementar, naturalmente, se há alguma relação entre as possibilidades de colocação e a falta de qualificação na continuidade do trabalho.

Por outro lado, a constante emigração dos trabalhadores portugueses (note-se que em Abril o volume de pedidos para emigração foi de 6190) sobretudo de trabalhadores agrícolas — potenciais indiferenciados para a indústria — e de trabalhadores da construção civil, tem ocasionado uma falta destes últimos, sentida na nível nacional. Os trabalhadores que saem, não se nota que se dão de preferência mas na sua generalidade, são sobretudo os mais aptos, os mais capazes, e as empresas continuam a não encontrar, nos que ficam, a qualificação profissional que economicamente exigem.

Instituto alemão

Foi inaugurado um novo edifício do Instituto Alemão. O problema da carência de habitação tinha a sentir-se há alguns anos.

O número de alunos inscritos no Instituto tem diminuído desde a época escolar de 1965-66 (1424 alunos). Em 1966-67, o número de alunos tinha baixado para 1349, em 1967-68 para 1097 e em 1968-69 para 943 alunos. Em 1969-70, o número de alunos subiu novamente para 1028 alunos. Em 1971 o número de inscrições era inferior ao milhar. Segundo uma infor-



Emigração

Segundo a Conferência Mundial do Trabalho, a saída de milhões dos trabalhadores gregos emigrados atingiu 150 milhões de dólares em 1967, 160 milhões em 1968; 210 milhões em 1969 e 230 milhões de dólares em 1970. Citando:

«Os anos precedentes, ao golpe de Estado de Abril de 1967, foram marcados por uma tomada de consciência de gravidade do problema da emigração. Foi realizada um esforço considerável para favorecer o regresso à Grécia, dando prioridade aos quadros superiores (professores, engenheiros, cientistas, etc.), de que, centenas e centenas, residem na Europa e sobretudo nos Estados Unidos, assim como o retorno de certos operários especializados».

«Parecia iniciar-se um movimento de regresso, correspondente ao desejo de numerosos intelectuais da «diaspora», capazes de contribuir para o desenvolvimento democrático e económico do país, mesmo se isso representa para eles sacrifícios de ordem financeira. Este movimento cessou a 21 de Abril de 1967. De modo que a situação actual é dramática: a Grécia tem-se um país de velhos e um país com quadros novos dignos deste nome. O país corre o risco de um lento desaparecimento demográfico, cultural, económico, social e político: a baixa de natalidade — precipitada desde 1967 — é constante, e também a taxa da emigração — igualmente precipitada desde 1967».

ASSIM VAMOS NÓS

mação de 21,1% ou de 50 por cento dos produtores e consumidores não tinham sido atendidos. Na altura existiam 17 profissões totalmente abandonadas, com excepção de uma — a engenharia.

Deficit

O nosso deficit em relação ao Mercado Comum, de 1.400.000, em Novembro de 1970, mais de sete milhões de contos para um total de 12 milhões de contos de importações impulsionadas. Este record deve-se ao facto de o nosso comércio ser dominado, nos relacionamentos dos conselhos de administração dos diversos bancos.

Consumo

«Pela primeira vez, a revista trimestral, editada pelo Conselho Nacional dos Industriais do Comércio e da Transformação de Matérias Plásticas, Relativamente, no seu editorial afirmava:

«A evolução da conjuntura nacional encontra-se, de momento, dominada por três factores fundamentais: expansão por aumento do poder aquisitivo das massas consumidoras, associação ao espaço económico europeu, redução do espaço económico português».

A progressão do poder de compra das populações é sem dúvida, condição necessária a todo o qualquer desenvolvimento. Há muito que a equitativa distribuição de riqueza é reconhecida como sendo a melhor impulsora do crescimento económico e social.

A associação e integração ao espaço económico europeu, dada a nossa posição geográfica e as relações comerciais existentes, é igualmente vista como uma condição necessária e irreversível.

A redução do espaço económico português, já verificada pelas dificuldades de importação estabelecidas por algumas províncias ultramarinas em relação à Metrópole, tenderá a acentuar-se sobretudo nos artigos de maior consumo, na medida em que essas províncias se foram industrializando como consequência natural da expansão dos seus mercados internos, enquanto não for definida uma política de coordenação de actividades industriais no espaço português».

Lapas:

Uma aldeia como tantas...

Aldeia de Lapas, a cerca de 2 km de Torres Novas. Aldeia em transformação. Se o surto emigratório não a atingiu ainda intensamente, a indústria vizinha des-povoou-lhes os campos. Na aldeia de Lapas, os horizontes abrem-se. Voltando as costas aos campos, os homens e as mulheres encontram-se num só sentido. Torres Novas é em menor escala. Ainda são sorvedores da força de trabalho.

Lapas, 1500 almas em 400 fogos, quase em ruínas, a electricidade escescendo em alguns lugares, sem água, sem esgotos. Sem médico, sem enfermeiro, sem par-teira, sem farmácia. A Casa do Povo das Lapas situa-ram-na em Torres Novas. E quase não existem transpor-tes.

Lapas, aldeia quase sem civilização. Mas a civiliza-ção encerrada nas cidades e nas vilas, abastecer-se da gente das aldeias.

Vivendo para a vila, a aldeia de Lapas funciona para a população activa apenas como dormitório. Mas o sentido ali-a vila não tem regresso. Torres Novas não espalha a sua «civilização» de espaços industriais para as aldeias que a rodeiam. Lapas continua como na «época agrária». Os equipa-mentos sociais de assistência e convívio permanecem ausentes. Só as tabernas eram ainda uma força viva. Nelas os homens reuniam-se aquecendo gargantas e ami-zações. Mas há pouco, assis-tiu-se a um silêncio súbito nas tabernas. Só os velhos permaneceram, grudados pe-lo hábito. Os jovens deban-daram. A go os começou a atrair. Um local de encon-tro, nascido do seu esforço e da sua vontade. Como im-pulsor, um padre. O padre Amílcar Luís Fialho. Exemplo de padre do nosso tempo. A Igreja compreendeu que o tradicional cam-

po diatónico, restrito ao púlpito, não podia combater com a ciência desvendando nos espíritos a origem animal do homem.

Ao local de culto (nós o vimos) as mulheres, a so-bretudo as velhas, conti-nuam fiéis. Por isso, a Igreja nova saiu para a rua, aprendendo a viver não num mundo de rentes, mas num mundo de homens. Da con-fissão até a preocupação vi-va pelos problemas da comunidade, vai mais do que uma geração. Na geração presente o padre Amílcar falou-nos não do seu «reba-nho» mas dos homens e mu-lheres vivendo, como ele, na aldeia de Lapas:

P. AMILCAR — A vida da aldeia está centralizada na vila de Torres Novas. Com cerca de 400 fogos, e uma população a crescer, mais de metade da popula-ção serve as fábricas. O am-biente rural está a modifi-car-se a olhos vistos. Mas



esta modificação económica não foi acompanhada por uma promoção cultural e de convívio. Ser a Igreja a proporcionar um ambiente social de promoção vem dentro do espírito da Igreja. A Igreja sem convívio não é Igreja. Já se viu a eficiência da dimensão horizontal entre o homem e a religião.

MESA REDONDA — A transformação rápida do ambiente, até agora rural, a transferência da população para a indústria, não se reflectiu no ambiente familiar?

P. AMILCAR — Sim, a aldeia não tem valores positivos, fortes. A vila tam-bém não oferece aspectos construtivos. A fábrica não ajuda a fábrica destrói. Te-nho uma experiência limi-tada de um mês a trabalhar numa fábrica nas Caldas da Rainha. As gerações jovens vão para a fábrica em busca de melhor vida. É o dinhei-ro que as atrai. Não têm consciência do que é ser operário. A família sofre influências desagregadoras não só porque há um dis-tanciamento, como também uma mudança de mentali-dade. A vila exige economi-camente das pessoas. As preocupações ressaltam, por exemplo, numa «necessida-de» de vestir muito bem que afecta sobretudo os jo-vens.

M. R. — Considera que o facto da aldeia servir prá-ticamente como dormitório, e dada as carências de as-sistência e convívio, avoluma esse problema de desa-gregação de laços familiares e isolamento dos indivíduos?

P. AMILCAR — Por achar isso, é que me propus, com o auxílio da comunidade, criar um local de convívio e um sistema de serviços que abrangesse uma creche, ainda muito deficiente, pa-ra os filhos das trabalhado-ras, e abrangesse também um ciclo de aulas, porque a juventude tem somente a 4.ª classe ou frequência da escola técnica. Numa aldeia tão próxima de centros ca-colares, não há ninguém formado.

M. R. — Mas em Torres Novas existem empresas com orçãos para a popula-ção operária...

P. AMILCAR — Não acci-tamos as crianças das tra-balhadoras dessas fábricas. Seríamos as restantes e também os filhos das em-pregadas no comércio e das lavadeiras a tarefa diária.

M. R. — Como foi a recep-tividade a esse conjunto de serviços e ao convívio?

P. AMILCAR — A recep-tividade, inicialmente difi-cil, alargou-se bastante com o tempo. Pela parte da ju-ventude foi espontânea. As pessoas de idade, num espt-rito tradicional, aceitam tu-do o que o padre diz. Os in-divíduos de meia-idade cons-tituíram a camada mais se-sistente.

M. R. — E conseguiram realmente que a frequência se alargasse, que inclusive a mulher afluísse ao local de convívio?

Conseguiram, numa zona como esta flagelada pelo al-coolismo, afastar as pessoas da taberna?

P. AMILCAR — A que l-existem seis tabernas e dois cafés que são quase a mes-ma coisa. Conseguimos reali-mente trazer alguns ho-mens, não os velhos, até ao Centro de Convívio. A mu-lher aderiu bem e a sua fre-quência é corrente. Mas a juventude tem o maior cau-dal de entusiasmo. Na al-deia, os jovens atravessam uma crise de crescimento. Este meio exerce sobre eles uma pressão social, que não encontram na vila, para on-de não trabalhar ou estudar. Passando quase todo o dia num ambiente urbano, o que encontram aqui já não os trava nem os satisfaz. Com um local de convívio e as aulas, e a curto prazo, biblioteca e serviços cultu-rais, são chamados a uma actividade social que só po-de beneficiá-los.

M. R. — Considera que com esta acção, resolve os problemas da comunidade?

P. AMILCAR — A comuni-dade é que está resolvendo os seus próprios proble-mas. A Igreja, saindo fora do espírito de capelinha, vá-se esses problemas e tenta contribuir para a sua solu-ção. Existem claro, outros problemas, que neste mo-mento não nos é possível resolver ou que não cabem dentro da competência da igreja. Uma das questões é o caso dos transportes. Exi-ste uma camioneta que parte daqui às 9 horas, não ser-vindo, portanto, os operá-rios e chega às 19 e 15, o que só favorece uma mino-ria. Outro problema são as habitações muito deficientes e pobres. A Igreja vendeu terrenos em lotes para ma-radadas mas é um contributo pequeno.

Vai longe o tempo em que a Igreja não era ilhéu o co-mércio. Hoje a Igreja é mais uma entidade que faz negó-cios. Há em projecto, aqui nas Lapas, uma cooperativa de transportes e até um pla-no ligado a um empreen-dimento turístico. Por ora, o jardim infantil é a meta mais próxima. A comuni-dade quotiza-se para se au-to-equipar.

Lapas, aldeia quase sem civilização. Mas com espa-ranças de que os esforços particulares resolvam as le-sões menos graves.

(Entrevista de HELENA NEVES)

Mosaico da Feira de Março

Em Torres Novas, acon-tece em Março, a Feira.

Como todas é uma feira de multidões sem parentes-co. Os que vendem e os que compram, tocam-se num único acto. Atrás do gesto lúgido e regateado da troca, as vidas dos feirantes permanecem um mo-saico por desvendar.

sua. Seu apenas, o frio que o casaco não defende. Suas as estranhas olheiras. Seu o esquecimento de ser criança.

2

No entardecer de Março sem Primavera, três crian-ças. Família de feirantes, não conhecem lar nem es-cola. De terra em terra, re-petem o nomadismo dos pais quando meninos. A ter-ra serve-lhes de leito. Tape-tes estendidos amaciam a agrura das pedras. O casa-co da mãe, a colcha que vem dos avós mal os defen-de da noite cristalizada no frio. O pão abre-se à sua fome. Da aventura resguar-dar os o medo dos pais. Pás-saros sem poiso, os rathos cortaram-lhes as asas in-quietas no desejo sufocado da descoberta da feira.

Limitados ao seu espaço deixam correr as horas. Até á debandada para outra ter-ra, para outra feira. Até quando? No rosto do mais pequeno, um quase rancor.



AZEVINDA GUIOMAR

Na voz que solta, farto de se esquivar, a determina-ção: «Não quero ser feir-antel»

3

Azevinda Guiomar Sai-gueiro, de Macieira de Liz, «lá das bandas de Leiria», vende pinhões.

A feira de Março é local obrigatório no programa anual de vendas, que se es-tende até á praia da Naza-ré, quando o calor aperta e as feiras não são já merca-do apetecido.

— Há 15 anos que para cá venho. Corro as feiras to-das dos arredores. Demais a minha vida sempre foi es-ta: vender e cavar. Que eu também covo na minha ter-rinha. Semelo batatas, mi-lho, feijão, tudo o que a ter-ra aceita. Olhe lá as minhas mãos?

Erguidas das liadas de pinhões, as mãos de Aze-vinda, mostram-se, revelan-do enxada e terra. A vida. As mesmas mãos par-tam os pinhões, que vêm do

Alentejo até Leiria. As mes-mas mãos procedem á ta-refa de enfiar os pinhões, que depois torram, dando-lhes o tom de colares cam-pestres.

— Não quero outro negó-cio enquanto isto durar. Mas não vejo jeitos dele dar! Anti-gamente vendia cada liada a \$20, agora vendo a 1\$00 e ainda dá menos. Qualquer dia, meto-me no negócio da cal. As mulheres lá da mi-nha terra vão comprar cal a Pataias e depois vendem-na. Mas é só em certas épocas. Os homens foram para o Canadá, e os cam-pos, quem os amanhã são as mulheres. Se fosse nova, olhe que já não vinha para esta vida. Queria era sair da terra e empregar-me.

Morre Março na queda dos meses. Feirantes levan-tam praça. No seu horizonte outras estradas a caminho de outras feiras. Até Março, novamente em Torres No-vas, o mesmo círculo conti-nuado de gestos repetidos.



MARIA DO CÉU BRITO

Pessoal da Marinha Mercante

Cont. da pág. 1

de máquinas, em virtude da falta de pessoal. Homem do mar desde os 14 anos, desafiava:

— Se fosse hoje, não vinha para aqui. Nem pensar nisso! Só escolhe este trabalho, quem não sabe fazer mais nada ou não tem outro meio de vida. Ganho 4200\$00. Das horas extraordinárias vem muito pouco. Tenho casa em Setúbal, 1000\$00 de renda, mulher e filhos. A mulher, doente, não trabalha. E eu qualque-

dia, adoeço também. Todas as horas melido nas máquinas. Dão-me 1 litro de leite E ainda por cima, é leite em pó!

Navios estrangeiros com pessoal português

No II Colóquio Nacional dos Transportes, o comandante Mário da Fonseca Dias afirmava na sua comunicação:

«Essa grave crise de pessoal, numericamente insuficiente para tripular todas as unidades da frota mer-

cante nacional, e que tem chegado a paralisar temporariamente algumas delas, compeliu as autoridades responsáveis e as empresas transportadoras, a admitirem mão-de-obra pouco qualificada e oportunista, abrindo assim as portas a um longo cortejo de nefastas consequências no campo técnico, económico e disciplinar».

Numa outra passagem, refere-se ao «êxodo progressivo do pessoal de mar em terra, e a uma crescente dificuldade no recrutamento de novo pessoal verdadeiramente



FAUSTO CUCCO



JOSÉ NUNES DA CONCEIÇÃO

te interessado em se fixar nas profissões do mar cujas regalias económico-sociais se mantinham temporariamente estacionárias não acompanhando a evolução socio-económica das outras profissões e não oferecendo, portanto, o indispensável atractivo para o ingresso de novo pessoal e fixação do antigo».

Estes problemas actuais e tanto mais importantes quanto se trata de uma actividade de transcendente interesse nacional, afectam sobretudo a marinha mer-

cante portuguesa porque ao êxodo para terra, vem acrescentar-se a «emigração para navios estrangeiros».

Dos nossos entrevistados, José Nunes da Conceição e Francisco da Silva têm saudades do serviço em unidades estrangeiras.

Em navio alemão, de 4500 toneladas e 14 nós, o segundo piloto disse-nos:

— Só nós, os oficiais, somos alemães. De resto, todo o pessoal é português. É um bom pessoal. Gostam de trabalhar connosco. Um mari-

nheiro de 1.ª classe ganha, no nosso navio 6200\$00.

— As nossas viagens são longas — continua. — De seis em seis meses é que geralmente vamos a casa. Mas ficamos 60 dias ou se preferirmos, procedem a um bolso.

No convés a azáfama multiplica-se. Dentro de horas, o navio far-se-á ao largo. Dentro dele, movem-se, estendendo-o e alimentando-o, tripulantes portugueses, os homens que escasseiam na frota mercante nacional.

HELENA NEVES



FRANCISCO DA SILVA



Operárias da Covilhã

Cont. da pág. 1

me num elemento alienador e transforme esses movimentos em autênticos «ghettos», fechados sobre si mesmos, incapazes de se integrarem activamente numa estratégia global.

4 — Assim, chegamos ao «Jornal do Fundão», de 14 de Março, onde se publicava uma reportagem em o título: «As mães ao trabalho. E as crianças?». Nela se incluíam os dois documentos, abaixo transcritos, e que nos dão uma resposta prática à pergunta que sucessivamente formulámos ao longo deste texto. Não sabemos se as assinaturas são só de mulheres. Num caso ou noutro, são as mães operárias que se dirigem às autoridades.

Carta ao presidente do Instituto de Obras Sociais

«Covilhã, 2 de Março de 1971.

Ex.ª Sr. Dr. Veiga de Macedo:

As mães operárias da Covilhã cumprimentam V. Ex.ª e vêm expor o seguinte:

Há cerca de 12 anos que se vem falando da criação de um Infantário na Covilhã. Atentas a esta tão desejada e urgente realização, sabem que as obras da casa já estão na última fase e que está para breve a sua abertura.

Se por um lado estão contentes e vêm aproximar-se a solução de um problema tão angustiante, como é a entrega dos filhos enquanto trabalham, por outro, levantam-se interrogações pelo que se ouve dizer:

1) Que só funcionará até às 21 horas.

2) Que só durará uma refeição às crianças.

3) Que só receberão crianças dos 3 aos 5 anos.

4) Que a mensalidade terá por base 150\$00.

1.ª Mãe, Sr. Dr. Veiga de Macedo, na Covilhã há

mais de 2000 mulheres que trabalham no turno da noite, saindo portanto às 23 h. Destas, quantas dezenas ou centenas terão filhos pequenos?

2. As mães que vão trabalhar às 7 h. terão de levar os filhos mais cedo ainda e só depois das 15 h. os poderão ir buscar. O mesmo problema se põe quanto às que trabalham no 2.º turno. Estas crianças só vão ter uma refeição durante cerca de 9 h. que lá estão?

3. A partir dos 2 meses após o parto as mães têm que ir trabalhar. Quem lhes ficará com os filhos dos 2 meses aos 3 anos? E dos 5 anos aos 6, até irem para a escola?

4. As mães operárias da Covilhã lutam com imensas dificuldades, como poderão pagar uma mensalidade certa, que ultrapassa as suas possibilidades, até porque muitas têm mais de um e dois filhos em idade de Infantário?

Atendendo também a que a Covilhã é já uma cidade bastante grande e dispersa, põe-se com acuidade o problema dos transportes. As mães que vivem nos subúrbios da cidade, a quilómetros de distancia, como poderão beneficiar do Infantário?

Estão ainda muito preocupadas se no Infantário haverá uma forma de educação pré-primária que prepare as crianças para a entrada na escola.

As mães estão confiantes que os seus filhos ficarão bem entregues e que estes obstáculos que se põem e que tanto as aflige, serão removidos e serão muito em breve resolvida uma aspiração há tanto tempo desejada pelas mães desta terra de trabalhadores.

Sr. Dr. Veiga de Macedo, confiamos no interesse que V. Ex.ª terá pela solução deste problema, muito reconhecidas pelas mães trabalhadoras da Covilhã.

(Seguem 278 assinaturas)

Carta aos presidentes das Juntas de Freguesia

«Covilhã, 3 de Março de 1971

Ex.ª sr. presidente da Junta de Freguesia:

As mães trabalhadoras da Covilhã vêm junto de V. Ex.ª solicitar o interesse das entidades responsáveis, pela solução de um problema que há muito se faz sentir nesta cidade:

A criação do tão desejado e falado Parque Infantil.

Sabemos que já envidaram esforços e que até está planeado ser construído no antigo campo das festas, mas o certo é que nada se descortina ainda, como esperança de realidade breve.

E as nossas crianças não têm onde se expandir e brincar. As nossas habitações não têm condições para as crianças se desenvolverem e que ao menos o Parque Infantil venha depressa em ajuda das dificuldades criadas pelo problema da habitação que cada vez se sente com maior acuidade.

Além da falta que o Parque nos faz sentimos ainda inferiorizados perante outras localidades não cidades, e que já o possuem há muitos anos.

Senhor Presidente, as mães trabalhadoras da Covilhã confiam que este problema seja resolvido muito em breve e pedem que de novo e com um interesse grande o assunto seja posto à Câmara para que em breve possamos ver as nossas crianças no seu Parque Infantil.»

(Seguem 257 assinaturas)

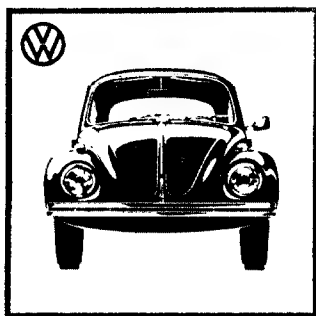
Dois documentos significativos pela expressividade da consciência de uma situação: — a das mães operárias num País onde não existem as necessárias estruturas para possibilitarem o acesso da mulher à produção social.

J. A. S.

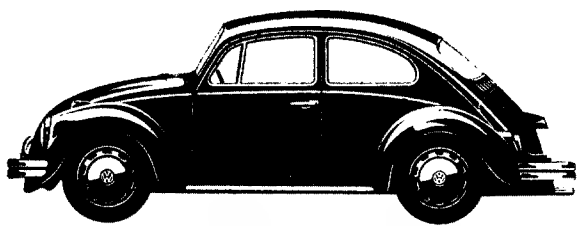
5 dias de carros usados
volkswagen
com garantia



novamente... novo!



em exposição
até às 0 horas do dia 6 de Abril
(excepto sábados e domingos)



torne a sua Páscoa mais feliz
adquirindo um usado, como novo!

vendem-se com facilidades de troca e pagamento

SOCIEDADE COMERCIAL GUÉRIN, S.A.R.L.
Av. António Augusto de Aguiar, 30-A—Telefs. 366751/7-370171/5

Opinião do leitor

Vamos lá pensar o desporto...

VASCO CRAVEIRO FEIO — (Professor de Educação Física em Lourenço Marques)

A Educação Física será hoje em dia obrigatoriamente um reflexo, com pequenas variações, do bemestar de todo um povo.

Encontrando-se o país em vias de maior desenvolvimento, oportuno será falar sobre a Educação Física nacional, sobre um problema que é vivido por um professor cuja experiência lhe permite sugerir alterações de alguns aspectos actuais.

Trata-se de considerações breves, tocando pontos que se consideram básicos, focando ou propondo algumas coordenadas que já são realidade, embora, admitindo o seu objectivo, algo diferente do que sugere.

Não houve preocupação de terminologia específica, aceitando, para já, formas correntes; este seria um dos assuntos primordiais que reclamaria a atenção do centro de estudos e investigação.

Estamos numa fase em que não nos podemos dispensar e apenas falar gratuitamente em doutrinas, princípios ideológicos, científicos, etc., etc., mas atender ao bom senso, à observação objectiva sem clubismos, sem egoísmos, sem necessidade de afirmação perante outros.

Não podemos motivar o desporto apenas pela competição e pelas medalhas e viagens, nem correr já atrás das actividades de ar livre e lazer, que são fruto duma vida desportiva vivida com prazer, com alegria, com respeito.

Temos de organizar e administrar, formar professores, instrutores, treinadores em bases reais e eficazes, olhar para as instalações e apetrechamento, prepararmos e prepararmos-nos para a vinda de todos os praticantes, que não é necessário aliciá-los.

Isso obriga a uma programação linear, simples, objectiva e firme, visando um futuro não imediato, sem publicação de dados estatísticos, sem desculpas mas com a simplicidade e humildade a que nos obriga a nossa posição no desporto europeu e mundial.

Só a escola pode dar início ao cumprimento deste programa só ela pode motivar e pôr em situação todas as crianças e pré-adolescentes e dar a base larga e segura que permite chegar às elites sem endeuamento, mas com aproveitamento escolar.

A escola falha, é certo. Mas a escola não tem autonomia em desporto, não tem clube; é um elemento de passagem válido para arcar com os desírios, é sempre a última razão, do «porquê tudo está mal», como tem sido afirmado por altos dirigentes. E as «vítimas» são sempre o desporto corporativo a viver numa autonomia concedida, que não conseguida e uns quantos clubes a arvorarem-se os sustentáculos do desporto, desporto esse que é cada vez mais caseiro se abandonarmos as estatísticas familiares e nos colocarmos no quadro internacional.

Necessário se torna «fazer o ponto» sem procurar soluções de prestígio nem enganar a história com citações animadoras «de compromisso». Nem tentar justificar a nossa posição do cômputo mundial lembrando as «moralidades» praticadas além fronteiras.

Qualquer remendo, qualquer improvisação, qualquer solução de emergência só agrava a distância até um desporto com forma actual.

Levantamos alguns problemas, esboçamos outras questões básicas que podem conduzir a uma programação coerente com as maltratadas expressões: planificação, organização, fomento:

1.º) Só centralizando num único organismo, mas uma centralização efectiva, é possível comportar toda a gama de situações a resolver e controlar, é possível programar uma Educação Física à escala nacional e não um conjunto disperso, em desacordos permanentes que se transformam numa absorção total

a) Ligação clima — modalidade, visando saúde e rentabilidade;

b) Períodos escolares (alguns deslocados no âmbito regional);

c) Épocas dos países limítrofes;

d) Épocas de outras províncias ou países com ligação estreita, mas sem falsear os dados anteriores;

e) Calendários internacionais.

Definir as épocas em tempo de duração.

Procurar, nomeadamente em desportos individuais, a existência de campeonatos abertos.

modalidades prioritárias, etc.

Só indivíduos reconhecidos pelo I. N. E. F. poderiam exercer essas funções no âmbito gimnodesportivo.

Programar a seguir cursos regulares de actualização e de treinadores (claro que além dos cursos normais de professores e instrutores).

Esses cursos, de início também com a colaboração de alguns professores estrangeiros de reconhecida competência, não teriam duração inferior a um ano (em tempo livre) e três meses (tempo total), podendo admitir-se excepção em alguns cursos de actualização mas com curta duração.

A todos os alunos dos cursos de professores e instrutores, paralelamente ao programa normal da escola, seria exigido o certificado de treinador em pelo menos um desporto individual e outro colectivo, para obtenção do diploma.

Aos já diplomados seria de aconselhar esses certificados, pois que normalmente no período das férias

ção Física escolar, visando a avaliação, programas e um projecto para apreciação e estudo superior de horários e situação da Educação Física no currículo escolar; c) seria de abordar a função e acção da medicina desportiva e serviços de saúde escolar, já que para este programa era forçoso poder contar com médicos, médicos especialistas, psicólogos, assistentes sociais.

4.º) Será um dos capítulos pior programados no âmbito gimnodesportivo; num país em que não existem convenientes instalações escolares, quase não possui campos, ginásios, piscinas de utilização pública e com rentabilidade correcta, temos uma densidade flagrantemente ao nível mundial, de estádios de grande capacidade de espectadores, na maioria particulares e de que se pensa nunca foi feita a estatística do número de pessoas por ano que ocuparam essas bancadas: admite-se que poucos desses lugares foram ocupados 24 horas por ano (8760 horas). Numa época em que rentabilidade é palavra chave em economia, temos de ajuizar que fé e amor clubista são justificações precárias.

Criar um gabinete dentro do centro de estudos, com arquitectos, engenheiros, economistas e professores de Educação Física, para prever todo o equipamento e tipos de instalações, dirigir a sua realização, para que de acordo com os outros sectores se procedesse à sua distribuição, conservação, fiscalização visando o seu melhor aproveitamento.

Claro que essa função não se limitará aos muitos afazeres de gabinete ou apenas a visitas de inspecção, a discursos, a entrevistas, a viagens, a fáceis pa-

lavras de motivação e encorajamento, mas a permanência em trabalho real.

Devem-se observar as instalações particulares que não ofereçam rendimento e em vez de subsídios, tomar conta da sua administração.

Deve acompanhar todos os planos de urbanização e ter voz activa nas zonas verdes, no estudo de instalações prevendo densidades, praticantes possíveis, etc., e facultar a utilização a todos, de acordo com programas estudados.

Dever-se-á pensar em descentralização, até pelo incremento imenso que acarretará esta solução, e esse pensar tem de ser imediato, mas como solução de continuidade.

5.º) Depois surgirá naturalmente o problema dos praticantes, amadores e profissionais (não sei o que são não-amadores), ou melhor, praticantes dos grupos A e B.

Os do grupo B terão um único escalão etário, terão as suas provas, pertencerão aos seus clubes (empresas, sociedades).

Os do grupo A passarão pelos diferentes escalões, pertencendo exclusivamente à escola, clube escolar, as provas dos dois primeiros escalões, para uma mais correcta passagem dos jogos desportivos aos desportos. Nos restantes estarão todos os clubes: escolares (secundários e superiores), empresas, grupos sociais polícia, etc.

Claro que tem de ser observado o regulamento de transferências, tanto entre A e B, como no mesmo grupo e todas as soluções julgadas de interesse, não em milhares de artigos, em centenas de publicações, mas de forma simples, clara e curta, sem lugar a grandes processos. É que simplicidade e desporto têm de estar juntos.



sob forma preocupantemente burocrática, tentando resolver melindres, marcando pomposamente «posições de prestígio», subestimando o carácter acentuadamente apolítico a uma acção simples, natural, pura, em que o homem está na equipa, no grupo, na sociedade, mas pode procurar encontrar-se sem requerimentos, procurar ser mais rápido e mais forte, ser capaz de ver os mais rápidos e mais fortes, os menos fortes e menos rápidos, mas principalmente ser capaz de se ver, de seguir a sua posição no espaço e no tempo, em veadas finais, sem angústias, sem náuseas.

Só centralizando tudo num organismo se poderá chegar à democratização, partindo do estado actual, sem interferência dos parentes ricos da democracia, como a demagogia, a anarquia, etc.

2.º) Estudo de um calendário único, englobando todos os desportos, marcando épocas de acordo com:

Pensar seriamente no interesse momentâneo da maioria das competições internacionais ou nacionais a longa distância: esquecer as provas por um período a determinar; e também grandes reuniões a nível «de prestígio».

Marcar como primeira etapa as olimpíadas de 1976.

3.º) Seria centralizado num organismo directamente dependente, talvez, I. N. E. F., a formação, actualização, coordenação dos professores, instrutores, treinadores, etc., em todos os níveis e modalidades.

Imediatamente estágios de actualização de todos os diplomados existentes, tanto revalidando automaticamente as habilitações, como promovendo logo provas de avaliação para confirmar ou não os certificados, nomeadamente em cursos «instantâneos».

Fazer um mapa estatístico com distribuição de todos os agentes, visando já o programa de soluções locais, análise de apoio a

grandes vários cursos funcionariam em tempo pleno.

Pelo menos em treinadores seria considerada uma escala com vários graus, em que a subida obedeceria tanto a provas teóricas como a trabalho prático efectivo.

Seriam colocadas regularmente à disposição de diplomados de reconhecido interesse e de alunos finalistas com classificações e provas dadas, bolsas de estudo para o estrangeiro ou províncias distantes, para cursos considerados de interesse.

Paralelamente ao I. N. E. F. funcionariam dois centros:

O centro de documentação e Informação e Centro de Estudos e Investigação, que se ocuparia imediatamente, sob direcção efectiva do organismo superior e com a colaboração de todos os escalões: a) da reestruturação dos cursos de professores, instrutores e treinadores; b) o primeiro estudo sobre Educa-

TAP

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

PREPARADORES

Que reúnem os seguintes requisitos:

- Curso industrial completo ou 2.º ciclo liceal ou
- Instrução primária e formação profissional especializada adquirida em organizações oficiais ou privadas de reconhecida idoneidade.
- Nacionalidade portuguesa
- Serviço militar cumprido ou de isento
- Menos de 36 anos

OFERECE:

- Vencimento inicial compatível com as condições exigidas
- Benefícios sociais
- Salários diferidos

Só serão consideradas as candidaturas que respondam às exigências portadas

Inscrições no Serviço do Pessoal
Rua do Conde de Redondo, 79-1.º

O ensino secundário e o projecto da reforma

RAUL GOMES

Convidaram-me os organizadores destes colóquios para, no âmbito da discussão do projecto de ensino publicado pelo Ministério da Educação Nacional, falar hoje sobre o ensino secundário.

Dado que este grau de ensino tem, aliás como qualquer outro, uma função social, começarei exactamente por situar a sua problemática actual no contexto da evolução histórica da escolaridade obrigatória.

Efectivamente, uma das novidades do projecto em causa reside no facto de a escolaridade obrigatória ser elevada para oito anos, dos quais os quatro últimos decorrerão no ensino secundário.

Tem-se frequentemente considerado esta medida como um índice de democratização. Na realidade, o que significará ela, verdadeiramente, do ponto de vista histórico?

Como se sabe, a primeira medida legislativa tomada em Portugal com vista à obrigatoriedade do ensino, a nível primário, data de 1835. Reflexo, ainda, do idealismo remanescente da Revolução Francesa, era uma medida a que a própria Inglaterra só se abalançaria em 1880. Influenciada, talvez, pela decisão inglesa, é que, 4 anos depois, ou seja em 1884, a nossa legislação passou a ameaçar — teoricamente, é claro — com penalidades, as infracções à obrigatoriedade.

Mas, enquanto, em 1891, a Inglaterra tornava o ensino gratuito em quase todas as escolas primárias, Portugal fechava, 3 anos depois, 1000 das 4000 mil que possuía. A disparidade, como se vê, é flagrante.

Tem-se procurado explicar a falência da escolaridade obrigatória em Portugal, nos fins do século passado, pelo recurso da indústria à mão-de-obra infantil. Ora a verdade é que esse fenómeno só se verifica, historicamente, na fase inicial da industrialização. Onde essa fase foi ultrapassada, o índice de escolaridade passou a acompanhar o índice de industrialização, como se poderá deduzir do que se passou na Inglaterra e nos outros países industrialmente avançados.

Em 1911, a nossa legislação republicana restabeleceu a obrigatoriedade do ensino primário, então de 5 anos. Em 1936, a escolaridade obrigatória desce ao nível da terceira classe primária. Em 1952, torna-se extensiva à quarta classe primária. Em 1964, é elevada de mais dois anos, susceptíveis de cumprimento quer ao nível primário (ciclo complementar do ensino primário), quer ao nível secundário (ciclo preparatório do ensino secundário).

Finalmente, e numa altura em que, por escassez da rede escolar, a escolaridade dos 6 anos ainda não conseguiu abranger 50 por cento das crianças portuguesas, pensa-se em elevá-la para 8 anos.

Entretanto, qual o panorama que nos oferecem, a este respeito, os países chamados desenvolvidos? Não incluindo a escolaridade pré-primária, a restante escolaridade subiu,

em alguns deles, como os E. U. da América, a Suíça e a Rússia, para 12 anos, atingindo os escalões etários de 17/18 anos.

A ESCOLARIDADE NÃO SE PODE AUMENTAR ARBITRARIAMENTE

Se o período de escolaridade obrigatória devesse ser tomado como índice de democratização, creio que pouco nos teríamos de envaidecer pelo nível atingido até agora.

A verdade é que a escolaridade não se pode aumentar ou diminuir arbitrariamente. Para que se eleve, torna-se necessário que subam as exigências de qualificação escolar da mão-de-obra; caso contrário, a preparação escolar não tem cotação no mercado do trabalho.

A instrução é uma mercadoria que, como as outras mercadorias, se rege pela lei da oferta e da procura. A elevação do período de escolaridade obrigatória e o aumento das exigências de qualificação da mão-de-obra são, na realidade, fenómenos concomitantes. Não estranhemos, por isso mesmo, que o que a Revolução Francesa não conseguiu pela força exclusiva do seu idealismo, tenha sido conseguido pela Revolução Industrial, sem idealismo algum.

Assim facilmente se entenderá que a primeira coisa a explicar não é tanto a lentidão do nosso processo de escolarização como a lentidão do nosso processo de industrialização. Como se compreende que este processo se encontrasse ainda empenhado entre nós, a seguir à segunda guerra mundial?

A nosso ver, o processo de industrialização português foi contrariado por duas razões principais:

1) Como medida de defesa do sector agrário, ansioso por impedir a inflação salarial e o êxodo da mão-de-obra rural para os centros urbanos;

2) Pela política de condicionamento industrial e de oposição à política económica da livre concorrência capitalista.

Tinha-se em vista, com esta política, evitar a agudização dos conflitos entre o capital e o trabalho, que, historicamente, acompanharam a concentração industrial e a concomitante proletarianização das massas. Esta política de contenção do processo capitalista contribuiu para alargar ainda mais o fosso que já nos separava dos países onde o liberalismo económico deixara o campo livre à concorrência.

A verdadeira consciência disto surgiu quando o nosso País, por força da sua participação na E. F. T. A., contraiu o compromisso de, num determinado prazo, através da abolição das barreiras alfandegárias, abrir o mercado nacional à concorrência estrangeira.

Tratar-se-á agora, para o sistema político vigente — e o projecto de reforma em causa filiar-se-á nessa tendência — de reajus-

tar a sua ideologia e os seus métodos a uma política de desenvolvimento de tipo neocapitalista.

Em que medida é que o projecto da reforma se insere nesta perspectiva?

Dizia, ainda há pouco, mais precisamente no dia três do mês findo, o secretário de Estado da Indústria, eng.º Rogério Martins, numa conferência proferida no Instituto de Altos Estudos Militares, sobre os problemas da indústria portuguesa:

«A primeira das condições que buscamos

óptica exclusivamente desenvolvimentista como esta, tem o recente anúncio por parte do senhor ministro da Educação Nacional do seu plano de reforma integral do sistema educativo português.»

Ao empregar a expressão «mesmo sob uma óptica exclusivamente desenvolvimentista» pretendia, obviamente, o eng.º Rogério Martins significar que havia outras ópticas a considerar. Efectivamente, no dia seguinte ao da conferência daquele membro do Governo, mais precisamente, no dia 4 do



«É preferível aprender a montar e a desmontar um motor...»

como causadoras de desenvolvimento é um sistema de ensino adequado. Isto é, extensivo à dimensão de todo um povo, intensivo na exigência de seriedade e trabalho, progressivo na abertura ao pleno aproveitamento das capacidades, correctivo dos defeitos herdados de mentalidade e feitio, científico na atitude informadora do currículo, respeitado como primordial força da Nação. Ora, lembremo-nos de que em 1960, do conjunto de pessoas que trabalhavam no total da nossa indústria, mais de 64 por cento eram operários não qualificados e apenas 0,9 por cento dirigentes e quadros superiores; e que dos dirigentes e quadros superiores, só dezoito por cento tinham cursos universitários e haviam trinta e sete por cento apenas com instrução primária. Na Itália, nessa altura, o primeiro número era de trinta e três por cento e o segundo 1,6 por cento; quer dizer, havia na sua indústria proporcionalmente metade dos nossos serventes e o dobro dos nossos dirigentes e quadros superiores. E destes, trinta por cento tinham curso superior; isto é, no interior do grupo dirigente industrial havia o dobro de diplomados, entre nós. Um estudo mais recente sobre «O ensino industrial português» (de Harry Makler, publicado em 1969) verifica que, comparado com o país vizinho, «as empresas espanholas têm ao seu serviço, em média, mais técnicos do que as portuguesas.»

Destes dados, extraiu o orador as seguintes ilações:

— A lição destes números é que nos tempos que imediatamente nos precedem, e independentemente das intenções e doutrinas, não foi possível dispor, de facto, deste factor decisivo, que é o ensino, em potência e gradiente proporcionados à sua influência na aceleração do desenvolvimento.

«Por aqui se entenderá a importância verdadeiramente histórica que, mesmo sob uma

mês passado, o eng.º Adelino Amaro da Costa, no primeiro colóquio de um ciclo dedicado ao projecto de reforma da Universidade, efectuado em Coimbra, na Residência dos Estudantes da Beira, afirmava:

«A reforma do sistema escolar constitui um primeiro sinal, no sector educativo, de uma inserção deliberada no fenómeno da socialização.

«Socialização, porque? Porque, por um lado, se procura considerar a expansão educativa no quadro geral da expansão social que não no âmbito exclusivo da expansão económica; depois, porque as estruturas projectadas tendem a promover a integração social e convivência de pessoas originárias de diferentes estratos, acentuando fortemente a necessidade de concretização do princípio de igualdade de oportunidades, a que os projectos ministeriais fazem várias referências».

HUMANISMO E «DESENVOLVIMENTISMO»

Este e outros comentadores do projecto têm-se referido ainda aos valores humanísticos que a reforma pretende salvaguardar. Mas, serão os objectivos desenvolvimentistas desta reforma tão predominantes que não deixem margem ou deixem uma margem demasiado reduzida a outro tipo de formação diferente daquela que mais directamente interessa a uma política neocapitalista de industrialização?

A este respeito, as opiniões divergem.

Há, em primeiro lugar, os que pensam que tal problema se resolverá mediante uma espécie de co-existência pacífica entre a preparação prática e utilitária e a formação teórica e inútil, isto é, entre a tecnologia moderna e o humanismo clássico.

E há, em segundo lugar, os que pensam



«A escolaridade não se pode aumentar arbitrariamente»

diário

na

que esse problema se resolverá pela integração da formação tecnológica e da ideologia neocapitalista, isto é, pela subordinação do progresso técnico aos objectivos da rentabilidade e do consumo.

De momento e face aos textos programáticos publicados pelo Ministério da Educação Nacional, não podemos prever rigorosamente como virá a ser resolvido tal problema. Só a publicação dos programas que estão a ser elaborados nos virá dar uma resposta satisfatória a este respeito. Isto não quer dizer que através da análise do organograma publicado e dos textos que o acompanhavam não se possam descortinar certas intenções.

Essas intenções transparecem particularmente do carácter predominantemente prático da preparação a ministrar pelos liceus técnicos e da preparação predominantemente teórica a ministrar pelos liceus clássicos. Transparece ainda do critério de acesso ao ensino superior, em que a via directa para o ensino universitário é o liceu clássico. Filia-se este critério no preconceito tradicional da separação entre a teoria e a prática, entre a ciência pura e a ciência aplicada, entre dirigentes e executantes (eufemisticamente rotulados, os primeiros, de quadros superiores, e os segundos de quadros médios e inferiores). Isto está, aliás, de acordo com as concepções do humanismo clássico, moldadas a partir das estruturas sociais da sociedade clássica e renascentista, que eram, como se sabe, profundamente hierarquizadas, continuando, por isso, no nosso tempo a representar um obstáculo sério à mobilidade vertical dos vários estratos sociais.

QUE DESENVOLVIMENTO?

Dir-me-ão que o liceu técnico também dá acesso, por enquanto indirectamente, ou seja através dos Institutos Politécnicos, à Universidade. Talvez aí se encontre uma tentativa para estabelecer a ponte entre a ideologia hierarquizante que nos é transmitida pelo humanismo clássico e a ideologia mobilista que caracteriza o neocapitalismo. Neste e noutros aspectos, os textos programáticos afiguram-se-nos um produto híbrido, resultante do cruzamento das concepções de imobilismo e de mobilismo sociais.

Concretamente o que se pretende com esta reforma? Aproximar a sociedade portuguesa, considerada subdesenvolvida, ou, se quiserem, em vias de desenvolvimento, das sociedades chamadas desenvolvidas.

Mas, qual é o padrão da sociedade desenvolvida? Será o americano, será o europeu tipo nórdico, será o europeu tipo alemão ou francês, será o soviético?

O conceito de padrão de sociedade desenvolvida tornou-se extremamente ambíguo na medida em que nele estão simultaneamente contidos elementos de natureza tecnológica e elementos de natureza socioeconómica. E é exactamente em virtude da ambiguidade desse conceito que alguns adversários do neocapitalismo e da ideologia da rentabilidade e do consumo atacam também o progresso técnico. E esse, aliás, um dos mais graves erros de Marcuse.

Afigura-se-me de uma importância enorme acabar com esta ambiguidade. Importa, e definitivamente, separar a técnica dos sistemas socioeconómicos que a utilizam.

Ora o problema que se põe relativamente a este padrão de sociedade é o de saber se ele é possível sem o progresso tecnológico. Ora eu acho que não, que não é possível. E é o próprio Marcuse que reconhece que tal padrão de sociedade só é possível a partir da fase tecnológica da automação.

Só essa fase tecnológica proporcionará as condições de produtividade indispensáveis à satisfação das necessidades fundamentais de todos os homens, proporcionando-lhes, simultaneamente, o tempo livre necessário para se realizarem individualmente.

Ora eu pergunto: a sociedade portuguesa já se encontrará na fase tecnológica da automação? Evidentemente que não. E não só não atingiu essa fase, como não se encontra ainda em plena fase de trabalho em cadeia. O que quer dizer que, se verdadeiramente quisermos constituir a sociedade da

abundância, teremos ainda de percorrer um longo caminho no domínio tecnológico.

Como vamos então percorrer esse caminho? Através de que sistema socioeconómico? Através de que sistema político? Qual dos sistemas existentes nos poderia levar mais depressa à meta almejada?

Há quem seja da opinião de que uma resposta a esta pergunta deveria ter prioridade sobre as restantes. Mas a verdade é que nós estamos aqui para discutir o projecto da reforma e o que nos cabe perguntar a este respeito é em que medida esse projecto encara e procura resolver o problema do nosso desenvolvimento tecnológico.

Temos que reconhecer que ele vem alargar consideravelmente o leque da formação profissional, quer a nível secundário, quer a nível superior; temos de reconhecer que o grau de qualificação técnica e científica foi melhorado com a criação dos Institutos Politécnicos e as perspectivas abertas à investigação científica mas não nos parece que o avanço tecnológico possa vir a lucrar com a preconceituosa separação a que atrás fizemos referência, entre cursos predominantemente teóricos e cursos predominantemente práticos ao nível do ensino secundário e ao nível dos primeiros anos do ensino superior.

ORIENTAÇÃO ESCOLAR

Relacionado ainda com a formação tecnológica, há o problema da função social dos dois últimos anos de escolaridade obrigatória. Os textos programáticos são omisso a este respeito.

Debruçemo-nos um pouco sobre este assunto. O primeiro ciclo do ensino secundário, constituído por 4 anos, virá a ser de escolaridade obrigatória. Desse 4 anos, os 2 primeiros, já em funcionamento e com carácter obrigatório para aqueles que não cumpram a escolaridade obrigatória por outras vias, destinam-se à observação dos alunos. Os dois últimos destinam-se à orientação escolar, isto é, a prospecção das aptidões específicas dos alunos com vista à colheita de indicações para a escolha de estudos subsequentes. Não me proponho discutir aqui se essas indicações serão mais



específicas se manifestam por altura dos 13/14 anos. Mas a verdade é que há excepções, com relevo especial para a aptidão musical, que se manifesta muito mais cedo. Transferir a iniciação instrumental para os 15 anos, como está previsto no projecto, constitui, sob este aspecto, um verdadeiro absurdo.

De qualquer forma, a orientação escolar, objectivo dos dois últimos anos da escolaridade obrigatória, só poderá ter interesse para os alunos que venham a prosseguir estudos. Para os outros, que serão a maioria, que interesse poderá ter uma orientação puramente escolar, isto é, com vista a estudos subsequentes?

Como serão organizados o currículo e os programas destes dois anos terminais do ensino obrigatório? Terão em atenção os interesses dos alunos que vão imediatamente ingressar na vida activa?

REFORMA DO ENSINO E REFORMA DAS ESTRUTURAS SOCIAIS

Por força das circunstâncias, o nível da sua preparação virá a constituir o primeiro nível de qualificação da nossa mão-de-obra. Corresponderá tal nível às exigências tecnológicas da nossa indústria e da nossa agricultura? Mas de que indústria? Mas de que agricultura? Das actuais ou daquelas que nos poderão aproximar dos padrões mais desenvolvidos? Que reformas estruturais se prevêem para possibilitar a dinamização da nossa agricultura e da nossa indústria?

Como vêem, a reforma educativa e a reforma das estruturas económicas são interdependentes. E ou se fazem conjuntamente ou competirá ao sector que vier a dar o primeiro passo fazer simplesmente os me-

eu preconizava, em artigo recentemente publicado, um currículo susceptível de proporcionar a uma futura estruturação cooperativista da nossa agricultura os quadros humanos indispensáveis à sua dinamização.

Eis o nível de preparação que pedimos a esse currículo:

Em primeiro lugar, o nível necessário para garantir a mecanização do trabalho, o que, no plano escolar, implicava a aprendizagem teórico-prática de tudo o que dissesse respeito, a um nível elementar, ao funcionamento e reparação de motores de explosão e eléctricos. Daí a necessidade de disciplinas como Noções de Física Aplicada e Trabalhos Manuais ou oficinais, mediante os quais os alunos se familiarizassem com as leis fundamentais que regem o mundo físico e aprendessem, embora rudimentarmente, as artes da carpintaria, da olaria e da serralharia.

Em segundo lugar, a qualificação necessária para facilitar a abordagem da natureza em termos operacionais, em que Ciências como a Mineralogia, a Botânica e a Zoologia, despidas das velhas pretensões enciclopédicas, que tanto viciaram e continuam a viciar o seu estudo, fossem postas ao serviço da racionalização de certas práticas como a fertilização dos solos, a poda, a enxertia, a avicultura, a pecuária, etc.

Em terceiro lugar, a qualificação necessária para o domínio da simbologia das várias formas de linguagem: a oral e a escrita da língua materna e duma língua estrangeira, a gráfica (Desenho), a corporal (Educação Física), a Musical, a Matemática (Cálculo), e a Económica (Noções de Contabilidade), correspondentes às exigências culturais de base indispensáveis ao exercício duma actividade produtiva e à participação consciente na vida cívica.

Em quarto lugar, a formação intelectual e humanística proporcionável pela aprendizagem das seguintes disciplinas: Rudimentos da Vida Económica, como iniciação aos segredos do mundo em que os alunos vão viver e que, sob certos aspectos, se dá para eles mais real ou, pelo menos, mais actante do que o próprio ambiente físico que os circunda; História da Civilização, destinada a fornecer ao aluno o quadro histórico da sua inserção humana e social; e Geografia, uma Geografia concebida para dar ao aluno o quadro actual duma humanidade diversificada pelo meio físico, pelos tipos humanos, pelas culturas e pelos sistemas políticos, mas simultaneamente unificada pelos meios de comunicação e pela complementaridade das necessidades e das experiências humanas.

As pessoas de marcada formação clássica poderão encontrar neste currículo um excesso de preparação tecnológica, desnecessária aos alunos que vão prosseguir estudos. Mas a verdade é que estamos inseridos num mundo que já é mais técnico do que natural e que teremos de compreender para dominar.

Entre decorar 17 páginas sobre a flor ou sete sobre o lagarto, como se vem fazendo nos liceus, acho que é preferível aprender a montar e a desmontar um motor, porque é uma forma de conhecer e de agir sobre o mundo em que vivemos. Parece-me, por outro lado, que o sócio de uma cooperativa que não tenha umas noções mínimas de Contabilidade será um mau sócio e um mau cidadão, porque poderá deixar-se enganar e poderá contribuir para que o enganem.

De resto, eu pergunto: serão os interesses dos que vão prosseguir estudos dissociáveis do sucesso ou da derrocada da nossa agricultura? E pergunto, ainda: se a concorrência vitoriosa do produto agrícola estrangeiro no mercado nacional não virá comprometer a própria política de industrialização do País?



«As aptidões específicas manifestam-se pelos 13/14 anos»

ou menos válidas ou se os alunos e respectivas famílias as levarão em conta. Mesmo que a título informativo é possível que tais prospecções sejam válidas, tudo dependendo, sob este aspecto, do nível de qualificação dos serviços encarregados do trabalho de orientação. Mas mais que não fosse, quer-me parecer que as técnicas de observação e de orientação podem dar um largo contributo para o conhecimento do processo de aprendizagem.

É geralmente admitido que as aptidões

lhores votos por que os outros sectores o acompanhem.

Entretanto, o currículo e os programas do ciclo de orientação terão de ser elaborados e dependerá da maneira como forem elaborados o nível de preparação da maioria dos trabalhadores e cidadãos portugueses durante algumas décadas.

Tendo particularmente em conta a imperiosa necessidade de reformar as nossas estruturas agrárias, condições, aliás, indispensáveis do processo de industrialização,

Objectivos das associações de quadros técnicos femininos

A recente realização, em França, de um colóquio, promovido pela U. G. I. C. T. e pela sua comissão «Quadros Femininos», abordando especificamente o problema da mulher técnica, veio actualizar algumas linhas da temática já expressa pela Unesco, no seu programa relativo aos elementos femininos técnicos e científicos.

Neste programa, considera-se que o potencial científico da mulher, cujo aproveitamento é uma necessidade social, é insuficiente ou péssimamente utilizado. Independentemente da educação ministrada às raparigas as afastar dos problemas técnicos e científicos, existem muitas mulheres, com formação adequada que não exercem actividade. Como nota Madeleine Guilbert, «o homem ocioso é, nos nossos dias, uma excepção ou um objecto de escândalo. Não acontece o mesmo em relação à mulher, cujo afastamento de toda a actividade profissional encontra, muitas vezes, uma justificação no cumprimento das tarefas domésticas.» Ora este aspecto de inatividade de quadros reflecte-se na fraca participação feminina nas actividades técnicas e industriais. Mesmo quando se não exprimem claramente discriminações, elas existem, na prática, na desigualdade quando as possibilidades de real acesso aos estabelecimentos de formação profissional e aos lugares de responsabilidade técnica e administrativa, na

desigualdade de promoção profissional, nas diferenças de remuneração, na menor participação nas actividades políticas e sindicais.

CAMBRIDGE 1967: II CONFERENCIA INTERNACIONAL DE MULHERES TÉCNICAS

«Se nada se opõe directamente à presença da mulher na nossa sociedade, nada na educação pública a convida a preparar-se para uma participação activa; não se combate mais a emancipação feminina, mas acha-se sempre natural que a mulher se confie e confie numa existência familiar associada. Assim negligencia a necessidade de modificar sistematicamente a sua atitude política passiva, que faz dela uma menor cultural e sobretudo política.»

Desta realidade expressa por G. Dottrens, as mulheres técnicas, baseadas no programa da Unesco, propõem-se cooperar em programas de educação que orientem as raparigas

para as actividades científicas e técnicas. Foi este um dos pontos fundamentais abordados na II Conferência Internacional da Mulher Técnica e Cientista, realizada em 1967. Consideraram-se, nesta conferência, três tipos de aceitação e aproveitamento dos quadros técnicos femininos no mundo. Na classe I «Economias Desenvolvidas», de alta utilização relativa integrou-se a Polónia e a Rússia (35 por cento de técnicas e 85 por cento de médicas, 36 por cento de engenheiras, 35 por cento de juristas e 45 por cento do conjunto de sábios).

Na classe II, compreenderam-se os países desenvolvidos com baixa utilização relativa, diferenciando o Canadá, E. Unidos, Suécia, em que se assistia já a um recrutamento activo e grandes oportunidades de emprego, a França, Japão, Turquia, Inglaterra, Portugal e Filipinas, em que se verificava uma aceitação relutante, e a Bélgica, Alemanha, Itália e Suíça em que a utilização da mulher não só era muito baixa mas até sujeita a indiferença ou mesmo hostilidade, na receptivi-

dade do elemento feminino. Nos países subdesenvolvidos, Gana, Índia, Nigéria e Uganda, inseridos na classe III, a utilização continuava quase nula.

Na resolução destas e de outras questões abordadas na conferência e mais recentemente no colóquio da U. G. I. C. T., e atendendo a que mais de cinquenta anos de industrialização provocaram mudanças profundas na condição feminina, colaboram associações de mulheres técnicas da Inglaterra (fundada em 1918), da Rússia («Soviet Women's Committee»), de França, Itália, Japão, Filipinas, Alemanha e Brasil. No essencial, as mulheres técnicas lutam para que a mentalidade expressa por Friedrich Schiller «sendo dada a sua maravilhosa missão, a mulher não pode compartilhar com o homem o domínio da ciência», como espelho de toda uma época, se torne, cada vez mais, do domínio do passado. O desenvolvimento económico e social, postulando necessidades cada vez mais vastas, abre aos quadros técnicos femininos amplas vias de participação.



«Fracca participação feminina nas actividades técnicas e industriais.»

Mercado Comum contra monopólios americanos

O departamento anti-«trust» do Mercado Comum depe processar «Europemballage», uma sociedade de embalagens multinacional pertencente à «Continental Can

Inc.», dos Estados Unidos, segundo foi recentemente repelido nesta cidade.

Pela primeira vez, funcionários da comissão directiva superior do Mercado Comum decidiram invocar uma lei que visa proibir «o abuso de uma posição dominante» na organização de seis membros. Será enviada uma «lista de queixas» à «Europemballage», a qual possui um escritório em Bruxelas.

Espera-se que o assunto venha levantar novamente o problema, delicado sob o aspecto político, do «controle» americano de determinados sectores da indústria europeia, muito embora certos funcionários ligados à organização, em Bruxelas, insistam que seria «completamente errado» pensar que a sua principal preocupação é o facto de uma sociedade americana estar implicada no caso.

Tratando-o como um caso-experiência, a comissão do Mercado Comum concentrará os seus

argumentos na posição dominante da «Europemballage» em alguns estados membros.

Uma das questões a esclarecer consiste em saber em que medida uma posição dominante por si só constitui um abuso de competição. Um membro da comissão declarou recentemente que a decisão de processar a «Europemballage» era baseada numa «profunda convicção de abuso».

Companhia subsidiária (100%) de «Continental Can», que é também a maior empresa de embalagens de todo o mundo, «Europemballage» alargou as suas actividades na Europa o ano passado ao adquirir 87,6 por cento de Thomassen e Drijver-Verblif, a principal empresa de embalagens dos mercados holandês e belga.

Simultaneamente, adquiriu 86 por cento de Schmalbach-Lubeka-Werke, o maior grupo de empresas de embalagens da Alemanha Ocidental. «Europemballage» afirmou que, «ao introduzir uma maior gama de inovações no sector das embalagens e ao proporcionar serviços mais completos aos clientes e aos consumidores, realizaria muitos dos fins e objectivos do Mercado Comum».

Após meses de deliberação, não restam dúvidas de que os membros da comissão chegaram a uma conclusão diferente. A menos que «Europemballage» dê satisfação às autoridades dentro de um mês, pedirão à sociedade que restaure as condições de competição no mercado das embalagens, provavelmente vendendo al-

gumas das suas posições accionistas nas sociedades europeias.

A disputa implicará igualmente uma série de acordos de partilha de mercados e fixação de preços, bem como acordos de compra exclusivos, os quais, segundo se diz não oficialmente, restringiram seriamente o potencial de competição das empresas francesas no sector das embalagens.

«Metal Box», a mais importante firma de embalagens da Grã-Bretanha, foi convidada a tomar parte no plano de expansão da «Europemballage», mas abandonou as negociações quando teve conhecimento das investigações da comissão europeia, o ano passado. «Metal Box» manteve a sua posição de nove por cento em «Thomassen». A sociedade britânica é, igualmente, proprietária de «Superbox», o principal fabricante de recipientes de Itália.

No caso de «Europemballage» não satisfazer os pedidos das autoridades do Mercado Comum depois dos interrogatórios, o caso pode ser levado ao Tribunal de Justiça europeu.

Mas certos funcionários do Mercado Comum

prevêem acesas disputas à volta do caso, o primeiro em que se alega abuso de uma posição de monopólio. Alguns observadores estão convencidos de que levará, pelo menos, um ano a decidir a questão.

Um dos problemas consistirá na dificuldade de se saber qual a parte exacta do mercado de «Europemballage», dada a vasta gama de recipientes e equipamento de embalagem fabricado em todos os países do Mercado Comum.

A comissão Europeia calcula que «Europemballage» controla pelo menos 70 por cento do mercado na Alemanha Ocidental e no Benelux (Bélgica, Holanda e Luxemburgo). «Europemballage» afirma que lhe cabe menos de 4 por cento do todo o mercado das embalagens nos seis países do Mercado Comum.

«Continental Can» já esteve implicada numa outra questão anti-«trust».

Em 1950, o tribunal distrital federal da Califórnia interveio junto da «Continental Can» e da «American Can Company» devido a processos de fixação de preços considerados restritivos da competição.

AJUDANTES DE MONTADOR OFFSET

PRECISAM-SE

Resposta, com informações detalhadas, ao n.º 752 deste Jornal.

PRÉDIO LUMIAR

Bem localizado, construção de cimento armado, composto de 10 inq. hab., 3 div. soalhas, cozinha, casa de banho, despensa. Alugado com rendas baixas

PREÇO — 2.100.000\$00

MOSTRA E TRATA

«A CONFIDENTE»

Rossio, 3-2. — Telefones 369384/5/6 - 328232/3 - 361756

ESTABELECIMENTOS

J. B. FERNANDES, S.A.R.L.

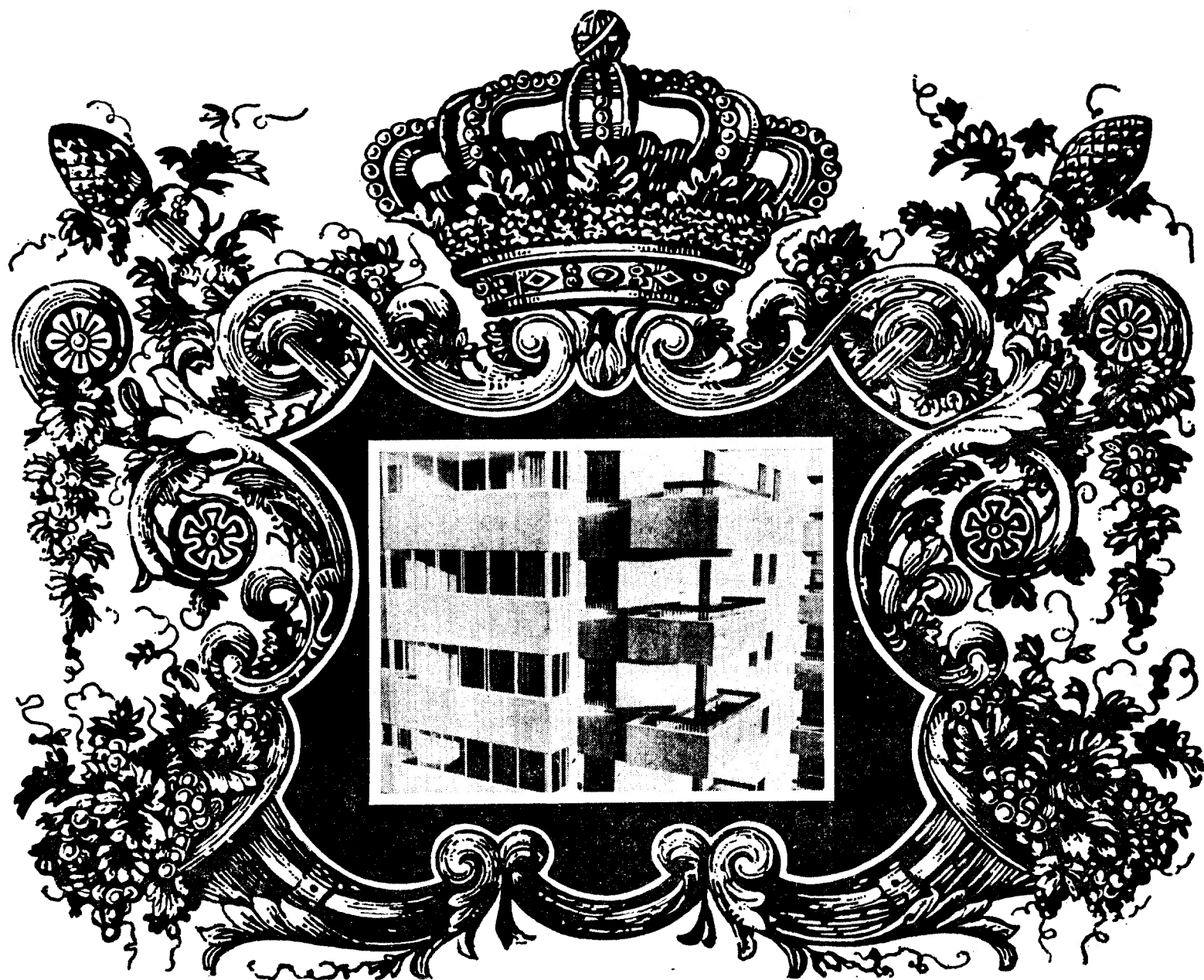
COMUNICA QUE, POR MOTIVO DAS SOLENIDADES RELACIONADAS COM A SEMANA DA PASCOA, ENCERRARÃO TODOS OS SEUS SERVIÇOS NA QUINTA-FEIRA, DIA 8, PELAS 13 HORAS, REABRINDO NA SEGUNDA-FEIRA, DIA 12, AS 9 HORAS.

AJUDANTE DE IMPRESSOR OFFSET

PRECISA-SE

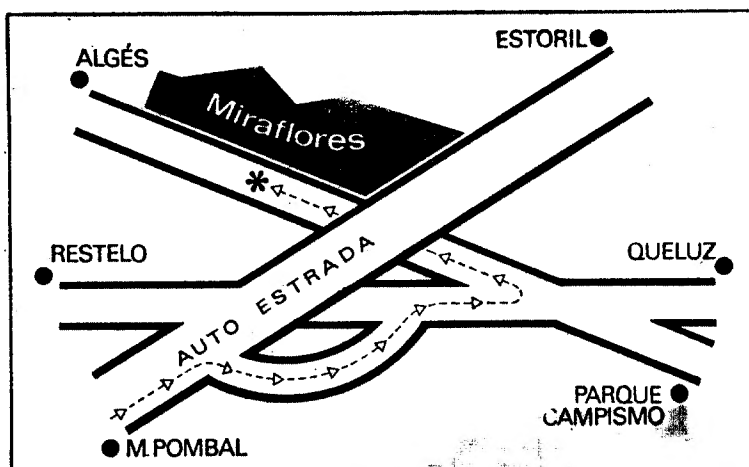
Resposta, com informações detalhadas ao n.º 753 deste Jornal.

A nobreza duma zona central
está em "Miraflores-Lux"!



Andares em Miraflores Lux

cidade residencial



Miraflores — a solução exacta para o seu meio ambiente.
Um local de excepção para gente de nível.

Miraflores — qualidade de construção, apuro de acabamentos.

Miraflores — piscinas, jardins, parques infantis e desportivos,
centro comercial, escolas, garagens, parques públicos; clubes.

Miraflores — mar e serra, a 5 minutos do Marquês de Pombal
e 6 minutos do Terreiro do Paço.

Miraflores — prestígio em cada metro quadrado.

HABITAT EMPREENDIMENTOS IMOBILIÁRIOS, S.A.R.L.

Informações e vendas:

Avenida Principal — Parque Residencial e Turístico de "Miraflores" (Norte)

Telef. 215087-215088-215089-215080



Pensar Portugal hoje (*)

Pensar Portugal hoje... é difícil. Começa porque pensar é difícil. Pensar, no sentido forte da palavra, haverá muita gente capaz disso, entre nós? Pensar a um nível como aquele a quem pensou António Sérgio, seja qual for a nossa opinião a respeito do seu ensaísmo?

Depois, Portugal. Pelo menos a partir de certa altura, Portugal tornou-se um país excêntrico relativamente às grandes metrópoles da decisão histórica. Essa uma das razões de um certo «mistério» de Portugal, tema

de várias obras de ontologia da pátria, entre as quais a de Cunha Leão. «O Enigma Português», manifesta bem o mistério que envolve, pelo menos a certos olhos, a existência da nação portuguesa.

Sobre «pensar» e «Portugal» — «hoje». Hoje, fase de transição, em que portanto os fenómenos se apresentam esbatidos, sem o recorte dos períodos relativamente estáticos.

O objecto do livro de João Martins Pereira é essa «fase de transição».

O autor previne, por várias vezes, da modestia das suas intenções. E evidentemente «Pensar Portugal Hoje» não é uma «análise concreta da situação concreta» acabada. No entanto, representa uma contribuição importante para um trabalho desse tipo. Em nossa opinião trata-se de uma obra com extraordinário interesse sobre essa coisa que a todos nos diz respeito e que é a teia dos problemas nacionais.

O autor serve-se do aparelho conceptual do

conhecimento dos modos de produção, nomeadamente do conceito de estado, da aliança de frações que o estado em regra é, da passagem do aspecto principal da sua contradição a secundário, sublinha o papel intervencionista do Estado, a lei tendencial que atravessa a conjuntura, a inserção da formação social portuguesa no modo de produção mundialmente

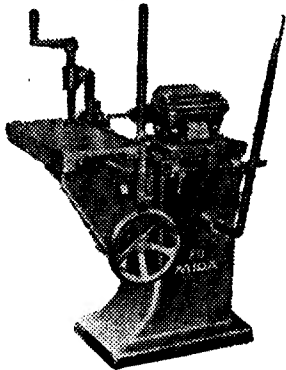
dominante... Um primeiro esboço sem dúvida de uma análise de situação.

O diagnóstico de Martins Pereira afigura-se-nos correcto assim como nos parece ter um elevado coeficiente de probabilidade o seu prognóstico. Apenas, a tendência do movimento detectado impõe-se ao leitor como uma fatalidade. Certas passagens do livro, como a que marca a preferên-

cia de Martins Pereira pelos sindicatos por indústria, não chegam para anular a impressão de inelutabilidade que a obra, quanto a nós, deixa. Mas é quase certo não ter estado nos objectivos do autor acentuar os outros possíveis que a sua análise o desenrolar da situação comporte.

(*) Publicações D. Quixote.

«MIDA»



FURADOR POR BROCA
MODELO — FU

UMA FABRICA
ALTAMENTE
ESPECIALIZADA
NO FABRICO
DE MAQUINAS
PARA AS
INDÚSTRIAS
DE:

- SERRAÇÃO
- CARPINTARIA
- MARCENARIA

Fábrica: — TROFA (Tel. 94923/4/5)

FILIAL EM LISBOA:

AV. DEFENSORES DE CHAVES, 3/A (TELEF. 44147)

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

FESTAS DA PÁSCOA

Horário dos comboios

A C. P. organiza, por motivo das FESTAS DA PÁSCOA, os desdobramentos aos comboios regulares de longo curso, que se reconhecerem necessários.

Além destes comboios de desdobramento ficam, também, previstos comboios especiais os quais só se efectuarão caso a afluência de passageiros o justifique.

O pormenor destes horários consta dos avisos afixados nas estações.

COMISMAR

- Prestação de serviços
- Resolução de problemas técnicos
- Rapidez e eficiência
- Serviços por administração ou por avença

Tels. 328511-368896

Pequena Antologia de «Pensar Portugal hoje»

«A dimensão (económica, demográfica) da sociedade portuguesa, conjugada com a sua situação geográfica, deram origem a um condicionalismo muito particular, que se julga responsável por muito do que pode parecer aberrante, à primeira vista, no processo histórico português, pelo menos desde o início do século XIX (Página 19).

★

«O liberalismo republicano mostrava-se, aliás, incapaz de resolver as contradições entre os diversos interesses burgueses, de os disciplinar e ganhar a necessária autoridade para promover os compromissos indispensáveis e deles tirar o consequente proveito.

A solução autoritária de 1926 vem responder com uma evidente lógica à urgência de «pôr em dia» as estruturas político-jurídicas com o nível, ainda primário, das forças produtivas». (Páginas 23 e 24).

★

«Aqui se inscreve uma «nova estratégia de mão-de-obra», a «política activa de mão-de-obra»: realizar o «melhor aproveitamento dos mão-de-obra», a «política activa de mão-de-desenvolvimento industrial». E nesta óptica se inscreve também um crescimento salarial como motor da produtividade, da modernização, do aumento de dimensão. Arvorar em «preferenciais» indústrias intensivas em mão-de-obra mas simultaneamente tecnologicamente

avanzadas, onde se pratiquem salários mais elevados «e com grande capacidade de criar empregos de elevada

DIÁLOGO



12

João Martins Pereira

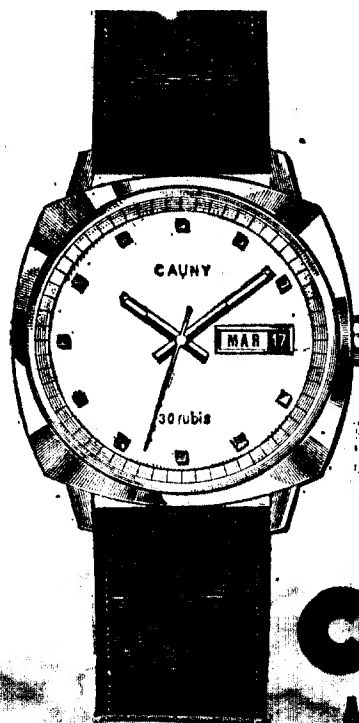
PENSAR PORTUGAL HOJE

PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE

qualificação profissional», eis um objectivo central, que implica paralelamente a adopção de medidas no controverso campo do alargamento do acesso ao ensino». (Página 102).

DIA E DATA
100% IMPERMEÁVEL.
AUTOMÁTICO
CALENDARIO
INCABLOC
RESISTENTE

Mudança de data ultra-rápida



Esija a marca CAUNY gravada na coroa e na parte exterior da caixa

CAUNY
A MAIS ALTA PRECISAO SUICA

NOGUEIRA-LUIGI, LDA.

Rua Nova do Almada, 36-1^a - Tels. 368465-369064

INICIA UMA NOVA MODALIDADE CRIANDO UMA EQUIPA DE JOVENS PARA JOVENS, COM PREÇOS ACESSÍVEIS

Dirigida por NOGUEIRA

BITA - LÚCIA - MINA

Além das categorizadas LOURDES e ROSA

Filial: Av. J. F. Ulrich, Galeria Comercial do Hotel Cidadela-Cascais
CABELEIREIRO DE SENHORAS TEL 283215 CABELEIREIRO DE HOMENS TEL 283217
COMPLETAMENTE REMODELADO
Direcção de NOGUEIRA JR.
MILU - LOURDES - LUÍZA
PREÇOS ESPECIAIS PARA ESTUDANTES
AD NÍVEL EUROPEU
PESSOAL ESPECIALIZADO
MANICURA - PEDICURA - MASSAGISTA
GABINETES INDIVIDUAIS
PREÇOS NORMAIS

Arquitectura

Os novos hotéis de Paris

JACQUES MICHEL

Paris põe em ordem o seu equipamento hoteleiro na hora da arquitectura moderna. Uma exposição mostra nove projectos em execução ou em estudo.

No começo dos anos 60, podiam ver-se hotéis modernos subindo no céu das grandes cidades da América, Alemanha, Suíça, Japão... O programa francês começa agora, com os anos 70. Acerca das nove maquetas que se podem admirar na referida exposição, é preciso dizer que nenhuma traz verdadeiramente inovações. Mas algumas são menos más do que outras, e, em todo o caso, nenhuma corre o risco de assinalar a história da arquitectura moderna em França. Estes hotéis caracterizam-se mais pelas suas dimensões do que pela sua qualidade cria-

«Maison de la Radio», perto da qual deve ser construído, não soube dominar. Edificado no actual lugar das fábricas «Peugeot», lutará em altura através do Sena com as torres que guarnecem a margem oposta. O conjunto, que será ligado a outra margem por meio de uma ponte auto-estrada que atravessa o Sena, dá a ilusão de um jardim, de uma angra tranquila, quase abstraído do local circundante com os seus jardins e projectos de água, idealizado como um pedaço de natureza junto de um edifício de aço e vidro pintado.

Teria podido não ser mais do que um paralelepípedo de pé, simples e banal. Ele exprime bem, com as suas formas curvas e compactas, a sua função de «stockage» de viajantes em redor de

Pierre Dufau já construiu diversas torres para a Defesa. Estilo americano. Nem sempre de primeiro plano como edifício Esso, mas, aqui, parece querer dar uma obra complexa de maturidade. O hotel, que faz parte de um conjunto de renovação do bairro Plaisance, é ligado por uma passagem estreita a um enorme edifício horizontal. Uma grande barra de vidro, rígida e plana, lembrando o catastrófico edifício que fecha o horizonte de Maine-Montparnasse. Cem metros? Duzentos metros? Como avaliá-lo na maquete que devia fazer estremecer os serviços da criação arquitectural?

Conhece-se o projecto de Guillaume Gillet, mil quartos para a porta Maillot, com sala de congresso, que devia entrar ao serviço em 1974. A maquete foi modificada e melhorada. Todavia, continua a ser uma arquitectura fria que não propõe nada de muito novo. Mas os três projectos acima mencionados são, apesar de tudo, os melhores do conjunto. Há pior: a incompreensível maquete do Sofitel Sèvres (duzentos e trinta e um quartos). Tem a assinatura de Henry Bernard. Trata-se efectivamente do arquitecto rigoroso da «Maison de la Radio»? É de esperar que o hotel, uma vez terminado, nada tenha a ver com este volume maciço e sumário, para ser franco de mau gosto (com perfil de latão dourado e vidro sombrio).

FÁBRICAS PARA O HABITAT TEMPORÁRIO

No sector da hotelaria, a banalidade é, afinal, habitual: o Holiday Inn de Colombes e Philippe para Rungis. O Frantel que André Bertrand construiu perto de Orly. O enorme Méridien de Coulon, no XVº distrito. O Prexotel de J.-C. Perillier, também no XVº distrito. Finalmente, o hotel do Club Méditerranée, em Neuilly, da autoria de Georges Massé e Fernand Roy, oferece sete andares de confrangedora mediocridade em forma de «U», com uma fachada rajada horizontalmente de branco e rosa, tal como um pijama dos bons velhos tempos... O Club tinha-nos habituado a mais imaginação.

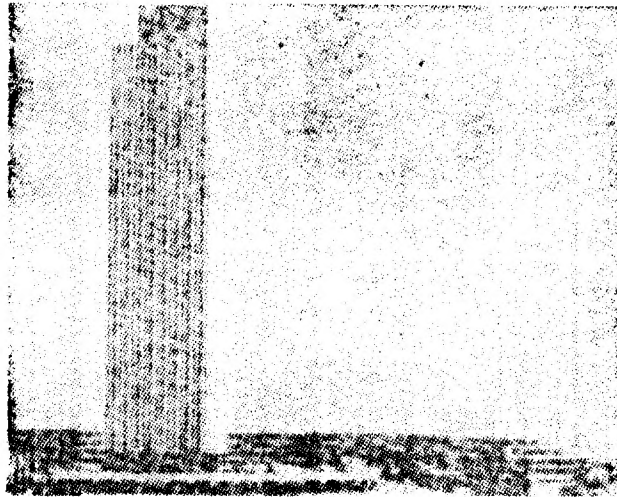
Como se pode ver, estes projectos têm, muitas vezes, a assinatura de grandes nomes. Eles alteram o parque hoteleiro de Paris. Não o da arquitectura. Exceptuando dois ou três projectos, é-nos lícito perguntar se foi este o objectivo dos promotores. Será que é mais dispendioso fazer boa arquitectura?

uma espinha central que serve para a circulação vertical. A seus pés, sobre um edifício muito baixo traçado como um arco sobre o local, os equipamentos colectivos: salas de reunião, centro comercial, lojas de todos os géneros, bares e cafetarias...

dora. Com duzentos e um milhar de quartos com todo o equipamento colectivo obrigatório num hotel moderno (centro comercial, salas de reunião, bares, cafetaria e parque de estacionamento), são, por vezes, grandiosos. Mas nunca verdadeiramente grandes.

Não há dúvida de que é o projecto do sr. Remondet, o Hotel Kennedy, que parece oferecer uma solução susceptível de chamar relativamente a atenção. Este hotel de mil quartos, pertencente à cadeia americana «Loew's Hotel N. Y. C.», rectificará sem dúvida o local que a

Em todos os futuros hotéis parisienses, encontrar-se-á este esquema, que se exprime com certa força no projecto imponente de Pierre Dufau pertencente à cadeia «Sheraton» (abertura prevista para fins de 1973. Rue du Commandant Mocholette, no XVº distrito).



Esta parece sobretudo traduzir em volume as intenções de rentabilidade do dinheiro investido.

A França leva a efeito, com atraso, a sua modernização hoteleira. O facto poderia ser uma vantagem susceptível de permitir aproveitar a lição das experiências feitas no estrangeiro; melhorar a fórmula desta nova idade da hotelaria, concebida em relação com os transportes de massa e a mobilidade moderna. O que se fez foi unicamente aplicar à escala francesa o que se faz principalmente nos Estados Unidos e no Japão.

A arquitectura hoteleira tem regras, as suas receitas e os seus imperativos: decorar ao máximo os espaços colectivos, estudar com exactidão os espaços para os particulares. A fórmula atingiu um grau singular no Japão, onde as entradas dos grandes hotéis novos, com os seus subsolos de vários andares, são equipadas como verdadeiras cidades do comércio e do espectáculo. É de acordo com o mesmo modelo que são concebidos os futuros hotéis de Paris, onde, como em toda a França, os leitos rangentes em madeira são ainda numerosos. Nestes quartos, todos eles estudados na mesma e fatídica superfície (cerca de 14 metros quadrados), a concepção do mobiliário que nos parece hoje em dia moderno acaba em breve por cansar e tornar-se pessoal.

Os hotéis japoneses mais recentes correspondem melhor a esta tendência. A economia do espaço é aí estudada, quase como num navio onde cada centímetro quadrado conta. Corbusier tinha notado a economia de espaço nos navios, cujos limites levavam a um rigor excepcional.

Mas os hotéis não são barcos. Nos Estados Unidos, cada cadeia de hotéis tentou definir um estilo e uma

teresse. Os numerosos hotéis são antes de mais concebidos como fábricas para habitar temporariamente, calculados para rendimento por metro quadrado. Mas a penúria é tal que a concorrência é, praticamente, inexistente. Sobretudo na hora dos «charters», servidos por aviões-gigantes, estas grandes máquinas são, no fundo, hotéis que se não escolhem. É-se, por assim dizer, conduzido aí pelo sistema de viagens de grupos.

Em França, será sem dúvida necessário aguardar a nova geração dos hotéis para se assistir à instauração de uma concorrência ao nível da arquitectura que figure ou desfigure a zona urbana.

Todavia, uma vez construídas, estas torres obscuras a zona parisiense durante um século.



Paris: a construção dos novos hotéis da cidade levanta sérios problemas urbanísticos

A SEGURANÇA DO SEU Automóvel

PARA CADA AUTOMÓVEL UM TIPO ESPECIAL DE AMORTECEDOR

• REGULÁVEIS
• PEÇAS SUBSTITUÍVEIS

100 000 Km. DE GARANTIA OU 7 ANOS

REPRESENTANTE:
GARAGEM CENTRAL, LDA. • Largo da Anunciada, 17 • LISBOA

AGENTES:
AUTO-PORTO, LDA. — PORTO • EUROPA ACESSÓRIOS — PORTO
AUTO INDUSTRIAL, S. A. R. L. — COIMBRA

TAP

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

NECESSITA

Mecânicos de avião

que reúnem os seguintes requisitos:

- Curso industrial ou equivalente oficial e especialidade
- Nacionalidade portuguesa
- Serviço militar cumprido ou dele isento
- Menos de 36 anos de idade

OFERECE:

- Bom ambiente de trabalho
- Alta valorização profissional
- Contactos com novas técnicas
- Vencimento compatível com as condições exigidas
- Benefícios sociais
- Salários diferidos

Só serão consideradas as candidaturas que respondam inteiramente às exigências postas.

Inscrições no Serviço do Pessoal
Rua do Conde de Redondo, 79-1.
Lisboa

PRÉDIO

SANTA MARTA

Construção antiga, composto por 4 pisos, hab 4 div. cozinha, cozinha, casa de banho e corredor

PREÇO — 1.100 contos.

MOSTRA E TRATA

«A CONFIDENTE»

Rua 3-2 — Telefone 369304/36 - 328232/3 - 361756

Crise na televisão comercial

WILLIAM C. WOODS

NOVA YORK — A indústria de televisão norte-americana, ao longo de mais de 20 anos da sua existência, nunca enfrentou a imagem de uma curva descendente dos seus negócios. Eis o que está exactamente a acontecer agora, em face do cercear de despesas resultante da recessão, de uma diminuição dos lucros de publicidade, da proibição dos anúncios de cigarros e do tabaco e da espiral crescente dos custos de produção.

Os efeitos já estão a tornar-se evidentes na programação para a «nova temporada», que se iniciou em Janeiro, com grandes cortes no número de «shows» e nas despesas relativas aos que sobreviveram. E a crise tornar-se-á mais visível se, ao que parece, a programação da Primavera optar pelos espectáculos de estilo já consagrado, cortando-se nos «noticiários».

A Televisão tem sido considerada um barómetro da indústria e do comércio americano. É vista por muita gente, tem dado grandes lucros, mas quando as coisas começam a correr mal, reflecte, imediatamente, a crise.

Mas a recessão não é a única dificuldade que a TV tem de enfrentar. A perda dos anúncios dos cigarros constitui uma dificuldade difícil de superar num período de crise. Outro problema deriva, ainda, da ordem dada pela Comissão Federal das Comunicações no sentido das redes nacionais cederem três horas por semana às estações locais.

Depois, há a possibilidade de surgir uma determinação governamental que venha a afectar os anunciantes de géneros alimentícios, medicamentos e indústria pesada, tudo isto acrescido da concorrência feita pelas «video-cassettes».

Por outras palavras, há muitas razões para pensar que a Televisão não estará para grandes voos no decurso do próximo ano. E os efeitos já são evidentes.

DESPEDIMENTOS

Os noticiários e as reportagens, que sempre deram prejuízo, estão, mais do que nunca, a sofrer compressões. Na C. B. S., cujo orçamento geral sofreu um corte de 15%, verificaram-se despedimentos do pessoal que trabalhava na secção de noticiários, e serão eliminados dois programas semanais de uma hora. A A. B. C. cortará nos noticiários especiais e a N. B. C. já começou a comprimir as despesas com eles. No entanto, o seu presidente, Julian Goodman, mostra-se optimista: «Não faremos cortes drásticos no número de noticiários especiais. Os noticiários sempre deram prejuízo, mas fazem parte dos nossos serviços, e os pessoas querem vê-los».

Os noticiários correntes também sofrerão cortes, durante o próximo ano. As «séries» não escaparão à machadada. No início desta «segunda temporada» as re-

des de Televisão puseram de lado umas doze e substituíram-nas por outras seis. E prevê-se que ainda se ver-se-á um administrador muito corajoso para lhes não nam a pôr de parte umas vinte e duas.

Os responsáveis, no entanto, encaram, com optimismo, um quadro tão desanimador como este. Um optimismo para «consumo público», mas que não deixa de ser autêntico.

«Sou de opinião que a crise passará, que a economia dará um salto em frente», afirmou, há pouco, Julian Goodman. «Não estamos assim em tão má forma... para estarmos em tão má forma». John A. Schneider, vice-presidente executivo da C. B. S., declarou: «Não ponham ainda a bandeira a meia haste. Robert D. Wood, director da rede da C. B. S., afirmou, por seu lado: «Se a Televisão está moribunda, quem me dera ser dono dela».

Mas diz-se que um perito financeiro foi muito menos confiante: «Os lucros do primeiro trimestre estão a descer, com más implicações só para algumas redes, talvez. Mas não nos esqueçamos de que os rapazes da TV são uns «noviços» diante deste género de problemas. É a sua primeira depressão, e o talento com que a souberem enfrentar dir-nos-á muito sobre a sua capacidade administrativa».

Terão, também, de enfrentar a alta de preços na sua indústria: um episódio de «série», que custava 100 000 dólares, há uns dez anos atrás, atinge hoje o dobro, ou mais. Entretanto, o preço de um anúncio de um minuto, nas melhores horas, desceu de um terço, e flutua, dramaticamente, de dia para dia. No cómputo geral das redes de TV ficaram disponíveis 3,8% dos espaços destinados à publicidade.

A proibição governamental de se fazer publicidade dos cigarros representou um prejuízo de 10 a 15%. A perda verificou-se em Janeiro e a compressão das despesas, em relação aos programas das melhores horas, poderá, a princípio, ajudar a vencer as dificuldades.

A Comissão Federal das Comunicações determinou que as redes nacionais de Televisão cedessem, todas as noites, meia hora, para incentivar a melhoria das programações locais. Parece que alguns dirigentes pensam que os custos de produção economizados durante essa meia hora oferecida às estações locais po-

derá compensar o prejuízo resultante da perda da publicidade dos cigarros. Mas se a economia melhorar, esse tempo perdido redundará em prejuízo.

E, como nota irónica, poderia dizer-se que o ideal seria diversificar os programas e melhorar o seu nível, procurando fazer com que fossem úteis aos telespectadores. As estações terão um ano para ver o que isto dá, mas depois terão de optar pelo recurso aos produtores independentes, expandindo também o noticiário, ou ficarem pela colabo-

ração a baixo preço, pelas reportagens de jogos, e coisas no género. O segundo termo da opção é o mais acessível, e será preciso dar a preferência.

Ainda por cima, há indicações de que a TV está a perder a confiança da Wall Street e das agências de publicidade. Em Janeiro, o muito acatado «Standard and Poor Guide» considerou a Rádio e a Televisão como tendo «relativamente desfavoráveis perspectivas», por causa da perda da publicidade dos cigarros e das «incertezas» acerca das de-

terminações governamentais.

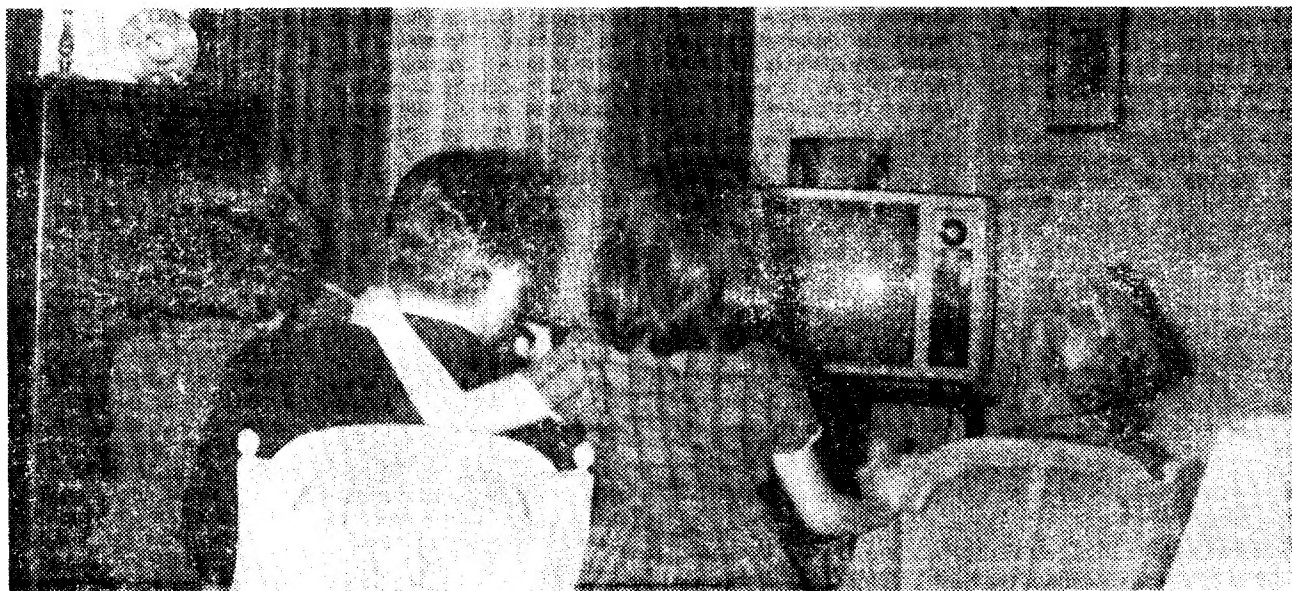
As «incertezas» a que o «Standard and Poor» se refere envolvem, sem dúvida, muito mais do que a perda dos cigarros. Está a ser elaborada pelo Congresso uma lei que proíbe um certo número de medicamentos — e a sua publicidade, como é óbvio.

Os partidários da «não-poliuição» serão capazes de exigir que se lhes ofereça na TV um espaço igual àquele de que dispõem as indústrias que afectam o meio-ambiente, isto para

lhes criticarem a publicidade. Os programas infantis têm sido, também, motivo de queixa para muitos «grupos de cidadãos».

«O único caminho para superar a crise», afirmou um porta-voz da indústria, «é criar novos géneros de programas, para atrair novos telespectadores e anunciantes. Mas tudo o que fizeram foi cortar nas despesas, fugir ao risco, e esquecer o valor das experiências».

Exclusivo «The Washington Post» — D. L.



Plásticos: Evolução de uma indústria moderna

A indústria portuguesa de transformação de plásticos depende do estrangeiro. Sem as importações de matérias de base e sem o apoio técnico exterior não poderia subsistir.

Assim se inicia o estudo elaborado pelo Centro Nacional do Comércio Exterior de França, onde mais adiante se lê:

«Em 1967, a produção aumentou 15% em relação ao ano anterior. A taxa de acréscimo da produção, em 1968, não está ainda determinada, mas é certamente inferior à de 1967.

Existem em Portugal 169 empresas especializadas neste tipo de fabrico: 93 empregam menos de 21 pessoas, 35 têm um efectivo compreendido entre 21 e 50 pessoas, e 22 um efectivo compreendido entre 51 e 100 pessoas. O grupo principal é formado por 14 empresas empregando entre 101 a 200 pessoas e por outras cinco cujo efectivo é ainda mais elevado».

Em função da reduzida

dimensão do mercado é salientada a necessidade sentida pelas empresas de oferecerem aos seus clientes uma larga gama de artigos.

EQUIPAMENTO MODERNO E EXPANSÃO DEFICITÁRIA

Prosseguindo, na que o estudo considera-se a certo passo:

«Embora a indústria de transformação de matérias plásticas tenha começado em Portugal cerca do ano de 1950, a maior parte das empresas dispõem de um equipamento moderno. As máquinas são importadas, na maior parte da Itália, Inglaterra, Alemanha Federal e França.

Os fabricantes italianos desenvolvem uma publicidade activa e oferecem grandes prazos de pagamento.

Os modelos mais procurados pelas empresas portuguesas são os que

oferecem a possibilidade de várias utilizações e cujo funcionamento é semiautomático.

Inúmeras operações são ainda executadas manualmente o que se torna menos oneroso do que a compra de uma máquina.

Os produtos de base utilizados nesta indústria são quase todos importados.

Estas importações representaram em 1966, 43 300 t. correspondentes a 519 milhões de escudos, provenientes, principalmente, dos seguintes países:

Importações portuguesas de semiprodutos para a indústria de transformação de matérias plásticas em 1966

Países Exportadores	Milhões de Escudos	Toneladas
Grã-Bretanha	167,5	15 000
Alemanha Federal	148	6 000
Itália	66,5	3 500
Estados Unidos	46	2 800
França	33	2 000
Holanda	23	11 200

Apenas um único produto faz excepção, o PVC, para o qual se regista um fraco contingente de importação, a fim de proteger a produção nacional. Com efeito, a firma «Cires — Companhia Industrial de Resinas» foi fundada em 1963, com apoio de capitais nipónicos e com a participação técnica do Japão. Desde en-

tão, esta empresa, estabelecida em Estarreja, domina o mercado português de FVC. Os seus preços, em princípio mais elevados do que os do mercado mundial, foram reduzidos, atingindo em 1968 as cotações internacionais.

O problema dos preços constitui a maior preocupação da indústria dos plásticos em Portugal.

Em 1955, o sector vendeu 67 milhões de escudos de artigos de plástico, com margem de lucro de 16%. Em 1965, o volume de ven-

das atingiu 588 milhões de escudos, mas a margem de lucro foi reduzida em média, para 3,4%. Pode-se concluir que um certo número de empresas teve uma expansão deficitária.

A concluir, o centro de estudos francês afirma que «o mercado português oferece possibilidades com inegável interesse».



MESA REDONDA